

IVONE CECILIA D'AVILA GALLO

O CONTESTADO:

O SONHO DO MILENIO IGUALITARIO



IVONE CECILIA D'AVILA GALLO

O CONTESTADO =

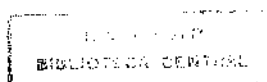
O SONHO DO MILENIO IGUALITARIO

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Departamento de
História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Estadual de
Campinas.

Este exemplar corresponde
à redação final da
dissertação defendida e
aprovada pela Comissão
Julgadora em 13/10/1992.

Orientador: Prof. Dr. Edgar Salvadori De Decca†

outubro/1992



SUMARIO

AGRADECIMENTOS	2
INTRODUÇÃO	4
CAPITULO I	
O APOCALIPSE DE SAO JOAO	27
Visões do Apocalipse no Contestado	52
CAPITULO II	
OS TRES MONGES ITINERANTES	84
CAPITULO III	
SOBRE A LEI DA MONARQUIA	149
A Idéia de Monarquia	149
A Lenda e a História	174
O Milênio Igualitário	212
CONCLUSAO	243
FONTES E BIBLIOGRAFIA	263
Fontes	264
Bibliografia Geral	271
Bibliografia Específica	280
Outras Fontes Secundárias	286

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, ao meu orientador Prof. Dr. Edgar Salvadori De Decca, pela dedicação, pelo acompanhamento e sobretudo pela liberdade que me concedeu para escolher o caminho que julgasse mais conveniente dentro de um largo campo de referências que me ofereceu.

A Prof. Dra. Marilena de Souza Chauí agradeço imensamente a contribuição fundamental na compreensão das raízes mais profundas do conceito de milenarismo. Sem a indicação bibliográfica necessária para este fim, este trabalho sairia irreparavelmente prejudicado.

Ao Prof. Dr. Francisco Benjamim de Souza Neto agradeço por ter ampliado as minhas perspectivas na interpretação do livro da revelação.

A Dra. Ellen Drünert agradeço pela atenção, pelo apoio e pela contribuição para o entendimento da utopia milenarista. A tradução do alemão para o português de um dos capítulos da cosmogonia de Jean Paul e de uma peça retratando os Anabatistas em Münster foi importante para o estabelecimento de comparações na investigação do problema do Contestado.

Aos Profs. Drs. Alcir Lenharo e Robert Wayne Andrew Slenes, agradeço pelas sugestões interessantes feitas durante o Exame de Qualificação. Ao Prof. Dr. Michael M. Hall agradeço as indicações bibliográficas.

A Célio Alves de Oliveira agradeço pelo material de pesquisa que me cedeu (cópia de depoimentos que tomara, xerox de textos e livros), material que foi fartamente utilizado nesta dissertação.

Ao Vicente Telles e família pela recepção carinhosa e por me levarem à compreensão da cultura do sertanejo catarinense.

Aos pesquisadores e professores que me receberam no Contestado e em Florianópolis, entre eles Nilson Thomé, Zélia Lemos e Walter Piazza que pacientemente dispuseram de seu tempo em meu favor.

A Marilda Monteiro agradeço especialmente por ter permitido que eu consultasse o arquivo de Duglas Teixeira Monteiro e assim me proporcionado uma experiência fascinante, pois ele foi o autor de uma das mais belas interpretações sobre a guerra do Contestado.

Agradeço a todos os depoentes que me receberam no Contestado, especialmente à Fabrício das Neves e à João Paes de Farias, à quem devo o que aprendi sobre cultura, política e utopia naqueles sertões.

A Cristina Lopreato e Annecléide agradeço pelas valiosas referências de artigos de jornais e revistas. A Aninha pela indicação dos artigos da revista *Debate* e à Silvana pela indicação da documentação referente ao Contestado que consta do Fundo Arthur Bernardes do AEL.

Um apoio fundamental me foi prestado pelos funcionários de todas as instituições por onde passei: Fundação

Catarinense de Cultura, Museu Histórico Antonio Granemann de Souza, Bibliotecas Públicas do Curitiba e de Florianópolis, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Arquivos Públicos de Santa Catarina, Paraná e Blumenau, Arquivo Histórico do Ministério do Exército, Arquivo Edgard Leuenroth.

Sem o suporte material fornecido pelo CNPq, FAPESP e FAEP, nada poderia realizar.

Finalmente, agradeço ao Claudio pelo afeto, por ter também se incumbido das piores tarefas nesse processo: "carregar o material" durante a pesquisa de campo e corrigir as notas de rodapé e referências bibliográficas.

INTRODUÇÃO

Na introdução ao seu *História Noturna*¹, Carlo Ginzburg descreve, a certa altura, a sensação de vertigem que teria experimentado quando subitamente se dera conta da amplitude do tema que havia escolhido para investigar durante todos esses anos. Uma sensação semelhante, próxima ao temor infantil de perceber-se infimo diante de algo muito maior, ou grandioso, foi o que também me sucedeu quando, no decorrer da pesquisa sobre o movimento do Contestado, fui tomando consciência da diversidade e magnitude dos problemas que aquela guerra sugeria ao tratamento do pesquisador. Quisera eu, naquele instante, absorver também de Carlo Ginzburg, como de outros autores dedicados à investigação dos aspectos mais profundos e insondáveis da cultura popular, a mesma erudição e clarividência na formulação de interpretações possíveis...

Desde o início, entretanto, muitas são as dificuldades com as quais se debatem os pesquisadores que se aventuram numa incursão pelos temas do messianismo e do milenarismo. Do ponto de vista analítico, por exemplo, uma abordagem historiográfica sairá prejudicada por pretender penetrar num terreno árido, na medida em que aqueles temas constituem um campo de investigação mais exaustiva para a antropologia e, sobretudo para a sociologia. E, em meio aos nossos próprios

¹ Carlo GINZBURG, *História Noturna. Decifrando o Sabá*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Ver "Introdução", pp. 9-37.

limites e aos obstáculos à nossa frente, nos indagamos sobre onde buscar parâmetros. Por onde começar? Quais aspectos mereceriam relevo na análise? Talvez fosse mais prudente buscar no próprio tempo as respostas a esses questionamentos torturantes (procedimento natural do ofício de historiador), do que enveredar por um debate com outras ciências, cada uma fornecendo uma interpretação à luz de seus métodos próprios. Para o objetivo a que me propus, um debate neste nível resultaria estéril pois estaria reclamando à outros o que não podem dar, ou antes, aquilo que também não tenho a oferecer.

Um retorno à época da eclosão da guerra do Contestado (1912-1916), poderia revelar coisas interessantes para um ponto de partida. O que havia de fundamental ali em termos de uma representação em torno do tema do messianismo e do milenarismo e, da cultura popular em geral? Como e em que medida esses temas se converteram em matéria de reflexão social e, a partir disso, alcançaram interesse acadêmico? Em que ponto as investigações atuais sobre esses temas se aproximam ou se distanciam das noções de época? Deixemos inicialmente que os próprios documentos sirvam como elemento de reflexão.

Em 1912, por exemplo, Joaquim Madureira se reportando à Rui Barbosa como ao messias, ponderava que:

"... das taras ancestrais, que de Portugal o Brasil herdou, talvez a mais característica, mais funda e, certo, a mais rijamente infiltrada na alma brasileira, é a do messianismo - velha herança semita de que o fogo da Inquisição não

conseguiu depurar os puijadoiros e carnes limpas dos lusos cristãos velhos."

E lamentava que:

"Enquanto os outros povos, as outras raças se batem e se agitam por idéias ou por interesses, é vezo nosso, muito de raiz o andarmos nos batendo e agitando atrás de um homem, às vezes de um nome, não raro de um espantalho ou de uma sombra..."

Para explicar tal fenômeno Joaquim Madureira argumentava ainda que:

"Ingenuamente, espontâneamente o povo cria, na sua imaginação, na sua fé, um tipo salvador em que concretiza a sua ancia de revolta ou as suas aspirações de justiça. Vê-se isso através da História. Em páginas épicas e em páginas facetas. Ontem e hoje. Amanhã e sempre"...

"Cá, desta banda do Oceano, não há sertão que os não tenha e do 15 de Novembro em diante, aqui na própria urbe carioca contam-se quase tantos como os presidentes, porque se na lista não chegou a entrar o sr. Nilo Peçanha, nem é natural que entre o marechal Hermes - apesar de no Paraíso entrarem ricos e entrarem camelos pelo fundo das agulhas..."²

De fato, o messianismo é um aspecto indissociável da cultura popular e um fenômeno que se repete na história quando o povo clama por justiça. É verdadeiro também o fato de que pessoas com um papel de destaque na vida pública, como o foram na época Rui Barbosa e o marechal Hermes da Fonseca, se impõem política e socialmente, como promessa de redenção, jamais realizada, às custas da incorporação de um estereótipo messiânico. Este é um fato que também vem se repetindo na história até os dias atuais, quando os

² Joaquim MADUREIRA, "Cartas sem Política - Ao Dr. Rui Barbosa", *A Época* (Rio de Janeiro), 13/11/1912.

espantalhos vem se reproduzindo assombrosamente... Por isso seria conveniente nos perguntarmos se originalmente as figuras messiânicas seriam apenas formas vazias, inanimadas como os espantalhos, ou fugidias como as sombras. O que teria a nos ensinar toda a tradição judaico-cristã a respeito da idéia de messias? Como se constituíra no imaginário popular a idéia de revolução vinculada à idéia da vinda do messias? Estas questões reclamam uma resposta se desejamos evitar que um mau entendido continue se propagando até ao ponto de nos convenceremos que os homens seriam capazes de abdicar da sua única faculdade distintiva com relação aos demais seres vivos e andassem por aí se "batendo e agitando" atrás de sombras. Cabe à História, que se pergunta quando, como e onde, a tarefa de resgatar o conteúdo original da figura do Salvador, revelando o uso que os povos têm feito dela através dos tempos.

O ressurgimento periódico dos milenaristas e messiânicos no tempo parece configurar um mistério de fundo ameaçador de origem nebulosa ou insondável desde o ponto de vista do racionalismo republicano; temor que sobrevive até nossos dias. Mas nos primórdios da república, ao que parece, se tornou indispensável esmiuçar tais fenômenos, pois se repetiam de forma persistente - Canudos e depois o Contestado - e inseri-los numa categoria única e suficiente, controlá-los, circunscrevendo-os numa tipologia seguinte:

"É bem conhecida a genesis de tais bandos fanatizados dentre os quais foi o de Canudos o que maiores prejuizos de vida e dinheiro nos

causou, chegando a influir desastrosamente na política geral da república.

De ordinário é a mania religiosa - um misto de catolicismo rústico e de fetichismo africano - que inicia o congregamento em torno de um certo indivíduo, das gentes ignorantes e crendeiças das regiões sertanejas.

Cria-se de súbito acerca do "Santo" um mundo de lendas em que se misturam casos de curas milagrosas, aparições da virgem que confere ao "Thaumaturgo" missões evangelizadoras, poderes sobrenaturais que o tornam apto a resistir, invulnerável, às perseguições e às moléstias.

Este prestígio rápido se espalha por vastas zonas do sertão; num raio de muitas léguas voa a fama dos milagres, acorrem de longe os primeiros de curiosos, a constatar o prodígio, outros sucedem-se-lhes e em breve tem o apóstolo fundada a sua clan, constituída pelos mais heterogêneos elementos.

Ora estabelece o núcleo, o seu habitat num povoado e ali prepara a defesa contra as possíveis hostilidades do governo, ora nomades, ambulativos, batem sem pouso certo matas e caatingas numa vida de banditismo e desatinos, uns e outros tem a mesma origem: é o fanatismo que atrai e reme em torno do chefe do bando, os ingênuos, os desocupados e os criminosos de índole - seja o fanatismo de forma mística que fez o Santo Conselheiro de Canudos, seja o de caráter cavalheiresco (...) que produz Antonio Silvino, José Maria, Santa Cruz...

A segunda forma é a mais comum, o chefe é, então, o brabo, o cabra "curado de cobra", de "corpo fechado" onde tiro não entra e faca quebra a ponta, que exerce sobre os do bando uma ascendência de dominadora sugestão e de quem todos admiram e respeitam a valentia, destreza, o instinto sanguinário.

De qualquer forma constituída a malta, a necessidade de vida, agora que os roçados ficaram ao abandono, leva-os à prática do roubo. É a primeira etapa do banditismo, a segunda é o assassinato como meio de defesa, e tem-se operada a transformação inevitável: o grupo fanático torna-se em horda de malfeitores.

O pouco que neles se pudesse descobrir de romântico (...) desaparece (...) desde o momento em que, tendo que entrar na ação defensiva, os ladrões e os assassinos, os "mais dignos" pela prática do cangaço e pela ousadia na refrega, assumem a direção dos bandos fanatizados. E, então, os aventureiros batedores do sertão, obedientes ao mando do chefe, bravo, bronco e mau, tornam-se salteadores da pior espécie, cuja

fúria não há escrupulo que sopite, que no ataque ou na defesa acham bons todos os processos, desde a luta temerária, peito a peito, à tocaia covarde, atrás da moita, e à mirada, pelas costas, ao adversário despercebido..."³

Qual seria o pano de fundo da discussão em torno da gênese dos movimentos milenaristas messiânicos? Tudo nos leva a crer que havia, antes de mais nada, a necessidade de explicar a razão pela qual determinados conteúdos julgados arcaicos irrompem no mundo civilizado. Como resultava na época infrutífera a tentativa de solução do problema pelo emprego de certo cartesianismo, criou-se ao contrário, uma mística em torno das manifestações populares norteadas por aqueles princípios do chamado "catolicismo rústico". Mas, embora se estigmatizasse as figuras messiânicas, ao se imputar para elas uma imagem distorcida dizendo, por exemplo, que "os Conselheiros, os Antonio Silvino, os José Maria, começam as suas gloriosíssimas façanhas neste país de torvas caldilhagens matando os seus inimigos com a proteção dos chefes A ou B, dos quaes também o eram...", o que não se pode negar é que as "origens nebulosas, clandestinas" dessas figuras "dariam para o historiador um cabedal imenso de critério, um elemento insubstituível de apreciação filosófica"⁴. A reflexão sobre os conceitos e pré-conceitos que volteiam o assunto veio inspirar o segundo capítulo

³ Bastos TIGRE, "Canudos e Irani", *Correio da Manhã*, 29/10/1912.

⁴ "Forças Armadas - pelo exército, *A Época* (Rio de Janeiro), 28/10/1912.

desta dissertação de mestrado, onde as figuras messiânicas e misteriosas do Contestado se revelam ao se imbricarem com a própria história da região. Com este procedimento aquilo que parecia encoberto e insondável, é resgatado das profundezas para a superfície, isto é, o ser e o pensamento que engendraram aquela história se manifestam.

Mas antes de abordarmos os objetivos desta dissertação retornemos à discussão que se difundira na imprensa no início do século XX, acerca da cultura popular pois por este caminho podemos vislumbrar o que representou o movimento do Contestado no seu tempo. Até agora vínhamos discursando sobre como o pensamento republicano, cosmopolita, investiga os sertões, mas há além disso, um outro aspecto a ser explorado, e que diz respeito ao aparecimento na cultura do mundo civilizado de certas reminiscências primitivas. Vejamos o que havia para ser dito sobre isto:

"É uma coisa impressionante o desenvolvimento que tem tomado, nos últimos tempos, essa doença que chamaremos 'a feitiçaria civilizada' e que outros chamam 'a sedução do maravilhoso'. Os ocultistas, theosofistas, espiritualistas 'científicos', espiritualistas e mais adoradores das 'forças misteriosas que governam o mundo', constituem hoje uma legião imensa. Se se alistassem eleitores, com a firme idéia de participar do governo da Nação, podiam formar o partido mais numeroso das nossas grandes cidades, fazer senadores, deputados, e quem sabe até o presidente da República..."⁵

⁵ "Feitiçaria", *O Estado de São Paulo*, 2/1/1917.

De fato, desde pelo menos o século XIX vemos instaurado um confronto entre a razão e a fé, quando não foram poucos os que se viram na contingência de lançar mão dos recursos da época na tentativa de comprovar, agora por meios científicos, a existência e a manifestação da alma no mundo material, como aconteceu, por exemplo, com os espíritas. Mas, há neste confronto algo que transcende a mera caracterização das diferenças entre modos de agir e pensar divergentes. Para além das críticas e acusações mútuas sobrevive um ponto de reflexão: a "religião" pertence de tal forma à cultura que ao invés de se extinguir com o tempo, amolda-se a ele e as razões para isso poderiam ser as mais diversas, como por exemplo a contrapartida à ameaça da sociedade tecnológica aos mitos, procura de métodos alternativos de vida ou modelos explicativos da realidade diferentes dos oferecidos pela instituição, busca de contato com o mundo íntimo, etc.

Mas, para o espírito republicano da época o problema se resumia no seguinte: "os ocultistas e teosofistas, etc., dividem-se (...) em vários gêneros e espécies" e apenas devem gozar de certa confiabilidade "os que queimam as pestanas sobre os livros, pensam, interrogam, duvidam, e calam-se...", mas esses são casos

"raros, contam-se nos dedos. O resto são propagandistas platônicos, mais ou menos convencidos, mais ou menos inteligentes; são cidadãos espertos, que por meio de uma hábil mistura de misticismo e cálculo, chamam igualmente a si as simpatias das 'forças ocultas' e as das forças visíveis, que se materializam em espécies sonantes, e são a

progênie inumerável das almas que, por simplicidade primitiva, ou por tortuosidade radical compõem a clientela fiel dos doutores, apóstolos, thaumaturgos, hierofantes e mercadores do maravilhoso"⁸.

A função mercadológica da religião embora possa ser observada nos tempos mais recentes, como também se verificou na Idade Média, não parece constituir uma regra dominante. Um papel muito importante está reservado à religião, não apenas no que se refere a uma perspectiva do indivíduo - como bem demonstram Carlo Ginzburg e Keith Thomas, cada um dentro de um método próprio -, mas principalmente no que tange à esfera da coletividade, onde até os dias atuais não se encontra substitutivo nos partidos políticos ou nas organizações de classe. A religião parece se impor então, desde o âmbito restrito da vida dos indivíduos, interferindo no relacionamento social, abrangendo o plano político mais global, na medida em que sempre conta com um projeto referente a um modo específico de interferência na sociedade e, por estranho que possa parecer, consegue cativar adeptos para uma mesma causa em setores sociais os mais diversos.

Esse aspecto mais abrangente da religião é identificado mais facilmente na história dos povos antigos para os quais a dimensão do sagrado não se convertia em apenas um aspecto da vida, mas no seu próprio fundamento. Sob esta perspectiva os mitos assumiam uma função imprescindível para a coletividade ao narrar a sua história e também fornecendo

⁸ *Ibid.*

parâmetros para o estabelecimento de regras de convivência dos indivíduos na coletividade. Este universo povoado de mitos imprimiu naquelas sociedades uma marca forte, influenciando as descobertas do homem. Alguns exemplos servem de suporte aos nossos argumentos. A matemática encontrava uma aplicação filosófica, mais do que quantitativa. A música, por exemplo, considerada oriunda de uma inspiração divina, assumiu uma forma mais elaborada com o uso do número sete (um número sagrado para muitas culturas antigas) que permitiu a divisão dos sons pelo espaço. A geometria nasceu da investigação do Cosmo, quando o homem buscava uma aproximação com essa dupla realidade povoada de heróis que ele desejava trazer para perto de si. As formas geométricas durante muito tempo foram dotadas de sentido religioso e aplicadas na arquitetura de templos. Uma outra modalidade da geometria deu origem a astronomia. Pela leitura dos astros se podia por exemplo, descobrir as intrigas palacianas como lançar prognósticos para a vida política, determinando-lhe os rumos. A simbólica também se nutria nesse uso atualmente pouco convencional da matemática, como podemos observar no uso da gematria que consistia numa ciência aplicada na interpretação simbólica das palavras de acordo com o número correspondente a cada letra. Em grego, por exemplo, *IHCVC* (Jesus) resultaria em 888, que representa a soma seguinte: I (10), + H (8), + C (200) + O (70) + V (400) + C (200) = 888. Esse resultado convertido em medidas como pés e polegadas, foi empregado na

construção do fecho da abóbada do coro da Catedral de Troyes. Ao investigarmos certos aspectos das tradições antigas, nos surpreendemos ao constataremos que a imaginação cria formas verdadeiras, se realiza concretamente. Isto também influenciou na minha interpretação sobre o profetismo no Contestado.

As reminiscências de rituais antigos, determinados procedimentos de cura, etc., na sociedade contemporânea causam espanto, surpresa, mas sobretudo um certo temor pela ameaça que trazem ao racionalismo dos novos tempos. E, de fato, aqueles procedimentos carregam algo de aparentemente irracional, pois se configuram na maior parte dos casos como revivescências de temas antigos fora do seu contexto originário. Os incrédulos não deixam de notar que os ocultistas, etc., de segundo tipo estão sempre prontos a fornecer para os

"casos ordinários, (...) quaisquer interpretações, contanto que sejam absurdas. Há uma doença na família? Não foi uma indigestão à velha moda, - foi uma conjuração de fluidos maléficos, devida a umas influências a que está sujeito o corpo astral do enfermo, cujo horóscopo, combinado com certas protuberâncias da palma da mão, ali pelas alturas do 'monte da lua', já fazia prever contra o coitado uma conjuração celerada do anel de Saturno com a alma do tio que morreu brigado com os parentes"⁷.

Se torna difícil contermos o riso diante dessas ironias revelando o aspecto grotesco da cultura popular, quando num

⁷ *Ibid.*

olhar nos deparamos com um mosaico composto por elementos tão diversos. E não se pode mesmo negar que há na cultura popular essa mistura de elementos de proveniências várias, um sincretismo que, se impede ao pesquisador determinar a origem de certos cultos e práticas simbólicas, por outro lado não prejudicam a compreensão dos efeitos que visam produzir e o motivo de existirem. Mas, o que sempre chamou a atenção dos adeptos do raciocínio perfeitamente calculado é o contágio que esta doença, posteriormente denominada de "misticopatia"^B, exerce sobre "muitos espíritos que se pregam de emancipados":

"...O porte de amuletos que se nomeiam 'mascotes', é trivial entre a gente da 'haute gamme' e até entre os libérrimos rebentos da 'jeunesse dorée'. As superstições, nesses meios, são infinitas exatamente como entre os caboclos do sertão. Fala-se aí comumente em 'Jettatura' e Jettatores, contra os quais se empregam vários penduricalhos da cadeia do relógio ou do colar, anéis, braceletes, gestos e fórmulas cabalísticas. Alimenta-se a crença nos bons e maus dias, nas horas propícias e adversas, nos encontros augurais..."^B

^B "A própria psicanálise de Freud, equiparando a mentalidade da criança e a do doente de neuróse à do selvagem primitivo, e a das multidões à das hordas pré-históricas, não fez mais do que considerar uma patologia social, cujo elemento mórbido principal é o afloramento dos caracteres ancestrais nas sociedades de hoje."

Por isso, não é de todo inoportuna a intromissão da psiquiatria no estudo destas misticopatias", Aujor Avila da LUZ, *Os Fanáticos. Crimes e aberrações da religiosidade de nossos caboclos*, Florianópolis: IOESC, 1952, p. 72.

^B "Feitiçaria", artigo citado.

Uma diferença fundamental marca, entretanto, o apego dessa elite urbana e ilustrada ou não à simbologia religiosa, se compararmos com a situação do caboclo. No primeiro caso, esta adoção muito remotamente poderia objetivar um uso que não fosse individual, voltado para uma perspectiva mística ou puramente mágica, como deve suceder aos que percebem no exótico ou no aberrante um traço pitoresco. Para o caboclo do sertão, ao contrário, este "misto de catolicismo de práticas exóticas e de fetichismo africano" compreende um modo de vida, uma lente através da qual se pode ver e compreender a história e explicar ou estabelecer determinadas relações sociais e com a natureza. Para se ter uma clara visão desta distância, basta dizer que quando esta forma sincrética de apego ao sagrado, chamada de "catolicismo rústico" atinge dimensões coletivas e políticas, então a elite atribui a isto o nome de fanatismo. Nesse momento então, as elites tanto rurais como urbanas mergulham no universo da racionalidade radical para justificar os genocídios tanto de Canudos como do Contestado, entre tantos outros que se sucederam.

O "fanatismo" pura e simplesmente passa a fornecer naqueles casos a justificativa para a repressão, sem que seja necessário um aprofundamento no assunto. Mas se nos deixarmos levar pelas considerações de um médico, que em 1936 observou à distância durante três meses uma comunidade messiânica em Panelas concluiríamos coisas interessantes. Dizia ele que nada havia de aberrante no comportamento

daquela gente que continuava a agir na comunidade como sempre havia feito antes, revelando ainda que as causas originárias da seita não comportavam um fundo patológico¹⁰. Diante dessas observações, e da maneira como foi interpretada a cultura popular na época da guerra do Contestado, compreendemos que uma das nuances daquele conflito, talvez a decisiva, se inscreve na divergência existente entre a racionalidade republicana e o modo de vida caboclo.

No rol dos formuladores da explicação do fanatismo como sendo a base dos movimentos sociais milenaristas messiânicos, não se encontrava apenas as elites urbanas do Brasil do início do século, mas também aqueles que, na época, por uma "afinidade eletiva", supostamente compactuariam com a causa dos rebeldes sertanejos. Os jornais operários, nos escassos artigos que publicaram sobre o assunto, trataram a guerra do Contestado como uma fatalidade a inspirar nada além de sentimentos de piedade. A *Lanterna* publicava que nos

"sertões de Santa Catarina (...) uma multidão de rudes filhos das terras onde a cultura não chega, de seres faltos de qualquer instrução e escravizados aos mais grosseiros sentimentos religiosos, cheios de brutal fanatismo - levantou-se em armas, arrastada por infames exploradores da sua dolorosa estupidez para

¹⁰ Maria Isaura PEREIRA DE QUEIROZ, *La Guerre Sainte au Brésil: le mouvement messianique du Contestado*, São Paulo: FFCL/USP, 1957, p. 219.

lutar em favor de princípios religiosos não compreendidos"¹¹.

E, confusos se perguntavam

"porque se bate o sertanejo infeliz (...) que causa defende?...Reclama a terra para cultivar em proveito próprio? Exige os instrumentos necessários para fazer produzir (...)?"

(...) Nada disso reclamam os infelizes (...)

O que os anima (...) é o mesmo sentimento monstruoso que moveu o jagunço de Canudos e de Santa Catarina (...) o fanatismo religioso."¹²

Em vista disso, os prognósticos se afiguravam terríveis:

"Quem porém (...) será o vencido verdadeiro, quem sairá de qualquer forma perdendo, será o povo ingênuo, inconsciente e fanatizado - eterno brinquedo daqueles cujo intuito é dominar..."¹³

E, movidos por uma piedade tocante perguntavam aos "bárbaros", aos "criminosos de Estado", "com que direito massacrais os inconscientes, os ignorantes, os incultos, a quem não dais instrução, a quem não educais?"¹⁴. Um olhar mais minucioso sobre a guerra do Contestado observará que os caboclos se revelaram uma "classe" mais politizada, sobretudo no que tange à uma crítica às instituições burguesas de natureza as mais variadas.

Opiniões semelhantes àquelas persistiram no tempo influenciando várias abordagens mais recentes relacionadas

¹¹ "Um Grande Crime Social", *A Lanterna*, 14/2/1914.

¹² "A Origem do Mal", *A Lanterna*, 28/7/1914.

¹³ *Ibid.*

¹⁴ "Um Grande Crime Social", artigo citado.

aos movimentos rurais, muitas vezes descaracterizados para servirem de ponto de referência numa comparação com os movimentos sociais urbanos, considerados mais eficientes do ponto de vista dos resultados obtidos. Os trabalhos de Eric Hobsbawm sobre os milenaristas e também sobre os camponeses ilustram a espécie de engano cometido quando uma análise se serve de instrumentos explicativos incongruentes aos parâmetros apontados pelo próprio objeto de investigação.

Nesse mesmo engano parece ter incorrido Gigi Damiani. Vejamos o que ele escreveu sobre os "fanáticos":

"Com aquela gente se poderia tentar até uma revolução social (...) mas não fazê-la triunfar.

Por que? A resposta é simples.

É necessário conhecer a história do Brasil, da sua população nômade, do seu banditismo (...)

No exército de José Maria tem um pouco de tudo. Tem o insurreto pelo atavismo, tem o bandido puro e simples, o índio que traz a vingança no sangue, o negro alcoolizado, tem o assassino, o delinqüente, perfeito e acabado e tem o fanático..."

E alertava:

"...a história se repete (...) Canudos se repete.

Os sequazes de José Maria serão derrotados e fuzilados, depois de uma resistência terrível. E a república será proclamada salva novamente.

Novamente (...) até o dia em que será declarada novamente em perigo.

Eu li no jornal de um amigo meu brasileiro da nova geração, e professor de história que na capital do Paraná fez um discurso incitando à vingança e à resistência.

Ora, eu penso que como professor de história ele deveria se calar: ou simplesmente deveria falar uma outra linguagem bem diferente, digna de um homem de idéias modernas. Se ele ler estas linhas deve se recordar de ter um dia me ofertado um livro que é uma obra prima e não só de literatura, o livro de Euclides da Cunha,

sobre a campanha de Canudos" [em italiano no original]¹⁵.

De todos estes discursos podemos concluir algumas coisas. Antes de mais nada, parece existir um elo de aproximação de ideologias muito diferentes, quando se toca na questão das insurreições milenaristas-messiânicas. Entre militares, intelectuais de direita e de esquerda ou mesmo na opinião pública, todos lamentavam e temiam o fanatismo que se supunha uma consequência da ignorância dos caboclos. Os militares lastimaram a obrigação de investir contra os "patrícios irmãos" numa "luta inglória"; os intelectuais de esquerda parecem se ressentir da ausência de consciência de classe no movimento, que imprimiria um caráter estéril nessa guerra, cujos objetivos desconhecidos ou indefinidos prenunciavam nada além de muitos mortos para a história; os demais cidadãos, provavelmente aterrorizados com a perspectiva da vitória dos que certamente deviam julgar como um bando de celerados.

Além do problema do fanatismo, emerge nos setores mais diversos uma preocupação com a história, com a repetição e com uma suposta circularidade dos movimentos messiânicos repondo a todo instante o já fatalmente conhecido. Mas esta inquietação ligada à interferência dos milenaristas no calendário oficial tem sua razão de ser porque o problema do tempo e dos marcos no tempo se configuram como pontos

¹⁵ "De canudos a Irani", *La Barricata*, (São Paulo), 29/11/1912.

essenciais dentro do pensamento milenarista messiânico. Sobre esta visão da história particular, estaremos tratando no primeiro capítulo desta tese quando faremos uma análise do *Apocalipse* de São João. Mas por que a escolha de um texto bíblico ajudaria na interpretação da guerra do Contestado? Se intentamos ceder aos caboclos a oportunidade de formular o seu próprio discurso para participar daquele debate então nada mais conveniente do que buscarmos as fontes originárias de uma noção milenarista e messiânica no Contestado. Para penetrarmos no universo cultural daqueles sertões, não poderíamos dispensar este procedimento por duas razões. A primeira delas, é a indicação clara da difusão da temática central do livro da revelação - que é a destruição do mundo presente - na cultura popular do Contestado, que se cristalizou pela palavra de João Maria, profeta itinerante daqueles sertões. A segunda razão diz respeito a dificuldade de se encontrar nas fontes convencionais as vozes dos rebeldes. Não que eles desprezassem a sua própria memória, ao contrário, anotavam tudo em cadernos chamados por eles de "arquivos". Um militar ao inquerir um prisioneiro sobre "as notas existentes em um caderno referentes ao assalto no dia 15 de julho à Canoinhas" obtivera como resposta que era para "lembrar-se daqui a anos desse fato"¹⁸. Infelizmente, esse material precioso para o historiador foi todo destruído

¹⁸ Autos de Perguntas feitas ao indivíduo José Tavares Freire, feito por ordem verbal do Sr. Tenente Coronel Manoel Onofre Muniz Ribeiro, comandante da coluna norte e da coluna móvel, acampamento de Canoinhas, 18/10/1914.

pelos militares em campanha nos incêndios provocados nos acampamentos rebeldes. Se isso limita os nossos objetivos, não chega a causar um dano irreparável para a nossa tentativa de interpretação da guerra do Contestado. Através do livro do *Apocalipse* podemos resgatar parte importante do imaginário popular em torno de um mundo diferente e verificar como os rebeldes aplicaram na sua realidade os ensinamentos do livro. Por outro lado, a versão militar da guerra e todo material escrito de campanha fornecem elementos importantes para a produção de uma análise historiográfica enfocando os rebeldes.

O segundo capítulo trata dos três monges do Contestado ao mesmo tempo em que traz implícito uma preocupação com a gênese do movimento messiânico naqueles sertões. E pensando na discussão levantada na imprensa da época sobre os movimentos messiânicos, descobrimos, através da análise comparativa entre alguns casos que, de certa forma, discorrer sobre a gênese do movimento do Contestado, significa caracterizar também a gênese de outros movimentos milenaristas messiânicos. Isto é, as insurreições milenaristas-messiânicas se constituem como fenômenos que apesar de eclodirem subitamente, vão se gestando durante anos e embora nem sempre tenham uma configuração idêntica, reproduzem na sua repetição no tempo certos temas como a figura do thaumaturgo, a reunião de gente, as profecias com relação ao tempo presente e a promessa com relação ao tempo futuro.

Se no primeiro capítulo tratamos da origem das idéias milenaristas messiânicas e de como elas se convertem num tema universal, neste segundo capítulo ao historicizarmos aquelas idéias estaremos penetrando no universo cultural do Contestado e revelando o ponto central da utopia dos caboclos.

Ao longo deste trabalho procuramos nos ater às significações implícitas às palavras porque verificamos que o modo de pensar e agir dos milenaristas se distancia dos mecanismos do raciocínio da lógica formal, isto é, se exprime por metáforas e gestos simbólicos. Por esta razão inclusive, o leitor não encontrará aqui um relato minucioso dos acontecimentos, respeitando a cronologia oficial com relação à guerra sertaneja, mas simplesmente certos marcos erigidos pelos rebeldes numa linha temporal muito longa e, em alguns momentos, situados num plano distinto do plano cristalizado na "datidade" do tempo. Isto não quer dizer que os caboclos do Contestado nada tivessem a influir ou projetar para a história, pois a preocupação fundamental para os milenaristas se dirige para o rompimento ou interrupção do calendário oficial. Um relato visando a precisão cronológica se mostraria, por outro lado, inútil, na medida em que parte da bibliografia sobre o assunto fornece informações completas dessa cronologia como por exemplo, o trabalho de Maurício Vinhas de Queiroz, fundamental para todo pesquisador interessado no Contestado.

Da investigação dos principais conceitos dentro do código de valores dos sertanejos, nasceu o terceiro capítulo que versa sobre a idéia de monarquia. O percurso por este trajeto resultará nas visões da utopia realizada ou no *topos* do movimento. Neste capítulo, como nos antecedentes, apresentamos a etimologia de algumas palavras e nos reportamos aos significados de certas crenças e práticas localizadas em tempos passados e lugares diversos, com intuito de verificarmos se e em que medida o seu significado original resiste ao desgaste do tempo. Em muitas situações pudemos notar que certos símbolos, dos quais muito pouco provavelmente os sertanejos conhecessem o significado integral ou original, passam a ser utilizados na linguagem dos rebeldes como referência às metáforas do *Apocalipse* de São João, ou mesmo como uma referência direta ao milênio projetado por eles para o seu tempo.

Finalmente, em meio ao confronto entre o verdadeiro e o falso, entre aquilo que é e aquilo que não é, os milenaristas do Contestado tem algo a ensinar ao ofício de historiador, revelando o inesperado não nos fatos, mas por trás deles. Como a investigação da cultura popular, do modo como a interpretamos, dependesse de uma utilização não convencional de conceitos como os de tempo e de história, tratamos de abandonar o que seria academicamente correto do ponto de vista metodológico, para privilegiarmos os significados atribuídos a esses conceitos pelos rebeldes sertanejos. Mas o objetivo primordial a que nos propusemos

antes de circunscrevermos o problema da Contestado no debate sobre o método e a historiografia, está centrado na descoberta de uma utopia, percorrendo os seus caminhos.

Imaginar uma vida num lugar distante, pitoresco, iluminado, onde as pessoas se deleitem e, sobretudo, imaginar que os homens sejam originalmente bons, ou pelo menos bons o suficiente para a dedicação fraterna entre si. Eis o que de mais precioso conseguimos extrair da história dos rebeldes que combateram no Contestado. Para muitos parece legítimo afirmar que as utopias são como as estrelas no céu, que se pode ver, mas não se pode alcançar, meras ilusões. Mas o que orienta e movimenta a vida senão a perseguição dos sonhos? As imagens oníricas se delineiam, na verdade, como um duplo do concreto, e se assim é, as utopias e os sonhos são mais do que miragens se desvanecendo diante dos nossos olhos. Eles são a leitura do mundo na sua latência, aquilo que pode ser, elaborado como crítica perante aquilo que é.

Etienne de la Boétie¹⁷, deslindando o mistério que envolve o relacionamento entre os homens percorreu de forma simples e sábia sobre todo o problema. Observando a ordem natural das coisas e integrando o homem no seu meio, conclui que o homem deve ser concebido obrigatoriamente como um ser livre considerando a sua situação originária e a partir

¹⁷ Etienne de LA BOÉTIE, *Discurso da Servidão Voluntária*, São Paulo: Brasiliense (Col. "Elogio da Filosofia"), 1982, 239p.

disso, uma condição fundamental para a sua existência seria a de procurar realizar aquilo que as suas paixões ditam à sua consciência. Nisso acreditamos, depois desses anos de pesquisa, consiste o "fanatismo" do Contestado, pois ele é aquela idéia obsessiva de querer conquistar a liberdade a qualquer preço, mais do que isto, é a experimentação num *topus* determinado, de um reatamento entre a consciência e a imaginação.

CAPITULO I

O APOCALIPSE DE SAO JOAO

Um dos textos mais polêmicos da Bíblia é o *Apocalipse* de São João. Os místicos o consideram um livro misterioso que contém revelações indecifráveis, fora do alcance da mente humana, já os ortodoxos de outros tempos o interpretaram como uma heresia, motivo suficiente para a exclusão do livro do Cânon das Escrituras. Ao leitor atento, entretanto, cabe o papel de mediador desse debate sem solução, pois ele percebe na tese central do livro um tema universalmente conhecido e fascinante pela sua atualidade: o confronto entre o Bem e o Mal.

Não há dúvida sobre as dificuldades que envolvem uma interpretação mais aprofundada de um texto como o do *Apocalipse* de São João, cuja mensagem está totalmente elaborada dentro de um campo de referências simbólico, isto é, a linguagem empregada no livro sugere uma gama enorme de significações que se somam e se complementam, obrigando o leitor a buscar a mensagem por trás das palavras. Tal intuito exige do estudioso uma incursão no universo da tradição e da cultura presentes no livro, tarefa da qual estão dispensados os demais leitores que também compreendem a finalidade do texto sem que seja necessário o recurso a

estudos interpretativos, como será demonstrado no decorrer deste capítulo.

As origens do gênero literário apocalíptico encontram-se na cultura grega antiga para a qual a palavra *Apokalupsis* significa a revelação sobre o destino da humanidade¹. Os antigos gregos compreendiam e interpretavam a sociedade do seu tempo através das revelações dos mitos. Tal conhecimento era intermediado pelo oráculo, pessoa a quem a divindade relatava certos segredos e que os transmitia aos homens tornando-os decifráveis. Este procedimento é semelhante ao procedimento profético, mas uma diferença fundamental distingue esses dois estilos. No primeiro caso a revelação é narrada em um texto, enquanto que no segundo caso a revelação é freqüentemente transmitida pela palavra².

A tradição judaico-cristã incorporou muitos elementos do paganismo e entre estes o gênero de revelação apocalíptica, preservando uma similaridade temática abordando o fim do mundo, o *eschaton*. Possivelmente, este vínculo com o paganismo tenha colaborado na controvérsia gerada em torno do livro do *Apocalipse*, ao longo da história, principalmente dentro de uma perspectiva mais

¹ Cf. André-Marie GERARD, *Dictionnaire de la Bible*. Paris, Robert Laffont (Col. "Bouquins"), 1989, pp. 85-9; e Jean CHEVALIER e Alain GHEERBRANT (orgs.), *Dictionnaire des Symboles: mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*. Paris: Robert Laffont/Jupiter (Col. "Bouquins"), 1982, pp. 55-56.

² Cf. "Introdução ao Apocalipse", *A Bíblia de Jerusalém*, São Paulo: Edições Paulinas, 1989, p. 2298.

ortodoxa no seio do pensamento teológico, mas trata-se apenas de uma hipótese pois a tradição judaico-cristã havia incorporado ao longo dos anos muitos elementos da cultura helenística³, fundindo-se a ela. Entretanto, paganismo e cristianismo, por exemplo, comportam crenças, moralidades e rituais muito distintos e parece mais legítimo afirmar que o livro da revelação retira muitas das suas imagens dos escritos de Daniel⁴ entre inúmeras referências aos textos do Antigo Testamento. Outras questões importantes levantadas no *Apocalipse* de São João, tratadas ao longo deste capítulo, parecem mais decisivas na polêmica suscitada pelo livro.

O livro do *Apocalipse* que atualmente encerra o Novo Testamento foi escrito por João, provavelmente João, o Apóstolo, autor também do quarto Evangelho; porém sobre este

³ O problema da salvação é fundamental nas religiões helenísticas, como se converteu na principal característica da religião judaica. Não nos esqueçamos, porém, que a revolta dos Macabeus resultou da resistência do nacionalismo hebraico diante da crescente influência política religiosa e cultural do helenismo. Em meio aos atritos houve também a assimilação do racionalismo difundido pelas escolas filosóficas gregas como o estoicismo e hedonismo. Os filósofos gregos, por seu turno, criticavam as mitologias e teologias tradicionais. A literatura apocalíptica, fundamentada em experiências extáticas é interpretada como uma ciência sagrada (é revelação), de tal modo que se acreditava na sua superioridade com relação à ciência dos gregos. Cf. Mircea ELIADE, *História das Crenças e das Idéias Religiosas*, Tomo II, *De Gautama Buda ao Triunfo do Cristianismo*, vol. 2, *Das Provações do Judaísmo ao Crepúsculo dos Deuses*, Rio de Janeiro: Zahar, 1983, pp. 22-23, 37-39, 42.

⁴ Mas a interpretação do profeta sobre o sonho de Nabucodonossor como a sucessão de quatro reinos relacionados a quatro metais lembra o mito das raças de hesíodo. *Ibid.*, pp. 30-31.

ponto os estudiosos divergem notando entre os dois textos diferenças marcantes de linguagem. Mas, se considerarmos que é intrínseco ao gênero apocalíptico um estilo diferenciado, aquele argumento se invalida. E, se por um lado existe entre os dois escritos uma diferença de interpretação referente a pontos doutrinários fundamentais como, por exemplo, à Parúsia de Cristo, por outro as semelhanças de estilo não podem ser negadas de tal modo que se chegou a atribuir a autoria do *Apocalipse* a um discípulo do Apóstolo João.

Em virtude da incerteza quanto às origens do livro, muitas igrejas não o haviam incluído até o século V no Cânon das escrituras e houve também quem o rechaçasse como heresia⁵. A mesma acusação reapareceu durante a Idade Média, por volta do ano mil, quando muitas seitas heréticas despontaram na Europa recuperando crenças do cristianismo primitivo ligadas a uma segunda vinda de Cristo vitorioso na guerra apocalíptica do bem contra o mal. Evidentemente, naquele tempo, a expectativa de um final catastrófico para a sociedade existente produzia efeitos perturbadores e chegou-se a cogitar na retirada do livro do Cânon das Escrituras⁶.

Imprecisões de ordem cronológica também contribuem para um conhecimento parcial do momento histórico em que o livro teria sido escrito, de qualquer forma, estima-se que sua

⁵ "Introdução ao Apocalipse", *op. cit.*, p. 2298.

⁶ Sobre as expectativas em torno do milênio e da escatologia no ano mil e sobre como era vista sob uma perspectiva culta, ver Georges DUBY, *O Ano Mil*, Lisboa: Edições 70, 1980, 231p.

elaboração se realizou ao longo de mais ou menos vinte anos - por volta de 70 à 95 AD -, portanto uma parte durante o tempo de Nero e o restante abrangendo o reinado de Domiciano⁷, período este de violentas perseguições, particularmente aos cristãos, em virtude de suas concepções sobre rei e reinado. Durante o período de Domiciano, sobretudo, os cristãos se tornaram um alvo permanente já que o imperador "se mostrava um severo conservador dos velhos cultos"⁸. Ao que parece, sob seu reinado a palavra *impietas* adquiriu uma conotação política, como sinônimo de lesa-majestade, acusação convertida em pretexto para a punição dos inimigos com a pena capital ou a condenação ao exílio⁹. Não é sem razão que estudiosos do livro da revelação chegam a interpretar a parte 12 até 21,8, antes de mais nada, como um recado aos imperadores que pretendiam se fazer reverenciar como objeto de culto. Neste caso, a Besta que surge do mar representaria o Império Romano "persecutor que vem do ocidente (o lado do mar para os Palestinos), considerado em toda parte o modelo de todos os Estados totalitários persecutores que poderão surgir na sequência." A Besta que surge da terra, representaria "as correntes

⁷ "Introdução ao Apocalipse", *op. cit.* p. 2298

⁸ Ernest RENAN, *Les Evangiles et la Seconde Génération Chrétienne*, Paris: Calmann Lévy, 1877, p. 291.

⁹ *Ibid.*, p. 292.

religiosas pagãs (...) que aceitavam favorecer o culto dos imperadores divinizados."¹⁰

Dentre os degredados na ilha de Patmos, no Egeu oriental, estava João que nos diz: "Eu, João, vosso irmão e companheiro na tribulação, na realeza e na perseverança em Jesus, encontrava-me na ilha de Patmos, por causa da Palavra de Deus e do Testemunho de Jesus...", quando ouviu "uma voz forte, como de trombeta, ordenando: Escreve o que vês, num livro e envia-o às sete igrejas..."¹¹. Escreve o que vês, quer dizer, João afirma ter recebido naquele lugar as visões sobre os fatos que foi incumbido de relatar. O seu texto, portanto é composto como uma narrativa, aspecto observado tanto na forma da linguagem particular do estilo, quanto num modo conveniente de utilização do texto. Isto é, no capítulo I, versículo 3 quando o autor escreve: "Feliz o leitor e os ouvintes das palavras desta profecia, se observarem o que nela está escrito...", notamos que é intrínseco a este tipo de composição a exigência inicial de um auditório atento à trama que é lida ou contada por uma pessoa. Apenas o cumprimento desta demanda é capaz de abarcar a satisfação plena dos efeitos que as palavras, a simbólica e a história contada visam produzir. Se nos remetermos ao contexto histórico no qual o *Apocalipse* foi escrito e ao caráter da

¹⁰ André FEUILLET, *L'Apocalypse*, Paris: Desclée De Brouwer (Col. "Studia Neotestamentica", Subsídium III), 1963, p. 46.

¹¹ Ap. 1, 9-11.

mensagem ali divulgada, compreendemos ainda que a particularidade deste estilo literário reside sobretudo na exigência inicial de envolvimento com o discurso, tanto da parte de quem conta, quanto da parte de quem ouve, acrescentando à narrativa a qualidade de se constituir enquanto uma fala endereçada, mas que se motiva e ao mesmo tempo se desenvolve na relação narrador-ouvinte¹². Em todos estes aspectos as visões do profeta se aproximam dos traços mais fundamentais dos contos populares, criando um ambiente, uma comunidade narrativa¹³.

Se é intrínseco à narrativa o seu aspecto utilitário no que tange às coisas práticas da vida¹⁴, o discurso de João se cimenta nesse propósito. Ao inserir no seu relato

¹² "O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes." ... "O narrador fala exemplarmente e dá conselho (intercambia experiências). O narrador é um sábio". Walter BENJAMIN, "O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov, in: *Obras Escolhidas*, São Paulo: Brasiliense, 1986, vol. 1, pp. 200-201.

¹³ Um dos traços mais marcantes dos contos populares é o anedótico. Além disto, existe uma "comunicação eficiente" entre o contador de histórias e a comunidade que no caso brasileiro se torna bastante ativa na transformação e adaptação de contos europeus para o contexto histórico, político e social específico. Francisco Assis de SOUZA LIMA, *Conto Popular e Comunidade Narrativa*, Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985. Ver principalmente caps. I e III.

¹⁴ "...Tudo isso esclarece a natureza verdadeira da narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida..." BENJAMIN, *op. cit.*, p. 200.

elementos da história do seu tempo, o profeta recupera a memória em torno de fatos importantes, convertidos em instrumento de interpretação do presente e, à partir disso em meio eficaz de perscrutação do futuro. É o conhecimento desta história e o recorte de certos fatos erigidos como memória que conferem ao profeta autoridade para se dirigir ao povo, aconselhando-o a manter a fé e advertindo-o sobre o cumprimento da promessa de bonança em tempo breve. Sob esta perspectiva, a finalidade principal da mensagem do livro, está em rememorar os acontecimentos do passado, tomados como ensinamento prático de aplicação imediata no presente (o ouvinte ou leitor deve observar o que está escrito).

Após o aviso para que se mantenham fiéis aos ensinamentos divinos, João escreve sobre as visões terríveis do *eschaton*, uma série de acontecimentos catastróficos como os antecedentes naturais e necessários ao desfecho da guerra do bem contra o mal. Através do recurso a uma linguagem alegórica, o visionário demonstra como se estabelecerá a vingança dos justos (passo à passo e num *crescendum*), culminando na vitória do bem, narrada como uma apoteose, no final de todas as tribulações.

A primeira das visões é a de um trono - de Deus - no céu, rodeado por mais vinte e quatro tronos onde estão sentados vinte e quatro anciãos, vestidos de branco com coroas de ouro sobre suas cabeças. Vozes, relâmpagos e

trovões eclodem do trono principal¹⁵ e, à sua frente, ardem sete lâmpadas de fogo, representando os sete espíritos de Deus. No meio do trono e à sua volta há quatro seres cravejados de olhos por diante e por trás¹⁶. O primeiro ser é semelhante a um leão, o segundo a um novilho, o terceiro tem o rosto como o de um homem e o quarto se parece com uma águia a voar...¹⁷

O texto do *Apocalipse* tem este aspecto pictório ou cinematográfico, se pretendemos dinamizar o sentido, através do qual o leitor visualiza a história absorvendo as imagens das idéias. Para a tradição do pensamento representada por João, cada imagem evocada nesta primeira cena cumpre uma função específica. A simbologia do trono, por exemplo, representa a glória e o poder de Deus que são estáveis (guardados pelos quatro animais) e perduram tanto quanto os anciãos entronados à sua volta. As coroas sobre as cabeças dos anciãos significam a co-participação dos eleitos no governo de Deus¹⁸. Estes símbolos formam metáforas muito intensas para um momento histórico conturbado, aludindo ao lugar, ao papel e a figura ideal de reinado e de rei, bastante diferentes das imagens do real. Os relâmpagos e trovões que eclodem do trono principal amplificam os

¹⁵ A voz de Deus tem este aspecto *tremendum*.

¹⁶ Metáfora para sugerir que estão sempre vigilantes, não dormem.

¹⁷ Ap. 4, 2-8.

¹⁸ Ap., nota j., cap.4.

sentidos das metáforas porque se remetem ao Grande Dia (o dia da ira de Deus), uma verdadeira ameaça e demonstração de poder em face dos que se furtam, na terra, ao cumprimento da lei verdadeira (de Deus)¹⁹. Mas neste cenário a força das imagens só pode ser captada se nos remetermos a um elemento essencial da tradição cabalística - os *Sephirots* - , palavra que significa "numerações" em hebraico e serve para associar os dez atributos divinos com as vestes com as quais Deus se cobriu para criar o mundo²⁰. Os *Sephirots* se refere, antes de mais nada, à manifestação de Deus, à sua atividade, nos remontando ao princípio de tudo para compreendermos aquilo que parece ininteligível. São dez os elementos do *Sephirot*, divididos em ternários: Coroa, Sapiência, Inteligência; Graça, Força, Beleza; Vitória, Glória, Fundamento; Reinado²¹. Alia-se a isto, o simbolismo do número sete, representando neste contexto a totalidade e a plenitude de Deus, o que equivale a dizer que no Grande Dia ele se manifestará em todo seu poder, glória e sapiência, como havia feito no princípio dos tempos, portanto agora vem anunciando coisas importantes.

O simbolismo dos quatro seres que circundam o trono principal tem suas origens em culturas antigas como a

¹⁹ Uma interpretação popular acerca dos decretos divinos parece presumir dois pontos básicos: o amor e a amizade fraterna.

²⁰ Cf. Raimón AROLA, *Simbolismo del Templo*, Barcelona: Obelisco (Col. "Testigos de la Tradición"), 1986, p. 46.

²¹ Cf. CHEVALIER e GHEERBRANT (orgs.), *op. cit.*, p. 859.

suméria²². Uma revisão desta simbologia aparece no Velho Testamento, na visão de Ezequiel (1, 5-14) representando os quatro atributos divinos que são a sapiência, a onisciência, a potência e a criação. A linguagem dos símbolos, polissêmica na sua essência, sugerirá sempre inúmeras interpretações, de tal forma que o tetramorfo está sujeito a outras significações²³. Mesmo assim, notamos a influência exercida pela observação da natureza nas conclusões a respeito desta simbólica. Se nos detivermos sobre cada um dos seres vivos, como são chamados os quatro animais no *Apocalipse*, compreendemos que a rainha das aves, a águia, capaz de alcançar alturas incriveis, simboliza o intelecto; o homem, considerado como o centro de toda criação, é o microcosmo, a matéria encarnando os quatro elementos do universo; o leão, rei dos animais, simboliza a justiça e a

²² Cf. Desmond VARLEY, *Sete: o número da criação*, Lisboa: Edições 70 (Col. "Esfinge", nº 22), 1988, p. 65.

²³ *Ibid.*, pp. 65-68; "Estas figuras são consideradas habitualmente símbolo dos evangelistas, o que é verdade. Também não é inútil, para abarcar todo seu valor, saber que tem outra significação. São os quatro "querubins" que formam o carro (merkabah) vivo e quadrado no qual o Eterno aparece à Ezequiel e o Cristo Glorioso à São João. Estes quatro seres devem encarar-se simultaneamente no seu sentido cosmológico - natural e teológico - sobrenatural. No primeiro representa os quatro "ângulos" ou "pilares" do mundo, ou seja, os quatro elementos constitutivos do mundo físico ou, mais exatamente as potências sobrenaturais que regem esses elementos, potências essas resultantes do sopro criador do Verbo. Esta igualmente relacionadas com as quatro grandes constelações do Zodíaco, correspondendo o Homem ao Aquário e sendo a águia por vezes substituída pelo Escorpião", Jean HANI, *O Simbolismo do Templo Cristo*, Lisboa: Edições 70, 1981, pp. 91-92.

força. No *Apocalipse* o leão pode representar o Cristo juiz, aquele que venceu e a quem foi dado o poder para abrir o livro lacrado com os sete selos²⁴. A sapiência a unidade e a força, adquirem a sua expressão por imagens nos seres viventes.

Uma das características mais intrigantes do livro do *Apocalipse* é o relacionamento da mensagem com números que se combinam. Sobre esta matemática discorreremos mais adiante. Por hora é suficiente mencionarmos a utilização dos números como idéias. Os seres viventes, por exemplo, são quatro; número cuja aplicação não é gratuita, pois é resultado da decomposição do número sete (4,3), considerado um número perfeito²⁵. O quatro representa a ordem material composta dos quatro elementos (a terra, o fogo, a água e o ar), os quatro suportes do trono de Deus. A referência no livro aos quatro seres viventes e à ordem material é uma alusão ao *Gênesis*, ao momento da criação, à harmonia e perfeição do princípio, uma lembrança necessária para fazer um contraponto ao tema do livro que é a destruição do mundo.

²⁴ Cf. CHEVALIER e GHEERBRANT (orgs.), *op. cit.*, pp. 12-14, 46-48, 507-509, 575.

²⁵ "...entre todos os outros números, [o sete] possui o maior significado simbólico para a Humanidade em todos os tempos e em todas as partes do mundo.

Foi Hipócrates quem afirmou: "O número sete, dadas as suas virtudes ocultas, está na origem de todas as coisas; ele é o promotor da vida e a fonte de todas as mudanças - a própria Lua muda de fase de sete em sete dias. Este número influencia todos os seres sublimes." (sic.), VARLEY, *op. cit.* p. 10.

No seio dos próprios símbolos nos defrontamos com sugestões espantosas. Deus aqui é a concentração das quatro virtudes promotoras da criação e da destruição. Essas duas idéias opostas, porém complementares, parecem ocupar um lugar de destaque no imaginário de muitos povos. Para os antigos gregos, por exemplo, a mitologia que explicava o Cosmo e o Caos, acabou constituindo um campo da interrogação filosófica, lançando as bases da astronomia, como ciência vinculada à geometria, à matemática e sobretudo à astrologia, porque o homem procurava no cosmos e nos mitos as razões, os fundamentos inteligentes de tudo quanto existe²⁶.

O problema desde o princípio parece se configurar então do seguinte modo:

"...a visão de um mundo estruturado numa série de relações matemáticas precisas torna a ligar-se a uma perspectiva original religiosa, ligada à crença na transmigração das almas e aos ritos de purificação, de acordo com a qual todas as coisas estão ligadas por um vínculo de unificação superior, obra da alma divina, eterna e universal. Pitágoras e Empédocles, como aliás toda a restante multidão dos filósofos itálicos, - afirma Sexto Empírico, - defendem que existe uma comunhão, não apenas recíproca, em relação aos deuses, mas também em relação aos animais, que não têm o dom da palavra. Há de fato, um espírito único, como uma alma, espalhado por todo o universo e que nos unifica com aqueles."²⁷

²⁶ Sobre as raízes do pensamento ocidental ver Jean-Pierre VERNANT, *Mito e Pensamento entre os Gregos*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, 400 p.

²⁷ Gianni MICHELI, "Caos/Cosmos", in: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 18, *Natureza/Esotérico/Exotérico*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, p. 138.

Para verificarmos ainda em que proporção existe um fundo místico no bojo do pensamento científico vejamos como se desenvolveu a astrologia helenística:

"De origem douta e sendo uma típica religião de intelectuais (como o grande astrônomo Hiparco de Nicéia), a astrologia popularizou-se a dada altura, a partir do século I d.c., ou mesmo antes. O *logos* em que esta pseudociência se apoiava, derivando-o da astronomia, desmoronou-se abrindo caminho a todas as incrustações e fantasias mitológicas de que esta era, inconscientemente portadora. Para o homem comum dos primeiros séculos do império, a astrologia torna-se uma típica mitologia astral, que substituiu os antigos deuses pelos novos símbolos da moda da abóbada celeste, com o fito de oferecer uma concepção do cosmos como organismo harmónico originário total que, no seu eterno retorno, garante a origem dos seres e a sua conservação, dando ao mesmo tempo ao homem um ponto de referência para as respostas que a religião oficial já não parece capaz de fornecer."²⁸

Uma preocupação semelhante pode ser investigada no *Apocalipse* de São João, à partir da utilização do simbolismo do livro. O profeta narra, na verdade, uma história escrita num outro livro; aquilo que João vê, já estava escrito num livro lacrado, mas aberto ao visionário revela os segredos: uma cosmogonia. Os arcanos são decifrados por intermédio da abertura sucessiva dos lacres, isto é, o homem passa a conhecer, a saber sobre o que antes ignorava. O simbolismo do livro reaparece por mais duas vezes no texto. Na primeira vez como um livrinho engolido por João, doce na boca, porém

²⁸ Gian Paolo CAPRETTINI, Guido FERRARO, Giovanni FILORANO, "Mythos/Logos", in: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 12, *Mythos/logos, Sagrado/profano*, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987, p. 87.

amargo nas entranhas²⁹, pois à partir disso o profeta toma conhecimento do destino de muitas nações e governantes. Em outra ocasião o profeta discorre sobre o Livro da Vida³⁰, onde estão escritos os nomes dos fiéis, isto é, dos que conhecem e praticam a lei de Deus e usufruirão da vida eterna. O livro nesse contexto, aparece como documento, uma garantia, uma verdade (está escrito).

Sobre o livro lacrado com os sete selos nos é dito que guarda os arcanos divinos. São decretos (documentos) selados (secreto), contendo a assinatura (selo) de Deus, e só a ele pertencem³¹. Entretanto, em momento propício foi dada ao cordeiro, e apenas a ele, autoridade para romper os lacres (abrir o documento). O rompimento sucessivo de cada um dos selos revela um segredo e permanecemos atentos para saber do que se trata. A abertura dos quatro primeiros selos põe em marcha os quatro cavaleiros do Apocalipse - o primeiro representando o triunfo e os subseqüentes os flagelos (carestia e fome, peste, guerra)³² - anunciando para breve a segunda vinda do Messias, que está incumbido de restaurar a justiça. O rompimento do quinto selo põe diante de João a imagem dos fiéis martirizados, gritando "em alta voz" reclamando justiça e vingança contra os infieis:

²⁹ Ap. 10, 8-11.

³⁰ Ap. 20, 12-15.

³¹ Cf. CHEVALIER e GHEERBRANT (orgs.), *op.cit.*, pp. 851-852.

³² Ap. 6, 1-8.

"Até quando, ó Senhor santo e verdadeiro,
tardarás a fazer justiça,
vingando nosso sangue
contra os habitantes da terra?"

A cada um dos martirizados "foi dada uma veste branca e foi-lhes dito que repousassem por mais um pouco de tempo"³³.

Nessa passagem já se pronuncia uma contagem do tempo, como tempo da espera ansiosa dos justos, que não aceitam mais demora, porém devem ser pacientes porque o Dia da Ira vai acontecer "na hora, dia, mês e ano"³⁴ marcados.

Na ruptura do sexto selo o sol tornou-se negro e o universo pareceu convulsionar-se diante da ira de Deus e os homens, atemorizados, procuraram em vão esconderijo:

"... os reis da terra, os magnatas, os capitães, os ricos e os poderosos, todos, escravos e homens livres, *esconderam-se nas cavernas pelos rochedos das montanhas, dizendo aos montes e às pedras: "Desmoronai sobre nós e escondei-nos da face daquele que está sentado no trono, e da ira do Cordeiro, pois chegou o Grande Dia da sua ira, e quem poderá ficar de pé?"*"³⁵

Antes da próxima cena há um intervalo. Antes que toda criação sucumba é preciso separar o joio do trigo; os eleitos (os fiéis), serão marcados na fronte com um selo e quando chegar o Grande Dia eles serão conduzidos à fonte da vida e não mais chorarão, não mais sentirão fome³⁶. Aqui o mistério desaparece, pois já intuímos a motivação do autor:

³³ Ap. 6, 10-11.

³⁴ Ap. 9, 15.

³⁵ Ap. 6, 15-17.

³⁶ Ap. 7, 17.

a de divulgar uma mensagem ao povo na sua tribulação lançando o prognóstico de um fim trágico para os poderosos. O suspense entretanto, permanece porque a quebra do sétimo selo que desde o princípio vinha se insinuando como o momento da consumação dos tempos, na verdade desencadeia uma outra série de acontecimentos. No céu faz-se um silêncio de uma meia hora...³⁷

Até aqui podemos dizer que com essas sucessivas prorrogações, João visa criar o clima da espera messiânica alentada pelo povo judeu durante o período do cativoiro, quando se acreditava na vinda de um Salvador que o libertasse do domínio estrangeiro. Mas o silêncio é também um artifício de linguagem, ironizando os rituais de poder no Império Romano. Alternado com o toque dos instrumentos, o silêncio precedia acontecimentos importantes. Na tradição bíblica o silêncio acontece antes da criação e também precede o fim dos tempos. Nos dois casos o silêncio preludia grandes acontecimentos revestidos assim, de grandeza e majestade³⁸.

Muitos temas exteriores à tradição judaico-cristã foram absorvidos por João. Do povo persa, por exemplo, ele assimilou a doutrina de Zoroastro, que afirma existir um Deus da luz - *Ormazd* - que se opõe a um Deus das trevas - *Ahriman* -. Segundo a seita, um julgamento universal terá

³⁷ Ap. 8, 1.

³⁸ Cf. CHEVALIER, GHEERBRANT, *op. cit.*, p. 883.

lugar ao final de nove mil anos, quando um salvador, juntamente com Ormazd se encarregará da expulsão dos demônios e do mal. A morte deixará de existir e reinará a felicidade perfeita³⁹. Dos babilônios ele aproveita a doutrina dos sete planetas que regem o destino dos homens e dos Impérios. Os assírios acrescentam que a cada uma das sete taboas do destino corresponde um planeta e a cada planeta uma cor. João parece empregar um sistema semelhante com os quatro cavaleiros do Apocalipse⁴⁰. O cavaleiro vermelho pode ser comparado à Marte, sinônimo de destruição e no Apocalipse ele anuncia a guerra, o cavaleiro negro traz a carestia e seu signo é Mercúrio, o cavaleiro esverdeado representa Júpiter propagando a peste e causando a morte; finalmente, o cavaleiro branco, síntese de todas as cores é a lua que simboliza a força da esperança e dos sonhos⁴¹ (o Messias vitorioso).

Com tudo que foi dito até agora nos é possível compreender a ira divina como sendo a sede de justiça dos fiéis, e para cumprir seu objetivo mobiliza todo o universo: transforma o cosmos - sinônimo de harmonia e criação - em caos, revoltando ainda a natureza contra os homens. Todo

³⁹ Cf. Jacques LE GOFF, "Idades Míticas", in: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1, *Memória-História*, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, pp. 314-315.

⁴⁰ Ernest RENAN, *L'Antichrist*, Paris: Calmann Lévy (Col. "Histoire des Origines du Christianisme", n.º 4), p. 472.

⁴¹ Cf. CHEVALIER, GHEERBRANT (orgs.), *op. cit.*, pp. 125-128, 689-694, 763.

este movimento celeste faz sentido se vislumbrado pela teoria das harmonias entre microcosmo e macrocosmo, quer dizer, à corrupção no plano terrestre, corresponde um desarranjo cósmico. Numa leitura mais histórica e menos filosófica, acrescentamos o fato da opressão imposta pelo Império Romano despertar sentimentos radicais naqueles que são suas vítimas e João na qualidade de profeta, cumprindo o papel de porta voz dos oprimidos, recorreu, para expressar a profundidade desses sentimentos, a uma linguagem capaz de criar os elementos visuais compatíveis a eles. E assim, depois do silêncio no céu, sete anjos tomam sete trombetas. Essa imagem aparece no texto sugerindo duas situações: primeiro, o uso do instrumento pelos exércitos romanos que atemorizavam o inimigo alternando o som das trombetas com o profundo silêncio⁴²; segundo, uma clara referência a uma passagem de Josué (6,1), que narra a derrocada de Jericó cujas muralhas se romperam no sétimo dia de cerco, após o toque de sete trombetas e o grito proferido pelo exército invasor. O simples soar de trombetas pode aniquilar uma cidade poderosa...

No *Apocalipse* de São João, aos quatro primeiros toques de trombeta a terça parte da terra, das árvores e da vegetação é consumida pelo fogo e granizo; a terça parte do mar transforma-se em sangue, matando a terça parte dos seres

⁴² a trombeta "anuncia grandes acontecimentos históricos e cósmicos (...) o começo de uma batalha se reveste sempre de um caráter sagrado", *Ibid.*, p. 976.

que ali viviam. Uma estrela cadente transforma a terça parte das águas em absinto, matando muitos homens. O dia e a noite perdem a terça parte da sua luz porque o sol, a lua e as estrelas foram destruídos em um terço cada um⁴³. Os toques são interrompidos e nos defrontamos novamente com a repartição das cenas calculada pela decomposição do número sete, nos números quatro e três. Os últimos três toques são anunciados nesse intervalo por uma águia que sobrevoando o centro do céu lamenta a sorte dos homens em vistas dos acontecimentos decorrentes dos três últimos toques⁴⁴.

Ao quinto soar de trombeta uma estrela, na verdade um anjo, cai do céu. Ele tem a chave do poço do abismo⁴⁵ e ele liberta os exércitos de Abaddon, que em hebraico significa Destruição. Durante cinco meses esses exércitos compostos por seres que são uma mistura de gafanhoto com escorpião, causarão suplícios enormes para os homens, tal como a picada do escorpião, capaz de ferir sem causar a morte, apesar da dor⁴⁶.

O sexto anjo soa o sexto toque de trombeta, soltando os quatro anjos presos sob o rio Eufrates, comandantes de um exército de duzentos milhões de cavaleiros, cujo poder de

⁴³ Ap. 8, 6-12.

⁴⁴ Ap. 8, 13.

⁴⁵ Sob uma perspectiva cristã, a metáfora do abismo tem uma força extraordinária, pois toda criação pode ser sugada pela potência redutora que nele se encontra.

⁴⁶ Ap. 9, 1-6.

aniquilamento encontra-se na boca e na cauda. Sua missão é a de matar um terço dos homens, aqueles reconhecidamente homicidas, devassos, idólatras⁴⁷. Um anjo jura que após o sétimo toque já não haverá mais tempo, e nessa passagem além da referência ao reino eterno como uma suspensão e ruptura com o tempo histórico, significa também o fim dos adiamentos, nos induzindo a pensar que a batalha contra o mal se concluirá e entraremos na fase do juízo final. Mas isso não acontece. Há um novo intervalo, quando João engole o livro⁴⁸ (uma referência a passagem 2, 8-3 de Ezequiel) e o anjo lhe diz que ainda profetizará contra o destino de muitas nações e governantes. Em seguida João foi incumbido de medir o templo, quer dizer, demarcar o espaço destinado em futuro próximo aos fiéis. Tem lugar, então, uma descrição minuciosa da arquitetura e dos materiais preciosos e reluzentes empregados na construção da Nova Jerusalém cuja medida é de doze mil estádios⁴⁹ (4x3). Sublinearmente a esta visão existe uma leitura de tempo (milénar) indissociável do espaço compatível (Templo)⁵⁰, pois o calendário cristão está

⁴⁷ Ap. 9, 13-21.

⁴⁸ Ap. 10, 8-11.

⁴⁹ Ap. 21, 15-23.

⁵⁰ Se os povos antigos situavam a Idade de Ouro no começo dos tempos, a tradição judaico-cristã a desloca para o fim da história e dentro desta perspectiva o paraíso não se identifica mais com o mundo natural (que representaria o retorno), mas com uma cidade (que envolve a idéia de progresso). Jacques LE GOFF, "Idades Míticas", *op. cit.*, pp. 324-333.

dividido de acordo com a soma dos números 4 e 3, formando os dias da semana e com a multiplicação dos mesmos números, resultando nos doze meses do ano.

A simbologia relacionada com a construção do Templo, como sendo o lugar da esperança, malgrado tenha aparecido primeiro em Ezequiel, deve muito ao pensamento platônico. Para Platão, a cidade ideal, aquela que é bem governada, encontra sua expressão na harmonia ditada pelos números como signos que se combinam, fornecem medidas e mais do que isto, dão proporções. As dimensões da cidade vislumbrada por Platão são estabelecidas a partir de demonstrações cosmológicas representadas como diagramas baseados no conhecimento astronômico e na escala musical. O filósofo argumentava que a perfeição e a harmonia do cosmos deveria se projetar na organização da *polis*, residindo aí a garantia da estabilidade e incorruptibilidade do sistema por longos períodos. Curiosamente, o "mapa" do Paraíso apresentado no *Apocalipse* de São João coincide com o compito realizado por Platão para a configuração da cidade ideal⁵¹. O fundo, em suma, do esquema platônico, que parece também válido para o profeta, retrata um cosmo racionalmente planejado de acordo com o princípio teleológico, considerado o melhor desde que

⁵¹ Cf. John MICHELL, *The Dimensions of Paradise. The proportions and symbolic numbers of ancient cosmology*. Londres: Thames and Hudson, 1988, pp. 7-25.

concebamos a ordem perfeita das coisas, ou o inverso do caos, como manifestação da divindade⁵².

A alusão, no *Apocalipse* a uma depuração do tempo num espaço perfeito aparece inclusive na geometria do Templo, cujas medidas são iguais para todos os lados, formando um cubo. Uma outra imagem envolvendo o mesmo propósito, encontra-se na passagem onde João vê duas testemunhas no Templo pregando a palavra de Deus por quarenta e dois meses⁵³ - tempo que, parece, o mundo deverá durar - e, ao final desses mil duzentos e sessenta dias, serão mortos pela besta, porém ressuscitar e subirão ao céu depois de três dias e meio⁵⁴. Após esse episódio um terremoto destrói a décima parte da cidade matando sete mil homens. João aqui, traz à memória a profanação do Templo de Jerusalém que ocorreu no ano de 69 d.C. e o martírio dos fiéis, fatos que serão passados a limpo no fim dos tempos.

Enfim, o sétimo toque. Miguel, o príncipe dos anjos e seu exército fazem guerra no céu contra o dragão vermelho de sete cabeças e dez chifres e seus combatentes. Satanás, "o

⁵² Cf. MICHELLI, "Caos/Cosmos", *op. cit.*, p. 145.

⁵³ Ap. 11, 1-13.

⁵⁴ " O *Apocalipse* faz largo uso dos números simbólicos. Assim, o 3 é a cifra de Deus e o 4 aquela do mundo; sua adição (7) e sua multiplicação (12) parecem destinadas à exprimir a ação perfeita da Divindade no universo. As potências hostis à Deus, que apenas conseguem decair nas suas empresas, são de ordinário caracterizadas por cifras truncadas: $3\frac{1}{2}$, que é a metade de 7, e 6, a metade de 12, ou ainda 7 menos 1 (uma plenitude incompleta)".... FEUILLET, *op. cit.*, p. 44.

sedutor de todo orbe habitado"⁵⁵ é precipitado sobre a terra com seus anjos. Agora a guerra prosseguirá na terra. O dragão (Satanás) persegue os fiéis. No mar surge uma besta com dez chifres e sete cabeças e o dragão lhe confere poderes; os homens admirados com os prodígios realizados pela besta, passam a adorá-la. Uma outra criatura, o falso profeta, surge da terra e enganando os homens com as maravilhas que opera, prestará, na verdade, serviço a Satanás. Mas o fim dos tempos se aproxima e nesta batalha do bem contra o mal, já é sabido com antecedência que o vencedor é o primeiro. A vitória gloriosa é anunciada na mensagem de três anjos, antes mesmo de sua efetivação. O primeiro enviado anuncia a chegada do juízo final, o segundo proclama a queda da Babilônia⁵⁶ (Roma) e o terceiro adverte: aqueles que adorarem a besta ou levarem o seu selo sofrerão castigos, não serão chamados e "não terão descanso noite e dia"⁵⁷.

O triunfo dos eleitos vem coroado pelas sete pragas (os últimos flagelos) trazidos por sete anjos em sete taças

⁵⁵ Ap. 12, 9.

⁵⁶ Isto é uma atualização de Daniel.

⁵⁷ Ap. 14, 6-13. Esta passagem é uma referência a Jr. 25, 33, sobre os oráculos contra as nações. As referências bíblicas influenciaram certas atitudes dos revoltosos do Contestado. "Olegário (...) assassinou Tobias Almeida Mello (...) deixando o cadáver insepulto e exposto ao relento afim de ser devorado por suínos e urubús!

A família do morto foi ameaçada da mesma pena, caso desse sepultura ao cadáver", "Horrores na Serra", *Folha do Comércio* (Florianópolis), 30/7/1914.

repletas do furor de Deus. As seis primeiras taças vertidas causaram os seguintes tormentos para os infieis: úlcera maligna e dolorosa, a conversão das fontes e do mar em sangue como a paga em dobro pelo sangue dos justos derramado, ao sol foi dada a ordem de queimar os adoradores da besta, o reino dos ímpios mergulha nas trevas e o rio Eufrates secou. Assim ruiu a Babilônia e os reis da terra, os mercadores e navegadores enriquecidos com o comércio, nesse momento choram enlutados a destruição da cidade, lamentando que "numa só hora tanta riqueza foi reduzida a nada"⁵⁸.

O dragão reúne os reis da terra no "Harmagedôn"⁵⁹ para a batalha do grande dia do Deus onipotente. O messias vitorioso adverte que vem "à maneira de um ladrão"⁶⁰, metáfora lançada para significar uma súbita inversão da situação. A sétima taça derramada produz um terremoto jamais visto aniquilando para sempre a cidade dos gentios. O messias aparece em seu cavalo branco com o fim de julgar e combater com justiça. "Os exércitos do céu acompanham-no em cavalos brancos, vestidos com linho de brancura resplandecente"⁶¹. Ao final deste primeiro combate escatológico a besta e o falso profeta são lançados no lago

⁵⁸ Ap. 18, 17.

⁵⁹ Monte situado em Magedo e palco de muitas batalhas na antiguidade.

⁶⁰ Ap. 16, 15.

⁶¹ Ap. 19, 14.

de fogo. Quanto aos ímpios, foram mortos pela espada que saía da boca do Cavaleiro. Ao Dragão (Satanás), também se reservou um destino trágico: foi acorrentado e encarcerado no Abismo, lugar onde permaneceu até o fim do milênio. O reino de Cristo tem início na terra, fazendo justiça aos eleitos, que voltam à vida para reinar ao lado do Messias por mil anos. Ao final deste período vem o fim do mundo, momento do segundo combate escatológico, quando Satanás é solto e vencido é lançado no lago de fogo junto com os que na segunda ressurreição não estavam inscritos na livro da vida. Os escolhidos nessa segunda ressurreição usufruirão da felicidade eterna dos justos, na Nova Jerusalém, que desce do céu renovado, "como uma pedra preciosíssima"⁶², para uma terra recriada, onde não há mais choro, nem fome, velhice ou mesmo morte.

VISOES DO APOCALIPSE NO CONTESTADO

Uma história como a do Apocalipse de São João parece estranha ao modo de pensar ocidental contemporâneo, uma vez que atualmente se crê na substituição dos mitos pela ação planejada como antevisão do futuro. A partir do momento em que a racionalidade domina, explica e garante o conjunto das relações sociais, a narrativa mítica é relegada à categoria

⁶² Ap. 21, 11.

de estágio primário, quando não antecedente na evolução do raciocínio⁶³.

O surgimento das idéias positivistas no século XIX pode ser tomado como um marco para a crença numa ruptura definitiva entre mito e *logos*. Essas idéias ao introduzirem a novidade da ciência como um campo de conhecimento perfeito, presumivelmente universal (sem contradições), calculável (alcançado pelo emprego de métodos objetivos) e comprovado, desqualificaram como mera especulação, o produto do conhecimento que leva em consideração a dimensão subjetiva, a ambiguidade, o relacionamento entre elementos opostos. De tal forma que hoje passamos os olhos pela mitologia dos povos antigos com um interesse apenas literário, desconfiando do vínculo do relato mítico com a utilidade e uma verdade. Para o homem moderno o resultado de tal avaliação culminou numa leitura do mundo puramente quantificável, empobrecida ou mesmo desprovida de significações⁶⁴. Entretanto, os equívocos da racionalidade radical são cometidos em função da tentativa de eliminar Deus do imaginário, substituindo-o pelo homem potente, criativo e dono do seu destino, eliminando as agruras da

⁶³ O *logos* envolve uma atividade intelectual e o mito um saber proveniente da tradição (experiência), da observação e relações simbólicas, todavia, "o mito traduz em forma narrativa um sistema de categorização lógica do universo", CAPRETTINI, FERRARO, FILORANO, "Mythos/Logos", *op. cit.*, p. 100.

⁶⁴ Cf. Cornelius CASTORIADIS, *A Instituição Imaginária da Sociedade*, Rio de Janeiro: Paz e Terra (Col. "Rumos da Cultura Moderna", nº 52), cap. V, pp. 75-104.

culpa e do pecado. Evidentemente, estamos nos referindo à eliminação de um Deus transcendente, criado pela religião institucionalizada, cujo poder sobre a sociedade permaneceu intocado durante séculos, graças à imposição do medo ao sobrenatural, esfera inatingível ao controle do homem, ao poder do seu pensamento⁶⁵.

A superstição afasta os homens do conhecimento, entretanto não é essa a intensão da narrativa mítica. Uma leitura atenta do livro do Gênesis, revelará a concepção do princípio de todas as coisas dentro do pensamento judaico. A idéia de começo, está calçada no *logos* (palavra, Deus), que se impõe como emanção do cosmos, isto é, o Verbo está desembaraçado das limitações do tempo (ele já existia antes ou fora das estruturas temporais) como do espaço (é livre para se manifestar em todos os lugares), constituindo a gênese - o fundamento - de todas as coisas. Continuando dentro de uma perspectiva bíblica de leitura do mundo, a narrativa mítica do *Apocalipse* vai abarcar não mais o problema da criação como positividade, mas inserir a concepção de mal como idéia oposta, porém indiscutivelmente complementar à noção de bem. Satanás, habitante do abismo - centro da terra, lixo do mundo⁶⁶ - ao representar a

⁶⁵ Para uma análise das Escrituras como relato histórico e uma crítica aos teólogos ver Baruch de ESPINOSA, *Tratado Teológico-Político*, 317p.

⁶⁶ Cf. Carlos Roberto F. NOGUEIRA, *O Diabo no Imaginário Cristão*, São Paulo: Atica (Col. "Princípios", nº 101), 1986, p. 93.

limitação material é o contraponto que permite pensar a perfeição. Mas a interpenetração desses dois conceitos parece um ponto central no imaginário de muitas culturas antigas para representar as diferenças se agregando num todo harmônico da natureza. Na mitologia grega, por exemplo, a relação estabelecida entre as duas maiores potências conhecidas pelo homem encontra-se em Pandora, definida por Hesíodo como "um belo mal reverso de um bem"⁶⁷. No caso do *Apocalipse*, a disseminação do mal é um fato decisivo para a configuração do quadro dramático do fim último de todas as coisas e, dentro do conjunto dos textos bíblicos o livro da revelação se opõe ao livro do Gênesis, pois vai tratar da destruição do mundo, porém o profeta vê na destruição deste mundo, dominado pelo mal moral, as perspectivas de um novo começo.

De uma maneira geral, isto é, desconsiderando por hora as diferenças entre a cultura grega e a judaica-cristã, podemos dizer que os mitos preenchem uma função importante num agrupamento social, na medida em que explicam, contam e ensinam sobre o nascimento e o perecimento de todas as coisas. Essas três atribuições pedagógicas do mito se realizam por meio da narrativa⁶⁸ oral ou escrita, onde o real é exprimido numa linguagem metafórica, cifrada, como acabamos de observar quanto à simbologia empregada no

⁶⁷ VERNANT, *op. cit.*, p. 42.

⁶⁸ Cf. CAPRETTINI, FERRARO, FILORANO, "Mythos/Logos", *op. cit.*, pp. 99-102.

Apocalipse de São João. Nas palavras do profeta está subentendido o desejo de resgatar uma moralidade reguladora das relações sociais, centrada na disseminação universal do bem e da justiça, extinguindo a imoralidade perpetrada pelo Império Romano.

Tomando como exemplo o livro da revelação, extraímos uma norma aparentemente válida para os relatos míticos em geral, sobretudo no que tange à formulação de um raciocínio muito particular. Através do relacionamento entre personagens bem delineados, representantes, na verdade, de idéias muito distintas, o profeta cria para o leitor um viés possível de legibilidade de uma situação concreta e o parâmetro para a avaliação da conjuntura é dado pelos contrastes e oposições inerentes aos elementos mencionados na estória. A trama da narrativa mítica se constrói pela associação de idéias, desprezando porém a relação entre causa e efeito (a causa do pecado primordial, por exemplo, se relaciona com a mordida na maçã)^{es}, na medida em que o seu objetivo principal não é atingido pela interpretação meramente linear dos fatos, mas pela inserção de certos acontecimentos eleitos como mais significativos, numa seqüência que contenha um nexos. O objetivo principal da narrativa mítica é contar uma história suficientemente capaz

^{es} Cf. Alfonso di NOLA, "Origens", in: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 12, *Mythos/Logos-Sagrado/Profano*, p. 15.

de fornecer "as verdadeiras razões da vida"⁷⁰, que nada mais são do que interrogações sobre o ser.

Uma das principais questões abordadas pelos relatos míticos e de extrema importância para a investigação do imaginário milenarista e escatológico se refere ao Tempo. Os antigos gregos mitificaram o tempo em Cronos, embora desprezassem o tempo humano, que se gasta, envelhece, cultivavam um interesse pela imutabilidade do tempo divino. O mito das raças em Hesíodo é ilustrativo da contraposição entre o plano divino, caracterizado pela harmonia e imobilidade e o plano humano, decadente, corruptível. No mito das raças se atribui ao tempo um valor qualitativo, relacionado com a experiência vivida em cada uma das idades, de tal forma que inexiste uma intenção cronológica, seqüencial de demarcação do tempo⁷¹. A preocupação em formar um calendário aparece mais claramente no cristianismo. A idéia corriqueira, mas nem por isso totalmente correta acerca do tempo na cultura grega antiga, sugere a circunscrição dos eventos num círculo fechado de eterno retorno. Nesse ponto diferiria enormemente da noção de tempo cristão que tem o futuro como perspectiva, entretanto, não

⁷⁰ CAPRETTINI, FERRARO, FILORANO, "Mythos/Logos", *op. cit.*, p. 92.

⁷¹ Cf. VERNAN, *op. cit.*, pp. 28, 45, 122-124.

seria correto classificar a noção de tempo cristã como sendo inteiramente linear⁷², afinal:

"A vida de Cristo não é senão a reedição da vida e da reencarnação de Vishnu, Mithra, Hércules, Dionísio, etc., das antigas teogonias.

Cristo que se chamou Jesus, como se chamou Jeus ou Jereus numa das supostas encarnações do Deus Vishnu da Índia, nasceu de uma virgem, viajou, morreu, ressuscitou.

É o caminho da natureza em suas evoluções...

Em Março, conforme a situação cósmica, nestes países (mediterrâneos) findam as trevas do inverno em que a natureza parecia morta, parecia extinto (...) o Sol, que vivifica a natureza. Nessa época corre justamente triste, sombria, atropalhada, a vinda de Cristo, que afinal personifica o Sol, como já o personificaram Osiris, Dionísio, Mithra, etc., verdadeiras humanizações do Sol, alimentador da Natureza"⁷³.

A estrutura temporal do cristianismo, parece não abandonar totalmente a circularidade, muito inspirada no conhecimento astronômico dos povos antigos. A divisão do ano em doze meses está de acordo com a passagem do Sol pelas doze constelações, do mesmo modo, as semanas de sete dias se repetem sucessivamente preenchendo espaços demarcados pelos

⁷² A escatologia judaico-cristã, nasce, por estranho que possa parecer, de certas concepções gregas. "A gnose ensinava que o mundo, tal como o homem, devia seguir um caminho circular, simbolizado pela serpente que morde a própria cauda. Afastando-se de Deus depois da Criação, homem e mundo entram nas trevas donde Deus os faz sair, contraditoriamente, se assim se pode dizer, enviando-lhes um Salvador, que seguirá ele próprio um caminho circular: encarnar e entrar nas trevas, para voltar à luz e à origem, salvando os homens a quem a *gnosis* "conhecimento" ensinou o caminho que deviam seguir para a salvação. Jacques LE GOFF, "Escatologia", in: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1, p.434.

⁷³ E. BARTHELEMY, "Paschoa", *O Livre Pensador* (São Paulo), 3/4/1904.

meses. O livro do Gênesis esboça o modelo básico do fenômeno da criação com o ingresso de todas as coisas numa ordem temporal, representada na semana cósmica, por exemplo. A concepção bíblica de tempo parece misturar a circularidade com a linearidade, pois o advento do cristianismo revolucionou a concepção de história, remontando ao princípio (Criação), inaugurando um calendário coincidente com a Encarnação (tem início a história da salvação) cuja continuidade só é quebrada com a chegada do Juízo Final (fim da história)⁷⁴, quando não haverá mais tempo. A arquitetura e a escultura inspiradas no cristianismo constituem exemplos da importância assumida pelo conceito de tempo no imaginário religioso. No tímpano da igreja de Autun, Cristo é representado como Mestre do Tempo, (cronocrator), imagem associada à do Mestre do Universo e de seus ritmos (cosmocrator)⁷⁵.

Toda a visão mítica da história, do tempo e da temporalidade parece fundamental na composição do imaginário popular e rebelde do Contestado, se nos decidimos pela compreensão desse imaginário como sendo fortemente influenciado por conteúdos milenaristas e messiânicos. Um ponto importante para a investigação desse imaginário se refere às expectativas em torno do milênio, normalmente desenvolvidas à partir de e vinculadas ao contexto

⁷⁴ Cf. LE GOFF, "História", in: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1, *Memória-História*, p. 190.

⁷⁵ Cf. CHEVALIER e GHEERBRANT (orgs.), *op. cit.*, p. 938.

histórico, ou melhor, ao domínio de certos acontecimentos transcorridos na ordem temporal, onde a memória opera um papel decisivo. Por outro lado, a espera do reino messiânico implica numa contagem do tempo ao término do qual se operam mudanças inusitadas e assim percebemos uma devoção, não mais à história propriamente dita, mas à uma história do futuro cuja existência é ideal. A visão milenarista da história se distingue largamente da noção acadêmica sobre o mesmo conceito, mais apegada à "datidade", a uma coerência discursiva exprimida na ordem seqüencial dos eventos. A narrativa mítica, diferentemente, desconsidera a precisão cronológica, os mitos inclusive são atemporais, quer dizer, estão fora do tempo, discursando sobre o que ocorre no tempo⁷⁸. Aí parece residir o fascínio dos relatos míticos, onde os personagens assumindo um distanciamento estratégico do real, se permitem uma abordagem crítica da realidade do momento e do futuro tratados na forma de lenda ou fábula. No Apocalipse de São João, a esperança da chegada de tempos

⁷⁸ "Numa sociedade em que a organização da vida social (...) se baseia (...) na tradição oral, não parece haver lugar para um sentido da história como seqüência de acontecimentos interpretáveis através de uma pesquisa contemporânea, por um lado, de 'dados' e de 'documentos' e, por outro, de 'nexos lógicos' e de 'significados'. Aqui a história é por definição, um sistema coerente; é certo que no seu interior podem estar presentes muitos fatos historicamente documentados, porém a efetiva 'datidade' histórica destes fatos nunca se torna decisiva, mas tão somente o quadro, a estrutura complexiva que são chamados a compor no acto de produção de um discurso histórico, no acto em suma, que atribui à ordem presente um passado destinado a sancionar a sua legitimidade e racionalidade." CAPRETTINI, FERRARO, FILORANO, "Mythos/Logos", *op. cit.*, p. 93.

melhores se concretiza no fim de um tempo presente, experimentado como tempo de opressão. Os acontecimentos que extinguem este tempo indesejado ocorrerão no dia, mês, ano e hora marcados, coincidindo com a segunda vinda do Messias, momento à partir do qual o milênio igualitário na terra se inicia. Esse milênio é compreendido como um tempo intermediário de experimentação de felicidade, que culminará no não tempo da eternidade com a extinção definitiva do mal, da morte, da decadência, inerentes ao tempo humano, passageiro e sinônimo de limitação.

Dentre os temas bíblicos o que ocupa um lugar de destaque no imaginário popular do Contestado é esta história da certeza da extinção do tempo imperfeito do calendário oficial, agonizando às portas do paraíso na terra. Dentro de uma perspectiva popular dos acontecimentos, o conceito de história parece ganhar em profundidade ao abandonar a noção puramente física e quantitativa de medição do tempo e atribuir-lhe uma significação que, curiosamente, pode ser medida, tem densidade. Nisso é semelhante à noção bíblica de história como o relato transmitido de geração para geração, da experiência dos antepassados, que povoam a mente dos indivíduos como figuras fantásticas, épicas, exemplares. A noção de história presente na cultura popular rememora e inova a tradição, como forma de recusa ao calendário oficial

que corre rápido e demarca acontecimentos identificados com a vitória dos poderosos⁷⁷.

A memória parece ser um componente essencial na significação que as sociedades atribuem à história. Os antigos gregos divinizavam a memória no mito de Mnemosine à qual Hesíodo se refere como aquela que sabe e canta "tudo o que foi, tudo o que é, tudo o que será"⁷⁸. As musas em seu canto ao rememorarem a gênese de tudo, remontam a um passado localizado fora da ordem temporal⁷⁹. Posteriormente Mnemosine aparece associada à *Lethe* (esquecimento), e nesse par introduzem uma doutrina escatológica ligada a história dos indivíduos nas suas sucessivas reencarnações, uma tentativa de atingir o fim do tempo, paralisando a continuidade dos ciclos das gerações⁸⁰.

A perspectiva escatológica grega ao penetrar no universo da tradição e da cultura judaica atingirá uma dimensão coletiva de finalidade salvacionista. No livro da revelação, que é um livro de inspiração cristã, a Salvação se concretiza com o primeiro advento de Cristo. Segundo João, ele se manifestará novamente no dia do Senhor (dia em que o profeta recebeu a revelação), uma menção ao Domingo,

⁷⁷ É o caso, por exemplo, da memória dos índios peruanos analisados por Nathan Wachtel, referente à conquista espanhola. Ver LE GOFF, "História", *op. cit.* p. 193.

⁷⁸ VERNAN, *op. cit.*, p. 109.

⁷⁹ Cf. *Ibid.*, p. 112.

⁸⁰ Cf. *Ibid.*, p. 115.

dia da ressurreição de Cristo. A idéia de tempo e história na perspectiva do profeta invoca simultaneamente todos os tempos, colocados num mesmo plano. Ele escreve num momento conturbado se dirigindo aos oprimidos aconselhando união e fidelidade à doutrina pois os fatos terríveis do presente se explicam pelo acerto de contas num tempo futuro que se avizinha⁸¹.

A alusão aos acontecimentos transcorridos na ordem temporal se localiza na metáfora do dragão vermelho com sete cabeças e dez chifres, simbolizando tanto o Império Romano como Satanás e Nero, seu filho. A cor vermelha lembra o sangue e o fogo, os dois alicerces (riqueza e poder militar) do Império Romano. As sete cabeças coroadas da besta são os sete césores - Júlio César, Augusto, Tibério, Calígula, Claudio, Nero, Galba - e as dez coroas são os dez procônsules que governam as províncias⁸².

Se no *Apocalipse* a finalidade do profeta é a do restabelecimento da memória (da verdade), como mensagem de conforto aos oprimidos e confiança na mudança do contexto, o autor tem que se prender necessariamente às significações temporais. Ao interpretar na sua narrativa a trama dos acontecimentos do presente, o profeta formula questões sobre o vivido, representado alegoricamente para mostrar que o grande mistério é, na verdade, a realidade corruptível,

⁸¹ Cf. FEUILLET, *op. cit.*, p. 64.

⁸² Cf. RENAN, *L'Antichrist*, *op. cit.*, p. 407.

superficial, tornando a própria existência uma aparência, uma ficção, contrariando a realização de uma situação ideal imaginada. Por outro lado, o apego ao presente serve de apoio para a idéia de que a salvação ocorrerá na história e só o cumprimento da história com todas as provações destinadas ao povo, será capaz de conduzir ao fim último⁸³. Isto é, o primeiro advento de Cristo representa uma vitória sobre o Diabo e o espetáculo que se observa na história depois desse acontecimento decisivo é parte dos embates entre o bem e o mal. A vitória do bem se decidiu com o primeiro advento de tal forma que a partir disso é só uma questão de tempo, da espera da Parúsia⁸⁴. A leitura mais superficial dessa doutrina seria capaz de revelar que o controle do tempo já não pertence mais à alçada dos poderosos, impotentes para assumi-lo diante dos desígnios de Deus⁸⁵. Apenas nesses termos vislumbramos no *Apocalipse* uma aceitação da "datidade" do tempo, porque o seu intuito é mostrá-la como resultado de imperfeição, como falso, como

⁸³ "Em um estudo sugestivo (*The wrath of the Lamb*, London, 1957, p.159-180), A. T. Hanson combate esta idéia simplista que no Apocalipse a manifestação da cólera de Deus estaria ligada indissoluvelmente à Parúsia. Ele demonstra, ao contrário, que ela tem lugar no curso da história e, além disso, João a cristianiza vinculando-a à cruz: é, com efeito, derramando seu sangue que o Cristo traz a vitória e é pelo martírio que os cristãos, por seu turno, triunfam." FEUILLET, *op. cit.*, p. 59.

⁸⁴ Cf. *Ibid.*, p. 53.

⁸⁵ "...não são os déspotas totalitários que decidem em última instância sobre o destino dos homens; apenas o Cristo tem em mãos o livro divino dos destinados e é capaz de abri-lo." *Ibid.*, p. 58.

finitude. Ao contrapor o reino totalitário da matéria ao reino do milênio igualitário, o profeta traz a supra realidade da utopia para um *topus* determinado na e pela história.

O tempo presente na perspectiva do profeta já está marcado pelo futuro desde a Ressurreição, entretanto, persiste no livro da revelação a idéia de futuro como porvir⁸⁸, aquilo que virá e que não está posto num tempo demarcado. Em outras palavras, o autor estabelece o prazo de três anos e meio para a duração do mundo, contudo não revela a data a partir da qual esse tempo deve ser contado. A única certeza sobre o porvir é que ele está localizado no fim de um tempo - tempo da iniquidade - e que o início do reino do Bem absoluto se dá com a destruição do Mal. Este paraíso na terra terá a duração de mil anos, isto é, terá uma longa duração.

A cifra dos mil anos foi estabelecida pelos harmonistas (intérpretes que procuravam fazer coincidir os dados dos diversos textos bíblicos) para uma versão do *Apocalipse*, pela combinação de passagens dos salmos levando a crer que um dia de Deus vale mil anos. Na Epístola atribuída a Barnabé está escrito que tendo a criação se realizado em seis dias, do mesmo modo o destino do mundo se fará em seis mil anos (um dia de Deus equivalendo a mil anos). Se para

⁸⁸ Cf. Ernest BLOCH, *Le Principe Esperance*, tomo II, parte IV: *Les épures d'un monde meilleur*, Paris: Gallimard, 1982, cap. 36, pp. 36-216.

criar o mundo ele repousou no sétimo dia, no fim do mundo ele também repousará e assim sendo, o paraíso terrestre terá a duração de mil anos⁸⁷. Cálculo semelhante pode ser encontrado no Zoroastrismo, onde as idades do mundo são contadas por milhares de anos, na espera da chegada de um reino de Salvação.

De qualquer modo, no texto do *Apocalipse* o número mil parece ser uma cifra utilizada simbolicamente como significante de eternidade e felicidade perfeitas. O mil designa um tempo intermediário, que aparece como ruptura no tempo da iniquidade conduzindo em futuro próximo à eternidade, quando então, todos os conflitos serão eliminados.

Como atualmente percebemos o tempo como sucessão passado - presente - futuro, nos é bastante difícil lidar com a descontinuidade do *Apocalipse*. A história contada nesse texto se forma pelo entrelaçamento de diversas histórias, porém nesta justaposição, operação calculada minuciosamente, parece residir a força da narrativa mítica, pois é a condição fundamental para a criação do efeito de acumulação exigido pelo extraordinário⁸⁸. Este extraordinário, como o próprio termo diz, não se encontra na ordem vivida e para que fique em destaque o seu caráter de

⁸⁷ Cf. RENAN, *L'Antichrist*, op. cit., pp. 469-470.

⁸⁸ Cf. Claude KEPPLER, *Monstres, Démons et Merveilles à la fin du Moyen Age*, Paris: Payot, 1980, 348p. Ver sobretudo pp. 187-204.

inédito a imaginação trabalha suprimindo as lacunas deixadas pela flexibilidade do campo semântico. A imagem do futuro, por exemplo, é vislumbrada através da Jerusalém terrestre como prefiguração do paraíso na terra; um lugar de beleza inigualável, luxuoso e tranqüilo, destinado aos "privilegiados". Os sertanejos do Contestado somaram a esta imagem a idéia da chegada de um tempo - o do novo século - quando "as montanhas estariam cobertas de pinhão e de farinha de beiju, onde o leite escorreria pelos rios"⁸⁹.

Em que medida podemos nos assegurar que o mesmo sonho de João fosse sonhado pelos rebeldes do Contestado? Inicialmente, a própria linguagem empregada no texto favorece a transposição das idéias no tempo e no espaço, porque os mitos encarnam verdades paradigmáticas e através da narrativa difundem valores universais que sobrevivem às estruturas temporais. O texto do *Apocalipse* expressa o pensamento em imagens, misturando a realidade à fantasia. Para relatar o que vê no futuro, o profeta lança mão de aspectos conhecidos da realidade tornando visível e perceptível ao ouvinte algo desconhecido. A utilização de periodizações diversas como um campo de referências simbólicas abre a perspectiva de leitura do presente vivido como via de acesso ao virtual. Os primeiros cristãos tomaram contato no livro do profeta, com acontecimentos conhecidos -

⁸⁹ Paulo Ramos DERENGOSKI, *Os Rebeldes do Contestado: a saga dos caboclos expulsos pela ferrovia da Southern Lumber Corporation em Santa Catarina e Paraná*, Porto Alegre: Tchê!, 1987, p. 36.

a memória do cativo dos judeus, a perseguição aos cristãos, a imagem de Nero ligada à cifra 666 - e retiram dessa memória a perseverança. Como a experiência dos martírios no passado é repassada o tempo todo no texto e ainda numa linguagem que seduz pela profusão de imagens, o leitor tem a sensação de reviver ou percorrer a situação descrita⁸⁰. Isto é válido tanto para os primeiros cristãos como para os sertanejos do Contestado, ambos identificados com a narrativa do profeta pela similaridade de vivências.

O fato da guerra derradeira ainda não ter ocorrido, também contribui para uma leitura sempre atualizada sobre o livro do *Apocalipse*. Na memória popular do Contestado, por exemplo, permanece a figura do monge João Maria, um profeta peregrino que difundiu na região o pensamento escatológico do escritor visionário do livro da revelação. Os aspectos mais marcantes do discurso desse peregrino ainda hoje são lembrados graças à transmissão oral de geração para geração das tradições.

⁸⁰ "O fato de que o destinatário, o auditor, já conhece o que lhe é narrado, que até está atento para verificar se o narrador não modifica nenhum pormenor da história, faz destas narrações rituais atos comunicativos de gênero muito particular. Bronislaw Malinowski (1922), falando dos modos como se desenvolve a narração dos mitos nas ilhas Trobriand (Melanésia), refere que os indígenas não expõem, na realidade, o conteúdo integral dos mitos, mas detém-se apenas num certo número de pormenores, nalguns momentos da história (...) Aquilo que a um observador estranho parece ser o acionar de uma cadeia narrativa aparece ao indígena como um modo mais ainda para percorrer, para "descrever", do que para "actualizar", uma estrutura simbólica preexistente e objetivada através da sua repetição ritual". CAPRETTINI, FERRARO, FIROLANO, "Mythos/Logos", *op. cit.*, p. 94.

"Quando João Maria era profeta muito santo que andava aqui na face da terra, pregando as palavras de Deus e da Bíblia, dando conselho pro povo e contando o que nós ia passar e estamos passando e íamos passar na frente. Esse era o São João Maria. Ele dizia o que tá passando tudo aí (...) pregando a palavra de Deus. Com o tempo vem um falso profeta dizendo que é meu irmão, mas o irmão que eu tenho é Deus. Eu moro no Taió, lá onde tem uma igreja.

Ele era um santo que vivia pregando a palavra de Deus e pelo que ele disse tá pertinho do fim do mundo. O fim do século, não do mundo. Jesus disse na Bíblia, no Apocalipse. E disse que quando chegasse a época como essa de agora, que um homem trabalhasse o dia inteiro e não gastasse em bebida, tava pertinho o fim do mundo, tava perto da vinda de Jesus, queimar todos os pecados da terra. Todos os pecadores vai ser julgado e os mortos ressuscitou. Todos os mortos Jesus vai fazer de sepultura em sepultura (...) vai julgar todas nação segundo o número das obras (...) Ele disse e pode ouvir (...) Daí reúne todas as nação - não chega na terra por causa do pecado, fica nos ar - e ali é julgado tudo nós, tudo nós somos julgado, os filho dele, pessoas de idade vai ser julgado. Claro, o que você fez, porque você faz isso.

É como na arca de Noel. Ele fez a arca e só ele que se salvou, ele e a família dele. Que nem agora, as pessoas não acredita, né?

A terra não acaba, o povo se acaba. O que é bom é julgado para ir pro céu, prá eternidade, o que é mal é julgado para ir prá eternidade do inferno. prá nunca mais sair. Daí não tem mais mundo, então ficará glorificada a terra aqui, a terra fica glorificada pros bons. Mas tem que passar a morte. Daí passa a fonte de água viva atravessando um canto do mundo no outro, aquela água é viva porque se você toma uma água daquela não tem morte, não tem sono, não tem grilo nenhum; é o paraíso. Tudo que nós fizemo aqui na face da terra, tudo que nós sabemo já foi (...) Você conhece o que é plantação? Você planta aquilo, você colhe aquilo (...) Quem mata, morre. Os jagunços estavam errados nisso, mas no resto estavam certos. Não foi o fim do mundo, foi uma guerra que deu que morreu mais de 500.000 pessoas (...)

Você carrega a Bíblia? A Bíblia fechada não adianta. Quando fica aberto um livro você entende tudo quanto é coisa.

(...) vai matar tudo nós até se afogar. Vai queimar tudo, vai ter línguas de fogo. O

terremoto é tão grande, tão grande que dizem que não há pedra na terra que fique.

A besta do mar já apareceu. Ela toca um disco na cabeça. É o começo. Esse profeta disse: vai haver uma carência tão grande na face da terra que todo povo vai sair por aí se queixando 'tá tão difícil a vida'. Quando os homem trabalhar um dia inteiro por uma taça de trigo, tá pertinho a vinda de Jesus. E agora o homem trabalha um dia inteiro e consegue o que? Quando tiver pai contra filho, filho contra pai, nação contra nação, rei contra rei, haverá tantos terremotos na face da terra - porque dantes não tinha; não tinha furacão, não tinha tremor de terra, não tinha escuridão, todo mundo sabe...⁹¹

A compreensão da mensagem do livro da revelação não depende de um conhecimento prévio da simbologia, do momento histórico em que teria sido escrito, como comprova a situação na Inglaterra em que as pessoas simples tomavam as palavras da Bíblia para uma aplicação imediata no cotidiano, como ilustra as opiniões de Arise Evans para quem

"o Apocalipse apresentava uma narração da guerra civil inglesa, em seus capítulos VIII e XI, ao passo que os capítulos VIII e IX de Amós contavam tudo o que veio a acontecer desde que se reuniu o Longo Parlamento"⁹².

Naquela época, se discutia o monopólio por uma elite sobre a interpretação correta dos textos da escritura. Para os radicais estava certo que qualquer indivíduo poderia fazê-lo, bastando para isso que "recebesse o espírito, tendo

⁹¹ Depoimento de Maria Eusadina Tibes, Lebon Régis (SC), 19/2/1990.

⁹² Christopher HILL, *O Mundo de ponta-cabeça*, São Paulo: Cia. das Letras, 1987, p. 106.

portanto a experiência íntima que o capacita a compreender o Verbo Divino"⁹³.

A mesma proposição parece válida para a interpretação do problema do Contestado e é curioso observar que trilhando caminhos diferentes, João e os rebeldes sertanejos chegam ao mesmo lugar. Por um lado, temos o autor do *Apocalipse*, preocupado em alicerçar nos números o suporte da simbologia que ele cria⁹⁴. A realidade do futuro exige a recorrência aos números, porque tudo que é material tem um peso e uma medida e a construção da Jerusalém terrestre depende disso. Por outro lado, os números produzem no texto a atmosfera ideal para colocar a chegada do milênio como uma certeza - existe uma contagem do tempo dos personagens comprovando que o visionário detém um completo saber e domínio sobre os dados e acontecimentos mencionados. Numa outra perspectiva ainda, a utilização dos números no livro da revelação suplanta uma destinação meramente quantitativa, pois eles se combinam com o fim de expressar idéias. Assim, para a tradição da qual João é o receptor, o número sete - citado por cinquenta e quatro vezes no livro do *Apocalipse* - é um número perfeito, ligado à idéia de princípio - a criação foi feita em sete dias - exprimindo também a totalidade do

⁹³ *Ibid.*, p. 107.

⁹⁴ "Mas se a eficácia do verbo é grande, a do número a ultrapassa; se a palavra é a explicação do signo, o número é com efeito, sua raiz mais secreta, porque ele é o produto do som e do signo, e portanto é tanto mais forte como mais misterioso". CHEVALIER e GHEERBRANT (orgs.), *op. cit.*, p. 678.

espaço e do tempo (em Zacharias 3,9, sete são os olhos do Senhor que abarcam toda terra). Através dos setenários, João nos introduz numa matemática intrigante. A decomposição do número sete, resulta nos números quatro e três. O número quatro é o signo da terra e representa ainda as quatro virtudes cardinais - prudência, temperança, justiça e força. O número três, signo do céu, simboliza as três virtudes teologais - fé, esperança e caridade. Esses dois números juntos (somados) indicam o caminho para se alcançar o número sete, nesse momento incorporando à idéia de totalidade o fenômeno da mutação ou passagem do conhecido para o desconhecido (do tempo da iniquidade para o ineditismo do milênio). Esses mesmos números deduzidos do número perfeito, postos em outra relação - 4×3 - nos conduzem ao número doze (as doze portas da Jerusalém celeste, as doze tribos de Israel e os doze apóstolos, que são os doze fundamentos da Jerusalém celeste). O número doze é portanto o resultado da combinação do mundo espacial (o número 4) com o tempo sagrado (o número três) colocando a idéia da perfeição na harmonia material e espiritual como unicidade dos opostos complementares. Esse mesmo número é multiplicado por 1000 de tal forma que $12000 \times 12000 = 144000$. A cifra resultante desta operação designa no livro a multidão dos fiéis, porém na ponta do lápis significa a perfeição multiplicada por ela mesma, a plenitude a ser alcançada quando a Jerusalém descer

do céu⁹⁵. Essa matemática elementar, eliminadora de acasos como é, cria uma linguagem em código, potente para atravessar as barreiras geográficas e temporais, balizando o caminho da mudança.

Nesta linha de comunicação temos do outro lado os sertanejos do Contestado. Certamente eles ignoravam o valor numérico atribuído às letras do alfabeto nas línguas grega e semítica através do qual se tornava possível a interpretação simbólica das palavras. Por essa razão, talvez desconhecessem o significado do número 666 como resultado do compito das letras do nome Nero César. Porém esse limite não pode prejudicar uma leitura crítica da passagem 13,18 do livro do *Apocalipse*, onde o profeta procura ser bastante claro: "Aqui é preciso discernimento! Quem é inteligente calcule o número da Besta, pois é um número de homem: o seu número é 666!"⁹⁶ (em grego seria 616, César-Deus; em hebraico 666, César-Neron).

Entre as inúmeras utilizações práticas dos símbolos do *Apocalipse* no Contestado encontra-se a projeção para os inimigos da causa santa das características das Bestas do livro da revelação. Isso parece comprovar que os mitos de uma maneira geral, não têm um valor em si mesmos, mas adquirem um valor pela sua exemplaridade. Assim sendo, a grande metáfora lançada pelo visionário João, cujo tempo e

⁹⁵ *Ibid.*, pp. 365-366.

⁹⁶ Cf. HANI, *op. cit.*, pp. 42-43; e RENAN, *L'Antichrist, op. cit.*, pp. 415-417.

lugar de realização parecem indefinidos, é aquela que traz à baila a todo instante, o arquétipo do Grande Inimigo⁹⁷ - o Diabo, o Mal - ao qual é preciso fazer guerra.

Muitos dos princípios propostos pelo profeta, parecem estar em perfeita sintonia com as atitudes dos sertanejos do Contestado. Existe em ambos os casos a consciência de que a guerra e apenas ela pode constituir o prólogo na história de uma nova era. Como na perspectiva joanina o paraíso na terra é privilégio dos humildes e justos, a eficácia da guerra derradeira implica no princípio primeiro da separação do joio do trigo - os eleitos devem se separar dos ímpios, daí a necessidade de reunião dos fiéis em comunidades com leis próprias. Tal seleção, no Contestado, utiliza como critério a própria divisão da sociedade, entretanto parece prevalecer ao poder econômico uma promessa de compromisso ideológico com a causa santa, na medida em que os maus arrependidos podem se converter à irmandade. O arrependimento é um componente essencial à uma visão escatológica do mundo desde a sua formulação no período de cativeiro dos judeus⁹⁸ e no Contestado vem explicar como é possível coadunar uma proposta e uma atitude revolucionárias pela congregação de indivíduos representantes dos extratos sócio - econômicos mais diversos. Os agrupamentos sertanejos formados à partir do compromisso de todos os seus membros com um mesmo

⁹⁷ Cf. NOGUEIRA, *op. cit.*, p. 5.

⁹⁸ Cf. ELIADE, *op. cit.*, p.30.

objetivo se organizam com a finalidade não apenas de praticar os princípios da igualdade fraterna, mas principalmente de estabelecer um modelo a partir do qual a nova ordem a ser estabelecida num futuro próximo possa ser pensada e planejada. As comunidades são constituídas com o intuito de colocar uma ordem na desordem, corrigindo as imperfeições do mundo, como geralmente se propõem a fazer os sistemas utópicos de tal modo que a crítica ao presente permanece implícita na organização comunal baseada em leis diametralmente opostas às leis da ordem vigente.

O presente numa visão milenarista é interpretado como caótico, em função principalmente de uma distorção moral encaminhada pelos poderosos - no livro da revelação, por exemplo, os reis da terra são recrutados para o exército da Besta. Através da encenação dos mitos, o conflito de classes no Contestado encontra uma expressão ritual, na caricatura imputada ao inimigo, apelidado de besta ou peludo⁸⁸. Como decorrência da alegorização do conflito de classes, a interpretação rebelde da conjuntura político-social se organiza na seguinte equação: regime republicano = Treva = ordem do Satanás = lei dos peludos (nome dedicado aos inimigos). Inversamente, a Monarquia = lei de Deus que é rei = lei dos pelados (eles próprios, os eleitos)

A imagem da nova Jerusalém adotada do livro do Apocalipse pelos revoltosos encontra um paralelo nas

⁸⁸ Depoimento de Foncina Antunes Abrahão, Fraiburgo (SC), 22/2/1990.

comunidades rebeldes. Ambas representam a conjunção do tempo perfeito, com o espaço perfeito, condição *sine qua non* para a configuração do milênio, de tal forma que os rebeldes procuraram seguir a instrução do monge José Maria sobre "levantar uma cidade, onde vivam os seus adeptos"¹⁰⁰. Essa idéia de reunião dos eleitos se fundamenta na crença no Messias como redentor da coletividade no plano político e espiritual que aparece na história universalizando uma lei. Para os judeus, a redenção é prometida para o povo de Israel e com isso se estenderá a toda raça humana¹⁰¹, ao passo que no *Apocalipse* o cumprimento da promessa de felicidade na terra, do bem estar e da perfeição moral, são destinados apenas aos eleitos. De qualquer modo, depois da vinda do Messias o reino milenarista abrangerá toda terra, do mesmo modo, a monarquia sonhada pelos sertanejos assumia uma dimensão universalizante pois diziam que tais modificações já estavam se fazendo no norte do país¹⁰², por isso talvez procurassem integrar toda região sul na Guerra Santa e para isso contactaram antigos combatentes federalistas¹⁰³.

¹⁰⁰ "Notícias dos Estados. Santa Catarina", *O Estado de São Paulo*, 24/1/1914.

¹⁰¹ Joseph KLAUSNER, *The Messianic Idea in Israel from its Beginnings to the Completion of the Meshnah*, Nova Iorque: MacMillan, 1955, p. 9.

¹⁰² "Notícias dos Estados. Paraná", *O Estado de São Paulo*, 26/9/1912; Depoimento de Fabrício das Neves, Irani (SC), 23/3/89.

¹⁰³ O território contestado serviu por anos de refúgio para ex-combatentes federalistas. Os rebeldes do Contestado também fizeram contato com argentinos que auxiliaram na

Em função da clareza de objetivos se chegou a duvidar da opinião geral sobre os revoltosos, a quem era atribuída a denominação de "fanáticos":

"Afirmam alguns entendidos que este movimento é religioso. Não cremos. Se o movimento revolucionário é religioso, então os seus adeptos não são nenhuns ignorantes porque conhecem dois ou mais princípios religiosos e adotam um como o mais verdadeiro. Admitamos mesmo que assim seja; neste caso, então, não sendo eles ignorantes, devam conhecer que no nosso país não há necessidade de propaganda de um ideal religioso à mão armada, porque a nossa constituição republicana dá plena liberdade de culto."¹⁰⁴

De fato, não pode caber à guerra sertaneja transcendentalismos e mistificações¹⁰⁵, sobretudo se admitimos a existência, como procuramos demonstrar, do apego à história como fonte de conhecimento, aliada à memória como "presentificação" do passado e caminho para a leitura do presente. Apenas uma visão parcial das manifestações populares permeadas pelo imaginário milenarista messiânico admitiria a existência de uma linha divisória entre a cultura e a política. Bacon observou acertadamente que

"cerimônias e caracteres, sortilégios, gesticulações,

fabricação de "bombas", Depoimento de João Paes de Farias, Lebon Régis (SC), 20/2/1990.

¹⁰⁴ Theodolino LIMA, "Comentários. A revolução nos nossos sertões", *Folha do Comércio*, 12/10/1914.

¹⁰⁵ ... "mesmo quando o sentido do mito é altamente vital, não se verifica substancialmente nenhum efeito deste fenômeno sobre as capacidades do homem para refletir racionalmente sobre as estruturas da realidade." CAPRETTINI, FERRARO, FIROLANO, "Mythos/Logos", *op. cit.*, p. 75.

amuletos e similares não derivam seus poderes de qualquer pacto tácito ou sacramentado com os maus espíritos, mas servem apenas para exaltar a imaginação de quem os emprega" e, acrescentou "quem desconhece os grandes efeitos que podem advir da diligência e perseverança (principalmente em assuntos civis)?"¹⁰⁶ O recurso à inúmeras formas rituais que aparece no Contestado, tanto quanto em outros movimentos milenaristas, são práticas aplicadas normalmente no cotidiano das comunidades sertanejas suprimindo as demandas tais como necessidade de reconciliação ou vingança entre um e outro de seus membros, promover, através da cura um equilíbrio entre o corpo (matéria) e a alma no meio circundante, fortalecer as fantasias e provocar estados de espírito otimistas quando as soluções aos problemas são uma perspectiva equidistante¹⁰⁷. Quando estas práticas transcendem a esfera de ação pessoal, abrangendo a coletividade, adquirem um aspecto normativo, no sentido de criar padrões de conduta no relacionamento social e, funcionando ao mesmo tempo como um reforço à coesão entre os membros da comunidade que compartilham idéias, costumes e crenças. Um terceiro ponto relacionado às atitudes dos rebeldes balizada por aqueles parâmetros se refere também aos aspectos organizacionais do movimento pois determinadas

¹⁰⁶ Apud. Keith THOMAS, *Religião e o Declínio da Magia. Crenças populares na Inglaterra séculos XVI e XVII*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 205.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 205-206.

práticas terminam por direcionar modos mais eficazes de ação do grupo no meio que lhe parece hostil. Para os rebeldes do Contestado a organização tática dos ataques levados a efeito pelos piquetes chucros estava elaborada sobre ordens em forma de bilhetes como este do chefe Francisco Alonso:

"Eu vos dou ordem e Deus, São João e Maria, vos dão poder para irem 15 homens a casa de João Goeten.

Se lá houver peludos terão de brigar e esbodegar todos eles.

É preciso trazer que encontrar na casa menos dinheiro e respeitar as famílias.

Convidar os homens que tiverem força para nos acompanhar.

Quem for peludo terá que morrer sem perdão.

As casas devem ser queimadas..."¹⁰⁸

A necessidade de manter a coesão interna do grupo estimulando a confiança na vitória e lembrando os objetivos a serem alcançados é um dos propósitos da linguagem e dos rituais criados pelos rebeldes do Contestado. Uma confiança inabalável na vitória era uma das características mais admiradas pelos militares que combatiam os rebeldes. Tal certeza era proveniente daquilo que está escrito no livro da revelação onde o profeta assegura que o bem vencerá ao final de todas as tribulações e a morte se configura para os justos e humildes como uma condição passageira. Os prognósticos desta natureza, se converteram num apoio importante para os "homens de briga", pois acreditando na ressurreição dos companheiros mortos em combate, que apenas

¹⁰⁸ "Notícias dos Estados. Santa Catarina.", *O Estado de São Paulo*, 22/10/1914.

"se passavam", engrossando as fileiras do exército encantado, se dedicavam à luta com um desempenho redobrado. Um oficial das forças atacantes se surpreendeu com a tenacidade dos rebeldes no combate do Taquaruçu e comentou que

"o inimigo parecia zombar das nossas balas, pois continuava impassível nem ao menos se ocultando, fazendo pouco caso das nossas mortíferas armas de guerra! (...) Mais cadáveres apareciam, porém o inimigo não se rendia, mostrando ser um valente defensor de sua posição"¹⁰⁹.

Confiavam na vitória prometida por Deus, "pelas armas contra os inimigos, que não poderiam detonar os seus fuzis, ficando inermes"¹¹⁰.

A essas fantasias cultivadas como meio de afastar o pessimismo e reforçar a persistência muitos compreenderam como fanatismo, isto é, manifestação coletiva alucinada, um despropósito, uma vez que teria como fundo uma interpretação distorcida da realidade, ou mesmo, nenhum vínculo com a realidade, que, em suma, aparentemente sem objetivos estaria desprovida de lógica. Todavia, a investigação do imaginário milenarista do Contestado revela o que estava oculto ou vagamente determinado pela polissemia da linguagem simbólica. Isto é, a multiplicidade de significados contida nos conceitos e rituais sertanejos substancia uma interpretação crítica da história.

¹⁰⁹ "Taquaruçu. O Combate.", *Folha do Comércio*, 25/2/1914.

¹¹⁰ "Notícias dos Estados. Santa Catarina.", *O Estado de São Paulo*, 16/1/1914.

Qual seria para os rebeldes a visão de história garantindo o início do milênio ao final da guerra contra as forças do governo? Inicialmente podemos dizer que os eventos corridos no tempo, tais como as apropriações de terras, a política dos coronéis, a exploração da mão de obra pela empresa ferroviária do grupo Farquard e sua subsidiária Lumber Corporation, são os sinais indicativos do fim dos tempos. Entretanto, isso não significa que a decadência moral subjacente às atitudes capitalistas tenham iniciado o processo de degradação. Afinal, o próprio livro da revelação aponta um outro contexto histórico - o do Império romano - , muito longínquo, quando os valores fraternos e a retidão moral no relacionamento social foram abandonados. Por essa razão se abre a possibilidade de uma comparação entre esses dois momentos históricos tão distintos, porém tão próximos no que tange às atitudes dos poderosos com relação ao restante da sociedade. Tal similaridade não pode escapar à percepção do leitor atento, principalmente quando ele próprio identifica no seu cotidiano os sinais delineados na narrativa do profeta, de tal modo que a mensagem do *Apocalipse* lhe causa a sensação de perenidade da opressão dos fracos no tempo, até os dias atuais, quando todas as adversidades de um passado remoto são revividas. Vejamos, por exemplo, o que dizia a *Carta de Jesus Cristo de 1913*, copiada e recopiada pelos rebeldes e que circulou durante a guerra:

"Carta para dar conselho aos errantes do novo século o qual apareceu no mundo para os pecadores do inferno que estão cometendo grandes erros ninguém adora aos Santos já ninguém tem pena dos necessitados até pela ambição se esquecem de seus próprios pais enfim tão grandes prendas encontrei no povo todo já ninguém ensina seus filhos a ler para instrução dos mesmos vivem cometendo grandes erros pela ignorância e que se não abrir os olhos deste sinal e que nem respeitam os velhos seus familiares que pela brutal não fazem ao menos sacrifício de mandar dar educação aos seus filhos e nem as crianças sabem fazer o sinal da cruz esta carta é cópia de uma carta velha achada em Roma quem tiver esta carta e não crer grandes castigos pode sofrer a 3 de Agosto aparecerá um cometa que terá (...) uma grande peste tanto no povo como na criação em outubro desaparecerá o sol no dia 20 a 22 aparecerá o mesmo e mais adiante os gafanhotos que farão o que já fizeram por tanto filhos cuidem em ter cada um a oração deste meu conselho quem não tiver e não crer mais tarde se arrependerá e tem de dar 100 réis a quem copiar esta oração para dar ao vigário para dizer uma missa para intenção de João Maria e falar ao Senhor Monge trabalheis para dar esmolas aos pobres quem tiver esta oração em sua casa ficará livre de seus erros e castigos de sua família e de seus parentes rezem um Padre Nosso p/ a intenção de João Maria para sempre amém Jesus.

Adiante de Jesus não tem ninguém Deus e testemunha na fé e na terra..."¹¹¹

As mudanças capitalistas introduzidas na região figuram no imaginário popular do Contestado como apenas mais um capítulo na história milenar da opressão e das injustiças, entretanto, como sempre acontece, espera-se com fé que seja o último capítulo. Isto é, quando o profeta narrou o que viu, falou sobre o seu tempo como se fosse o futuro numa antevisão, porém, à partir do momento em que ele narrou o que viu, temos a sensação de que tudo passou (já

¹¹¹ *Carta de Jesus Cristo de 1913*, Arquivo Histórico do Ministério do Exército, sem referência.

foi visto), se consumou. De tal forma que a situação propícia para a vinda do messias se avizinha sempre nos contextos históricos caóticos, de degradação moral, sejam eles capitalista ou qualquer outro.

O milênio igualitário se apresenta como substituto de uma ordem vigente questionada sob todos os pontos de vista e o seu substrato é a participação dos eleitos nos assuntos do reino cujas únicas leis a serem obedecidas são as do amor fraterno e da justiça.

Para os rebeldes do Contestado prevaleceram os ensinamentos do profeta, sobretudo para o entendimento dos caprichos do tempo, postergando e resistindo ao nascimento de uma nova ordem. Entretanto, o que está para acontecer, acontecerá e o profeta sabe que:

"Se alguém está destinado à prisão,
irá para a prisão;
se alguém deve morrer pela espada,
é preciso que morra pela espada.

Nisso repousa a perseverança e a fé dos santos"¹¹².

¹¹² Ap. 13, 9-10. Uma outra tradução possível seria: "se alguém matar pela espada/deverá ser morto pela espada."

CAPITULO II

OS TRES MONGES ITINERANTES

A palavra grega *MESSIAS* ou também *CHRISTOS* deriva da forma aramaica *MESHIHA* e representa não um nome, mas um adjetivo matizado em múltiplas significações¹. Do conjunto dessas significações, uma delas desperta mais vivamente em nossas mentes discernindo os personagens intitulados como messias e se enfeixa na expressão "o ungido". Nas escrituras sagradas o emprego do termo serve a definição de figuras importantes como os reis e sacerdotes que invariavelmente passavam pelo ritual da unção e a partir disso estavam autorizados a assumir na terra a representação da divindade, isto é, o ato da unção sacraliza seres humanos atribuindo-lhes uma origem divina ou mesmo um "pertencimento" à natureza da divindade. No caso dos profetas, também ungidos, não se encontra, porém, naqueles textos, vestígios que nos permitam afirmar que a eles também fosse conferida tal titulação. Apenas verificamos que o sentido original da palavra Messias adquiriu, no correr do tempo, uma significação mais genérica sendo utilizado para designar e homenagear "o escolhido"² e por inferência nos permitimos

¹ Cf. Joseph KLAUSNER, *The Messianic Idea in Israel from its beginning to the Completion of the Mishnah*, Nova Iorque: Mac Millan, 1955, p. 7.

² *Ibid.*, p. 8.

localizar o profeta no rol dos escolhidos já que tal como os antigos oráculos, ele é levado a falar no lugar de outra pessoa³, tornando-se em última instância um conhecedor dos arcanos divinos.

De fato, para o leigo, a imagem do profeta se mistura a imagem de Cristo; identidade possivelmente derivada do papel análogo desempenhado historicamente por estas figuras, observação que parece mais relevante que a verificação do parentesco com Deus. No caso dos monges do Contestado, por exemplo, o imaginário popular teceu inúmeras lendas em torno desses personagens, principalmente com respeito ao monge João Maria, a quem foi atribuído o poder de atravessar os rios sem se molhar e também de estar imune aos incômodos da chuva em seus lugares de pouso⁴.

Finalmente, para nos assegurarmos das similitudes que aproximam estas figuras apartadas no plano analítico nos resta saber quem é e o que faz um profeta.

Antes de mais nada, o profeta é levado por um impulso irresistível, que foge ao seu controle, a assumir tal papel. Ele é escolhido antes. Jeremias, por exemplo, diz: "Tu me seduzistes Yahvé, e eu fui seduzido"...⁵ Na maior parte dos

³ Cf. André-Marie GERARD, *Dictionnaire de la Bible*, Paris: Robert Laffont (Col. "Bouquins"), 1989, p. 1139.

⁴ Depoimento de Firmino Gonçalves Pontes à Tomás Pieters, Fraiburgo (SC) 16/01/1974. Depoimento de Margarida, filha de Generoso Ribeiro, à Tomás Pieters, Fraiburgo, 17/11/1973.

⁵ GERARD, *op. cit.*, p. 1142.

casos, o profeta é aliciado pela revelação dos segredos que lhe aparecem em forma de imagens (visões ou sonhos), mensagens faladas (ele ouve uma voz) ou mensagens inscritas, cifradas, nos acontecimentos do cotidiano. Ao interpretar esses sinais o profeta "decifra o presente, vaticina, exorta, clama pelas exigências da aliança, denuncia a idolatria e a injustiça"⁶. Não raro, pois, percebemos o ensejo de emancipação política e social de um povo na atitude do profeta já que ele se imbuí, entre outras coisas, da missão de anunciar a chegada de tempos melhores para a coletividade. Portanto a esperança milenarista-messiânica que incontestavelmente se estrutura no terreno histórico, toma acento e se sedimenta nas prédicas e procedimentos dos personagens dotados de todos aqueles atributos. Quando não é o profeta, o próprio messias, como encarnação de Deus, aparece no fim dos tempos cumprindo a promessa de felicidade perfeita e, neste caso, não mais para rememorar uma lei, mas para promulgá-la. O messias, nesse contexto, é identificado com o legislador, com o rei e também com o profeta⁷.

⁶ *Ibid.*, p. 1141.

⁷ Cf. Manoel LACUNZA Y DIAZ, *3ª Parte de la Venida del Messias en Gloria y Majestad*, Madri: ed. Nacional, (Col. "Biblioteca de Visionários, Heterodoxos y Marginados, nº 23), 1977, cap.II; segundo este autor a primeira vinda de Jesus se dá para a redenção do mundo, a segunda vinda para o julgamento do mundo, como Rei, porque ele é Filho do Homem. Para KLAUSNER (*op. cit.*, p. 8) "... podemos determinar com certeza que a idéia de salvador e redentor não estava originalmente conectada, de modo algum, com a idéia de 'ungido', mas com a idéia de rei e sumo sacerdote". Ver ainda, J. ZANDEE, "Le Messie. Conceptions de la royauté dans les religions du Proche - Orient

A necessidade humana constante de cristalizar numa idéia ou numa pessoa as expectativas de mudança com relação a situação vivida se configura quase como uma regra anterior mesmo a difusão do cristianismo como doutrina. No budismo, por exemplo, encontramos a coincidência da instalação da Idade do Ouro com a chegada do ultimo Buda; no zoroastrismo, a difusão da crença da chegada de um descendente do profeta Zoroastro, destinado a inaugurar o reino da Salvação², cuja proximidade é inclusive computada por milênios. Tomando por base alguns elementos da seita de Zoroastro temos a seita apocalíptica judaica pré-cristã dos Essênios que compreendia o Paracleto como um anjo e mensageiro de Yahvé - "Príncipe da Luz" ou ainda "Anjo da Verdade". O autor desta crença chegou a ser considerado no seio da comunidade de Qunram como o próprio messias pela sua capacidade em revelar o que se julgava fosse o verdadeiro sentido das escrituras sagradas e também pelo conhecimento antecipado de certos acontecimentos que terminavam por tornarem-se iminentes³. Não é sem certo espanto que percebemos similaridades entre a

ancien", *Revue de l'histoire des religions*, 180 (1), jul.-set. 1971, pp. 1-28.

² Cf. Henri DESROCHE, *Dieux d'Hommes. Dictionnaire des Messianismes et Milénarismes de l'Ère Chrétienne*, Paris/Haia: Mouton, 1969, pp. 11-12.

³ Cf. Mircea ELIADE, *História das Crenças e das Idéias Religiosas*, tomo II, *De Gautama Buda ao Triunfo do Cristianismo*, vol. 2, *Das Provações do Judaísmo ao Crepúsculo dos Deuses*, Rio de Janeiro: Zahar, pp. 120-126; Hugh SCHONFIELD, *A Odisséia dos Essênios*, São Paulo: Editora Mercúrio, 1991, 211 p.

seita dos Essênios e a situação do Contestado¹⁰, pois entre os manuscritos a nós legados por aquela seita encontra-se o "Rolo da guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas" que trata da guerra derradeira entre o Espírito da Verdade e o Espírito da Maldade, culminando na cessação do conflito primordial no qual o mundo se vê mergulhado. Através desses exemplos registramos que a espera do bem está indissoluvelmente ligada a idéia do Salvador permanecendo viva através dos tempos em doutrinas consideradas incongruentes umas com as outras.

O profetismo aparece então, desde tempos remotos, como um momento intrínseco e também subsequente às referências históricas milenaristas-messiânicas. Não importa o personagem que incorpore, o profeta sempre se imbui da missão de restaurar o elo entre os homens diante dos acontecimentos. Ele é o espelho no qual os seus semelhantes se miram para se situarem e se integrarem relativamente às coisas exteriores diante das quais os homens se julgam impotentes para explicar ou mesmo suportar e que nestes termos convertem-se em motivo de permanente insatisfação. A esperança divulgada pela palavra do profeta se planta neste contexto, como o recurso em última instância dos desesperados. Ela representa o aqui e o agora e, ali onde a

¹⁰ Cf. Maurício Vinhas de QUEIROZ, *Messianismo e Conflito Social. A guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916*, São Paulo: Atica (Col. "Ensaio", nº 23), 1981, p. 257; e Aujor Avila da LUZ, *Os Fanáticos. Crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*, Florianópolis: IOESC, 1952, p. 68.

palavra parece insuficiente, o ato é o complemento necessário à performance do profeta. Um exemplo clássico da importância do gesto simbólico nestes modelos de contestação engendrados pela mensagem profética é a passagem bíblica em que o profeta Jeremias quebra o vaso às portas de Jerusalém, com o intuito de provocar e não apenas anunciar a derrocada da cidade¹¹. Quando o discurso cede lugar ao ato simbólico, vislumbramos na atitude do profeta o desejo de "realizar a revelação, usando como recurso um signo concreto, de fácil apreensão servindo como exemplo ou prova que anunciam um acontecimento futuro, iminente¹².

O tipo de vínculo que poderíamos estabelecer entre os antigos profetas e os monges do Contestado permanece uma incógnita, embora a demonstração "de uma maior ou menor rejeição do modelo cultural no qual estivessem inseridos" - traço marcante da personalidade de boa parte dos antigos profetas - , seja o primeiro indício de que aí existe uma ponte. De qualquer maneira, os monges do Contestado teriam cultivado o desejo de uma aproximação com os personagens bíblicos mais importantes, manifestado na auto-produção de uma imagem física destacando as semelhanças com aquelas figuras. A visão dos monges sobre os profetas é estereotipada na magreza, na longa barba e nos cabelos

¹¹ Cf. Adolphe LODS, *Les Prophètes d'Israel et les Débuts du Judaïsme*, Paris: La Renaissance du Livre (Col. "l'Evolution de l'Humanité"), 1935, p. 59.

¹² GERARD, *op. cit.* p. 1140.

compridos, criando o efeito da figura do ancião que é reconhecidamente o emblema da experiência e do saber. E, os monges do Contestado não foram os únicos a se comportarem dessa forma, porque os profetas itinerantes da Itália do século XVI se inspiraram na iconografia corrente na época, de São João Batista e do profeta Elias para compor suas imagens. A identificação com Elias, por exemplo, tomado como uma das testemunhas do Apocalipse, "permitia que através da imagem transparecesse uma alusão escatológica"¹³.

O olhar público sobre as características físicas do profeta põe a nu os seus atributos. Sobre os monges então, é permitido que se conheça tudo imediatamente - os seus princípios e propósitos - e ao mesmo tempo nada - suas origens, seus verdadeiros nomes, se têm residência fixa e onde seria. E, parece que todo esse lado obscuro, misterioso, sobre as suas vidas, compõe a imagem que eles próprios fabricaram acerca dos antigos profetas, a respeito dos quais muito pouco nesse aspecto chegou até nosso conhecimento.

A denominação de monge também não se sabe ainda como passou a ser empregada no Contestado. O nome monge, segundo o livro do Tombo número dois da Paróquia de Santo Antonio da Lapa datado de 1769 a 1884 é utilizado para designar um lugar, a Serra do Monge, onde existe uma gruta, a Gruta do

¹³ Cf. NICCOLI, O., "Profezie in Piazza. Note sul profetismo popolari nell'Italia del primo cinquecento". *Quaderni Storici. Religioni delle classi popolari. Interventi su ricerca storica*, (41), 1979, pp. 500-539.

Monge. O nome antecede a passagem pela região de João Maria, primeiro profeta do Contestado, que habitou a gruta por pouco tempo nos anos de 1840 e 1850.

João Maria D'Agostinis é o nome que aparece registrado no livro de estrangeiros do ano de 1844, na prefeitura de Sorocaba. Proveniente de Turim (Itália), quarenta anos de idade, este homem dizia ter chegado para viver como "ermitão solitário"¹⁴. Possivelmente esteve ligado a alguma ordem religiosa, pois vestia habito e justificava sua peregrinação como meio de exercício de seu ministério¹⁵, porém a confirmação de tal hipótese se inviabiliza pela análise das fontes disponíveis, pobres em informações dessa natureza. Entretanto, não podemos desprezar o fato de que durante a sua estada na Lapa o monge recebeu autorização do vigário local para pregar na Matriz¹⁶. Se era de fato um religioso, ninguém ousou afirmar mas, o que se sabe é que João Maria imitava o estilo de vida dos antigos monges eremitas que também se retiravam habitando grutas ou elevações, onde procuravam desenvolver uma existência virtuosa. Nisso também foram copiados pelo nosso peregrino cujos hábitos de vida lembravam os dos antigos ascetas pois

¹⁴ Aramis GORNISKI, *Monges. Vidas, milagres, histórias, lendas*, Lapa (PR): Editora Gráfica Nossa Senhora Aparecida, 1980, pp. 42-43.

¹⁵ Cf. Juvenal Borges da SILVEIRA, "Quem foi o Monge Maria de Agostinis?", *Blumenau em Cadernos*, (16), 1975, pp. 33-35.

¹⁶ Cf. GORNISKI, *op. cit.*, p. 8.

"dormia em chão de pedras, sobre taboas, alimentava-se de frutas e dádivas dos moradores. Bebia só água pura e fria, retirada da fonte. (...) Passava longas horas em oração êxtase, fugindo ao convívio dos homens para se aproximar de Deus"¹⁷.

Ao que tudo indica, o monge possuía considerável conhecimento dos textos bíblicos ou então, uma maneira pessoal de interpretação da palavra revelada. De qualquer maneira, o que parece irrefutável é que o povo da Lapa passou a venerar a gruta onde o monge se instalou, lugar onde havia uma fonte a qual a população atribuía virtudes mágicas, mesmo antes do monge tomar o lugar como morada.

Rosto comprido e claro, cabelos longos e barba grisalha, o monge fazia penitência submetendo-se às intempéries, pregava a humildade e ensinava remédios para as pessoas da localidade e outros que vinham visitá-lo. Todos os dias ao entardecer costumava dirigir orações públicas. Ensinava à população como utilizar-se de plantas e raízes para a cura dos males, advertindo sempre que a fé em Deus era o complemento necessário para a eficácia do remédio.

Apesar de ser considerado como um "homem bom, pacífico, embora misterioso"¹⁸, cuja intensão principal era "estimular a fé, sem atos que o condenassem, sem heresia ou cisma"¹⁹,

¹⁷ SILVEIRA, *loc. cit.*

¹⁸ GORNISKI, *op. cit.* p. 44.

¹⁹ SILVEIRA, artigo citado, p. 34. Ver também Oswaldo R. CABRAL, *João Maria. Interpretação da Campanha do Contestado*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, (Col. "Brasiliiana", vol. 310), 1960, p. 111.

sua presença na região provocou o receio das autoridades que temiam efeitos nefastos de seus ensinamentos para a ordem estabelecida²⁰. Esta conduta das elites parecia uma regra no Contestado, pois o que se temia, na verdade, era a reunião de gente²¹. No caso do primeiro monge João Maria, sabemos que depois de inúmeras pressões, as autoridades conseguiram fazer com que ele partisse da Lapa no ano de 1855. A partir desta data nada mais se soube dele nesta localidade e o povo permaneceu na expectativa de seu retorno.

Sobre o itinerário seguido por João Maria D'Agostinis há o relato de Hemetério Velloso da Silveira²² que percorreu naquele tempo as regiões mais longínquas do Rio Grande do sul, recolhendo dados sobre a população, os costumes, a formação das cidades, e outros elementos importantes, que nos aproximam do modo de vida e dos valores preservados pela população da região sul do país no século passado. Por meio dessa fonte pudemos conhecer o destino do monge que saído da Lapa dirigiu-se ao Rio Grande do Sul, sendo preso em Botucaraí-Campestre, interior de Santa Maria. Dali fora levado para Porto Alegre e remetido em seguida para o Rio de Janeiro onde permaneceu pouco tempo, retornando à Sorocaba (SP), lugar por onde já havia passado no início de sua

²⁰ Cf. GORNISKI, *op. cit.* p. 13.

²¹ Cf. *ibid.*, p. 22; e CABRAL. *op. cit.* p. 193.

²² Cf. Hemetério José VELLOSO DA SILVEIRA, *As Missões Orientais e seus Antigos Domínios*, reed., Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1979, pp. 157-159.

peregrinação quando morava na Gruta de Ipanema, situada próxima a cidade. Vizinha à gruta, havia a fábrica Mursa, de onde era possível ouvir o monge cantar em "altas vozes" as orações. A empresa não chegou a molestar o ermitão, porém os operários zombavam da cantoria do ancião. Ali permanecera o monge até que numa manhã do ano de 1875 a gruta amanheceu vazia, havendo sinais de sangue sugerindo a alguns que o eremita fora vitimado pelas garras de uma onça²³.

Ao que nos informam os relatos, a peregrinação de João Maria D'Agostinis teve início em São Paulo (Sorocaba) de onde partiu rumando para a fronteira do Paraguai, mas de lá fora "obrigado a sair"²⁴. Tomou então uma canoa para atravessar o rio Paraguai e a Lagoa Iberá e trilhou à pé o território das Missões Correntinas, chegando ao extinto povo de São Tomé. Desceu, então, pelo rio Uruguai, parando em São Borja, onde foi bem recebido. Dali percorreu à pé mais de 580 km até o Cerro de Botucaraí, regressando logo para o Campestre, em Santa Maria, local por onde já havia passado uma vez. Em Campestre tomou como morada um Cerro elevado em cuja base havia uma fonte de águas cristalinas consideradas pelo monge de teor curativo. Com a ajuda de seguidores e com os fundos provenientes de esmolas, o monge construiu uma ermida no alto do Cerro. Ali fora instalada uma imagem de Santo Antão pertencente aos povos das missões. Este Santo,

²³ Cf. SILVEIRA, artigo citado p. 35.

²⁴ Cf. VELLOSO DA SILVEIRA, *op. cit.* p 157.

também conhecido por Antonio, o Grande, fundou um mosteiro no Egito (em Como) de onde partiu acompanhado pelos monges com o fim de engrossar as fileiras católicas em combate com os sarracenos. Em homenagem ao Santo, o monge João Maria D'Agostinis instituiu um culto que se realiza todos os anos em 17 de janeiro. Para isto construiu em lugar plano, na base do Cerro, a Capela de Santo Antônio, para onde a imagem é levada no primeiro dia da primeira novena e permanece até o final dos festejos, quando retorna em procissão para a "tristonha ermida no cimo do Cerro"²⁵. Hemetério Velloso da Silveira afirma que a festa é bastante concorrida, porém duvida que tivesse no princípio o aparato religioso e também o profano introduzidos posteriormente e justifica sua opinião dizendo que o coitado do monge "teve que deixar o Campestre, fugindo perseguido pela polícia, sem que se conhecesse outras notícias dele"²⁶.

João Maria D'Agostinis adquiriu fama rapidamente no curto período de sua estada em Santa Maria por volta de 1847 e 1848 chegando a ocupar as páginas de jornais cariocas e de outras capitais importantes na época, quando muitos se impressionaram com o fato de um monge que "no pleno século das luzes, estabeleceu, por sua conta e risco, uma missão e operou milagres"²⁷.

²⁵ *Ibid.*, p. 158.

²⁶ *Ibid.*

²⁷ *Ibid.*, p. 461.

Uma carta deixada pelo monge, contendo instruções muito claras sobre o modo de realização e a finalidade do culto ao Santo no Campestre nos ajuda a compreender a importância assumida pelo profeta no seio de uma comunidade:

"Aos dos Campestres

Saúde eterna em Jesus Cristo nosso único Salvador.

Eu confirmo o Sr. Américo no seu emprego de Procurador do grande Santo Antonio Abade. Este grande Santo solitário nos desertos do Egito é protetor dos animais cavalares e contra as cobras e animais ferozes, protetor do fogo divino e material. Confirmo ao dito procurador em todo tempo de sua vida, não havendo motivo imposto dele, se deve ter por um dos mais dignos.

Os doze zeladores, já assinalados por mim, tem a faculdade de fazer o mesmo procurador com maior voto de todo povo do Campestre. Assim mesmo podem por outro imposto de algum que possam faltar dos doze ou também de 1 dos 2 ajudantes do procurador, tendo justo e reto motivo. O superior dos 12 zeladores deve congregar seus companheiros em presença do povo em cima do cerro, averiguada a negligência, imperícia ou maldade do procurador ou um desses mesmos 12 zeladores ou 1 dos 2 ajudantes, ponham outro em seu lugar, o que Deus seja servido em sua misericórdia. O Procurador tem de sua obrigação de ter limpo o lugar do santo e o lugar das águas santas e o caminho da via-sacra, cuidar com esmero as esmolas do santo, porque o que sobeja se deve repartir com os mais pobres enfermos do lugar e dos mesmos concorrentes, deve vigiar pela maior tranqüilidade e santidade do povo, que estiver na ramada (?), como rezar o santo rosário a noite e de madrugada, cantar os cânticos àquele Senhor, que faz tantas maravilhas em favor dos pobres e arrependidos pecadores.

O Procurador, em caso de necessidade pode tomar para seu sustento uma ou duas patacas cada dia, das esmolas do Santo: oxalá que tal necessidade não tivesse de tomar nada, porque nenhum Procurador deve ser por interesse, deve trabalhar para ganhar sua vida, porque a comida e o Paraíso não é feito para os preguiçosos. Portanto nenhum Procurador deve utilizar-se do

que tem em depósito do Santuário, e é certo que o negligente e mau Procurador que procurar para si mesmo e não pelo Santo se faz a si mesmo um tesouro de maldição eterna, por haver dissipado o que devia aumentar. Judas também era Procurador infiel e injusto, por isso chora e chorará eternamente; e por isso quisera que o Procurador do Santo estivesse justo e vigilante e preparando-se para haver glória eterna no Céu, prêmio da sua fiel vigilância. A capela se há de fazer em cima do cerro e em baixo de uma ramada para concorrência do povo: na 1a. Cruz podem fazer um Cemitério. O Sr. Marafigo ou o Sr. Isidoro seja o superior dos 12. Cada um dos 12 vigilantes deve vigiar por sua parte sobre os malviventes, como os vagabundos, os ladrões de cavalo ou outras coisas, etc. Também devem vigiar sobre malvados fabulosos negociantes da água santa, que além de venderem injustamente desta dita água santa, em lugar desta, dão outra de qualquer rio. Oxalá que os magistrados das províncias tomassem a si mesmos e justo encargo um severo e público escarmento ao demais. A festa do Santo há de ser a 17 de janeiro com a pompa maior possível, com sua Missa e Prática, podendo ser. Podem levar em procissão o Santo do Melhor modo possível, no mesmo dia. Se carneará a custa das esmolas para os pobres do lugar e concorrentes e devotos empregados do mesmo Santo.

Bastante seja a comida e nenhuma bebida de licores. Depois dos justos e prudentes gastos da festa, há necessidade cuidar da Capela honradamente, prudente e decente do Santo. O demais deve-se repartir com os pobres do lugar e concorrentes. Os vigiladores sejam muito exatos em observar os referidos nesta carta, e por isso que o Procurador deve ter 3 chaves do cofre das esmolas, uma para cada um indivíduo, que é uma para o Procurador, as outras para cada um dos 2 suplentes, abrindo-se o dito cofre devem presenciar os ditos suplentes, e que público seja o gasto e a entrada das mesmas esmolas. Portanto em Jesus Cristo vos rogo, que executeis o referido fielmente para que Deus vos pague eternamente, e os contraventores assim mesmos atribuir deverão o castigo merecido do Céu."²⁸

²⁸ *Ibid.*, pp. 461-463.

Sobre esta carta Hemetério Velloso da Silveira acrescenta a seguinte informação:

"Por letra de quem escreveu estava - João Maria de Agostini Solitário Eremita do cerro do Campestre de Santa Maria da Boca do Monte e do cerro de Botucaraí de 1849. A margem, porém desse amarelecido papel de Holanda está o fac-símile do solitário em letra quase indecifrável *joannes mã de agostini, Solit. erem. de botucaraí.*"²⁹

Por volta de 1895, já se tem notícia no Alto da Lapa do segundo monge, que a população local não tomou por uma segunda pessoa, mas como sendo o mesmo monge que havia partido em 1855. Este João Maria de Jesus ou João Maria de Santo Agostinho, conhecido também e simplesmente como São João Maria tinha como nome verdadeiro Anastás (ou Anastasis) Marcaf e dizia-se ser de origem francesa ou síria. Mas o pároco local, um franciscano de origem alemã chamado Rogério Neuhaus, narrou um encontro seu com o monge, observando que o seu sotaque sugeria uma origem espanhola ou italiana³⁰. Apesar disso frei Rogério descartou a possibilidade de tratar-se do primeiro monge à quem faltavam dois dedos na mão esquerda, defeito que não notou nesse segundo João Maria.

Há uma lenda que corre na região das Missões em território argentino, verossímil com as lendas do Contestado em torno deste personagem, levantando hipótese sobre uma

²⁹ *Ibid.*, p. 463.

³⁰ Cf. GORNISKI, *op. cit.*, pp. 37-38.

possível origem deste segundo monge. Naquele território se conta a história de um capitão de um vapor italiano naufragado em 1867 e sendo o único sobrevivente teria prometido fazer penitência por trinta anos. Ao aportar em território argentino o capitão escalou um morro cravando o seu cajado no topo, onde imediatamente brotou uma fonte de águas cristalinas, fato que julgou miraculoso e por isso teria considerado como um sinal de Deus para indicar aquele lugar como morada. Ali permaneceu o penitente, pregando o Evangelho e ensinando remédios caseiros preparados com as ervas da região e logo o lugar ficou conhecido como o Cerro del Monge para onde a população se dirigia em busca de conselhos, das propriedades curativas da água da fonte e dos remédios do monge³¹.

O povo conta que ao término dos trinta anos o monge se foi, dirigindo-se ao Brasil. O naufrágio ocorreu em 1867, portanto ele teria partido em 1897, data que coincide com a da passagem do monge João Maria pelo Rio Grande do Sul. Muito embora não exista nada além dos relatos levantando uma hipótese sobre o monge del Cerro tratar-se, na verdade, de Anastás Marcaf, o fato é que a descrição física desses dois personagens coincide, bem como as crenças e cultos populares difundidos no Brasil e na Argentina em torno desses monges³².

³¹ Cf. Fritz FREYTAG, "Cerro del Monge - João Maria?", *Blumenau em Cadernos*, (20), 1979, pp. 95-97.

³² Cf. *Ibid.*

Uma outra versão sobre as origens deste segundo profeta parece ter sido publicada pela revista Panorama no ano de 1929, em artigo de autor anônimo. Esta versão foi citada por Aramis Gorniski³³ em seu livro e o resumo é este: segundo alguns, João Maria teria nascido na Galiléia em começos do século XIX e seu nome em hebraico seria Johannah Jeshona. Aos vinte anos teria raptado uma muçulmana e convertera-se ao islamismo. Teria abandonado fé, família e pátria para residir com ela em Alexandria. Ali combatera sobre as ordens de Murad-Rey. Depois que soube da morte da esposa, por quem fora muito apaixonado, voltou à Palestina, onde recebera a visão de Paulo, o apóstolo, e a partir disto consagrara sua vida à pregação do bem e do cristianismo.

Evidentemente, aí não reside uma verdade histórica. Esse tipo de conto se assemelha aos Exempla medievais, que misturando fantasia e realidade continham um fundo moralizador. Anastás Marcaf sofreu uma punição severa - a perda da esposa - por ter se convertido ao islamismo. Essa função educativa dos contos parece ter se originado com o cristianismo e os apóstolos que, contrariamente aos profetas mais antigos, exerceram um papel pedagógico e missionário.

Há algo de curioso nessas duas histórias. A primeira é uma mescla de fantasia e realidade elaborada sobre fatos conhecidos da vida do primeiro monge. Entretanto, por um desencontro de datas elimina a possibilidade de tratar-se de

³³ Cf. GORNISKI, *op. cit.* pp. 30-31.

João Maria D'Agostinis. Através da lenda houve uma transferência para o segundo monge da história do primeiro. Mais interessante ainda parece a segunda lenda onde estão embricadas as figuras de Santo Antônio, João Maria D'Agostinis e São João Maria.

Informações desencontradas dificultam a individualização dos peregrinos do Contestado.

"O Cônego João Pedro Gay na sua História da República Jesuítica à pagina 345 afirma que este ermitão (D'Agostinis) estacionara no sonhado Campo das vacas brancas, perto do Cerro Pellado (...) onde existe ainda o chamado Serro do Monge"³⁴.

Hemetério Velloso da Silveira, por seu turno, duvida de "que esse eremita estacionasse em paragem tão deserta e então inabitada" e informando sobre um João Maria falecido em Araraquara (SP), em 1906, com mais de cem anos de idade, se interroga:

"Seria esse, o que tanto deu de falar de si, em todo o Rio Grande do Sul? Seria esse o devoto servo de Santo Antônio no Campestre de Santa Maria?"

"Os jornais que deram notícia do citado macrobio, nada esclarecem; mas quem conhecer o passado do ermitão do Campestre, talvez, por indução ouze afirma-lo"³⁵.

A única coisa mais concreta que nos chega sobre a história de Anastás Marcaf é o relato que ele próprio fez ao frei Rogério, revelando que teria se criado na Argentina, mas dizia ter nascido no mar e que há onze anos recebera em

³⁴ VELLOSO DA SILVEIRA, *op. cit.*, p. 163.

³⁵ *Ibid.*, pp. 163-164.

sonho a ordem de caminhar quatorze anos pelo mundo, sem comer carne às quartas, sextas e sábados e sem pousar em casa alheia³⁶. Os seus hábitos alimentares restringiam-se a frutas, queijo e leite, consumidos por ele, quando oferecidos, em porções reduzidas. Nunca pedia nada a ninguém, recusando pagamento pelas curas que fazia e mesmo pousada, preferindo dormir ao relento. Era um ancião de barba e cabelos longos que realçavam além de sua magreza, uma tristeza no olhar. Cobria-se com vestes pobres; um paletó de riscado de algodão e calças curtas revelando os cordões da ceroula. Sobre a cabeça usava um gorro de pele, em torno do pescoço um colar de lágrimas de Nossa Senhora e nos pés alpercatas de couro feitas por ele. Os seus únicos pertences consistiam do chimarrão, uma guampa para beber água, uma lata para comida, além de uma imagem de Nossa Senhora da Abadia, protegida numa caixinha usada como oratório³⁷.

Aramis Gorniski citando outra fonte, nos fornece uma descrição mais viva deste segundo monge:

"Meio de estatura, com seu nodoso bordão, o seu boné de pelos, alforge a tiracolo, mala de panos, alpercatas, roupas decentes, velho manto de pedaços de cobertor, vestes comuns e limpas, cachimbo pendente da boca irônica, olhos claros e vivos, encravados em órbitas fundas, nariz fortemente adunco, cavanhaque fino, longos

³⁶ Cf. QUEIROZ, *op. cit.* p. 52.

³⁷ Cf. Brasil GERSON, *Pequena História dos Fanáticos do Contestado*, Rio de Janeiro: MEC (Col. "Os Cadernos de Cultura"), 1955, p. 5.

cabelos crespos, orelhas atochadas de cabelos, dava no conjunto a impressão do tipo judaico"³⁸.

Perambulando com sua trouxinha de pano às costas e apoiado num bastão de dois metros de comprimento, por onde passava, cativava a simpatia dos humildes, muitos dentre estes desejando abdicar dos seus afazeres para acompanhar o monge em sua missão. O peregrino entretanto, procurava se esquivar da companhia alegando que "o homem é bom, mas os homens são maus"³⁹ e ademais, a reunião em torno de sua pessoa "prejudicava o trabalho de cada um". Demonstrava ter conhecimento dos lugares mais recônditos daquelas serras, pois era visto em toda parte e corria o boato de que podia atravessar os rios sem se molhar, poder atribuído somente a Jesus numa passagem bíblica. Assim, o profeta João Maria foi considerado pela população do Contestado como sendo o próprio Cristo e mais uma vez no imaginário popular do contestado nos defrontamos com a superposição da imagem do Messias com a imagem do profeta. Todavia, houve também quem o tomasse pelo "grande Santo, o São João do Evangelho que não pode morrer"⁴⁰.

Inspirando-se nos acontecimentos revelados no *Apocalipse* de São João, o monge difundia uma pregação

³⁸ Apud. GORNISKI, *op. cit.* p. 36.

³⁹ C. GAERTNER, "O Misticismo Religioso do Contestado", *Blumenau em Cadernos*, (15), 1974, p. 248.

⁴⁰ J. O. PINTO SOARES, *Guerra em Sertões Brasileiros. Do fanatismo à revolução, da revolução ao acordo*, Rio de Janeiro", Papelaria Velho, 1931, p. 18.

apocalíptica identificando a República com a ordem do Demônio e a Monarquia com a ordem de Deus, advertindo que o fim do mundo se aproximava precedido por uma escuridão de três dias, pragas de gafanhotos e epidemias de chagas, castigos dos quais nenhum ser estaria isento, por isto aconselhava que todos fizessem penitência⁴¹.

Frei Menandro Kamps entre um misto de indignação e resignação escreveu que João Maria "profetizava a próxima e santa guerra de São Sebastião, além de pragas de gafanhotos, fome, eclipses (...) que atingiriam só os ímpios ..." ⁴² e que a próxima volta da Monarquia se daria depois de terminada a Guerra de São Sebastião. "E assim falava de acordo com o sentir do povo, que debaixo do manso regime do imperador quase não pagava impostos..." ⁴³ Tal vaticínio destemperava também o pároco local que repreendeu asperamente a atitude do monge recomendando em tom grave que não exercesse os sacramentos tendo recebido o seguinte como resposta: "Jesus disse à São Pedro que o mundo havia de existir mil anos, mas não outros mil", tudo isto "num tom que lembrava o dos milenaristas medievais europeus" ⁴⁴.

⁴¹ Cf. QUEIROZ. *op. cit.* pp. 61-62.

⁴² frei Aurélio STULZER. *A Guerra dos Fanáticos (1912 a 1916). A contribuição dos Franciscanos*, Petrópolis (RJ): Vozes, 1982, p. 31.

⁴³ *Ibid.*

⁴⁴ QUEIROZ, *op. cit.*, p. 62..

Sobre sua estada entre os combatentes maragatos da Revolução Federalista, sabe-se que tocou os feridos com a bandeira do divino⁴⁵ e ter dito apoiar a causa não pelos maragatos, "mas pela justiça, e Deus manda que se sofra com os que sofrem"⁴⁶. Depois disso anunciou grandes calamidades com o advento da República, aconselhando a todos que plantassem cruzeiros às portas de suas casas como precaução.

Ao saber da morte de Gumerindo Saraiva, recusou-se a acreditar dizendo com sotaque que quem "estava morrido" era Pinheiro Machado e que Gumerindo Saraiva marchava para Porto Alegre acompanhado por um exército de anjos⁴⁷. Talvez por influência da Revolução Federalista e dos relatos bíblicos sobre o fim do mundo, este profeta tenha preconizado a Guerra do Contestado, anunciando que chegaria o tempo em que pragas de gafanhotos assolariam os campos e que pestes desconhecidas se alastrariam deixando "muito pasto e pouco rastro"⁴⁸. A se julgar pelo modo metafórico como os profetas divulgam suas mensagens, o símbolo do gafanhoto estaria associado à serraria Lumber e outras que iniciando um desmatamento sem precedentes na região

⁴⁵ "(... durante a época do ano em que se preparava a coroação do Imperador do Divino, costumava-se *passar* a bandeira até mesmo no lombo dos cavalos de corrida, para dar sorte, e também no leito das prostitutas.)". QUEIROZ, *op. cit.*, p. 51.

⁴⁶ GORNISKI, *op. cit.*, p. 23.

⁴⁷ Cf. *ibid.*, p. 37.

⁴⁸ QUEIROZ. *op. cit.* p. 61.

provocaram, além da seca, fenômenos naturais interpretados pelo povo como um dos sinais do fim dos tempos⁴⁹.

Os lugares onde o monge pernoitava eram considerados sagrados e o povo se apossava das cinzas de seu fogo, bem como das folhas e cascas de árvores onde havia se recostado, para fazer remédios, geralmente considerados infalíveis.

"...cada lugar onde João Maria pousava, os fanáticos erguiam uma cruz feita de "aroeira", árvore que podada e fincada como estaca na terra brota muito facilmente.

Assim é que os caboclos vêem nisso um milagre do Santo, porque a cruz depois de quarenta dias começa a brotar...

É bom que se diga: não somente os pobres e ignorantes caboclos que isto fazem; gente rica, fazendeiros abastados conhecemos fazendo uso da tal "vassourinha"⁵⁰.

Como não gostava de ajuntamento permanente em torno de si, antevendo talvez possíveis represálias das autoridades, o monge às vezes se refugiava no Morro do Taió, em Santa Catarina, considerado pelos caboclos como lugar encantado, motivando muitas lendas. O imaginário popular do Contestado

⁴⁹ "Há uma lenda em que ninguém pode afirmar que ele disse, era que havia de vir uns gafanhotos com dentes e asas de aço, isto parecia impossível, mas o fato é que os gafanhotos estão aí há já muitos anos, que começaram em Três Barras, e tendo se espalhado por diversos Estados onde tinha pinheirais, imbúia e estão já muito devastados. Os gafanhotos são os serradores, e em consequência veio a grande seca de quase dois anos, e muitas epidemias." Alfredo de Oliveira LEMOS, *A História dos Fanáticos em Santa Catarina e Parte da Minha Vida Naqueles Tempos - 1913/1916*. Passo Fundo (RS): Berthier, s.d., p. 82.

⁵⁰ "O Monge. A propósito do caso de Curitibanos. Divagando através dos fatos. Episódios interessantes ligados à vida peregrina do monge. Um novo narrador. O que diz ele." *Folha do Comércio* (Florianópolis), 4/10/1912.

parece não fugir à regra de instituir lugares fantásticos, geralmente aqueles cuja beleza extraordinária e impenetrabilidade se opõem aos lugares comuns da vida cotidiana⁵¹.

Por volta de 1908 o monge partiu, assim como chegou, misteriosamente, e as pessoas da região acreditam até hoje que ele se recolheu ao Morro do Taió, onde vive encantado e que voltará um dia "para pôr tudo em ordem"⁵². Mas o certo é que João Maria presenciou antes de sua partida os conflitos armados de 1905, envolvendo a questão de limites na zona contestada entre os estados do Paraná e Santa Catarina, lugar por onde passou aconselhando aos moradores que tivessem paciência. A região em questão compreendia os vales do Timbó e do Paciência, ricos em ervais nativos, de tal modo que as disputas não giravam em torno apenas da posse territorial, mas sobretudo para alcançar o direito à exploração das riquezas naturais e à cobrança de impostos sobre os negócios do mate já em desenvolvimento na região⁵³.

A disputa entre os dois estados para o domínio da área causou uma ocupação violenta dos terrenos porque "enquanto os catarinenses pretendiam alcançar a margem esquerda do

⁵¹ Cf. Michel Meslin, "Lieux imaginaires", in: *Le Merveilleux. L'Imaginaire et les croyances en occident*, Paris: Bordas, 1984, pp. 51-83.

⁵² PINTO SOARES, *op. cit.*, p. 18.

⁵³ Cf. QUEIROZ, *op. cit.* pp. 67-69; e Demerval PEIXOTO, *A Campanha do Contestado. Episódios e impressões*, Rio de Janeiro: s.ed., 1920, pp. 110-115.

Iguassú, os paranaenses empregavam todos os recursos para não perderem o domínio na mesma região"⁵⁴.

Em 1905 o maragato da revolução federalista Demétrio Ramos, recorreu ao comissário de polícia de Canoinhas, posse na época de Santa Catarina, a pretexto de que o estado vizinho desrespeitava os direitos catarinenses e praticava violências contra ele, Demétrio. Com a ajuda financeira do estado de Santa Catarina e de algumas casas comerciais, Demétrio armou cerca de 600 sertanejos assalariados, à Comblaim. O mesmo procedimento foi adotado pelo estado do Paraná, formando-se pela região em pouco tempo, quadrilhas em combate. "Aos polícias juntaram-se intrusos, que, pescando em águas turvas, ambicionavam apropriar-se das terras já colonizadas, pertencentes à família Valões"⁵⁵.

Quando em 1911 Canoinhas fora instituída município do estado de Santa Catarina com superintendente já aprovado, políticos de União da Vitória projetaram retomá-la para o Paraná, iniciando em terras de João Reichard, a quem ameaçaram de confisco, a demarcação do perímetro urbano de um novo município a ser criado pelo Paraná. "A muitos outros assim também. É lei, desde tempos imemoriais. Em terras contestadas, justificada vem a defesa por mão própria"⁵⁶. Um bando chefiado por Salvador Leal impediu a execução dos

⁵⁴ PEIXOTO, *op. cit.*, p. 110.

⁵⁵ STULZER, *op. cit.*, pp. 101.

⁵⁶ *Ibid.* p. 105.

planos dos políticos de União da Vitória. Novas complicações aconteceram em 1909 quando o antigo maragato e Capitão da Guarda Nacional, Aleixo Gonçalves de Lima, que posteriormente tomaria parte importante na Guerra Santa, invadiu o território paranaense, acompanhado de 500 homens financiados por Santa Catarina, com o propósito de impedir a cobrança de impostos estaduais sobre o mate exportado de Joinville⁵⁷.

Os habitantes da zona em conflito assistiam descontentes tais episódios, pois para eles nada significava ser considerado paranaense ou catarinense. Apesar disso as autoridades dos dois estados, quando eclodiu a guerra do Contestado, "tentaram complicar a questão dos fanáticos com a questão de limites entre os dois Estados, quando os fanáticos nada tinham com limites, eles queriam era a Monarquia, isto está bem provado"⁵⁸.

A população daquela zona tumultuada via no monge peregrino um Santo, titulação que ele recusava dizendo-se um homem igual aos outros⁵⁹, entretanto ainda hoje no Contestado se venera a imagem de Anastás Marcaf como sendo o São João Maria, de quem só resta uma foto tirada em 1905, cujas cópias as famílias costumam manter em seus oratórios ao lado de imagens de outros santos. A presença de João

⁵⁷ Cf. QUEIROZ, *op. cit.*, p. 68.

⁵⁸ LEMOS. *op. cit.* p. 84.

⁵⁹ Cf. *ibid.* p. 82.

Maria tornou-se tão viva que durante os conflitos no Contestado, por volta de 1912, muitos chegaram a confundir este monge com o terceiro monge do Contestado, chamado José Maria, em torno do qual houve o ajuntamento de pessoas culminando na guerra. Um comerciante de Florianópolis chegou inclusive a publicar o seguinte:

"Tudo tem-se dito, falado e pensado a respeito de João Maria, que intitulado-se monge, quer desenterrar da cova, o cetro e a coroa. Muito bem; os grandes jornais do Rio, que levam tudo num rio de brincadeira, muito têm criticado o tal caso.

A grande verdade porém ainda ninguém o disse, é essa que vou dizer agora e sobre a qual peço a

MAXIMA ATENÇÃO

O Monge João Maria, faz saber ao público em geral, que brevemente virá a capital, onde realizará uma série de importantíssimas conferências em defesa de sua neo-doutrina que com tanto afã já espalhou pelos sertões do nosso Estado. Principiou pelos sertões as suas conferências, pelo simples motivo de tudo hoje estar virado às avessas. O ponto escolhido é o CAFÉ ANITA GARIBALDI sito à rua República. Aí, o velho João, com todas as forças de seus vigorosos pulmões, desenvolvidos pelo ar puro de nossas selvas, provará a primazia de seus ensinamentos, após a conferência, provarei também que nenhum outro café desta Capital é tão saboroso como o do Anita; que, pessoa alguma, por mais exigente que seja, sairá do dito Café, sem ser satisfeito em todas as vontades que tiver; que o serviço a frente do qual se acha o simpático Savecha, é feito com presteza e agilidade; que os quitutes brasileiros e estrangeiros preparados a qualquer hora do dia ou da noite pelo mesmo Savecha, é de fazer um freguês "habitué". Enfim, provará todas as bondades e excelências do Café "ANITA GARIBALDI".

TODOS AO CAFÉ ANITA
PRAÇA XV DE NOVEMBRO, A ESQUINA

DA RUA REPUBLICA."⁶⁰

Muito embora o personagem do bem humorado anúncio não tivesse participado da guerra do Contestado, o tom de convocatória para comício permeando a história nos localiza ao menos o campo em que a profecia deve ser discutida. De fato, as influências das prédicas apocalípticas de João Maria sobre o imaginário da guerra do Contestado não podem ser negadas. Frei Menandro Kamps admite que a

"... Guerra dos Fanáticos só foi possível na fé Àquele mensageiro. Uma palavra de sua boca valia e vale ainda hoje mais do que as verdades eternas do Evangelho, do que quaisquer restrições de sacerdotes e bispos, e até o Santo Padre só acerta ensinar a verdade se esta confere com a pregação de João Maria"⁶¹.

Para cativar a simpatia do povo e instruí-lo na ortodoxia católica, frei Rogério chegou a adotar a homeopatia na cura dos doentes, mas parece que sem alcançar a fama do seu concorrente⁶². Uma outra fonte diz que "a este monge sobretudo, são atribuídas as responsabilidades, mesmo que involuntárias dos acontecimentos posteriores, pois ele minou a autoridade forte dos religiosos, afastando o povo da Igreja. Dizia-se católico, porém não cumpria os rituais dos sacramentos, nem exigia que os caboclos o fizessem. Pelo contrário, sem autorização de espécie alguma meteu-se a pregar e batizar, de modo que ainda muito tempo depois do

⁶⁰ "A verdade sobre o Monge" *Folha do Comércio*, 24/10/1912.

⁶¹ STULZER, *op. cit.*, p. 31.

⁶² Cf. QUEIROZ, *op. cit.*, p. 58.

seu desaparecimento, houvesse no sertão numerosos adolescentes não batizados, por os seus pais esperarem pela vinda do monge"⁶³.

Vejamos o que nos diz em 1909 o jornal *O Livre Pensador*, sobre o monge José Maria, o terceiro personagem da nossa história:

"... surgiu na próspera colônia paranaense Marechal Mallet há mais ou menos vinte dias dizendo chamar-se José Maria e ser monge. Preconizou uma guerra fortíssima da qual ninguém escapará, por isso aconselhou o povo a fazer morada no centro do mato, não tendo caminho que possa sair para parte alguma e nas proximidades de um rio por ele indicado porque todos os bichos se mudarão para a colônia a fim de liquidar algumas pessoas que por ventura escaparem da referida guerra. Preconizou uma praga de gafanhotos com bicos de aço e asas também de aço, porém em forma de serras.

Vive bem vestido, carregando sabonetes, espelhos, etc. para cuidar de si, aprecia a boa comida, bom chocolate, gostando de parar em casa de família, para ser tratado pelas mulheres a quem ele dá muitos conselhos! Homens e mulheres vão pedir-lhe receitas e orações, porém aprecia ele mais em oferecer bordados e pinturas para as moças pois é bom pintor e tem boa letra. Consta que este monge já saiu fugido de Palmas para a Mangueirinha que também teve o mesmo fim e só aqui é que tem sido bem hospedado."⁶⁴

Parece não haver dúvidas de que este José Maria é o mesmo que apareceu em Campos Novos por volta de 1912. De fato, houve contra ele um processo em Palmas onde teria raptado uma moça. Mas no Brasil daqueles tempos, o rapto de mulheres era uma prática comum, parece até que em muitos

⁶³ PINTO SOARES, *op. cit.*, p. 17.

⁶⁴ "Um novo monge. Perigo Social", *O Livre Pensador* (São Paulo), 13/1/1909.

casos havia a anuência da vítima, de tal forma que José Maria foi logo liberado, mas sobre promessa de casamento, coisa que não se realizou, não se sabe porque.⁶⁵

Parece que sofreu perseguições no Paraná, mais precisamente no Irani, onde mantinha relações de amizade com posseiros que ocupavam terras de uma empresa frigorífica.⁶⁶

Por volta de 1912, se fixou em Campos Novos e foi recebido pelo povo como irmão de São João Maria, fato que não negava, nem afirmava, dizendo entretanto, que perto de João Maria ele "não era nem do tamanho de uma formiguinha"⁶⁷. A descrição física deste terceiro monge favorecia mesmo este parentesco: estatura mediana, barba ampla, cabelos caindo sobre os ombros, magro, direito. Era um profeta e curandeiro de mais ou menos uns cinquenta anos de idade e usava sobre a cabeça um gorro de couro de jaguatirica enfeitado com penachos e fitas⁶⁸. O seu nome verdadeiro parece ter sido Miguel Lucena de Boaventura, que antes de ter se envolvido nos conflitos do Contestado foi soldado da polícia paranaense de onde teria desertado, mas estes fatos não encontram confirmação. Ao contrário, sabe-se que acompanhou as forças revolucionárias de 1893, combatendo e fazendo reconhecimentos e que gozava de prestígio entre

⁶⁵ Cf. QUEIROZ, *op. cit.*, pp. 79-80.

⁶⁶ *Ibid.* p. 79.

⁶⁷ LEMOS, *op. cit.* p. 83

⁶⁸ "José Maria", *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro), 15/10/1912.

seus companheiros combatentes por sua valentia , porque "acutilando como um doido, causou tal espanto no inimigo, que este retirou-se em desordem apesar da superioridade numérica"⁶⁹. Segundo investigação de Maurício Vinhas de Queiroz, José Maria parece ter sido "soldado do Exército, e andou alistado num batalhão rodoviário, encarregado de construir a estrada Guarapuava-Foz do Iguaçu. Daí é que teria desertado"⁷⁰.

Durante o tempo em que esteve junto àquelas populações do Contestado, planejou fundar a Farmácia do Povo, que forneceria gratuitamente aos pobres os remédios e tratamentos, pagos com o dinheiro cobrado em consultas solicitadas pelos mais ricos⁷¹. Como sabia ler e escrever, anotava num caderno as propriedades das ervas da região e costumava receitar "sassafrás, raiz de xaxim, e outras raízes, de cada uma 700 gramas, para uma medida de aguardente e a dose é de meia garrafa de uma só vez por dia!"⁷². Uma outra fonte nos informa que o monge

"dava remédio de erva, sendo setecentos gramas de ingredientes, posto tudo a ferver em uma panela grande com bastante água, até ficar em um

⁶⁹ "O Monge José Maria, um pobre diabo ou um verdadeiro revolucionário perigoso?", *Correio da Manhã*, 21/10/1912.

⁷⁰ QUEIROZ. *op. cit.* p. 79.

⁷¹ Cf. *ibid.* p. 81; STULZER. *op. cit.*, p. 30, questiona a gratuidade da consulta. Ver também José VIEIRA DA ROSA, "Reminiscências da Campanha do Contestado. Subsídios para a história", in *Terra Livre* (Florianópolis), à partir de agosto de 1918.

⁷² "O Monge José Maria, um pobre diabo...", *loc. cit.*

litro; depois era posto em (ilegível), seis a nove dias conforme o estado do doente"⁷³.

Mas o que chama atenção na receita do monge é a presença do numero sete se coadunando com os números do *Apocalipse* de São João.

Como observamos com relação aos outros dois personagens que precederam ao monge José Maria, o ritual da cura dá início à confraternização entre os membros de uma comunidade. Parece existir nesses casos, uma correspondência estreita entre a procura pelo restabelecimento da integridade corporal e o desejo de cristalizar a harmonia social. Um receituário mais completo ditado pelo monge ilustra os procedimentos do curandeiro no seu ambiente:

"Receita dada pelo célebre monge José Maria de Agostini ao Senhor Joaquim Nunes da Rocha no dia 3 de Setembro na casa do Senhor Antonio Calumby, no lugar chamado São João, município de Campos Novos, não se lembrando do Sr. Joaquim Nunes do nome da pessoa que escreveu a receita, que foi ditada pelo mesmo monge:

"Ponha em duas medidas de cachaça 700 gramas de arruda e 700 de guiné e 700 de casca de cortiça e 700 da erva de passarinho e 700 da erva do touro e 700 da erva de bixo e 700 da casca da caroba e 700 da casca da sassafrais e 700 da casca da palmeira e 800 de assucara branco, e deche na infusão 15 dias, e o depois, pase em outra vasilha e ponha 12 vidros de ensensa junto para tomar um calezinho de noite e otro de manhan."

A letra é boa e conservamos a ortografia original".

Nota: o curandeiro tinha então à sua disposição três e mais secretários e ele próprio também escreve bem; a afluência de povo era

⁷³ LEMOS, *op. cit.*, p. 83.

então enorme; carneou-se uma vaca gorda, que foi toda gasta naquele dia."⁷⁴

Frei Rogério acompanhou de longe os procedimentos do monge José Maria e observou que os remédios que receitava se mostravam eficazes e dia a dia um número crescente de pessoas acorria ao curandeiro em busca de consulta, conselhos e orações obrigando-o a atendê-las até tarde da noite. De fato, a predisposição de José Maria para o acolhimento dos aflitos e o sucesso de sua medicina proporcionaram-lhe grande prestígio, principalmente porque não cobrava pelas consultas, explicando que cumpria seu ofício como uma missão⁷⁵.

A fama do monge propagou-se rapidamente e o seu público passou a identificar-se com ele também pelo seu discurso. Em pouco tempo recebeu um convite para colaborar na organização da festa do divino e para tal saiu de Campos Novos dirigindo-se a Taquaruçú. Inspirado na lenda de Carlos Magno, criou uma guarda de honra para o rei festeiro, contribuindo para o aumento do clima de euforia da festa que se realizava sob os auspícios de forças de oposição da vila

⁷⁴ Apud. Jean Claude BERNARDET, *A Guerra Camponesa no Contestado*, São Paulo: Global (Col. "Passado e Presente", nº 6), 1979, p. 19.

⁷⁵ "O Monge José Maria, um pobre diabo...", *loc. cit.* "Não cobrava nada, mas se alguém alguma coisa ofertasse aceitava-a para, na Capital, comprar uma farmácia, que seria reaberta no sertão e aviaria, também grátis, as receitas do povo. Em se tratando de tão nobre finalidade, não admira que os donativos fluíssem dadivosamente. E aí começou uma peregrinação dos caboclos sem cabeça ao médico milagroso, libertador da humanidade." STULZER, *op. cit.* p. 30.

de Curitibanos. O monge então tomou conhecimento das queixas da população contra o coronel Francisco Ferreira de Albuquerque e em função disso recusou-se a atender a um chamado dele para que fosse a Curitibanos tratar de um parente doente. Ao emissário de Albuquerque o monge teria respondido que "a distância da casa do coronel à sua era igual à da sua casa à do coronel"⁷⁶.

Ao final dos festejos José Maria resolveu permanecer no Taquaruçú por mais tempo e para o deleite daqueles que o ouviam lia capítulos do romance A História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França e misturava em suas prédicas as aventuras dos heróis do livro com interpretações próprias. Além disso, herdou do seu antecessor a mesma aversão às leis republicanas utilizando-se porém para expressá-las de uma linguagem elíptica, como convém a um profeta. Dizia: "uns vieram aqui só para tirar o tempo de nós. Como eu quero beber água limpa, quero que todos bebam. Hoje a maior parte suja a água para os outros beber, isto a gente não deve fazer"⁷⁷.

Condenava também os dogmas da Igreja e parece que aí fazendo uso de uma linguagem menos camuflada, como na ocasião em que Frei Rogério foi enviado ao Taquaruçú para dispersar a reunião do povo em vistas do desagrado do coronel Albuquerque com a presença do monge. Durante a missa

⁷⁶ Apud. QUEIROZ, *op. cit.* p. 87. Ver ainda pp. 83-86.

⁷⁷ *Ibid.* p. 82.

rezada pelo frei Rogério José Maria se retirou, permanecendo deitado, depois distribuiu orações ao povo feitas por ele, dizendo que a "confissão e a santa missa não valiam nada", "...o Padre Nosso como os padres o rezavam não estava direito"⁷⁸. Quando frei Rogério tentando recobrar a autoridade perdida convidou-o a se confessar, teria obtido o seguinte como resposta: "Não quero dar motivo para falarem de mim."⁷⁹ Isto nos situa um pouco melhor com relação a animosidade reinante na relação entre os caboclos e os padres. Estes julgavam que tal situação se devia à interferência naquela relação dos profetas itinerantes, a quem era preciso fazer face, pois não passam de "falsos profetas que vêm na pele de ovelha, embora sejam na verdade, lobos rapaces"⁸⁰.

Mesmo com todos os seus predicados de bom conselheiro e bom "curador", José Maria passou à história escrita e transmitida oralmente como um indivíduo desqualificado. Num dos relatos de época sobre a Campanha do Contestado um militar ao tentar responder à questão sobre "quem era José Maria?", escreve que era

"um perfeito farsante: pseudo irmão de João pseudo-asceta. Era um homem inteligente, que, de um golpe de vista, estudou a situação e calculou os fabulosos resultados que poderia auferir de uma ousada ação no sentido de dominar aquele estólido povo, apto para as práticas mais

⁷⁸ STULZER, *op. cit.*, p. 33.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 32.

⁸⁰ *Ibid.*

absurdas, mais aberrantes do bom senso; era ex-praça do Exército e desertor da polícia paranaense (...) Recolhia, entre os fervorosos crentes da sua santidade, as dádivas para a aquisição de remédios destinados à botica da caridade pública; distribuía rezas mal redigidas e pedaços de cadarço de 1m,70 de comprimento (medida de São João Maria), considerados relíquias protetoras dos sertanejos, para que os mesmos os conduzissem no pescoço; e satisfazia os seus cúpidos desejos em algumas ingênuas donzelas sertanejas. E o seu prestígio, com tudo isto, crescia assombrosamente..."⁸¹

Alguns pesquisadores da região do Contestado reforçam estas afirmações, argumentando que José Maria almejava simplesmente promoção pessoal ao imiscuir-se nos conflitos no Taquaruçú e também que ele teria se aproveitado da identificação que o povo estabeleceu entre ele e o segundo monge, para organizá-lo a seu favor. Mas esta visão parece simplificar a interpretação dos conflitos na região, tanto quanto os seus desdobramentos, ao tomá-los como posteriores à presença de José Maria entre os caboclos. Entretanto, tal acusação é compartilhada por alguns remanescentes dos combatentes rebeldes, que consideram santo apenas o São João Maria. Apesar disso, um jornal da época noticiou que "pessoas sérias de Curitiba, Porto União e Iguaçu, dizem que José Maria era querido e tido como um ídolo"...⁸² Mais do que isto, lendas surgiram sobre o monge identificando-o com Cristo:

⁸¹ Apud. CABRAL, *op. cit.* pp. 189-190.

⁸² "Os Bandidos do Sul. Cartas ao Jornal", *Correio da Manhã*, 28/10/1912.

"Contam no Paraná que José Maria conseguia fazer cenas impressionadoras, sendo a mais interessante a seguinte:

Logo depois da revolta... na cidade de Castro, parece, ele prometeu a um velho fazer aparecer muitos peixes no rio perto do qual o velho morava, havendo quem garanta ser extraordinário o número de peixes que apareceram no local indicado.

Há muitas pessoas que juram como José Maria morreu na Lapa e outros afiançam que ele morrendo na Serrinha, apareceu em Iguaçu"⁸³.

Esta notícia antecede ao combate o Irani que se deu em Novembro de 1912 e onde o monge teria morrido, podendo tratar-se de mais uma das superposições de imagens acerca dos três monges. Mas para que não reste dúvida da estima devotada a José Maria temos as memórias contadas em versos do caboclo Fabrício das Neves, neto do homem que abrigou em suas terras os rebeldes do Contestado no primeiro combate no Irani :

6- O monge José Maria com
seu gesto de carinho
amuntou no seu cavalo e disse
ao Fabrício. baixinho! eu vou
na frente da tropa quero
imitar imitar uma xoca quando
está com seus pintinhos
morrer na boca do bixo
prá defender seus filhinhos"

7- Fabrício vou te orientar
que vou morrer neste ato
mais tu não paze do meu
sangue volte de novo pro
mato no sertão tu será
um tigre e no campo
vai será um gato." (sic)⁸⁴

⁸³ *Ibid.*

⁸⁴ Fabrício das Neves, caderno manuscrito.

Estas rimas foram montadas com as palavras empregadas pelo próprio monge José Maria, no momento em que os rebeldes foram cercados pelas forças do Coronel João Gualberto, comandante da polícia paranaense, às vésperas do combate do Irani, naquele tempo pertencente ao Paraná, mas em litígio, reivindicada por Santa Catarina.

O testemunho de dona Margarida apresenta José Maria como uma pessoa que

"não fazia mal para ninguém. O pessoal que o lacearam, que deram parte dele, a força foi atrás dele, ele correu, foi brigar e mataram ele. Não mandava fazendo mal para ninguém, dizia: 'Eu não chamou ninguém' (...), o pessoal chegava com uma vaca para carnear"⁸⁵.

Benedito Chato diz que José Maria era

"um homem bom, o que ele disse nós estamos vendo. Não é de ser fanático, dizemos entre nós, jagunçada, não é por isso, mas os conselhos que ele deu para nós estamos vendo. Ele andou aqui, era um tal Zé Maria. Ele curou gente, só com erva do mato. Ele veio de Correntes, de Curitibanos, tantas águas tinham de João Maria, ele queria lá visitar. Ele era José Maria, ele não deu o nome de João Maria, dizia que era irmão. O prefeito de Curitibanos não deixava ele, atacou. O nome do prefeito era Francisco Ferreira de Albuquerque."⁸⁶

Benedito Chato relata a despedida de José Maria que ameaçado teve que se retirar do Taquaruçú, dirigindo-se ao Irani:

⁸⁵ Depoimento de Margarida, filha do Generoso Ribeiro, à Tomás Pieters, Fraiburgo (SC), 17/11/1973.

⁸⁶ Depoimento de Benedito, vulgo "chato", à Thomás Pieters, Taquaruçú, 15/11/1973.

"Vinte e quatro homens acompanharam ele. Os Pares de França. Tocaram. Ele disse no dia em que saiu: 'Meus irmãos meus cavaleiros. Eu vou-me embora, vou sozinho, mas vocês se cuidam'. Não havia naquele tempo injeção, penicilina, 'vão tomar remédio com agulha'; daí a injeção, não é? 'Atrás de mim vem doutor, é barbaridade, é doutor que não conhece doença. Vou-me embora, vocês não se iludam. Atrás de mim vem outros, se valendo do meu nome e de São Sebastião...' Disse: 'este amigo, eu queria este objeto dele'. Era uma espada, era a minha espada, com bainha tudo branca, cinturão, com o número da coroa do Império - a coroa da República ele não aceitou na cintura dele, nem na cintura dos companheiros dele. Tinha um três galho, um facão e tocou, foi embora... Quando saíram daqui, o prefeito telegrafou para Curitiba. Veio um general: João Gualberto com um grupo de oitenta e cinco homens. Seguiram (para o Irani). Disse alguém: 'esta gente não faz mal para ninguém'. Desbande. 'mas o senhor vai ser batido', 'mas nós nos batemos', disse José Maria para a autoridade que veio aí. A tarde ele disse: 'meus cavaleiros, vamos dar um passeiozinho... vamos passejar', parou e disse 'vamos parar um pouco aqui, desaparecer as mágoas. Meus cavaleiros, meus irmãos, vocês afirmem meu coração, os bichos vem. Eu não queria.' Tinha na cabeça um boné de couro de gato, calçadinha de paregate, era com uma calça de ciroulo atado por baixo. Ele disse: 'os bichos vem, nós devemos dar um corte. Minha madrinha Catarina, não quero o corte, minha madrinha Catarina, só que não tenho medo. Seja como Deus quiser'. Cortou. Quando foi a tarde, ele bolhou José Fabrício e disse: 'compadre José, você pega cinco homens e com o senhor seis, o senhor vai ficar em tal lugar.' Choveu. 'Quando eles vem, você dá um sinal para nós'. Voltaram, chegou a noite, caminhou, disse: 'meus cavaleiros, amanhã quero nossa cavalhada toda arrumada'. Preparavam-se. Naquela hora veio donde estava a sentinela: tarom, tarom. Saíram da cama, ele disse: 'meus cavaleiros, meus irmãos, vocês não passam adiante de mim, eu quero ir na frente'. Foram-se, cortaram uma sanga, um lugar difícil; eles acampanharam na casa de um tal Benedito Fabrício, uma cerca de quatro ranchões. Tinha uma cerca, tinha três mitralhadoras, aquele que pulou primeiro a cerca chamava-se João da Cruz, aquele que morreu primeiro. (José Maria) gritou que não passassem adiante dele. Pegaram só de facão, a tropa de José Maria e a força. Derrubaram a cerca à bala e os homens de José Maria chegaram à facção...

José Maria se encontrou com o tal general, caíram, Gualberto de um lado e José Maria com a espada na mão doutro lado... Ninguém mais podia tirar a espada da mão de José Maria, estava morto, dizem que estava morto. Ninguém conseguiu tirar a espada da mão dele. Sepultaram toda gente de José Maria em Irani. Fizeram a sepultura para José Maria, já veio a filhada dele, as moças. Não botaram terra em cima dele, cobriram com umas taboas. Daí três dias, ele chegou na casa das comadres e compadres e dizia: 'Olhe meus filhos, olhe minha filha, olhe'. A gente de lá me contou. Disse: 'adeus' e foi embora"⁸⁷.

Atualmente se diz que o monge não teria morrido no combate do Irani e alguns pesquisadores acreditam firmemente nesta versão, sugerindo que José Maria pode ter influenciado no ajuntamento de pessoas no Taquáruçu no ano seguinte ao de sua suposta morte, quanto se espalhou a notícia do ressurgimento do monge. Entretanto, as crenças populares sobre a ressurreição dos monges, sobre um retorno para breve desses personagens queridos só podem ser compreendidas se analisadas dentro do ambiente em que elas se desenvolvem, impregnado de conteúdos milenaristas-messiânicos. Nas diversas passagens que citamos aqui, se pode perceber uma forte identificação de cada um dos três peregrinos do Contestado com a imagem de Cristo e a atribuição a eles de milagres e prodígios realizados por Jesus, como no caso de João Maria que se conta "o milagre de dois pratos de couve

⁸⁷ *Ibid.*

que dava para comer para dez, doze pessoas, milagre visto por diversas pessoas e contado por elas como verdadeiro"⁸⁸.

Se é verdade que José Maria é considerado um "personagem socialmente controvertido"⁸⁹, precisamos determinar o que motivou tal controvérsia sobre sua pessoa. A tentativa de resolução desse mistério envolve as fontes disponíveis. Em primeiro lugar, pairam suspeitas sobre o monge devido ao processo aberto contra ele em Palmas, depois, os pesquisadores consultam os mais variados jornais da época onde se lê com frequência que o monge "visa atrair em torno de sua pessoa o fanatismo dos pobres analfabetos..."⁹⁰ que "em sua companhia tem sempre o monge duas meninas donzelas, e quando alguma senhora lhe faz consulta sobre moléstia ele manda que se retirem"⁹¹, sugerindo que o monge fosse presa dos encantos femininos.

Os depoimentos são a segunda fonte, muito importantes, embora não devam ser tomados incondicionalmente. O pesquisador que faz entrevistas com remanescentes é obrigado a conhecer previamente os antecedentes históricos para compreender as razões do depoimento e assim, atribuir ao discurso do entrevistado maior ou menor importância. Afinal de contas, como diz Cirila Meneses Prade, escritora

⁸⁸ Depoimento de Valdir Rodrigues Mafra à Thomás Pieters, Fraiburgo, 15/1/1973.

⁸⁹ QUEIROZ, *op. cit.* p. 78.

⁹⁰ "O Monge José Maria. Um pobre diabo...", *loc. cit.*

⁹¹ *Ibid.*

catarinense de romances sobre o Contestado, "a única coisa que sobrou da gente que combateu ali (no Irani) e que chegou até nós, é uma cançãozinha sobre o não sei o que do graxaim"⁹²... Naturalmente há um certo exagero nessas palavras, mas de qualquer modo nos defrontamos com o seguinte: a maior parte dos entrevistados pertence às gerações que sucederam os combatentes rebeldes exterminados no conflito e que tem seu modo particular de conceber os eventos do passado. Mas, o mais importante é que as suas interpretações estão permeadas por um trauma social causado pela intervenção policial e militar na região do Contestado, nos anos subseqüentes ao término da guerra. Os grupos de escolta ambulante empreenderam uma campanha de extermínio contra os veteranos e testemunhas oculares da revolta cabocla. Ninguém sabia o porque, mas a polícia chegava, colocava os prisioneiros em fila, atirava e depois abandonava os corpos nos rios⁹³. Havia períodos em que a população não podia se alimentar da carne dos porcos, porque esses animais se alimentavam dos cadáveres e, freqüentemente os cães retornavam para casa trazendo preso entre os dentes um membro humano - mãos ou pedaços de pernas e braços⁹⁴. Essa "operação limpeza", que se estendeu por muitos anos,

⁹² Depoimento de Cirila Meneses Prade à Célio Alves Oliveira, 21/11/1988.

⁹³ Depoimento de Vicente Telles, Irani (SC), 23/3/1989.

⁹⁴ *Ibid.*, sobre depoimento que colheira de Maria, esposa do rebelde Neco Germano, ambos falecidos em 1982.

resultou no revés da memória. A população calou-se, temendo represálias e mesmo assumiu a opinião oficial que qualificava os combatentes como "jagunços, fanáticos e bandidos". Existe portanto, um contexto de violência inibindo a memória popular que por vezes também ultrapassa o medo: o sentimento de vergonha pelo parentesco com um jagunço rebelado e, principalmente, o sentimento de angústia ao rememorar fatos envolvendo circunstâncias em que os familiares pereceram. Diante disso, nada mais natural do que apontar um culpado (José Maria), para através dele racionalizar uma série de procedimentos sem nexos, como a violência e a guerra.

Apesar da vida pessoal dos monges suscitar interesse pelo mistério que oculta, a reconstituição aqui do percurso desses personagens não se dirige a uma função meramente especulativa para estabelecer do lado de quem se encontra a verdade. Ao contrário, o enigma do Contestado se resolve através da conduta desses personagens, porque eles provam, nos seus gestos e palavras que a situação milenarista-messiânica na região era latente. Eles foram instrumentos e não causadores dos acontecimentos. O pouco que conseguimos sistematizar sobre a vida de cada um dos profetas do Contestado, nos leva sempre a concluir que as suas histórias se cruzam numa filigrana. Cada um deles procurava apoio na imagem do seu antecessor e representaram um papel análogo para a população, já que foram considerados como sendo uma mesma pessoa. E, como trataremos à seguir, estes três

personagens podem ser considerados como marcos na história daquela região, mas veremos que em épocas distintas outros agrupamentos surgiram em torno de outros profetas, comprovando que em uma vasta porção do território sul do país havia uma "religião de monges" guiando a conduta social e política dos indivíduos e sobre isto muito pouco conseguimos resgatar.

Em 1897, portanto quinze anos antes do combate do Irani, houve em Lages um outro movimento messiânico, conhecido como o "canudinhos de Lages" pela sua contemporaneidade a Canudos. Ali apareceu um curandeiro dizendo-se irmão de João Maria e posteriormente identificando-se com São Miguel. As autoridades temerosas de uma repetição ali dos episódios de Canudos e sob pretexto de que o povo reunido em torno do monge provocava desordens e roubava gado das fazendas próximas, moveu uma rápida e violenta repressão eliminando o movimento⁸⁵.

Durante a guerra do Contestado, houve ainda o ajuntamento de pessoas em torno de dois outros monges em Biguaçu e Canoinhas⁸⁶. Considerando a proliferação dos profetas, curandeiros e peregrinos na região, como então, se poderia afirmar que a formação dos conflitos de classe Ali, estaria condicionada à dedicação a este ou aquele profeta?

⁸⁵ Cf. QUEIROZ, *op. cit.*, pp. 65-66; e STULZER, *op. cit.*, p. 145.

⁸⁶ "Fanáticos em Biguaçu?", *Folha do Comércio*, 14/9/1914; "O novo monge de Canoinhas", *Folha do Comércio*, 18/12/1913.

Tais conflitos se antecipavam a presença desses personagens que, na verdade, aparecem como catalisadores, concentrando nos seus atos e palavras as expectativas de uma vida melhor, abrindo caminhos para realizá-la, administrando o descontentamento geral. Isto é, ao compreenderem os anseios e aspirações dos sertanejos e ao empregarem uma linguagem popular na interpretação dos conflitos de toda natureza, os monges criaram um ambiente propício para a aglutinação dos sertanejos. Mesmo depois do movimento do Contestado ter sido julgado extinto pelos contingentes militares, os caboclos continuaram a se agrupar em torno de monges peregrinos. Os temores quanto ao ressurgimento da guerra cabocla, agora em proporções ampliadas, intensificaram-se:

"O território Contestado entre o Paraná e Santa Catarina é um verdadeiro ninho de monges. Já não tem conta o número de santarrões belicosos que lá surgiu."

"Agora dizem de Curitiba que um desses tipos, monge Medeiros, que se acha ali desde alguns dias, apresentou ao presidente do Estado um requerimento solicitando, por compra, pelo preço da lei, de dois lotes de terreno, para a construção de uma igreja.

Esse paranóico, ou espertalhão se apregoa sucessor do célebre José Maria e já formou sua corte de virgens!

Essa força bélico-religiosa não terá um fim?"⁸⁷

Este novo monge chamava-se Nemésio José de Medeiros, natural de São João Batista do Herval (RS). Depois de permanecer por dois anos em Irani, escolheu o Taquaral como

⁸⁷ "Ninho de Monges", *O Combate* (São Paulo), 19/6/1917.

morada definitiva, onde os habitantes lhe dão "as mais dedicadas provas de afeição respeitosa"⁹⁸. Ao passar por Curitiba concedeu uma entrevista à um jornal, onde esclareceu os seus propósitos:

"Perguntamos-lhe por que se diz Jesus Nazareno, e ele pareceu-nos gostou da pergunta e nos respondeu com um místico sorriso: - 'Certa noite eu fui chamado por uma aparição, que me determinou assim passasse a me chamar... - E que faz no Taquaral? - Ajunto almas. Em torno de mim espalho todo bem que posso. Quero agora construir Ali uma igreja para o Senhor Bom Jesus, com a ajuda de todos, para o que já tenho 2:643\$620. Todos assinam o que podem e o que querem'. E animando-se acrescentou: Em torno dessa igreja este velhinho há de fazer surgir uma cidade grande e feliz!... Na chefatura de polícia, onde o encontramos visitando o chefe, o dr. Lindolpho Pessoa lhe perguntou: - Dizem que o senhor é o próprio João Maria...

- Não senhor... Mas João Maria era um homem que fazia o bem pelo bem e por isso o povo por ele se sacrificava. - O senhor faz casamentos? indagou ainda o senhor chefe de polícia. - Quem faz casamentos é o juiz. Eu dou a benção de Deus e batizo também, desejando a paz do senhor para todos. A religião verdadeira é o amor - um por todos, todos por um. E fitando-nos com os seus olhos serenos e azuis, e, quase sorrindo, repetiu à seguir várias frases dos livros santos. Olhamos para as suas alpercatas e ele também o fez dizendo: - São mais comodas umas 'alpercatitas' para o sertão que os sapatos. Esta é folgada e macia, feita com pele de lontra.

- Sabe ler e escrever?

- Sei alguma coisa, por mim mesmo. Estive numa escola particular, no Rio Grande, mas apenas um mês e 20 dias.

- É brasileiro?

- Desde os meus bisavós. Nasci em São João Batista do Herval, como já disse e morei no município de Pelotas. Tenho um irmão na cidade do Rio Grande, onde é ajudante de engenheiro da

⁹⁸ "O fanático do Contestado, 'Jesus de Nazareth'... explica a sua missão", *A Capital* (São Paulo), 28/6/1917.

Intendência. Pedimos-lhe desculpas da nossa curiosidade.

- É muito natural... Eu conheço tudo isso... E ao nos despedirmos:

- Saúde, felicidade e benção de Deus que lhe acompanhe, meu senhor.

'Jesus Nazareno' é um belo tipo de taumaturgo. A cabeça é judaica; lembra mesmo o Christo... Tem ele 50 anos e os cabelos bastos, encaracolados sobre os ombros, estão brancos, com tons levemente doirados. O tipo é magnífico. A alma pelo que se pode descobrir é silenciosa e boa⁹⁹.

Apesar das referências elogiosas, soube-se logo do assassinato do monge Medeiros na região de Herval, território Contestado. O órgão noticioso declarou que "o velho paranóico parecia inofensivo. Mas talvez a sua morte evite novas agitações de fanáticos"¹⁰⁰. Ao contrário do que se esperava, este súbito acontecimento provocou a imediata reação dos seguidores de Jesus de Nazareth:

"A situação no Contestado não é nada tranqüilizadora. O desaparecimento do 'monge', pelo modo violento como se deu, acirrou ainda mais os ânimos da gente fanática. Embora se esperasse esta reação, é certo que, também se dizia que pelo fato de 'Nazareth' não ressuscitar, como esperavam os seus adeptos - esfriaria o entusiasmo. Enganaram-se, porém, os que isto pensavam. É que corre entre os fanáticos, a convicção plena que há os espíritos do mal que impedem que tal suceda. E esses são, para eles, a força armada e os campônios da zona litigiada que não rezam pela cartilha do defunto chefe. Daí, estar iminente uma grande revolução.

O governo federal está ao par de todo movimento. De há muito, as estações de São Paulo-Rio Grande, sobretudo entre Nova Galícia e Marcelino Ramos, estão transformadas em acampamentos de forças do Exército, na sua maioria constituídas dos sorteados gaúchos. As

⁹⁹ *Ibid.*

¹⁰⁰ "O Monge Morto", *O Combate*, 6/7/1917.

pontes principais, igualmente são vigiadas - porquanto corria que os fanáticos as fariam voar. E apesar de já ser considerável o número de soldados, naquela zona, ainda agora, vai mais um batalhão, o de Jaguarão no Rio Grande do Sul, enviado para reforçar as tropas. São mais quatrocentos homens.

Os fanáticos, porém, não operam próximo às estações da estrada. Pelo contrário, vivem embrenhados pelas matas além do rio do Peixe, uma zona perigosa, quase virgem, não desbravada. É ali que estão entrincheirados, em redutos quase inatingíveis. São todos homens fortes, robustos, de estatura alta, acostumados ao rigor do tempo ingrato daquelas redondezas."¹⁰¹

O temor da repetição dos episódios de Canudos, à partir do desaparecimento do monge Medeiros, perturbava o sono das elites do país que acompanhavam atentamente os acontecimentos tratados vastamente pela imprensa das principais capitais. Porém um vínculo entre Canudos e Contestado já tinha sido traçado desde a tragédia do Irani quando alguém advertira que:

"Esse caso do levante de fanáticos no Paraná vai tendo exatamente a mesma orientação que o de Canudos.

A princípio uma simples fantasia de um patriarca enchia o repertório humorístico dos jornais daqui:

Ora então? Que tal a Monarquia no Paraná?

Depois os monarquistas tornaram-se mais incômodos, começaram a atacar povoados.

(...) Bem sabemos que o nosso exército gosta muito de marchar pela avenida Rio Branco e fazer manobras estáticas nos campos de Santa Cruz e adjacências, mas, francamente, o momento chegou de darem expansão ao seu entusiasmo belicoso: há guerra no sul!

Por bem mesmo desse exército, por seu nome e prestígio, para que não se reproduza a vergonha

¹⁰¹ "O Contestado", *A Capital*, 19/7/1917.

de Canudos, é melhor que o governo mande desde já grossos contingentes..."¹⁰²

Afinal de contas,

"José Maria, Antonio Silvino e Antonio Conselheiro são tipos de raridade e denunciam na sua gênese forças perturbadoras, tendências baixas, desordeiras e reminiscências escusas, regressivos da selvageria pré histórica dos nossos antepassados brasileiros... Estão fora da civilização e da lei, desconformam-se das condições moraes e jurídicas do seu tempo"¹⁰³.

Em meio aos temores da repetição de Canudos e da ameaça representada pelos caboclos ao mundo civilizado, houve quem ridicularizasse toda situação. Alguém que assinava Manoel Lyra de Jesus, escrevia uma coluna hilária na *Folha do Comércio*, intitulada "Cartas de um Caboclo", onde procurava comentar os assuntos da guerra adotando a linguagem do sertanejo, de modo a expressar também o que julgava fosse a postura dos rebeldes naqueles acontecimentos. Dizia então:

"Prá móde sabê si é berdade qe a poliça de S.Katerina vem bate em nois, que lhe inscrevo este vietinho. Inté que não tem prepósito essas coisa intãoce os miserave dos cabocros não tem mais garantia, não são cidadão inleito, não serve pra votá quando um chefe qué sê deputado?...

Vancê sabe que taquarussú é um pau grosso e furado, um canudo, e pro via diço que eles entenderam qe nós queria fazê do Taquarussú um canudo, e foi pro causo de canudo qe o povo dos poliça do Paraná, imprestaram as canela do virá e infregaram graxa de capivara nas canela."¹⁰⁴

¹⁰² "O Momento. O Canudos do Paraná", *A Noite* (Rio de Janeiro), 25/10/1912.

¹⁰³ "Forças Armadas. Pelo exército", *A Época* (Rio de Janeiro), 28/10/1912.

¹⁰⁴ "Cartas de um Caboclo IV", *Folha do Comércio*, 9/11/1912.

Voltemos ao propósito deste capítulo. Os três monges que se sobressaíram resumem, de qualquer modo, nas suas sucessivas superposições, três etapas decisivas do perfilamento da população diante dos grupos dominantes.

O primeiro monge, é considerado como um profeta. A sua figura simboliza o primeiro arremetimento da população contra a ordem estabelecida. Isto é, admirar um ermitão e dele procurar conselhos, ao invés de recorrer ao pároco local, que permanece sempre reticente e contemporizador porque é também o recurso da classe dominante - significa o desejo sertanejo de ruptura definitiva com o universo já fissurado da ordem social. Na organização do ritual na capela do Campestre, o monge João Maria D'Agostini difundiu uma doutrina da cooperação e da fraternidade inspirada nos preceitos do cristianismo primitivo. Apesar de ter conservado uma certa distância no que se refere ao confronto com as autoridades, o fato é que a sua doutrina ao espalhar-se para o social, se converteu numa crítica à organização social vigente. Se isso na época não parecia causar reação popular (não se tem notícia de convulsão social durante a peregrinação do monge, tampouco rebelião quando da deportação do peregrino) o mesmo não se pode afirmar quanto ao ponto de vista das classes dominantes, pois para evitar consequências graves deportaram o ermitão.

O segundo monge é considerado o monge político, pelo seu discurso apocalíptico situando o advento da República como o marco derradeiro, anunciador da guerra escatológica

que debelará a opressão. A sua passagem pelo Contestado representa o estabelecimento do elo entre a história e a utopia. Isto é, o tempo saturado e decadente, encontra, segundo o prognóstico professado no livro do *Apocalipse*, uma perspectiva de renovação, quando adota os sonhos do profeta como possibilidade, concentrando no milênio a esperança de realização de uma história diferente.

O terceiro monge é considerado o monge guerreiro¹⁰⁵. Essa titulação é admitida inclusive pelos jornais da época, que ainda fazem uso, é bem verdade, de expressões menos lisonjeiras, tais como: "belicoso, sanguinário". Neste terceiro personagem aparece de uma maneira mais evidente a correspondência entre a profecia e a história, pois é a primeira que determina a guerra como o único meio de efetivar na segunda uma vida deleitante.

A história dos três monges, interpretada desta forma, se confunde com a própria história do Contestado que é também uma história dos conflitos entre as classes na região. Durante quase um século de peregrinação, aqueles personagens, com seus atos e palavras, compõem um verdadeiro mosaico daqueles sertões, representando as cenas de conflitos difusos, porém intensos, e por vezes insondáveis aos olhos do observador.

¹⁰⁵ A visão dos monges como profeta, político e guerreiro, é de Vicente Telles, revelada em depoimento no Irani em 1989.

Uma opinião bastante difundida entre os pesquisadores da guerra do Contestado é a de que diversos fatores concorreram para a eclosão do movimento e a tentativa de fornecer uma explicação coerente baseada no problema da apropriação de terras resvala para uma análise de superfície. A própria heterogeneidade dos agrupamentos rebeldes denuncia a existência de interesses e motivos muito distintos, embora seja evidente o estabelecimento de uma aliança em função do objetivo comum de derrubar a República, aniquilando as estruturas de mando na região. Até mesmo o capitão Euclides de Castro criou categorias próprias para identificar o inimigo. Para ele os inimigos na região de Serrito (Lages) estavam divididos da seguinte forma:

"Fanáticos - 200
 Amedrontados - 100
 Comedores de carne - 100
 Despeitados de Curitibanos - 100
 Criminosos - 50"¹⁰⁶

Mas o capitão insinua também que as origens do conflito no Contestado tem suas raízes numa conjuntura política de mando, quando lembra o caso de Curitibanos, onde os piquetes civis, sob o comando do chefe político local "acirraram os ódios, perseguiram e depois não queriam que os fanáticos incendiassem a vila"¹⁰⁷.

¹⁰⁶ Comando do 1º Esquadrão do Regimento Provisório de Cavalaria, ao Secretário Geral dos Negócios Públicos do Estado, Exmo Sr. Dr. Fúlvio Adducci, Lages (SC), 22/10/1914.

¹⁰⁷ *Ibid.*

Um manifesto confeccionado pelas forças de oposição de Curitibanos contendo graves denúncias à gestão do coronel Albuquerque, foi publicado pela imprensa local. O coronel fora acusado, entre outras coisas de consentir "no espancamento de presos na cadeia civil desta vila... na deportação e no aumento de impostos para os cidadãos livres que não se submetem aos caprichos de S.S."¹⁰⁸.

O caso da família Sampaio, de Curitibanos espelha os desdobramentos dos conflitos políticos. Sampaio se voltou para a causa rebelde após descobrir que Albuquerque seduzira sua mulher. Debaixo das ameaças do coronel, Sampaio se dirigiu a imprensa denunciando que Albuquerque é "um indivíduo que empenha urnas, que faz eleições clandestinas, e apurações a bico de pena, que enxota os fiscais da oposição sob ameaças de morte"¹⁰⁹, lamentando ainda que "os plebeus nunca têm razão contra os senhores feudais, que dispõem de tudo e, até mesmo da honra daqueles"¹¹⁰.

A questão de limites entre os dois estados, colaborou para o despontar de conflitos armados no Contestado seja pela atitude das autoridades cobrando impostos sobre a erva mate ou, financiando bandos armados para garantir a posse do governo sobre o território, seja por iniciativa dos

¹⁰⁸ "Ao Público", *Folha do Comércio*, 23/7/1914.

¹⁰⁹ "Aos homens de Honra", *Folha do Comércio*, 21/2/1913.

¹¹⁰ *Ibid.*

fazendeiros interessados em ampliar as fronteiras de suas propriedades fixando-as no rico território contestado.

O capitão Vieira da Rosa, nos seus relatos sobre a guerra do Contestado publicados em 1918, defendeu a posição do coronel Albuquerque, isentando-o das responsabilidades sobre as proporções atingidas pelo conflito, comentando que caso os caboclos acreditassem nisso, teriam se contentado em depredar apenas as propriedades do coronel quando invadiram a vila de Curitibanos; mas isso não fizeram, danificando também os prédios públicos¹¹¹.

Num ponto, pelo menos, Viera da Rosa tinha razão: os conflitos se disseminaram de tal forma que transcenderam a esfera pessoal; generalizaram-se, atingindo o plano conjuntural. Evidentemente, a pessoa do coronel, era vista como um símbolo bastante representativo dos aspectos caóticos das estruturas e por esta razão muitos deles estavam sujeitos às incursões caboclas e às leis severíssimas da guerra santa. Um exemplo disto é a resposta à uma proposta de pacificação feita pelo capitão Mattos Costa e rebatida pelos revolucionários nos seguintes termos:

"Os redutos se dispersariam depois de liquidados os coronéis Arthur de Paula, Fabrício Vieira, Chiquinho de Albuquerque, Amazonas Marcondes, Affonso Camargo, Pedro Vieira, Pedro Ruivo, os irmãos Miechniekowk da estação de Escada e outros e ainda depois da restituição das vidas das mulheres e das crianças que foram mortas

¹¹¹ VIEIRA DA ROSA, "Reminiscências da Campanha do Contestado. Subsídios para a história", *loc. cit.*

pelas forças do governo no ataque de Taquaruçu"¹¹².

A concentração de terras nas mãos de poucas pessoas, processo que se agravou durante o século XIX, quando começaram a aparecer os "intrusos" como uma nova categoria social, constituiu, sem dúvida, um dos detonadores dos acontecimentos posteriores em 1912. Com a proclamação da República se intensificou o projeto de colonização, realizado em boa parte em terras devolutas, e as ampliações das concessões de terrenos às empresas estrangeiras. Os empresários aliados aos fazendeiros locais e aos governos, compravam terras devolutas e de particulares por preços irrisórios, vendendo-as depois com vantagens. Neste processo de modernização, muitos posseiros foram expulsos de suas terras e nada podiam fazer quando um terceiro, devidamente documentado aparecia reclamando seus direitos como o legítimo proprietário¹¹³. O capitão Mattos Costa, indignado com tal situação, relatou à imprensa que

"os jagunços queixam-se de que o coronel Arthur de Paula e outros chefes políticos lhes tomaram as terras que habitavam e agora lhes impedem de recorrer às terras devolutas do Governo, por se terem apossado delas pessoas conhecidas e que tem facilidade de obter dos governos, grandes territórios nos dois Estados"¹¹⁴.

¹¹² PEIXOTO, *op. cit.*, p. 229.

¹¹³ Sobre como se dava a apropriação de terras públicas e terras dos posseiros ver Todd Alan DIACON, *Capitalists and Fanatics: Brazil's Contestado rebellion, 1912-1916*, tese de PhD (história), Madison: Universidade de Wisconsin, mimeo., 1987.

¹¹⁴ PEIXOTO, *op. cit.*, pp. 229-230.

A relação entre patrões e empregados no Contestado, jamais foram civilizadas. Os coronéis humilhavam os pobres e impingiam castigos corporais aos desobedientes¹¹⁵. Os trabalhadores ervateiros (posseiros, intrusos), estavam sujeitos aos maus tratos dos patrões e até mesmo dos imigrantes polacos que certa vez açoitaram um caboclo¹¹⁶. Todo este quadro gerou uma hostilidade irreconciliável entre os caboclos e os demais grupos no Contestado, que não cessou com o término da guerra pois "toda aquela gente, porém, continuou crente, mesmo depois do desaparecimento de seu guia; tornou-se inimiga irreconciliável das povoações, das vila e de seus chefes políticos"¹¹⁷.

Sob o prisma milenarista evidentemente, estes fatos não são interpretados isoladamente, mas em bloco.

A compreensão desse pano de fundo da insurreição no Contestado, sob a ótica dos rebeldes, depende principalmente da investigação dos aspectos mais elementares do modo de vida caboclo que é regulado por valores elaborados sobre sistemas de trabalho comunitário, gerando regras de convívio social permeadas pelas noções de justiça, solidariedade, por exemplo, cujo fundo inegavelmente se relaciona também a conteúdos religiosos. Um exemplo disso, foi o caráter da formação dos sertões de Canoinhas para onde confluíram os

¹¹⁵ Depoimento de Vicente Telles, *loc. cit.*

¹¹⁶ Cf. QUEIROZ, p. 65.

¹¹⁷ PEIXOTO, *op. cit.*, p. 452.

fugitivos de 1894, quando a revolução foi controlada pelo governo. A zona contestada era totalmente desabitada e suas riquezas ofereciam excelentes perspectivas para o futuro. A princípio cem famílias se instalaram ali, número que crescia dia a dia, e criaram um modo próprio de governo, mesmo porque ali não havia autoridades nem do Paraná, nem de Santa Catarina¹¹⁸. O fundador dessa comunidade foi Francisco Paula Pereira que possuindo terras em São Bento decidiu mudar-se por não poder, como dizia, continuar vivendo com sua gente debaixo de administração "estrangeira", fixando-se por volta de 1891 nos sertões de Canoinhas¹¹⁹. A cada família foi dado um pedaço de terra e "no rancho do Pereira se reuniam periodicamente, por vários dias, que passavam rezando e lendo a bíblia. Parece que naquele tempo reinava entre eles uma espécie de comunismo"¹²⁰. A intensão de Francisco Pereira era a de "edificar a cidade futura no ponto mais elevado daquelas paragens"¹²¹. Por volta de 1894-5, o monge João Maria apareceu no lugarejo e "pregava aos caipiras e lhes dava conselhos, muitas vezes revoltantes"¹²². No lugar onde o monge dormia, no alto do morro, os habitantes

¹¹⁸ Cf. "Movimento Fanático", *Blumenauer Zeitung*, 15/8/1914.

¹¹⁹ Cf. "O Monge. A propósito do caso de Curitibanos...", 10/10/1912.

¹²⁰ "Movimento Fanático", *Blumenauer Zeitung*, loc. cit.

¹²¹ "O Monge. A propósito do caso de Curitibanos... loc. cit.

¹²² "Movimento Fanático", *Blumenauer Zeitung*, loc. cit.

ergueram uma cruz em homenagem ao profeta. Com a morte de Francisco Paula Pereira, criou-se uma comissão encarregada de levar até a capela, no alto do morro, as oferendas à Santa Cruz. Esse modo de vida regido por costumes e tradições veio a ser abalado quando estas terras foram cedidas ao patrimônio do município e daí destinadas a colonização¹²³.

A ocupação do Irani também se fez a conselho do monge João Maria:

"Falando em uma tragedia
quero contar em um segundo
que se deu cos moradores
que morava em Paço Fundo
quando o monge João Maria
caminhava pelo mundo

Na beira de uma estrada
o meu avô rezedia na tarde
de uma cesta feira veja o que
lhe acontecia ele encontrou
um velinho que Ali ninguém
conhecia falando o velinho
dise que era o monge João Maria

Falando o monge indicava a
mais o menos 10 familia que
viesem embora pra um lugar
que o monge conhecia que era o
sertão de Palmas que nada lhe acontecia

Não ligarão o que tinham
deixaram tudo de lado muitos
deles vieram apé carregando o
revirado a procura da floresta
que o monge tinha indicado

Vieram embora pro sertão não
foi atras de riqueza vierão
conhecer uma terra toda xeia
de beleza ali criavam seus

¹²³ Cf. "O Monge. A propósito do caso de Curitibanos...",
Folha do Comércio, 11/10/1912.

filhos zelando da natureza

Nem um deles tinha estudo
mas tinham muita educação
uzavam muito respeito muita
consideração assim fiseram
sua vida numa verdadeira união

Foi assim que eu fiquei
rico xeio de tranqüilidade esa
riqueza que eu falo é saude
e amizade isto fais parte da
vida e tras muitas felicidades"¹²⁴.

Se o número de comunidades do gênero no Contestado era expressivo, não pudemos confirmar, porém os depoimentos com moradores do Irani e do Taquaruçú, por exemplo, revelam os costumes dos caboclos que criavam o gado a solta e ajudavam-se mutuamente no plantio e coleta da roça. Esse modo de vida conflitava com o projeto de colonização voltado para a ocupação racional do solo, com plantio em escala comercial. Isso e mais os hábitos de vida incompatíveis, geraram inclusive inúmeros conflitos entre caboclos e imigrantes¹²⁵.

Para o nosso objetivo aqui, é de pouca utilidade a elucidação dos caminhos trilhados pela penetração na região dos imigrantes, da ferrovia do grupo Farquard e da sua subsidiária Lumber, já que pretendemos abordar o modo como esses acontecimentos foram interpretados pela população. Isto é, o modo como foram efetivadas as alianças políticas e financeiras entre as elites e entre estas e o capitalismo internacional permaneciam na sombra, uma vez que as

¹²⁴ Fabrício das Neves, caderno manuscrito.

¹²⁵ Depoimento de Selmo Delfes, Taquaruçú, 1989. Depoimento de Nilson Thomé, Joaçaba (SC), 1989.

informações dessa natureza não chegavam ao conhecimento do grosso da população sertaneja. Mas o mesmo não se pode dizer dos efeitos desta política sobre a vida dos caboclos e dos agentes que operavam por trás da cortina que foram apontados como os responsáveis diretos das mudanças introduzidas. Porque para os milenaristas os fatos em si nada representam e apenas adquirem um peso ou valor quando interpretados em conjunto e inseridos numa linha do tempo muito longa, pois a história é vista como um tempo que caminha progressivamente para o fim e isto é inexorável.

A guerra do Contestado representa uma intervenção na história que já se cumpriu e está saturada, que não começou com a "penetração capitalista", mas desembocou nela, pois antes disso os ímpios já existiam. O ódio às famílias Pacheco e Zacharias de Paula, duas entre outras famílias de fazendeiros influentes sentenciadas à morte pelos rebeldes, coloca em discussão as hipóteses que considerem, eventualmente, a idéia de monarquia no Contestado vinculada a existência de uma situação de vida ideal para os pobres antes do contato com a ferrovia, baseada em laços apaziguadores do compadrio. É verdade que encontramos nos livros de registro os nomes de coronéis figurando como padrinhos de muitas crianças, porém por esta fonte não se consegue determinar se o compadre do referido coronel seria seu empregado¹²⁸. Do mesmo modo, e sobre isso infelizmente

¹²⁸ Cf. DIACON, *op. cit.*, p. 114.

não existe registro algum, além de depoimentos, inúmeras famílias aguardavam a passagem dos monges pela região para que batizassem e apadrinhassem seus filhos. Pois é preciso que se diga, sempre houve violências entre as classes no Contestado e não mais branda do que aquela introduzida posteriormente quando as empresas ferroviária e serraria introduziram armamento sofisticado na região com vistas a deter a rebeldia de seus empregados e proteger o seu patrimônio. O tratamento cruel que o fazendeiro dispensava ao seu "compadre" rebelde como chibatadas corretivas e sal grosso nos ferimentos provocados, são um dado relevante na composição da imagem do ódio entre as classes no Contestado¹²⁷. Relevante também é o fato de que o último líder dos rebeldes - Adeodato - não hesitou em invadir a propriedade de seu padrinho, para quem havia trabalhado como camarada, e assassiná-lo.

Para a visão milenarista da história os conflitos existem desde que o mundo é mundo e desde que injustiças sejam praticadas pelos poderosos. O caso da questão de limites para o sertanejo, por exemplo, transcende ao problema de ser catarinense ou paranaense, implicando diretamente no problema de ser perturbado no seu modo de vida pela incursão de bandos armados patrocinados por tal ou qual coronel que cobiça terras, ou ver-se na contingência de obedecer a exigências burocráticas, antes desconhecidas,

¹²⁷ Depoimento Vicente Telles, já citado.

para poder continuar habitando um lugar ocupado há vários anos pela sua família¹²⁸. Do mesmo modo que a questão da terra, não é para o sertanejo a questão da "cobiça da terra"¹²⁹, mas simplesmente a terra é a sua casa, sem fronteiras, e o seu sustento.

A guerra sertaneja do Contestado, irrompeu, em suma, num momento em que aquelas populações se viram afrontadas no seu modo de viver e nos seus valores, e de uma maneira que transcendia o limite do suportável, porque as mudanças súbitas interferiram de forma inaceitável sobre a autonomia. Nessa relação conflituosa entre a autonomia relativa de vida dos caboclos e o autoritarismo das classes dominantes no sentido de implementar o projeto capitalista, reside o motivo capaz de explicar a reação imediata que se sucedeu e a violência aplicada contra os "peludos" e "pés redondos", cujos corpos eram desfigurados pelos rebeldes¹³⁰.

Se é verdade que a religião é uma faca de dois gumes, servindo tanto ao poder como instrumento na manutenção do

¹²⁸ Depoimento Selmo Delfes, já citado.

¹²⁹ Depoimento Nilson Thomé, já citado.

¹³⁰ "Será que podem ser chamados de ingênuos, pessoas que nas lutas de Gragoatá mataram o Tenente Belísio em luta e depois retalharam seu corpo até o irreconhecível?? (somente pelas divisas foi reconhecido) e, que mataram os feridos internados no hospital para depois os retalhar? Aqueles que desenterram seus companheiros mortos em luta, os cortam em pedaços e os jogam aos cachorros? A meu ver não, e creio que muitos são da mesma opinião.". "Movimento Fanático", *Blumenauer Zeitung*, 19/8/1914

status quo¹³¹, quanto à sociedade, como substrato cultural capaz de produzir uma crítica aos poderes instituídos, então, para o caso que analisamos parece fundamental o desvelamento desse outro lado da moeda. Sobre este ponto são inúmeros os exemplos apresentados pela história, mas é de se notar as lições legadas pelo digger Winstanley cuja interpretação dos textos bíblicos foi se tornando mais política do que propriamente uma crítica a teologia, quanto maior foi sua penetração social¹³². A religião no ótica popular preserva a dimensão do coletivo, principalmente quando enfatiza o problema do milênio, sempre aguardado como um tempo de aliança, sem contradições, sem poder.

Mas não precisamos buscar exemplos em lugares longínquos e tempos remotos para nos convenceremos do caráter aglutinador e político da religião popular e do papel fundamental desempenhado pelos mitos na constituição de uma forma ideal de organização social. A imagem de São João Maria é cultuada também no Rio Grande do Sul, servindo de emblema em 1902, na localidade de Pinheirinho, para o movimento dos "Monges de Pinheirinho", quando se temia uma reedição do movimento Mucker e da guerra de Canudos.

¹³¹ A crença, por exemplo, na eminência do Juízo Final pode ser um estimulante para o Culto ao Imperador. Ver Bernard CAPP "Godly Rule and English Milenarianism" in: *The Intellectual Revolution of XVIIth Century*, Londres: Routledge and Kegan Paul (Col. "Past and Present Series"), 1974, pp. 386-398.

¹³² George JURETIC, "Digger No Millenarian: the revolutionizing of Gerrard Winstanley". Spartanburg Day School, Spartanburg, S.C., pp. 263-280.

Posteriormente, em 1937, durante o governo Vargas, o mito João Maria ressurgiu no movimento dos "Monges Barbudos" tendo como primeiro líder Deca França que se dizia um discípulo do monge, com quem teria aprendido a curar através das ervas e a cultuar e respeitar o sol, as águas e a terra. Os barbudinhos, assim chamados porque seguindo o curso natural das coisas deixavam crescer a barba e os cabelos, diziam-se católicos da religião de São João Maria que manda guardar os sábados e acredita na extinção do mundo pelo fogo. Segundo as regras desta crença heterodoxa, escaparão ilesos nesse dia apenas os seguidores da seita. Como costuma acontecer nesses casos, houve uma repressão violenta resultando na prisão de muitos crentes da religião sob suspeita de comunismo. Um oficial do exército, preocupado com esta hipótese perguntou ao preso Pedro Raimundo se Deca França dizia que a terra era de todos obtendo como resposta que "enquanto houver homem na terra ela ia ser governada. Ia ter donos. O que era de todos não era a terra, era o sol, a água, a lua, isto sim"¹³³. Por volta de 1954, o Contestado ferve novamente quando cem pessoas se reuniram para um assalto dizendo que "agora os ricos vão ficar pobres e os pobres vão ficar ricos"¹³⁴.

¹³³ André PEREIRA e Carlos Alberto WAGNER, *Monges Barbudos e o Massacre do Fundão*. Porto Alegre: Mercado Aberto (Documenta, nº9), 1981, p. 67.

¹³⁴ Depoimento do Dr. Nelson Scholl à Thomás Pieters e Pe. Biaggio Simonetti, Capela X de Novembro (município de Fraiburgo - SC), 17/11/1973.

A história do messianismo e do milenarismo é, portanto uma história sem começo e sem fim, semelhante nisto à perenidade da história da opressão que visa extinguir reavivando a todo instante a imagem emblemática dos mensageiros da esperança. Em meio a essas histórias sem consumação permanece uma incógnita:

"Quem será aquele que o historiador um dia trará, preso pela gola ante o tribunal da História para responder pelo massacre e ser estigmatizado com o ferrete do verdugo pela posteridade? Esperemos pelo tempo"¹³⁵.

¹³⁵ Henrique RUPP JUNIOR, "Os Fanáticos: Notas para a História." *Folha do Comércio*, 23/2/1914.

CAPITULO III

SOBRE A LEI DA MONARQUIA

A IDEIA DE MONARQUIA

Como atesta Bernard McGinn¹, não há, em qualquer parte da Bíblia, algum indício sugerindo que a salvação venha através do Império, sendo este compreendido, evidentemente, como poder temporal. Os primeiros escritos apocalípticos reforçam esta afirmação na medida em que nos revelam uma imagem do império revestida por um conteúdo bastante negativo, como verificamos, por exemplo, no *Apocalipse* de São João. Apenas depois da conversão de Constantino - que promulgou o édito de tolerância em 312 tornando o cristianismo uma religião respeitável e aceita²-, quando houve uma reinterpretação dos escritos do profeta Daniel, abriu-se a possibilidade da efetivação do casamento entre a Escritura e o poder real. Posteriormente, Justiniano modificou o direito romano beneficiando o cristianismo, porém reservando para si o poder de legislar pois o Imperador como vice-rei de Deus se incumbiria tanto do

¹ Cf. Bernard Mc GINN, *Visions of the End: Apocalyptic Traditions in the Middle Ages*, Nova Iorque: Columbia University Press, 1979, pp. 25-26.

² Cf. H. R. LOYN (org.), *Dicionário da Idade Média*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991, p. 107.

comando da Igreja como do Estado. Leão III, o Isauro, reafirmava as suas prerrogativas dizendo: "Eu sou aquele a quem Deus ordenou que alimentasse o seu rebanho, como Pedro, o Príncipe dos Apóstolos"³.

Apesar de uma série de obstruções a este tipo de representação em torno do rei, e que são evidentes na Escritura, séculos da nossa história foram dominados pela sacralização do poder temporal, influenciando a cultura dos povos mais diversos e permanecendo até nossos dias. Um olhar dispensado ao oriente próximo antigo, notará uma realeza se auto dotando de atributos divinos como a onisciência e a sabedoria, de tal modo que Ramsés II se percebia totalmente identificado com o deus-sol. O caso de Hamurabi excede ao de Ramsés, pois além de tomar para si as qualidades do Deus Ra (Deus sol), se posicionava ainda política e socialmente como um Deus entre os reis⁴. Finalmente, no Sudão anglo-egípcio os reis do povo Shilluk, acredita-se, descendem diretamente de Nyikang, o líder que conquistara o território para aquele povo e cujo espírito sobrevive na casta real de geração em geração. Há algo de curioso nesse caso: o rei dos Shilluk reina, porém não governa, assumindo uma função basicamente sacerdotal⁵. Esse tipo de liderança em si não é de causar

³ *Ibid.* p. 108.

⁴ Cf. ZANDEE, "Le Messie. Conceptions de la royauté dans les religions du proche orient ancien", *Revue de l'Histoire des Religions*, 180 (1), n°1, 1971, p. 6.

⁵ Cf. Evans PRITCHARD, "A monarquia divina dos Shilluk", *Social Anthropology and Other Essays*, fichamento

estranheza pois é característico de várias sociedades tribais, dentre as quais se incluem grupos indígenas brasileiros. O que prende a atenção porém, é a semelhança, no que diz respeito às atribuições do monarca, à concepção da monarquia judaica. Dentro desta tradição, o rei deve ser sancionado por Yahvé porém não está autorizado a se fazer reverenciar como "imagem de Deus". No caso egípcio entretanto, ocorre o inverso. Tout-Ankh-Amon, por exemplo, pode significar "imagem vivente de Amon". Para os semitas o rei não é o próprio Deus, porém é tomado como o mediador autorizado entre Deus e o homem, cumprindo uma função sacerdotal. Um exemplo é o da escolha de Salomão, que foi consagrado no Santuário e se comprometeu a construir o Templo⁶. Havia mesmo em Israel uma resistência à mitologização do poder real encabeçada pelos profetas Elias e Oseias, contrários a uma adoção para o judaísmo de influências pagãs de tal ordem. Oseias condenava inclusive a Monarquia em si como uma forma de prostituição baseada na recusa em aceitar Yahvé como o único soberano⁷.

O problema da sacralização do rei parece ter persistido apesar da desconfiança e resistência de alguns. Na Inglaterra do século XIII, Eduardo I deu início ao ritual da

encontrado sem referência completa no acervo de Duglas Teixeira Monteiro.

⁶ Cf. ZANDÉE, *op. cit.*, pp. 10-11, 21.

⁷ Cf. Adolph LODS, *"Les Prophètes D'Israel et les Débuts du Judaïsme"*, Paris: La Renaissance du Livre (Col. "l'Evolution de l'Humanité"), 1935, p. 99.

cura pela mão régia, que se propagou até o século XVIII, quando então "os médicos deixaram de recomendar o tratamento pelo toque do rei"⁸. Havia se disseminado a crença na cura da escrófula e outros males como epilepsia, pela intermediação do rei, cujo "poder milagroso (...) se devia à sua consagração com óleo santo na coroação, rito que sobrevivera aos escrúpulos dos primeiros reformadores⁹."

De uma maneira geral, a figura do rei parece oscilar numa ambivalência: ora ele é o próprio Deus, ora o representante de Deus na Terra, porém em qualquer dos casos a sua imagem está associada ao cosmo, pois sua soberania se estende ao domínio dos fenômenos naturais¹⁰. Tal identidade se estabelece pela consideração dos planos físico e moral. Isto é, a chegada do rei representa o prenúncio da prosperidade, do bem estar e da justiça para os pobres¹¹ e se o monarca não goza de boa saúde isso certamente se refletirá no reino, todavia a estabilidade do mundo natural acompanha na mesma medida o que se passa no domínio moral.

O cristianismo introduziu modificações importantes para a compreensão da realeza do ponto de vista conceitual e prático. Jesus é o ungido do Senhor e vem para realizar a

⁸ Keith THOMAS, *Religião e o Declínio da Magia: crenças populares na Inglaterra, séculos XVI e XVII*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 167-168.

⁹ *Ibid.* p. 169.

¹⁰ Mircea ELIADE, *La Nostalgie des origines: methodologie et histoire des religions*, Paris: Gallimard (Col. "Les Essais", 157), 1971, pp. 72-73, 77-78.

¹¹ Cf. ZANDÉE, *op. cit.*, pp. 11, 14, 16.

espera judaica do rei salvador proveniente da casa de Davi. O messias agora vem não só para fazer justiça aos pobres senão para punir os opressores. Entretanto, esta sólida aliança firmada entre o plano religioso e o político parece insuficiente para abarcar a complexidade envolvendo o conceito de Monarquia. A interpretação de Daniel sobre o sonho de Nabucodonossor abriu caminho para futuras conjecturas acerca da instauração de um Quinto Império que seria o último império do mundo. No sonho o imperador viu uma estátua fabricada em quatro materiais (ouro, prata, ferro e argila) e cuja destruição foi atribuída a uma pedra lançada do alto. De acordo com o profeta, os quatro materiais simbolizam quatro impérios sucedendo o de Nabucodonossor numa ordem sempre decadente, até que ao término dos quatro impérios "o Deus do céu suscitará um reino que jamais será destruído, um reino que jamais passará para outro povo."¹²

Sobre o momento da instauração do reino esperado, há uma variedade enorme de cálculos intrincados e considerações teológicas que vão desde Santo Agostinho, situando a data numa sétima idade e interpretando o reino como puramente espiritual; passando por Joaquim de Fiore com a instauração de um reino terreno na terceira idade, chegando ao

¹² DANIEL, 2,44.

pensamento vieiriano e uma posterior dissidência nos séculos XVI e XVII¹³.

Apesar de Antonio Vieira ter escrito no seu tempo

"para que não haja ignorância tão cega nem ambição tão presumida, que tire a Deus o que é de Deus, para dar a César o que é de César, atribuindo à fortuna ou indústria humana o que se deve só à disposição divina"¹⁴,

o fato é que o Quinto Império já havia sido associado à uma segunda vinda de Carlos Magno, a Frederico Barba Roxa (o Imperador Adormecido), a Don Sebastião e ao Papa Angélico. Porém o que importa saber para o objetivo deste capítulo é que na tradição portuguesa há pelo menos duas expectativas em torno do futuro reino: uma milenarista e messiânica, bem representada pelo padre Vieira, vislumbraria no Quinto Império a restauração da Jerusalém Celeste e a vigência do Império do Mundo; outra, messiânica, nas Trovas de Gonçalo Annes Bandarra, reservando exclusivamente à nação portuguesa um destino glorioso que se cumprirá com o retorno do rei Don Sebastião¹⁵.

Muito deste imaginário havia se frutificado no projeto português de navegação firmemente concentrado em viagens arriscadas e sem rumo definido com o objetivo primordial de

¹³ Cf. Maria Leonor Carvalhão BOESCU, "Introdução" in Antonio VIEIRA, *História do Futuro*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Col. "Biblioteca de Autores Portugueses"), 1982, p. 19.

¹⁴ VIEIRA, *op. cit.*, p. 66.

¹⁵ Cf. BOESCU, "Introdução" in: VIEIRA, *op. cit.*, p. 14.

encontrar a Jerusalém Terrestre¹⁶. Não é de surpreender que as primeiras missões jesuíticas no Novo Mundo fossem norteadas por um espírito milenarista, inspirado sobretudo no pensamento de Joaquim de Fiore. Uma releitura dos escritos do abade encontrava no elemento indígena, selvagem e inocente, apesar de pagão, o depositário de toda expectativa em torno da chegada da era do espírito. Naquele momento se chegou a acreditar que finalmente se concretizaria a propalada conversão universal e, conseqüentemente, adviria o Império do Mundo. Não resta dúvida que "a conquista e missionação das Índias Ocidentais inseria-se num projeto universal, de sentido escatológico"¹⁷. Dentro deste imaginário medieval o rei ocupa um lugar importante. Em Portugal, o regime de Padroado conferia ao rei o título de grão-mestre de ordens religiosas, facilitando nas colônias de domínio português o exercício, pelo rei, a um só tempo, do governo civil e religioso¹⁸. Em Portugal mesmo, os reis detinham um completo controle sobre a Igreja e sobre a vida religiosa. Em 1516, o rei D. Manoel ordenou, por exemplo, a festa da Rainha Santa,

¹⁶ Cf. Laura de MELLO E SOUZA, *O Diabo e a Terra de Santa Cruz. Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*, São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 37.

¹⁷ BUESCU, "Introdução" in: VIEIRA, *op. cit.*, p. 21.

¹⁸ Apud. Carlos Rodrigues BRANDAO, *Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual*, São Paulo: Edições Paulinas (Col. "Estudos e Debates Latino-Americanos", nº13), 1985, p. 134.

realizada em Coimbra, e cujo ritual não ocultava, como boa parte das comemorações religiosas, o seu caráter oficial e ao mesmo tempo popular, de divertimento. Posteriormente, a Igreja tentou fazer com que se cumprissem as resoluções do Concílio de Trento (1545-1563) referentes à supressão do caráter "profano e lascivo" das manifestações populares nas festas religiosas¹⁹. Parece irrefutável que na herança cultural a nós legada pelos portugueses há um emaranhado que amalgama no imaginário popular a imagem do rei, física e conceitualmente, a uma perspectiva escatológica, milenarista e messiânica. Neste caldeirão onde se misturam ingredientes os mais diversos, junta-se ainda traços de escatologia e milenarismo presentes entre os índios guarani que empreendiam migrações com o fito de atingir a terra sem mal, costume anterior mesmo à chegada dos missionários portugueses²⁰.

Nos capítulos anteriores aludimos a importância adquirida, no imaginário popular do Contestado, pela noção cujo epicentro é a figura do rei. Porém ao tentarmos percorrer os caminhos que nos conduzem à compreensão deste aspecto fundamental do imaginário dos rebeldes, nos defrontamos com meandros desencorajadores. Quando pensamos

¹⁹ Cf. Pierre SANCHIS, "A Caminhada Ritual", *Religião e Sociedade*, (9), 1983, p. 17.

²⁰ Cf. ELIADE, *op. cit.*, pp. 203-221. Sobre a influência do messianismo entre os indígenas dos Andes ver Luis MILLONES, *Mesianismo e Idolatria en los Andes Centrales*, Buenos Aires: Fundação Simón Rodríguez-Editorial Biblos (Col. "Cadernos Simón Rodríguez", nº 15), 1989, 65 p.

ter decifrado na sua íntegra o conceito popular de Monarquia, logo verificamos a necessidade de ultrapassarmos o limite imposto, onde investigamos novos elementos ao mesmo tempo confirmando as afirmações anteriores e opondo-se à elas. De qualquer modo, podemos dizer à princípio, que o imaginário popular do sertão sul do Brasil do início do século, não foge a uma regra básica, válida também para outras regiões do país, e que é a persistência de toda uma herança cultural através da qual se torna pertinente e verossímil a mitologização dos fatos políticos. No caso do Contestado, como veremos mais adiante, uma leitura do mundo e das relações sociais dessa natureza não se confunde com uma atitude mística perante a realidade.

A vertente de onde se extrai uma interpretação religiosa dos acontecimentos políticos não consiste apenas de relatos bíblicos e suas incessantes reinterpretações. Existe também, além do folclore, uma literatura que trata em forma de romance assuntos bíblicos relacionados a acontecimentos históricos bem posteriores. Para o caso específico do Contestado o livro *A História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*²¹, influenciou fortemente na composição do imaginário rebelde. O livro é inspirado numa

²¹ Alexandro Caetano Gomes FLAVIENSE, *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, Rio de Janeiro: Livraria Império, s.d., 417 p.

canção de gesta intitulada *A Canção de Rolando*²², um poema que conta o cerco sofrido por Carlos Magno, no século VIII, nos Pirineus, quando voltava da Espanha para França. No romance, o imperador Carlos Magno e seu exército imbatível enfrentam os exércitos pagãos dos mouros com o intuito de completar o domínio da fé cristã em todos os territórios. Através dos episódios das lutas o autor delinea para o leitor o universo ético e moral da civilização cristã. Mas a transposição para a vida social dos comportamentos e atitudes pregados pela Igreja e presumidos como edificantes, não parece ser o motivo que classifica o romance como um dos cinco livros mais cotados na preferência do público sertanejo. Muito mais evidente parece ser a identificação da história do livro com o modo de vida sertanejo, que vê nas façanhas do exército de Carlos Magno a intensão obstinada para a defesa de um ideal corajosamente protegido. Sobre este ponto, o próprio capitão Vieira da Rosa²³ parecia não ter a menor sombra de dúvida pois, acreditava que "a contínua leitura de Carlos Magno ou os Doze Pares de França, livro que se encontra espalhado por esses sertões e que constitui toda biblioteca sertaneja, cooperou para o

²² Anônimo, *A Canção de Rolando*, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora (Col. "Obras Primas Através dos Séculos"), 1988, 129 p.

²³ José Vieira da Rosa foi capitão do Exército Nacional e participou da repressão no Contestado. A ele foram atribuídas as responsabilidades pelo "açougue" ou fuzilamento dos rebeldes aprisionados no final da guerra.

completo desequilíbrio desses cérebros brancos"²⁴. Porém um simples olhar dirigido para tal preferência fez com que Bastos Tigre observasse tanto no messianismo de José Maria, como no de Antonio Silvino e Santa Cruz, um "caráter cavalheiresco, aventureiro, caricatura contemporânea do espírito bélico medieval"²⁵, um espírito romântico amparado no "quixotesco intuito de proteger os fracos e castigar injustiças"²⁶. Esta aura quimérica e aventureira envolve a própria figura do caboclo do Contestado, definido como um

"mateiro excelente, (...) quase um silvícola, deixa de comprar uma roupa para os dias de domingo, mas carrega sempre um excelente revólver na cintura, uma clavina não menos boa nos arreios, além do facão de setenta centímetros, verdadeiros sabres de combate"²⁷.

Para somarmos mais um elemento às representações em torno do conceito de Monarquia, temos ainda, numa mesma perspectiva do romance sobre Carlos Magno, a lenda da Távola Redonda do Rei Artur e seus cavaleiros, envolvidos na redescoberta do Santo Graal, através do qual será restituída a saúde do rei e seu reinado²⁸. Nuances dessa lenda podem

²⁴ VIEIRA DA ROSA, "Reminiscências da Campanha do Contestado. Subsídios para a história", in: *Terra Livre* (Florianópolis), A partir de agosto de 1918.

²⁵ BASTOS TIGRE, "Canudos e Irani", *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro), 29/10/1912.

²⁶ *Ibid.*

²⁷ VIEIRA DA ROSA, "Reminiscências da Campanha do Contestado. Subsídios para a história", *loc. cit.*

²⁸ Cf. J. BOULENGER, *Les Romans de la Table Ronde*, tomo I, Paris: Union General d'Éditions (Col. "10/18", nº 498),

ser apreendidas numa crença popular do Contestado acerca de São Sebastião que "quando realizou a guerra fincou a espada na pedra, enquanto a espada estava na pedra haveria guerra. São Sebastião foi guerreiro."²⁹ Finalmente, há toda a literatura sebastianista que aborda a espera do Salvador, o rei encoberto, que retornará em glória, salvando o povo português do domínio espanhol. Mas, o conjunto dessas expectativas em torno de um rei que restaura ou salva alguma coisa, tem uma forte vinculação com o tema tomado como religioso, porque este rei na narrativa bíblica é o próprio Deus (para os judeus, inclusive só Yahvé é rei) ou mesmo Jesus. Uma leitura racionalista como a lacunziana³⁰ das Escrituras Sagradas aponta para o fato de que Cristo veio ao mundo como salvador, porém o seu segundo advento será marcado pela majestade dotada de todos os atributos normalmente incorporados ao cargo, a saber, o de julgar, ordenar, mandar, reger e governar, fato confirmado em Lucas

1972, 317 p. Ver também Jean MARKALE, *Le Graal*, Paris: Retz (Col. "Question de"), 1982, 267 p.

²⁹ Depoimento de Margarida, filha de Generoso Ribeiro à Tomás Pieters, Fraiburgo (S.C.), 17/11/1973.

³⁰ Manuel LACUNZA (1731-1801), jesuíta chileno expulso quando da supressão da ordem no chile. Refugiou-se na Itália onde escreveu *Venida del Messias en Glória y Majestad*, em 3 volumes, considerado como um tratado milenarista. Cf. Henri DESROCHE, *Dieux d'Hommes. Dictionnaire des messianismes et milenarismes de l'ère chrétienne*, Paris/La Haye: Mouton, 1969, p. 165.

onde está escrito que Jesus "voltou depois de ter recebido o reino"³¹.

É desnecessário dizer que a imaginação transcendental sobreposta ao plano do concreto gera, pelo menos uma dupla concepção da figura do rei: por um lado o ponto de vista daquele que assume o papel de rei, por outro, o daquele que vê no rei um salvador. Há inúmeras provas desta diversidade de expectativas ao longo da história, mas para ilustrar citamos o caso português da destruição das Trovas do sapateiro português Gonçalo Annes, o Bandarra, considerado um profeta pelo povo, mas chamado em 1545 perante o Santo Ofício para prestar declarações a respeito de suas trovas sobre o encoberto³². De fato, no modo simples de interpretação deste sapateiro se podia vislumbrar um destino trágico para poderes intuídos através dos versos como ilegítimos. Vejamos o que escreve em seu "Segundo Sonho":

CVI

Se lerdes as Profecias
De Jeremias
Irão dos cabos da terra
Tomar os Vales, e Serras,
Pondo guerra,
E triar as heresias,
Derrubar as Monarquias,
E fantasias
Serão bem apontoadas,
Serão todas derrubadas,

³¹ Manoel LACUNZA Y DIAZ, *3 Parte de la Venida del Messias en Gloria y Majestad*, Madri: (Col. "Biblioteca de Visionários Heterodoxos y Marginados"), cap. II.

³² Cf. Antonio Carlos CARVALHO, "Apresentação" in *Profecias do Bandarra: sapateiro de trancoso*, Lisboa: Vega (Col. Janus, nº 7), 1984, pp. 9-32.

Desconsoladas
Fora das possentadorias

CVIII

Muitos podem responder,
E dizer:
Com que prova o sapateiro
Fazer isto verdadeiro,
Ou como isto pode ser?
Logo quero responder
Sem me deter.
Se lerdes as Profecias
De Daniel e Jeremias
Por Esdras o podeis ver³³.

Se tomarmos o fenômeno do sebastianismo como um todo, verificamos que o rei enquanto figura histórica é apenas uma metáfora utilizada para exprimir não só a herança cultural dos portugueses, mas sobretudo suas aspirações socio-políticas³⁴.

No que tange à investigação da idéia de monarquia no Contestado, há ainda uma duplicidade indissolúvel de significados quando analisamos as fontes, isto é, se desejamos resolver o problema da vinculação ou não do grupo rebelde com propósitos de restauração monárquica.

Em Agosto de 1914 circulou um manifesto pelo Contestado atribuído aos revolucionários e que teve "o galhofeiro agasalho da imprensa"³⁵ das principais capitais:

³³ Gonçalo Annes BANDARRA, *op. cit.*, p. 73-74.

³⁴ Cf. Antonio QUADROS, *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, vol.I, *O Sebastianismo em Portugal e no Brasil*, Lisboa: Guimarães, (Col. "Filosofia e Ensaio"), 1982, pp. 22-23.

³⁵ Demerval PEIXOTO, *A campanha do Contestado: episódios e impressões*, Rio de Janeiro, 1920, p. 51.

"Carta aberta à Nação - Eu, D.Manuel Alves de Assumpção Rocha, aclamado imperador constitucional da Monarquia Sul Brasileira, em 1 de Agosto do corrente ano, com sede no reduto de Taquarussú do Bom Sucesso, convido à Nação para lutar para o completo extermínio do decaído governo republicano, que durante 26 anos infelicitava esta pobre terra, trazendo o descrédito, a bancarrota, a corrupção dos homens e, finalmente o desmembramento da patria comum.

Comprometo-me:

1 Em pouco tempo a eliminar o ultimo soldado republicano do território da Monarquia, que compreende as tres provincias do sul do Brasil - Rio Grande, Santa Catarina e Paraná;

2 Para o futuro, anexar ao Império o Estado Oriental do Uruguai, antiga provincia Cisplatina;

3 Organizar um exército e armada dignos da Monarquia e reorganizar a guarda nacional;

4 Dar ao paiz uma Constituição completamente liberal;

5 Reduzir os impostos de exportação e importação e bem assim estabelecer o livre cambio dentro do território do Império;

6 Fazer respeitar meus súditos, logo que me seja possível, em qualquer ponto do planeta;

7 Fazer garantir a inviolabilidade do lar e do voto, tão menosprezados pelo decaído regime;

8 Fazer respeitar em absoluto, a liberdade da imprensa, também menosprezada pela antiga República;

9 Tornar inexpugnável a barra do Rio Grande e todo o litoral do paiz;

10 Guarnecer a fronteira com o Estado de São Paulo e a fronteira argentina, logo que seja reconhecido oficialmente o novo império e organizado o exército imperial;

11 Assumir, relativamente, todos os compromissos do antigo regime, que relativamente couberem ao Império Sul Brasileiro;

12 O exército imperial será a primeira linha e a guarda nacional a segunda linha;

13 Unificação da lei judiciária do paiz;

14 Restringir a autonomia dos municipios;

15 Emitir provisoriamente numerário nominal e em seguida a conversão metálica;

16 A religião official será a católica apostólica romana;

17 Liberdade de culto;

18 Cogitar do desenvolvimento da lavoura sem desprezo da industria;

19 O imposto protecionista a industria, e a lavoura do Imperio;

20 Livres os portos do Império a todo o estrangeiro sem cogitar-se da raça, crença, etc.;

21 Serão considerados nacionais todos os estrangeiros que residirem dois anos no país;

22 Modificar o atual sistema de juri, que não está mais compatível com o século;

23 O ensino será obrigatório, tanto para a infância como para o exercito;

24 A criação do exercito aviator que atualmente está dando resultado na guerra européia;

25 Edificação da Côte Imperial que será no centro do território imperial;

26 A bandeira e corôa do Imperio Sul Brasileiro, será adotado as antigas da decaida Monarquia Brasileira;

27 A pena de morte em vigor com a força;

28 O serviço militar será obrigatório;

29 A agricultura nacional será dada uma area de terra independente de pagamento, em terras nacionais;

30 De 1 de Setembro em diante entrará em vigor a lei marcial aos inimigos da Monarquia

Viva a Monarquia Sul Brasileira!

Deus guarde e vele pela Monarquia!

Reduto de Taquarussú do Bom Sucesso, em 5 de Agosto de 1914. O Imperador Constitucional da Monarquia Sul Brasileira. *D. Manoel Alves de Assumpção Rocha* ³⁶.

Demerval Peixoto acredita que o Manifesto foi elaborado por Antonio Tavares, antigo Inspetor Escolar e Promotor na Vila de Canoinhas, que aderiu aos revolucionários com o objetivo de por um termo à questão de limites, o que lhe valeu o título de chefe do reduto político na taxionomia de Demerval Peixoto. A correspondência mantida entre Tavares e seus adversários militares comprova tratar-se de um indivíduo instruído o que em uma análise preliminar o situaria como um possível autor do manifesto, uma vez que o suposto signatário não poderia fazê-lo por ser, como a maior

³⁶ *Ibid.* 51-53.

parte dos crentes, analfabeto. Sobre esta controversa há ainda as conclusões de Oswaldo R. Cabral extraídas do depoimento do deputado e jornalista Cid Gonzaga. Para o historiador a autoria do Manifesto se deve a Guilherme Gaertner, um negociante, que redigiu o documento sob encomenda dos rebeldes³⁷. De fato, a Carta Aberta à Nação, inclui no primeiro item a intensão de agregar os tres estados do sul, uma reminiscência das idéias separatistas contidas na revolução federalista na qual Guilherme Gaertner havia tomado parte³⁸. Por outro lado, as linhas mestras apresentadas no Manifesto relativas a instauração da futura monarquia não correspondem aos anseios políticos dos revolucionários como veremos mais adiante, entretanto a difusão do documento pode ser considerada um marco iniciando a ofensiva dos rebeldes. A partir de Setembro de 1914 estaria deflagrada a guerra de tal forma que os indecisos se viram compelidos a optar: ou ingressavam nas cidades santas ou, em caso de recusa, passavam automaticamente a serem vistos como inimigos, permanecendo sujeitos às leis de guerra.

O caso envolvendo o grande proprietário de terras e comerciante Guilherme Gaertner, parece se encaixar neste

³⁷ Cf. Oswaldo R. CABRAL, *História de Santa Catarina*, Florianópolis: SEC/Laudes, 1970, p. 401 e em nota.

³⁸ Cf. Carlos GAERTNER SOBRINHO, "A Campanha do Contestado. O Manifesto Monarquista", *Blumenau em cadernos*, (14), 1973, p. 107.

momento. Por ser compadre de Euzébio, forneceu durante algum tempo mercadorias para o reduto de tal forma que estava informado sobre o movimento dos rebeldes. Ao que parece, fez um uso duplo de sua posição, "facilitando informações ao inimigo"³⁹, ou também teria "criticado o movimento que se processava sem uma razão ou finalidade, aparentando uma alucinação religiosa coletiva"⁴⁰. Tais notícias chegaram rapidamente aos redutos e os crentes reunidos na praça diante da Igreja realizaram um auto de fé. Depositaram na praça todas as mercadorias compradas do comerciante e atearam fogo, entoando cânticos e bradando "vivas" a José Maria⁴¹. O mesmo procedimento adotavam quando apreendiam um cargueiro do inimigo cujos objetos eram considerados impuros. Aquele ato significou a sentença de morte à Guilherme Gaertner, e que não foi cumprida porque o réu conseguira se evadir à tempo⁴². Tudo aconteceu num momento em que as forças do exército voltaram aos quartéis porque o comandante da primeira expedição ao Contestado - General Carlos de Mesquita - acreditava que após o massacre de Taquarussú, o movimento findara. Em desespero de causa

³⁹ Maurício Vinhas de QUEIROZ, *Messianismo e Conflito Social. A guerra camponesa do Contestado: 1912-1916*, São Paulo: Atica (Col. "Ensaio", nº 23), 1981, p. 146.

⁴⁰ GAERTNER SOBRINHO, *op. cit.*, p. 106.

⁴¹ Cf. Maria Isaura PEREIRA DE QUEIROZ, *La "Guerre Sainte" au Brésil: le mouvement messianique du "Contestado"*, São Paulo: FFCL-USP (Col. "Boletim nº 187, Sociologia I", nº 25), 1957, p. 167.

⁴² Cf. QUEIROZ, *op. cit.*, p. 146.

Gaertner teria redigido o manifesto com vistas a atrair a atenção do governo federal e estadual, uma vez que remeteu o documento pelo correio às capitais⁴³.

Na trama que compõe o conceito de monarquia no Contestado encontramos ainda outros nos. Isto é, considerando as tradições de lutas na região sul podemos dizer que o sentimento monarquista adquiriu amplas proporções dividindo a população em blocos opostos na guerra dos maragatos e paca-paus. Gumerindo Saraiva, um líder da revolução de 1893, tornou-se uma figura legendária. Em vida foi considerado como herói, defensor dos humildes, pois durante o período de lutas impediu que se tocasse nos rebanhos e bens dos pobres, preferindo tomá-los dos fazendeiros. Depois de sua morte na batalha de Carovy em 1894, o povo passou a acreditar que, na verdade, ele conseguira escapar com vida e estava escondido esperando o momento oportuno para reaparecer e implantar a Monarquia⁴⁴. Os ódios contra o regime republicano nunca se dissiparam completamente e no Contestado do início do século ressurgiram vivificados, de tal modo que havia quem se declarasse "monarquista" abertamente e dentre estes certamente uma parcela poderia ser notada dentro dos redutos rebeldes. As cartas enviadas por líderes revolucionários como Euzébio Ferreira dos Santos e Elias de Moraes a antigos

⁴³ Cf. GAERTNER SOBRINHO, *op. cit.*, p. 106.

⁴⁴ Cf. PEREIRA DE QUEIROZ, *op. cit.*, p. 78 e em nota.

amigos monarquistas de outros estados convidando-os a engrossar o movimento são uma prova de que havia de fato para alguns rebeldes um "sentimento monarquista"⁴⁵. Entretanto, alguns detalhes nos levam a nos interrogarmos sobre qual monarquia se pretende afinal de contas no Contestado. Euzébio Ferreira dos Santos era um fazendeiro que, de acordo com a avaliação de Dermeval Peixoto sofria de dois males: era monarquista e ao mesmo tempo fanático⁴⁶. Do mesmo modo, Elias de Moraes, juiz de paz, fora filiado ao partido republicano⁴⁷. O caso de Aleixo Gonçalves, parece ainda mais intrigante, pois segundo Aujor Avila da Luz, teria se transmutado durante os anos de guerra de político em fanático⁴⁸. Estes contrastes nos indicam ao menos o seguinte: que a ideologia monarquista e também a republicana cultivada entre os adeptos da guerra santa, não parece ser a mesma difundida nas principais capitais do país, ou ainda, não parece coincidir com as linhas que se impuseram politicamente. O caso do fazendeiro Chico Pires é ilustrativo da vaguidade do sentido dos termos monarquia e república para o sertanejo. Durante a guerra do Contestado

⁴⁵ PEIXOTO, *op. cit.*, pp. 70-71.

⁴⁶ Cf. *Ibid.* p. 72.

⁴⁷ Cf. Todd Alan DIACON, *Capitalists and Fanatics: Brazil's Contestado rebellion, 1912-1916*, tese de Phd (História), Madison: Universidade de Wisconsin, mimeo., 1987, p. 322.

⁴⁸ Cf. Aujor Avila da LUZ, *Os Fanáticos: crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*, Florianópolis: IOESC, 1952, p. 168.

Chico Pires auxiliou o governo, mas declarou depois que naquela época ele não conhecia nem a bandeira brasileira, nem o hino nacional⁴⁹. Um contorno interessante do significante atribuído ao termo monarquia naquela região, se inspira inclusive no gauchismo. A idéia de *monarca de coxilha* precede à Guerra dos Farrapos, mas difundiu-se durante a mesma permeada por um ideal de liberdade calçado, por estranho que possa parecer, no espírito republicano⁵⁰. Em suma, os vários anseios com relação à guerra do Contestado se congregavam mais propriamente em torno do que se convencionou chamar *fanatismo*, isto é, a adesão à religião de monges que é o modo regional e popular de manifestação das expectativas relativas à vida política e social. Os bilhetes e ordens de piquetes dos rebeldes, sempre invocando os preceitos da religião rústica e o nome dos monges, comprovam isto.

As mesmas acusações de tentativa de restauração monárquica no Contestado, serviram também como um argumento poderoso quando da insurreição de Canudos, e que naquele momento vinha justificar a ação repressiva do governo. A fala do promotor Elpídio de Mesquita no tribunal do júre do Rio de Janeiro, quando acusava os réus no caso do assassinato do coronel Gentil de Castro revela os meandros semânticos do termo monarquia em Canudos. Para assegurar a inocência do coronel monarquista assassinado, que fora

⁴⁹ Cf. PEREIRA DE QUEIROZ, *op. cit.*, p. 72.

⁵⁰ Cf. QUEIROZ, *op. cit.*, p. 141.

acusado por inimigos políticos de participação na insurreição de Canudos, o promotor recorre à depoimentos importantes publicados pela imprensa. O general Claudio Savaget, respondendo às farpas lançadas contra ele pelo jornal *O Paiz*, ironizava: "Só o que não pode é obrigar-me a dizer que em Canudos existem 400 ou 500 milhões de inimigos da republica ...Ao meu ver ali só ha jagunços, e nada mais"⁵¹. O próprio governador da Bahia, o sr. conselheiro Luiz Vianna fora categórico, acreditando mesmo que os rebeldes

"se digam monarquistas como meio de fazer opposição e se oporem às autoridades locais. Se recebem, como dizem, auxílio de monarquistas, do que ainda não estou convencido, é devido à necessidade que têm de recursos, e estes aceitariam de quem quer que fosse.

"Canudos atualmente está sendo uma exploração contra o Governo da União e do Estado, e muitos, que se dizem bons republicanos, conheço eu desejariam ardentemente, que os fanáticos levassem a melhor"⁵².

A composição heterogênea dos agrupamentos rebeldes do Contestado também nos impede de acreditar que ali houvesse um propósito de restauração monárquica. Evidentemente, "sob frondes das seculares imbuías" havia os "sonhadores do regime passado"⁵³, porém, a condição fundamental para o

⁵¹ Elpidio de MESQUITA, *Acusação desenvolvida no Tribunal do Jury do Rio de Janeiro contra os réos pronunciados pelo assassinato do coronel Gentil José de Castro*, Rio de Janeiro: Typographica do Brasil, 1898, p. 27.

⁵² *Ibid.* p. 31.

⁵³ PEIXOTO, *op. cit.*, p. 226.

indivíduo que ingressava nos acampamentos rebeldes era a conversão aos preceitos da religião católica pregada pelos monges e até mesmo os chefes se tornavam aceitos porque falavam e agiam em nome dos monges. O "tipo característico de "fanático"⁵⁴, é descrito pelos militares como alguém aparentemente humilde e franco, carregando consigo, além da pistola, da carabina curta e do facão, uma oração de José Maria e uma fita com a medida de João Maria, guardada "ardilosamente num dos nauseabundos bolsos do casaco", sendo "o mais precioso objeto"⁵⁵ que possui.

Diante de tantas informações desencontradas sobre a restauração da monarquia no Taquaruçu, necessitamos ainda recorrer a outras fontes com o fim de reduzirmos esse acontecimento às suas devidas proporções. Tudo teve início com um desafio de viola entre dois tocadores quando José Maria, eleito festeiro, organizou a festa do Bom Jesus. O vencedor da porfia terminara sua trova com um viva à monarquia, verso que o companheiro de desafio não pode responder. O público saudou o vencedor entoando muitos vivas à monarquia. Em Curitiba o coronel Francisco Ferreira de Albuquerque, há muito implicado com o monge, encontrou nisso um pretexto para recorrer ao auxílio das forças do governo

⁵⁴ *Ibid.*, p. 394.

⁵⁵ *Ibid.*

alegando tentativa de restauração monárquica no sertão sul⁸⁸.

Sobre as particularidades da festa popular do Divino Espírito Santo no Contestado pouco pudemos extrair dos depoimentos e da bibliografia que versa sobre o tema. Em linhas gerais, entretanto, parece não destoar das descrições correntes da festa em outras regiões do país, que abordaremos agora em virtude de tratar-se o episódio narrado anteriormente de um dos momentos daqueles festejos. Geralmente tudo tem início com a Folia do Divino, quando um grupo sai às ruas, munido da bandeira do Divino, enfeitada com fitas e levando também a Coroa. Animados e cantando os integrantes do grupo se dirigem às casas com o fim de angariar os recursos necessários e anunciar a data das comemorações. Depois, o festeiro escolhe alguém, normalmente um menino, para reinar durante a semana da festa. Ele deverá presidir, de uma tribuna montada especialmente para ele, o baile, os jogos, e as cerimônias religiosas realizadas durante os nove dias da festa. A coroação do Imperador é feita dentro da Igreja e após missa solene e sermão. Dali o Imperador sai acompanhado por um cortejo formado pela Irmandade do Espírito Santo. O festeiro pode também escolher entre os amigos uma guarda para o Imperador, conferindo aos seus membros títulos de nobreza como duque, marquês, conde,

⁸⁸ Cf. J. O. PINTO SOARES, *Guerra em Sertões Brasileiros: do fanatismo à revolução, da revolução ao acordo*, Rio de Janeiro: Papellaria Velho, 1931, p. 20.

barão. O Imperador trajado em veludo, levando na cabeça a Coroa e na mão o cetro, desfila pelas ruas dentro do "quadro santo", formado por quatro varas, pintadas de vermelho, cujas pontas são seguradas por quatro pessoas importantes do lugar. O ápice das comemorações é no dia do Espírito Santo, com missa cantada, coroamento do Imperador, procissão, "cavalhada", banquetes, vésperas dirigidas pelo padre ou capelão laico do lugar e, finalmente a eleição do próximo Imperador encerrando com a queima de fogos de artifício. Em seguida, o próprio festeiro, que durante toda semana ofereceu em sua casa comida e bebida para os foliões, se encarrega da distribuição de víveres aos pobres⁵⁷.

Na bibliografia sobre o Contestado não existe nenhuma descrição mais detalhada da festa popular no Taquaruçú, apenas alguns comentários que fazem crer numa semelhança ritual entre a festa do divino e a do Bom Jesus realizada naquele ano.

Tudo que foi dito até agora faz parte de um quadro bastante complexo para o qual convergem muitas linhas de pensamento semelhantes, porém incompatíveis entre si, de tal modo que a tentativa de implementar um modelo explicativo que abarque a totalidade da problemática do Contestado, torna-se infrutífera. Do ponto de vista da tradição e da cultura, há, para ilustrar, o próprio caso do sebastianismo onde se misturam conteúdos da tradição judaica aliados a elementos célticos-bretões e arturianos. Além disso, muitas

⁵⁷ Cf. PEREIRA DE QUEIROZ, *op. cit.*, pp. 88-94 e notas.

faces dessa cultura se delinearão quando da sua adoção pelos africanos e brasileiros adquirindo novas características⁵⁸. Portanto, no caso do sincretismo do Contestado, só nos resta aproveitarmos do fato que os sertanejos nos falam por imagens para recuperarmos sua idéia de monarquia, traçando o topos do movimento rebelde.

A LENDA E A HISTORIA

Em toda aquela literatura romanesca citada anteriormente, o rei emerge como a própria encarnação da justiça, punindo os malfetores e degladiando-se com o adversário mais renhido, cuja incrível força parece impossível dirimir. Um esforço tão pertinaz se explica pelo objetivo de instaurar a paz universal decorrente da congregação dos povos sob um cetro e uma coroa cristãos. A Canção de Rolando, por exemplo, poema que deu origem ao romance lido no Contestado, conta como sucedeu a derrota francesa nos Pirineus, a morte do heróico Rolando na batalha de Roncesvales e o reverso da situação desvantajosa em que se encontravam os valorosos Pares de França, graças à intervenção de Deus concedendo aos cristãos o domínio sobre

⁵⁸ Cf. Antonio QUADROS, *op. cit.*, vol. II, *Polêmica, história e teoria do mito*, Lisboa: Guimarães e Cia. (Col. "Filosofia e Ensaio"), 1983, p. 149.

os sarracenos. Toda sorte de injustiças encontra no final uma punição justa, inclusive a traição de Ganelon à Carlos Magno, relacionada a uma vingança contra Rolando. A vitória do bem, da moral da fidelidade e da justiça são o enfoque principal do poema.

Um dos aspectos mais fascinantes desses romances e poemas, é o elo estabelecido entre a lenda e a história, de tal modo que não se consegue determinar onde uma termina e a outra começa. Carlos Magno foi rei dos francos no período de 768 à 814 e imperador de 800 à 814, quando submeteu os povos românicos e germânicos ao seu controle político e militar. As expedições de conquista e conversão forçada dos frísios e saxões ofuscaram a popularidade de Carlos Magno, porém por pouco tempo, pois à partir dessas empresas, o Império Carolíngio ressurgiu no século X ⁵⁹. A força do Imperador, sua inteligência e vitalidade transformaram-no num mito após a sua morte. Conforme os oráculos sibilinos haveria um imperador dos últimos dias que se renderia à Jerusalém para coroar a Cruz com sua própria coroa. O eclipsismo da profecia deu margem a que outros personagens históricos a vissem realizada neles próprios e as primeiras cruzadas se deram sob os auspícios de um *Carolus redivivus* identificado com alguns príncipes ou guerreiros. Havia também quem acreditasse na ressurreição do Imperador dentre os mortos que passava a acompanhar os combatentes cruzados⁶⁰. A

⁵⁹ Cf. LOYN, *op. cit.*, p. 73-74.

⁶⁰ Cf. DESROCHE, *op. cit.*, p. 87.

história e a lenda se combinaram dando origem ao surgimento, no século XI, da famosa canção de gesta, uma literatura vibrante onde o poeta mistura a tradição oral aos temas do cotidiano, fazendo com que os personagens espelhem os valores dos ouvintes.

O romance, baseado no poema, que circulou pelo Contestado preserva as características do romance medieval pleno de um conteúdo dramático. Segundo Luís da Câmara Cascudo, este romance de cavalaria apareceu no século XVI na Espanha, traduzido do francês. A primeira edição portuguesa, ainda em língua espanhola data de 1615. Apenas em 1728 foi traduzido para o português. A edição que apareceu em Lisboa em 1863 é a que se encontra nos sertões do Brasil⁶¹. Ela inclui uma segunda parte narrando a história de Roldão (Rolando), sobrinho de Carlos Magno, fruto de um amor proibido, que vive anonimamente na floresta com sua mãe Berta, lutando contra todas as adversidades de uma vida de privações até encontrar-se com o tio, àquela altura já coroado imperador, que fez dele um seu cavaleiro. Como o estilo literário do romance do gênero obriga que os fatos se apresentem ao leitor recobertos por uma aura de idealização, a narrativa desperta a fantasia do rei ideal, realizada plenamente no desenrolar da trama, pois ele emerge das

⁶¹ Cf. Luís da Câmara CASCUDO, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC (Col. "Dicionários Especializados", nº 3), 1972, vol. 1, pp. 228-229

paginas do livro como aquele que abdica de certas atribuições conferidas à ele pela posição que ocupa, misturando-se ao povo. O Carlos Magno do romance é um indivíduo

"instruído nas artes liberais e outras ciências morais e espirituais, passava muitas vezes o tempo em ler semelhantes livros; visitava a igreja três vezes por dia, de manhã, ao meio dia e à noite; nas festas solenes mandava ornar as igrejas à sua custa, gastando nisto muita fazenda; e era muito caritativo e esmoler e não somente com os seus vassallos pobres, senão também mandava repartir tesouros cada ano com as pessoas necessitadas da Síria, Egito e Jerusalém"⁶².

Além disso, duas vezes por ano enviava homens de sua confiança para

"visitar todas as terras do seu reino para saber se eram bem governados os seus vassallos e se se executava retamente a justiça, porque não fôsem os pequenos maltratados dos grandes"⁶³.

Talvez o conteúdo social do romance explique porque havia entre os sertanejos "um culto quase religioso"⁶⁴ a Carlos Magno. De tal modo se difundira o romance na região que "quase todo caboclo letrado possui o livro" e "de quando em quando, lê para uma roda de ouvintes, os outros caboclos analfabetos que atentos, ouvem as histórias do rei cavaleiro"⁶⁵.

⁶² FLAVIENSE, *op. cit.*, p. 19.

⁶³ *Ibid.*

⁶⁴ LUZ, *op. cit.*, p. 69.

⁶⁵ *Ibid.*

Um oficial do destacamento do major Leovigildo observou que José Maria "lia em voz retumbante e comentava, solene, uma página sobre Roldão dos Oliveiras, à uma multidão em extasis, em humílima genuflexão" e que por intermédio da narrativa o monge

"emprestava valor aos fracos, tornando-os invencíveis; incutia-lhes ainda mais a fé religiosa, lhes demonstrava como, tendo um homem fé em Deus, podia brigar até com mil que a não tivessem"⁶⁶.

Num jornal da época, houve a tentativa de compreender porque "José Maria fez da história do famoso rei a sua bíblia", se questionando sobre o "que teria nesse livro que tanto impressionou o espírito grosseiro desse caboclo?", e ainda, "qual seria a façanha que o levou a fazer desse livro o seu evangelho?"⁶⁷. A resposta a essas perguntas talvez nunca possa ser encontrada pois se foi com o monge, entretanto, trechos esparsos da história romanceada do rei nos fornecem as pistas. Entre as outras qualidades já mencionadas,

"Carlos Magno tinha tres condições virtuosas. A primeira era fazer a todos igual justiça, sem que ninguém se queixasse. A segunda ouvir e responder a todos com paciência, e a terceira era ser manso e pacífico no falar e responder"⁶⁸.

⁶⁶ PEIXOTO, *op. cit.*, p. 403-404.

⁶⁷ Apud. Jean Claude BERNARDET, *Guerra Camponesa no Contestado*, São Paulo: Global (Col. "Passado e Presente", nº 6), 1979, p. 29.

⁶⁸ *Ibid.* p. 30.

Nos romances a pessoa do rei, seja Carlos Magno ou o rei Arthur, adquire importância apenas na medida em que se dissolve num conjunto de ideais, do qual a idéia Rei emerge como baluarte. É o desejo desenfreado de sair ao encalço desses ideais tornando-os uma realidade palpável, a noção que contamina os rebeldes do Contestado. O apego aos valores tais como a lealdade, honestidade e companheirismo, suscitados pelo romance parece ser um dos fatores que levou os sertanejos a animarem os personagens do livro trazendo-os para a realidade como signos da guerra. Houve então, uma reedição dos Doze Pares de França.

A primeira formação dos Pares de França aconteceu no Taquarussú, durante as folias da festa popular. O monge nomeou Manoel Alves d'Assumpção Rocha como rei e selecionou doze homens para formar a guarda de honra, figurando também como apóstolos. Outros doze homens foram escolhidos, fazendo companhia aos primeiros doze. Ambos grupos estavam armados à facção para a "luta contra a República"⁶⁹. Frei Menandro Kamps acreditava que tendo Cristo conquistado o mundo com doze apóstolos, do mesmo modo desejava proceder José Maria com seus escolhidos⁷⁰. Dessa forma os Pares de Carlos Magno originalmente formados com doze indivíduos, se converteram em vinte e quatro guerreiros. Nos deparamos então com

⁶⁹ Aurélio STULZER, *A Guerra dos Fanáticos (1912-1916). A contribuição dos franciscanos*, Petrópolis (RJ): Vozes, 1982, p. 34.

⁷⁰ *Ibid.*

associações interessantes. Inicialmente, a palavra Pares no romance significa "os iguais", para designar os heróicos cavaleiros de Carlos Magno. Mas por Par se subentende também uma dupla, tornando doze pares vinte e quatro homens ao invés de doze. Vinte e quatro, doze mais doze, doze apóstolos e doze guerreiros, e ainda vinte e quatro, o dobro de doze, número que representa as doze tribos de Israel dispersas pelo mundo e por isto mesmo o número se relaciona com a idéia de expansão no espaço e no tempo. A duplicação do doze nos sugere, além das implicações evidentes da multiplicação em si, uma alusão à aliança entre o sonho (o romance, a Escritura) e a ação (o concreto).

A primeira investida dos Pares de França se deu no Irani causando surpresa para o adversário:

"Qual uma verdadeira phalange de loucos, os matutos se arrojaram sobre os soldados. Os *Pares de França* puseram em execução, pela primeira vez, as suas diabólicas cabriolas de esgrimistas. Cada crente tombado na sangrenta mistura, cumpria o seu juramento, via três e quatro combatentes cair mutilados antes do seu corpo derrear"⁷¹.

Durante os sucessivos encontros com as forças do governo, os Pares de França transformaram-se num corpo de combate de elite que avançava na frente para o *entrevêro*, munido de arma branca, normalmente um enorme e afiadíssimo facão confeccionado em madeira dura, apenas idealmente próximo à Durindana de Rolando. Entretanto, a valorização do

⁷¹ PEIXOTO, *op. cit.*, pp. 129-130.

combate corpo à corpo, com arma branca, animado por toques de tambor e pela movimentação de bandeiras coloridas são, sem dúvida, adaptações para a realidade das fantasias incentivadas pela leitura. A espada adquire um papel importante, especial, e à imitação dos pares de Carlos Magno, os caboclos atribuíam nomes às suas espadas. A de Paulino Pereira, por exemplo, chamava-se "Venenosa" e segundo seu dono, era capaz de matar de um só golpe⁷². As espadas, não nos esqueçamos, são também a arma fatal para os ímpios, como está dito no *Apocalipse*.

Observando e recortando os fatos, combinando semelhanças e trabalhando imaginativamente com idéias, eles produziram uma visão espetacular do mundo onde figuraram como heróis. A teatralização da luta e demais alegorias são elementos fundamentais incorporados à cultura popular no Contestado. As "cavalhadas", imprescindíveis nas festas populares, sejam elas religiosas ou não, são a simulação de um combate, imitando as antigas justas, onde os cristãos, chefiados pelo rei dos cristãos, lutam com os mouros, comandados por um príncipe bárbaro⁷³. Acompanhando o tema bíblico, aos cristãos deve sempre caber a glória da vitória, porém, acontece na versão popular, que por vezes também perdem...

⁷² Cf. PEREIRA DE QUEIROZ, *op. cit.*, p. 153.

⁷³ *Ibid.*, p. 94.

Mas se a teatralização da luta no folclore e na vida real impregnam o cotidiano de uma aura onírica, por outro lado, no momento da luta chegou a proporcionar vantagens num sentido prático. Os Pares de França como um corpo de combate de elite, formado com o dobro de homens além do previsto, representava um melhor desempenho no confronto corpo à corpo, sobretudo se levarmos em consideração que as forças regulares ignoravam um modo eficaz de desmobilizar a tática de guerrilha cabocla, centrada no ataque surpresa, de emboscada e com uso de arma branca. O bater dos tambores acompanhando as façanhas dos Pares de França revigorava-lhes o ânimo ao mesmo tempo em que provocava um pânico generalizado entre os soldados, pois estes só conseguiam avistar os caboclos quando já era tarde demais. Além disso, os ruflos dos tambores aliado à gritaria combinada das mulheres e crianças formava a falsa impressão de um volumoso exército de caboclos enfurecidos avançando impiedosamente sobre os soldados, que não raro debandavam desordenadamente e aterrorizados antes mesmo de engajarem-se na luta. Estes contingentes, formados basicamente com

"sertanejos do norte, (...) [que] estavam meio possuídos da convicção da superioridade misteriosa dos fanáticos; alguns acreditavam mais na lenda de que os jagunços eram intangíveis às balas do que em sua própria má qualidade de atiradores; impressionavam-se com a astuciosa invisibilidade dos bandoleiros e sugestionavam-se ainda porque os jagunços não deixavam sinão vestígios de sangue depois das

formidáveis descargas da fuzilaria defensiva..."⁷⁴.

O Capitão Vieira da Rosa, irritado com a artilharia dos caboclos, narrou um confronto em que

"mal os soldados retiravam da cara as carabinas, o caboclo abandonava para o nosso lado uma suja bandeira branca com a qual acreditava poder abater, a cada movimento, cinquenta pés redondos. Esse movimento era também um sinal de fogo"⁷⁵.

A utilidade das bandeiras, entretanto, não se restringia a isso. Os Pares de França, carregavam-nas na mão esquerda e com um rápido movimento vedavam a visão do soldado, golpeando-o com o facão que levavam na mão direita. A estas bandeiras os rebeldes atribuíam propriedades curativas e tocavam com ela os ferimentos dos irmãos atingidos na luta. O costume de purificar objetos animais e pessoas com bandeiras difundiu-se antes do movimento. O próprio monge João Maria lançou mão desse recurso para atenuar o sofrimento dos feridos na revolução federalista.

A concepção da guerra como algo fantástico, por incrível que possa parecer, também contribuiu para tornar as ações dos combatentes mais eficazes. Havia a crença de que os mortos em combate apenas *se passavam* ingressando, na verdade, no exército encantado de São Sebastião. A certeza da invulnerabilidade fez com que um dos caboclos bradasse

⁷⁴ PEIXOTO, *op. cit.*, p. 352-353.

⁷⁵ VIEIRA DA ROSA, "Reminiscências da Campanha do Contestado. Subsídios para a história", *loc. cit.*

para um soldado "Me mata peludo - e depois eu te pego"⁷⁶. Os velhos e os jovens combatiam alegremente⁷⁷ e as crianças recebiam treinamento militar. As mulheres instigavam os homens à luta enquanto durante o confronto as crianças munidas de bastões, juntavam pedras perto das trincheiras e lançavam-nas contra o inimigo que se aproximava⁷⁸. Tanto melhor a performance em combate, quanto maior a fé:

"os fanáticos assignalavam com cruzes os seus objetos e também as balas de chumbo, cortadas, tinham o efeito da *dum-dum* ou abriam no espaço produzindo estalidos secos ou, então, ferimentos graves quando atingiam os soldados"⁷⁹.

Até aqui encontramos um cenário do conflito que se serve de uma simbologia muito rica resgatada do romance épico ambientado na Idade Média, bem como das imagens evocadas pelo *Apocalipse* de São João. Todavia, não nos arriscamos a afirmar que a transposição no tempo e no espaço dos signos e imagens do romance e da Escritura, representem no Contestado um mero ressurgimento da monarquia em *stricto sensu*. Mesmo porque, segundo aquelas duas fontes a idéia de Monarquia não é a convencional. Mas, em algum ponto no imaginário dos rebeldes há uma referência sutil aos fatos decorridos no passado tanto recente como remoto, formando um elo com aquele presente vivido; uma conexão semelhante à da

⁷⁶ DIACON, *op. cit.*, p. 301.

⁷⁷ Cf. PEIXOTO, *op. cit.*, pp. 406-407.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 129-130.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 684.

lenda com a história. A adoção das idéias fundamentais do romance e da escritura pelos sertanejos, deixam a impressão de que os preceitos "antigos" ganham materialidade, deixando um plano meramente virtual ou ideal diante do "novo regime" (o regime republicano). O "ultrapassado" possibilita uma leitura crítica, comparativa, do "novo", desde um ponto de vista conjuntural, mais geral. Mas a ordem passada a que se faz referência o tempo todo, na verdade nunca existiu, porque ela é a ordem perfeita, que ainda não entrou no calendário, porém ficará na história quando a República for tirada dela.

A dificuldade de ligar os diversos canais da Guerra Santa de São Sebastião reside justamente no ponto de confluência dos emblemas da guerra, tomados de empréstimo daquela literatura, com os fatos que determinaram o conflito, e aí retornamos inevitavelmente para o problema da temporalidade que é essencial numa visão milenarista da história. Na relação entre o tempo experimentado e a virtualidade, notamos que no Contestado a tradição da Escritura e do folclore é adaptada para o contexto sobre o qual ela vai agir, sofrendo inovações, apagando algumas imagens e reavivando outras. Dentre essas imagens, destacam-se as de realeza e Monarquia, certamente relacionadas com uma concepção de tempo multifacetada; bíblica e profana, concreta e supra real. Não podemos entretanto, discutir essas imagens sem tocarmos no problema das lideranças do movimento e até que ponto teriam colaborado para a

concentração do poder ou centralização administrativa, o que em última instância seria incongruente com os propósitos milenaristas, no que eles tem de essencial. Procuraremos demonstrar que houve uma coerência em torno de determinados objetivos, permanecendo intacta até praticamente o final da guerra, quando Adeodato se autoproclamou líder e cumpriu o seu mandato com mão de ferro, estabelecendo o terror interno, rompendo os laços fraternos que uniam os crentes.

Como já dissemos, os antecedentes históricos da Guerra do Contestado são distintos, porém inter-relacionados: problema de posse de terras, a questão de limites, mandonismo local, resistência à exploração capitalista dos recursos naturais e da força de trabalho, implantação do projeto de colonização, desejo de derrubar o governo republicano, desemprego, revanchismo. Todas as tendências se refletiriam na organização dos Quadros Santos, de tal modo que o chefiado por Tavares lutava pela resolução da pendência judicial acerca da questão de limites; o de Caragoatá ficou conhecido como o reduto dos crentes (fanáticos), havia também grupos independentes que se vinculavam a um e outro Quadro Santo, como o caso de Venuto Bahiano e também dos Sampaio que chefiavam homens armados dispostos a colaboração na guerra santa. O primeiro caso foi motivado por perseguições, pois Venuto cometera um crime e refugiara-se no Contestado onde parece ter feito inimigos com quem pretendia um ajuste de contas. O caso dos Sampaio se deve aos ódios políticos em Curitibanos.

O problema das lideranças do movimento, um ponto fulcral para a interpretação da guerra do Contestado, parece levantar suspeitas quanto aos propósitos que moviam os revoltosos. A bibliografia que aborda o tema interpreta a escolha dos chefes freqüentemente condicionada a divisão social anterior. Os ricos fazendeiros nos postos de chefia arrastavam o povo sem instrução à luta em benefício próprio⁸⁰. Isto é, o fazendeiro que entrava para os redutos levava consigo além da família, os seus dependentes (agregados, etc..) ⁸¹, de tal modo que o primeiro tornava-se chefe enquanto os últimos apenas "humildes soldados da fé". Mas se isso é verdade, vem negar a evidência de uma revolução no Contestado na qual todo povo do sertão se engajou do lado dos fanáticos, além dos prováveis quatro mil desempregados da estrada de ferro, provenientes de outras regiões do país, que não eram agregados e nem compadres de fazendeiros rebelados. Não são raros também os casos em que "o pai estava nas forças do governo como 'vaqueano' e os filhos, como jagunços, no reduto..."⁸²; o próprio caso de Elias de Moraes é representativo. Um dos seus irmãos, Bonifácio de Moraes engajou-se na guerra santa; o outro - Maximiliano de Moraes - ao contrário, optou pelo auxílio as

⁸⁰ Cf. Herculano Teixeira d'ASSUMPTÃO, *A Campanha do Contestado*, Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1917, vol. 1, p. 216.

⁸¹ Cf. PEIXOTO, *op. cit.*, p. 54; LUZ, *op. cit.*, pp. 101, 108, 109, 113.

⁸² LUZ, *op. cit.*, p. 113.

forças legais⁸³. Para determinarmos o elo de união e interesses tão difusos se torna importante verificar como se estabeleceram as lideranças no início do movimento.

Fazia um ano da morte do monge José Maria, e muitos de seus adeptos ainda aguardavam o seu retorno. Entre estes achava-se Euzébio Ferreira dos Santos um fazendeiro com propriedade em Taboão, município de Curitiba. Desde a morte do monge, a família de Euzébio instituiu um pequeno culto em memória de José Maria dedicando-lhe orações e oferendas. Uma tarde, a neta do fazendeiro, Teodora, dirigiu-se à avó dizendo que vira São José Maria debaixo da caneleira. Tomada de surpresa Querubina respondeu à neta "louvado seja Deus! Quem é vivo sempre aparece!"⁸⁴.

A partir deste dia, formou-se em torno da árvore um pequeno grupo em orações ao monge de quem se esperava milagres. Ao término de uma semana Teodora recebe uma mensagem do monge dizendo que se Euzébio pretendia seguir a Deus deveria num prazo de três dias deixar todos os seus bens e voltar ao Taquarussú. Depois de reunir algumas famílias e oito cargueiros contendo o estritamente necessário Euzébio chegou ao Taquaruçu em 1 de dezembro de 1913. Parou primeiro na casa de Praxedes Gomes Damasceno, um negociante que teria sido um Duque ou Ministro da Fazenda de José Maria, durante a festa popular do ano anterior.

⁸³ Depoimento de José Maria de Moraes, Fraiburgo (SC), 22/2/1990.

⁸⁴ LUZ, *op. cit.*, p. 100.

Antevendo a repetição da tragédia de 1912, Praxedes recusou hospedagem ao grupo. Euzébio foi ter então com Chico Ventura, um fazendeiro adepto de José Maria e explicou-lhe o que vinha sucedendo com Teodora, ali mesmo a menina entrara em transe, fora coberta por um pano branco sobre o qual atiraram flores. A mensagem do monge era clara: deviam formar um novo acampamento no Taquaruçú. Chico Ventura permitiu então que Euzébio se estabelecesse com sua gente na fazenda. Eram em torno de vinte pessoas formando "a tribo escolhida de 'São' José Maria"⁸⁵ acampadas em toscos ranchos de palha e casinhas de ranchões. Aos que chegavam Euzébio

"mostrava (...) através de minúscula lente de aumento de um canivete que possuía - uma raridade naqueles sertões - a vista de uma grande cidade. E aquela gente simples admirada de tal maravilha, dizia que era o Taquaruçú do futuro"⁸⁶.

Em poucos dias Manoel, um filho de Euzébio com mais ou menos dezoito anos de idade emerge como um novo intérprete das mensagens de José Maria dando um novo tom ao acampamento aconselhando que os crentes se aparelhassem com facões de guamirim e adornassem os chapéus com fitas brancas deixando as pontas caídas para trás.

Uma semana depois houve uma mobilização policial, porém Frei Rogério foi enviado como emissário na tentativa de dispersar o grupo pela persuasão, evitando, desse modo, o

⁸⁵ *Ibid.*, p. 101.

⁸⁶ *Ibid.*

emprego da violência. Estabeleceu-se então, um diálogo interessante que o próprio frei narrou em suas memórias. Ao advertir o povo dos perigos que corria com a vinda das forças do governo e implorar pela dispersão o frei dá início à seguinte conversa:

"O velho Euzébio, então, replicou-me: - Eu não posso decidir nada. Isto compete ao nosso comandante" (o seu filho Manuel).

"Eu vos peço pelo amor de Deus" - respondi-lhe - "pelo amor de vossas famílias e das vossas almas, para retirar-vos, para não sofrerdes com a vinda dos soldados". Gritou então, alguém: - "Eles terão coragem de vir cá?" Sim, respondi-lhe - "eles virão".

- "Estamos debaixo da proteção da Virgem Maria!" exclamou o velho Euzébio; "graças a Deus". E pulando como um doido e erguendo as mãos sobre a cabeça, repetiu: "Graças à Deus: no que foi secundado pela mulher e pelos outros.

Aproximou-se o Chico Ventura, cumprimentando-me. Pedi-lhe que despachasse aquele povo, ao que o "coitado" respondeu-me: - "Nós estamos aqui por ordem de Deus".

Falei, então com Claudiano Alves de Oliveira, pedindo-lhe que se retirasse do grupo. Estava ainda a aconselhá-lo, quando apresentou-se o Manuel, filho de Euzébio, dizendo-me: - "O que o senhor veio fazer aqui? Cachorro! Retire-se, não apanha!"

"Quem é esse moço?" Perguntei.

"É Manuel, filho de Euzébio", respondeu-me e ele mesmo acrescentou.

"Sou eu quem manda aqui".

"Si o senhor manda aqui, respondi-lhe, tenha a bondade de mandar que este povo se retire, não ele sofrerá".

Bruscamente ele respondeu-me: - "Aqui ninguém sofre. O senhor também morre". Nesta ocasião o falso profeta estava cercado duns 30 homens, todos com facões e espadas erguidas no ar.

"Respeitem os padres! - "admoestei-os; "eles são ministros de Deus. Deus aqui nos vê. Se me tocardes, Deus vos castigara".

Baixaram as armas e começaram a cortar a terra.

Um deles exclamou: - "Morres"!

E Manuel disse-me: - "Retire-se corvo, não apanhas!"

"Respeitem os padres! repeti-lhes.

- "Respeitamos os padres de boa vida, respondeu-me um rapaz", mas o senhor é um corvo, um ladrão de dinheiro nas estradas; envolveu-se "num baile na estrada de ferro do Rio do Peixe".

"Estão ouvindo a loucura deste moço?" Exclamei: - não me "envolvi" jamais em baile algum.

"Eu ví o senhor lá" - tornou ele a dizer, "com estes meus olhos".

"Apenas está confirmando a sua loucura" - respondi-lhe".

Então a mãe gritou: - "Os padres não valem mais nada".

- "Como é isto?" repliquei-lhe. "Antes me respeitavam tanto e agora estão mudados? Que é isto?".

O velho Euzébio, levantando a espada, gritou: - "Liberdade". Estamos agora em outro século!". Dirigi-me a algumas das mulheres, pedindo que pelo amor de seus filhinhos, se retirassem. Replicou-me uma das moças: - "Si morrermos, morreremos na fé de Deus".

Voltei-me então para o velho Euzébio, dizendo-lhe: - "Meu amigo! Deixe dessas bobagens! Retire-se daqui".

Então ele incomodou-se, levantou a espada e disse-me: "Si o senhor não quizer acreditar na palavra do enviado de Deus, apanha já"...⁸⁷

Dos poucos elementos que restaram sobre os intentos dos caboclos este diálogo é um dos mais significativos no que tange a dimensão da crítica política e social que permeara o movimento desde o seu princípio. Por isso mesmo, o retorno às origens dos acontecimentos nos favorece a compreensão do problema das lideranças. Euzébio e Chico Ventura foram os chefes principais da primeira fase do movimento, isto é, da fase em que os caboclos permaneceram em atitude defensiva até que as forças do governo atacaram Taquaruçú causando um verdadeiro massacre de mulheres e crianças. Esses dois

⁸⁷ Apud. *ibid.*, pp. 102-103.

líderes eram, como mostram os fatos, milenaristas e, antes de mais nada, adeptos de monges. Nisso pelo menos tornavam-se iguais à maior parte da população que aderiu ao movimento, composta de caboclos pobres. Mas esta questão é mais complexa do que aparenta, pois com o passar do tempo novas lideranças se formaram. Elias de Moraes, por exemplo, um juiz de paz que apesar de ser considerado um homem religioso aderiu ao movimento motivado por questões com a estrada de ferro e não por fé na religião de monges. Sua mulher, D. Dúlcia, por outro lado, logo se *fanatizou* e mudando para o reduto de Caragoatá, obrigou seu marido a proceder do mesmo modo. Parece que com o tempo Elias se converteu e juntamente com os primeiros líderes permaneceu entre os rebeldes até o fim.

Bonifácio José dos Santos, vulgo Bonifácio Papudo, participou em 1900 da ocupação do território de Canoinhas patrocinada por Santa Catarina, onde adquiriu terras férteis tornando-se patrão de vários camponeses empregados na coleta do mate. Quando aderiu aos rebeldes, em 1914, o fez porque perdera o cargo de funcionário municipal em Canoinhas para um rival e pensou ser possível recuperar o poder através do movimento caboclo, mas fundando o seu próprio reduto. Apesar de ter comandado ataques à Canoinhas aos gritos de "Viva José Maria" e "Viva a Monarquia", dificilmente poderíamos dizer que fosse milenarista porque entregou-se às forças legais depois de ter permanecido apenas seis meses entre os

rebeldes⁸⁸. As opiniões sobre os ataques a Canoinhas se resumiam no seguinte:

"Canoinhas não está sendo atacada pelos fanáticos, mas sim pelo banditismo a serviço da politicagem boçal de indivíduos sem o menor preparo para cargos que disputam pela força bruta"⁸⁹.

Entre estes foram indicados Tavares e Bonifácio cujo intuito seria a ocupação dos postos de camarista e superintendente em Canoinhas.

Alemãozinho, que chegou a ocupar o posto de comandante de briga, parece ter ingressado na irmandade, movido por um impulso aventureiro. Numa carta enviada à um jornal, diz apenas que viajava com mais outro alemão pelo sertão, fazendo retratos, quando nas imediações de Canoinhas foi aprisionado por um grupo de fanáticos que o levou para o acampamento "Ribeirão Raso" prometendo libertá-lo num prazo de três dias. A promessa não foi cumprida:

"Não me libertaram, ao contrário tive que prestar serviço de vigia, eu fingi concordar, não tinha outra alternativa. Não demorou muito e fiquei conhecido como "Peludo", isto é, "inimigo" e não estava mais seguro de minha vida. Fingi como se nada tivesse notado e certo dia fugi e cheguei até Campinas dos Santos. Lá encontrei um "senhor" de Papanduva que me contou que eu tinha sido visto pelas tropas do governo e que estes tinham carta branca para me matar. Até o presente momento ainda não sei porque, também não vi nada de mal nos fanáticos com os quais eu tinha passado alguns dias, esperando que agora não me matariam sem mais nem menos. Voltei para a companhia deles. Em seguida fui mandado para o acampamento geral, ali inventei a farra do "comandante". Não via outra maneira de

⁸⁸ Cf. DIACON, *op. cit.*, pp. 323-325.

sobreviver, pois sem amigos ou parentes era perigoso demais."⁸⁹

Uma gama de motivos muito diferentes influiu na decisão de cada um de tomar parte no movimento revolucionário. De qualquer modo, por fé autêntica ou por simulação, os que engrossavam o movimento deviam se colocar de acordo com a idéia básica que originara a reunião de gente, isto é, o desejo de ver realizada a utopia de uma sociedade diferente, em substituição à ordem presente, que parecia ser o intuito da maioria dos adeptos.

A estrutura interna dos quadros santos pode ainda elucidar alguns pontos obscuros com relação às lideranças. Durante os anos de guerra, a organização administrativa dos quadros santos passou por uma série de modificações, porém permaneceu uma distinção básica entre os tipos de cargos. No que se refere a organização da vida material instituiu-se o posto de "comandante de acampamento" incumbido também da chefia das rezas. Quando as necessidades da guerra passaram a exigir uma organização mais elaborada houve uma divisão dos postos em "comandante de armas" e um comando civil, para os que não lutavam. Um outro tipo de liderança pode ser observado, e diz respeito ao controle da moral dos adeptos, tanto quanto a organização militar e material, em sentido

⁸⁹ Apud. PINTO SOARES, *op. cit.*, pp. 81-82.

⁹⁰ "Dos Fanáticos", *Blumenauer Zeitung*, 16/4/1915. A carta foi enviada por "Alemãozinho, de Rio Negro, para o jornal *Der Beobachter*.

amplo, vigente nos acampamentos. Estes postos eram ocupados pelas virgens e inspirados. Eles recebiam as mensagens do alto, comunicavam-nas aos chefes e estes passavam-nas ao povo. Da assembléia de chefes ou "conselho deliberativo", tomavam parte os pares de França e os demais chefes. As virgens passavam a tropa em revista, ordenavam os combates e saída de piquetes, designavam as punições aos faltosos, distribuíam as tarefas do dia e, como fazia José Maria, iam adiante da tropa no momento dos combates⁹¹.

Em meio a estas distinções, poderíamos dizer que havia uma hierarquia? Que de algum modo a divisão social anterior se reproduzia agora dentro dos quadros santos? Do ponto de vista milenarista, a matéria deve ser sobrepujada pelo espírito, isto é, se havia algum tipo de distinção entre os crentes, estava condicionada à pureza ou impureza da alma. Entre os irmãos devia reinar "a fraternidade absoluta", o que implicava num abandono das "preocupações terrestres" identificadas com a posse de bens materiais⁹². E, "mesmo sabendo as excepcionais garantias que (...) oferece o governo eles desprezam-nas dizendo que 'não é tempo de cuidar de interesse'"⁹³. Isto é, no âmbito das preocupações

⁹¹ Cf. PEREIRA DE QUEIROZ, *op. cit.*, pp. 173, 177, 181; depoimento de Foncina Antunes Abrahão, Fraiburgo (SC), 22/02/1990; depoimento de João Paes de Farias, Lebon Régis (SC), 19/2/1990.

⁹² LUZ, *op. cit.*, pp. 98, 105; cf. PEIXOTO, *op. cit.*, pp. 54-55, 402, 714 e PEREIRA DE QUEIROZ, *op. cit.* p. 187.

⁹³ Auto de Perguntas realizado em 24/10/1914, na Chefatura de Polícia Militar na Vila de Canoinhas (SC). O

terrestres, parece existir o pensamento dominante acerca da recusa de uma atitude social individualista. A posse de bens materiais por uns em prejuízo de outros, contraria a característica predominantemente coletivista das formas de manifestação milenaristas-messiânicas, pois o milênio só se concretiza por meio da reunião dos eleitos (os puros), como um grupo identificado com um objetivo definido. O abuso das prerrogativas de chefe também se colocava em desacordo com os princípios reguladores da irmandade e, no início a comunidade dispunha dos meios para deliberar sobre esta questão. Manoel, filho de Euzébio, que no começo do movimento ocupava o importante posto de vidente, logo foi destituído quando contrariou a rígida moral sexual da Santa Religião, ao pretender dormir em companhia das virgens⁸⁴. A ascensão, por outro lado aos postos de chefia dependia, no início, da capacidade do indivíduo para receber as mensagens, interpretar os sinais, e posteriormente, na habilidade em comandar e treinar os homens armados. Dentro desses regulamentos, qualquer indivíduo poderia tornar-se chefe, pois por um ou outro motivo, dependia de um considerável grau de aceitação na comunidade, crescente ou decrescente na proporção dos benefícios sociais que poderia prestar. A família de Eusébio, por exemplo, perdeu o

interrogado é André Fazdioza, nascido na Austria, naturalizado brasileiro, lavrador, 29 anos.

⁸⁴ Cf. QUEIROZ, *op. cit.*, p. 121.

prestígio logo que ele próprio, a mulher e o neto "pretenderam passar por santos".⁹⁵

Sob o prisma milenarista o problema da organização interna se refere à necessidade de "colocar uma ordem na desordem"⁹⁶, diferenciando a irmandade do resto do mundo, a Monarquia da República. O que temos então, é uma situação bastante complexa. Isto é, por um lado os rituais da guerra montam um cenário inspirado num romance épico medieval, utilizando os símbolos da realeza como emblemas de idéias virtuosas, porém na transposição material das idéias a imagem do rei permanece num plano secundário, meramente figurativo. O aspecto simbólico da referência a realeza como meio de reverenciar na verdade a Monarquia é inegável:

"um dia era para vir o 'imperador' e 'entrar a corôa' no reduto. Seis mil pessoas saíram para recebê-lo. O 'imperador' entretanto não veio. Apenas 'entrou a corôa', que era de papelão e lata e adornada com enfeites baratos. Mas veio na cabeça de um rapazola de 16 anos, irmão de Maria Rosa... Era também para vir neste mesmo dia o 'Menino-Deus': mas ninguém o viu! A 'coroa' só, entretanto satisfez a ingênua multidão, que dispensou-lhe honras reais, levando-a para a igreja, onde foi reverenciada...⁹⁷

Se, ao que tudo indica, a imagem do rei aparece desbotada no imaginário rebelde, uma vez que durante quase tudo o movimento a autoridade estava diluída em diversos

⁹⁵ "Notícias dos Estados. Santa Catarina", *O Estado de São Paulo*, 24/1/1914.

⁹⁶ Depoimento de Foncina Antunes Abrahão, já citado.

⁹⁷ LUZ, *op. cit.*, p. 122.

postos - e alguns deles absorvidos por mulheres - paradoxalmente a idéia de Monarquia ganha viço.

A idéia de Monarquia se compreende por caminhos tortuosos porque nela está condensada não apenas a leitura popular da Escritura como também a do processo político no Brasil do início do século.

Algumas palavras esparsas mencionadas pelos sertanejos são como peças que se encaixam, montando o quebra-cabeças do imaginário do Contestado: "Monarquia era tempo de sossego"⁸⁸ e "Liberdade. Estamos agora num outro século". Assim soltas, estas frases contém aparentemente um sentido vago, porém é à partir delas que se torna possível investigar o universo no qual os homens de sonho estão mergulhados. Em princípio, um traço característico definindo os visionários é a capacidade que possuem para uma leitura do mundo na sua profundidade e para à partir disso condensar, substanciar em poucas palavras um balanço perspicaz da realidade. Para penetrarmos nesse mundo fantástico precisamos, antes de mais nada, nos atermos às significações implícitas às frases pois elas são generalizações resultantes de abstrações⁸⁹.

Um longo percurso é necessário para compreendermos as implicações da frase "Monarquia era tempo de sossego". O

⁸⁸ Depoimento de Jorge Fragoso à Duglas Teixeira Monteiro, Cachoeiro, município de Lebon Régis (SC), 21/7/1977.

⁸⁹ Para a caracterização de tipos de sonhadores ver Gabriel DROMARD, *Le Rêve et l'Action*, Paris: Ernest Flammarion, 1919, 368 p.

verbo "ser" conjugado no tempo passado sugeriria uma adesão à cronologia oficial, porém essa impressão logo se dissipa quando tomamos contato com a temporalidade vigente naqueles ermos.

"Os negócios se fazem sem nenhuma pressa, levando meses e até anos para se realizarem. As viagens, marcadas pelo passo tardo da alimária, se fazem sem nenhuma noção do tempo e distância: o "logo" do serrano não tem significação imediata e a sua "légua" não tem fim... O tropeiro, ao ser inquerido si um lugar ainda está muito longe, estira o lábio inferior num modo displiscente e diz: - "é ali!". Caminha-se uma légua e ainda não se chega ao ponto desejado: é a célebre "légua de beíço"...".¹⁰⁰

Havia mesmo uma incompatibilidade entre o ritmo de vida sertanejo e o tempo marcado pelo relógio. Na concepção do sertanejo "uma hora podia conter oitenta ou mais minutos"¹⁰¹. A necessidade de medir os espaços, demarcá-los, relaciona-los com as medidas do tempo e a velocidade, também não corresponde aos hábitos de vida na região. A palavra "quilômetro", incorporada ao vocabulário sertanejo com a vigência do capitalismo, pronunciavam como "kilômes", medida cuja noção parecia vaga pois variava de acordo com o trote do cavalo de cada um¹⁰².

Muito da temporalidade sertaneja está relacionada com o ritmo da natureza, normalmente ligado ao calendário religioso contando o tempo das tarefas, fixando as

¹⁰⁰ LUZ, *op. cit.*, p. 45.

¹⁰¹ VIEIRA DA ROSA, "Reminiscências da Campanha do Contestado. Subsídios para a história, *loc.cit.*

¹⁰² Cf. *Ibid.*

principais festividades. O parâmetro para o ritmo sertanejo é o da narrativa bíblica, voltado para o destino, mais do que para a quantificação implícita no calendário oficial. Por esta razão mesma é que os três monges do Contestado se converteram em marcos definitivos no tempo, e é a este plano que devemos relacionar a nostalgia contida na frase "Monarquia era tempo de sossego".

A Monarquia como um marco no tempo tem uma significação ambígua, pois não se refere ao regime político decaído, com o qual aliás tinham pouco ou nenhum contato, mas traz à memória os costumes, um modo de vida sobre o qual a interferência dos poderes públicos era relativa. As comunidades de posseiros em Canoinhas e Irani, por exemplo, se formaram a conselho do monge João Maria que instruía o povo sobre quando e o que plantar. Em Taquarucú, por aquele tempo, a roça de milho e feijão e a criação do gado eram trabalho comunitário. Na época da colheita ou do abate, repartiam entre si os produtos. Uma das formas comunitárias de trabalho na agricultura era o pixurum ou pixirum ou puxirão, e também o mateirão, para a coleta do mate que consistia no auxílio dos vizinhos, quando o trabalho demandava, em troca de comida, hospedagem e divertimentoos.¹⁰³

¹⁰³ Cf. C. GAERTNER, "A politicagem e o Contestado", *Blumenau em Cadernos*, (17), 1976, p. 17.; PEREIRA DE QUEIROZ, *op. cit.*, p. 85; Henrique BOITEUX, "O Falanstério do Sai", *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*, (12), Florianópolis, 1944, p. 60.

"Ninguém carneava uma rês sem distribuir pedaços de carne entre os seus vizinhos"...¹⁰⁴ Ainda hoje no Irani, na propriedade do Sr. Fabrício perdura a tradição do trabalho comunitário. Para ele "somos diferentes na aparência, mas tudo se resume numa coisa só: o cultivo" ... "o que conserva a união é o serviço"¹⁰⁵. Baseado nesses princípios antigos, um dia avisou a família para que se prevenisses pois "vai surgir um pacotão"¹⁰⁶. Dividiu entre os filhos tudo que possuía de tal modo que hoje todos têm casas iguais em terrenos com a mesma medida e todos trabalham na roça e na criação e dividem tudo igualmente. Apesar de considerar o comunismo "ruim e estranho para o caboclo"¹⁰⁷, criou para si sua própria forma de comunismo, um regime de "respeito", pautado na tradição e por isso chega a ser categórico afirmando "eu vivo no comunismo"¹⁰⁸.

Naquele tempo dos monges, as famílias caboclas de Taguaruçu viviam satisfeitas no seu quinhão de terra e parece um costume o desdém com relação ao sentido de propriedade, uma vez que

"pobreza de viver cria (...) certo desinterêsse para acumular os bens materiais, a imprevidência e o desapêgo da terra, que lhe dão, em compensação uma certa e absurda independência na vida... Pois a mobilidade dos 'agregados' é

¹⁰⁴ C. GAERTNER, *loc. cit.*

¹⁰⁵ Depoimento de Fabrício, Irani (SC), 23/3/1989.

¹⁰⁶ *Ibid.*

¹⁰⁷ *Ibid.*

¹⁰⁸ *Ibid.*

grande: passam de uma para outra fazenda, mudando-se freqüentemente..."¹⁰⁹

de tal modo que "o caboclo, na vida meio nomada que leva, é vizinho de todos"...¹¹⁰ Conseqüentemente, não se preocupavam em expandir o seu domínio e tampouco viam com bons olhos as novas exigências do governo republicano relativas à obrigatoriedade da legalização das posses, temendo a perda da autonomia no viver¹¹¹.

O interesse principal dos Estados do Paraná e Santa Catarina se dirigia para uma ocupação e utilização racional do solo, tornando a exploração da terra um negócio economicamente viável. Uma das medidas tomadas pelas autoridades foi a implementação do projeto de colonização em terras devolutas. No estado de Santa Catarina, o serviço de terras e colonização constituía um ramo especial da Secretaria do Interior, mas estava ao cargo da Inspetoria Geral de Obras Públicas. Em 1910 aquele estado publica um regulamento para a execução da lei nº 173 de 30 de setembro de 1895, praticamente legalizando com isto os cercamentos.

"Capítulo IV - Das posses

Art 18 - As posses mansas e pacíficas ou partes em que estejam subdivididas, com cultura efetiva e morada habitual, registradas segundo o regulamento de 30 de janeiro de 1854 e que se acharem em poder do primeiro ocupante, ou de seus herdeiros ou sucessores, estão sujeitas à legitimação mediante certidão de registro ou

¹⁰⁹ LUZ, *op. cit.*, p. 60.

¹¹⁰ VIEIRA DA ROSA, "Reminiscências da Campanha do Contestado. Subsídios para a história", *loc. cit.*

¹¹¹ Depoimento Selmo Delfes, já citado.

apresentação do mesmo, e na falta a prova de ser a posse anterior à lei nº 601 de 18 de setembro de 1850 observadas as demais disposições da lei e d'este regulamento.

Art.19 - As posses ou partes de posses em condições idênticas as do artigo antecedente que tenham sido transpassadas pelo primeiro ocupante ou seus sucessores, a título de compra, doação, permuta ou dissolução das sociedades e das quaes tenham sido cobrados os respectivos impostos, podem ser legitimadas mediante apresentação do registro ordenado pelo art. 91 do regulamento nº 1348 de 30 de janeiro de 1854 e, na falta, a prova plena de sua posse anterior à lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, guardados porém, as outras disposições deste regulamento.

Paragrafo único. A falta do registro acima indicado importa sempre na multa de 200\$000 e não será expedido título, sem que esta multa seja satisfeita (aviso nº 310 de 12 de outubro de 1858).

(...)

Capítulo V - Das posses criminosas

Art. 34 - As posses estabelecidas depois da lei nº 601 de 18 de setembro de 1850 são atos criminosos, mas em virtude da lei nº 1139 de 1899, Resolução nº 38, art.1, podem ser adquiridas pelos ocupantes, desde que estas posses sejam anteriores à lei nº 173 de 30 de setembro de 1895.

Art. 36 - O Commissariado Geral intimará os ocupantes de terras nas condições do artigo 34 proceder à medição e pagamento no prazo de 2 meses, contados da intimação, sob pena de despejo, com perda de benfeitorias,...

Art. 38 - Quando os posseiros forem reconhecidamente pobres e não puderem pagar de pronto o valor das terras, requererão ao governo do estado, expondo o seu estado de pobreza juntando um atestado firmado por tres cidadãos qualificados e o agente do Commissariado remeterá o requerimento ao escritório central informando devidamente sobre o pedido e a fé que podem merecer os atestantes, e indicará o valor das prestações anuais com que o posseiro poderá entrar para os cofres do Estado, em caso nenhum porém, o prazo será maior de cinco anos.

(...)

Capítulo VI - Vendas de terras, Terras reservadas e Condições gerais

Art. 40 - As terras públicas do Estado só por meio de compra podem ser obtidas.

Art. 41 - Não se venderão terras públicas senão às pessoas que por si, empresas ou companhias, se acharem habilitadas a cultivá-las ou aproveitá-las. Fora destas condições, a venda será nula (Aviso nº 555 de 20 de novembro de 1862 e Aviso circular de 19 de julho de 1878).

(...)

Capítulo IX - Invasão de terras públicas

Art 67 - Todo aquele que se apossar de terras do Estado, derrubar ou queimar as matas existentes, invadí-las com plantações ou edificações e praticar quaisquer atos possessórios, ainda que provisoriamente, será compelido ao despejo, com perda de benfeitorias e considerado invasor de terras públicas.

(...)

Capítulo XI - Disposições Gerais

Art.118 - Fica marcado o prazo de dois meses, contados da publicação deste regulamento, para terem entrada na Secretaria os processos de legitimação e revalidação de terras preparadas de conformidade com a lei nº 601 de 19 de setembro de 1850 e Regulamento de 30 de Janeiro de 1854, e o prazo de 6 meses contados da data da entrada, para os julgamentos finais dos mesmos, de acordo com a referida lei e citado regulamento."¹¹²

Evidentemente, os caboclos analfabetos só tomaram conhecimento da matéria na hora do despejo. Muitos não tinham o dinheiro necessário para o pagamento das multas ou

¹¹² Regulamento para a execução da lei nº173 de 30 de setembro de 1895, mandado executar pelo Decreto nº129 de 29 de outubro de 1900, Florianópolis: Typographia da Livraria Moderna, 1910, 29p.

impostos, nem compreendiam os meandros burocráticos¹¹³ de tal forma que a lei veio beneficiar inteiramente os ricos, compradores das terras públicas e das terras dos posseiros; e os imigrantes.

Junto com a lei, vieram as medições, a especulação no preço dos terrenos, os imigrantes, a estrada de ferro, a serraria. Os antigos moradores daquelas terras foram tratados como intrusos até mesmo pelos estrangeiros:

"Ultimamente é o caso de um tal Pucher, indigitado como chefe de uma sociedade secreta, cujo fim, segundo noticiaram os jornais, é impedir o estabelecimento n'aquela núcleo de outros colonos que não sejam de raça, que, à frente de numeroso bando, bem armado e municiado, entusiasmado com os grandes sucessos da grande guerra, entende que os brasileiros ali domiciliados são russos e como tais deviam ser desalojados das suas posições. E si bem o pensou, melhor o fez.

"Assim é que os poucos brasileiros ali residentes, brutalmente atacados, viram-se obrigados a abandonar os seus lares, refugiando-se uma parte nas matas vizinhas e outras na casa da administração do núcleo"...¹¹⁴

Os colonos alemães, principalmente nutriam sentimentos de superioridade e de desprezo com relação aos caboclos, procurando evitar e mesmo repelindo a assimilação dos costumes caboclos que chamavam de "verkaboclieren"¹¹⁵.

Sobre a ambiguidade contida na frase "Monarquia era tempo de sossego", concluímos que por um lado a nostalgia se

¹¹³ Depoimento Selmo Delfes, já citado; Depoimento de Cirila Meneses Prade à Célio Alves de Oliveira, 21/11/1988.

¹¹⁴ "O Caso de Anitápolis", *A Época* (Florianópolis), 14/8/1915.

¹¹⁵ Cf. PEREIRA DE QUEIROZ, *op. cit.*, p. 41, 44.

da por um modo antigo de viver, pautado nas tradições e que estava sendo definitivamente destruído com o advento da República. Por outro lado, a vigência do Império não é um marco de um tempo ideal que ficou no passado, pois todas as transformações vividas pelos sertanejos em 1912, já tinham sido preparadas no regime anterior como por exemplo a lei de 1850 e a concessão à empresa ferroviária, ampliada pela República, mas realizada no Império. Quando os revolucionários falam em Monarquia, estão falando de uma revolução no calendário pois o tempo perfeito não está no passado, mas na antecipação do futuro como milênio igualitário. A ambiguidade no emprego do vocábulo é paradoxalmente, o meio de revelar o sentido preciso, o significante atribuído pelo sertanejo à palavra Monarquia pois ele causa o efeito de figura de linguagem como um contraponto ao regime republicano, uma lei que precisa ser combatida, e a palavra monarquia representaria numa das suas nuances o contrário de República. Causava espanto

"a arrogância petulante dos bandoleiros que chegavam a enviar cartas aos homens mais representativos de Lages cientificando-os de que no dia 15 de Novembro atacariam aquela cidade onde deveriam almoçar e que no dia 25 jantariam em Florianópolis, no Palácio do Governo!"¹¹⁶.

Além disso, prometiam "que a monarquia seria proclamada no Rio, no referido dia 15 de novembro"...¹¹⁷

¹¹⁶ "Os Fanáticos e o Contestado", *Folha do Comércio* (Florianópolis), 7/12/1914.

¹¹⁷ *Ibid.*

Em algum ponto, então, o imaginário dos rebeldes sofre influências derivadas do calendário oficial e a idéia do "novo século" certamente deve parte de seu conteúdo à ironização ao republicanismo. Todavia, para a cultura sertaneja aquela idéia também surge da Escritura e dos contornos que certos temas assumiram historicamente.

A expectativa em torno da chegada de um novo tempo tal como se difundiu nos primórdios do cristianismo, tornou-se uma idéia dependente da conversão universal dos infiéis à fé Cristã. A ação persistente dos missionários tornou-se imprescindível para a difusão dos valores cristãos e para o combate as práticas rituais pagãs. Posteriormente, nos séculos XI e XII, as cruzadas estabeleceram uma nova estratégia para alcançar a total cristianização do mundo, centrada no combate travado contra o Príncipe do Mau. A emergência da figura do Diabo para primeiro plano constituiu a justificativa para operar um modo violento de conversão que ia desde um combate feroz às idéias divergentes dentro e fora do cristianismo, até a eliminação física dos mais renitentes.

Se isto causou benefícios imediatos à igreja católica, certamente causou também prejuízos irreparáveis ao dogma, pois as cruzadas devolveram ao homem a autonomia para mudar o seu destino - antes só Deus podia fazê-lo - na medida em que foi legitimada a guerra como um princípio ativo da transformação.

A atualidade dos temas da destruição do mundo e da chegada do milênio é uma evidência, despontando nos lugares e momentos mais diversos, depois de permanecerem latentes na cultura popular. No Contestado, ainda hoje é difundida a versão milenarista escatológica pregada por João Maria:

"...quando a casa de Deus chegasse ao ponto de ser casa de comércio, não havia mais religião (era para ter 75 religião), e no fim do século - deste século que estamos passando - haveria de acontecer a tal guerra de fogo, as linhas de fogo pelas guerras de fogo. O mundo se acabou no ano I do primeiro século e acabou-se em água. E, no segundo século - que é o século que estamos passando agora - vai acabar em fogo. Que ninguém haverá mais de se entender, que era mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma aguia do que um rico se salvar. Inclusive, hoje nós temos tudo ... que este profeta disse. Tá tudo se encaixando... É fogo na roupa"¹¹⁸.

Uma nova versão da Cosmogonia apareceu no século XIX na Alemanha, no livro intitulado *Siebenkas* de autoria de Jean Paul, um escritor marginalizado sobretudo pelos socialistas utópicos que o consideravam um esotérico. Todavia o autor recupera a cosmogonia tratada numa linguagem irônica própria do romantismo alemão: o novo mundo não tem tempo e o tempo que se corroeu carregou consigo todos os mitos. Cristo - agora tratado como um ser finito - está no centro do caos lutando com Deus para a renovação do mundo, entretanto, com o fim do tempo estes esforços se tornam infrutíferos e Cristo pergunta O pai! O pai! onde está o seu peito eterno

¹¹⁸ Depoimento de Marcos Cordeiro à Célio Alves de Oliveira, Campos Novos, 1988.

para me consolar? Porém Deus não existe mais e é o fim da dicotomia entre material e imaterial, Deus e os homens.

Tanto nessa versão culta da escatologia como na versão popular, a discussão em torno do calendário se impõe. Mas se no século dezenove Jean Paul massacrou os mitos em nome de um recomeço para o homem, no século vinte no sertão sul os caboclos resgataram o conteúdo político da tradição oral e bíblica.

Antes de mais nada, a divisão do tempo em séculos, representa uma repartição em mil anos, significando principalmente, um longo período, esperado ou durável. Mas o tempo dividido em séculos propõe algo a mais que o simples correr do calendário. Enquanto o tempo do calendário parece se esvair e se perder em meio aos acontecimentos diário, logo ultrapassados, o tempo milenar se impõe em ritmo mais lento, para nos fornecer uma retrospectiva em sinopse, das atitudes humanas no decorrer de um período. Um século (mil anos) se caracteriza pela consumação da essência dos acontecimentos diário e, é apenas por isso que enxergamos além da sua dimensão essencial, a sua vinculação com o tempo histórico, datado, cuja duração é determinada. Mas o nosso objetivo aqui não é levantar o problema da existência de diversos milênios, nem caracterizarmos separadamente o primeiro e o segundo milênios e sim, equacionar o problema da temporalidade milenarista. No imaginário dos rebeldes do Contestado, a passagem do primeiro para o segundo século assumirá um significado particular.

As matizes de um novo tempo são infinitas, mas o seu prelúdio é acompanhado pelos sinais do tempo presente como um tempo decadente. Os camponeses ingleses no passado resumiram a iniquidade do seu tempo na expressão "mundo de cabeça para baixo". Atualmente, às portas do terceiro milênio, o mundo observa atentamente os sinais da decadência material e moral. No início do século, no Contestado, o monge João Maria, ao vislumbrar a inversão da ordem natural das coisas alertou o povo dizendo que o dia em que preferisse o chapéu à boina, isso seria um sinal de que "o mundo estaria virado"¹¹⁹.

As imagens do fim do mundo estão contidas no *Apocalipse* de São João e os seus antecedentes são, segundo o profeta, as injustiças cometidas contra os justos e humildes, exploração cometida contra os pobres, a disseminação da decadência moral incentivada pela ambição material que chega a converter inclusive a igreja numa casa de comércio. Não seriam esses os sinais que se insinuam na passagem do século XIX para o século XX ? Como lembra Vieira da Rosa, naqueles sertões, "a civilização só começou a penetrar depois da construção da estrada de ferro" e

"o caboclo foi recebendo dessa civilização (...) vícios e crimes... Que de morticínios não foram praticados na construção da estrada de ferro, para onde afluíam trabalhadores de todos os cantos do Estado... Se fosse possível ao Rio do Peixe dizer o número de cadáveres que recebeu. Se fosse dado escavar os aterros feitos no leito

¹¹⁹ *Ibid.*

da estrada, que horrores não seriam descobertos!"¹²⁰

Dentro de uma concepção do tempo oficial, a passagem do século XIX para o século XX é considerada como um marco do progresso material e da urbanização, um momento decisivo que revolucionou o conceito de homem, inserindo-o definitivamente no processo civilizatório. Sob esta perspectiva, à partir do momento em que o homem banuiu os seus mitos, tornou-se capacitado para prever os resultados de suas ações por si próprio, valendo-se para isso de métodos de planejamento. Do ponto de vista dos milenaristas do Contestado, tais mudanças indicam ao contrário do progresso, o caminho progressivo para o fim de tudo.

Este mundo vai acabar, porém não por mãos invisíveis, mas por intermédio dos combates escatológicos previstos no livro da revelação. Segundo a interpretação do monge José Maria, a "guerra santa" recomeçaria mil anos depois daquela levada a efeito por Carlos Magno e pelo tempo em que passou pelo Contestado, calculou que este prazo havia expirado de tal modo que chegava a hora de lutar novamente¹²¹. E lutar para que? Para a vinda do messias, o rei que reinará com os seus eleitos, num mundo de felicidade perfeita.

¹²⁰ VIEIRA DA ROSA, "Reminiscências da campanha do Contestado. Subsídios para a história", *loc. cit.*

¹²¹ Cf. PEREIRA DE QUEIROZ, *op. cit.*, p. 195; QUEIROZ, *op. cit.*, p. 111.

A monarquia cabocla é o oposto do poder exclusivo do um, é uma utopia que traça o seu topus invertendo as noções de progresso e civilização, depositando no novo século, como um tempo metafórico, a forma ideal de um espaço revalorizado.

O MILENIO IGUALITARIO

Imaginar a ordem desejável e praticá-la tal como está implícita no romance sobre Carlos Magno e, de outra maneira, como aparece nas visões de João. A Jerusalém terrestre, que antes despontou no alto, plano ideal, celeste, e Dali desce para o plano material, amalgamando-se a ele, realizando assim, na junção dos contrários, minuciosa e perpetuamente, o sonho maior de uma vida feliz e harmônica.

A idéia da construção do Templo como o lugar da esperança, figura resplandecente no *Apocalipse* de São João, como um espaço sagrado, milimetricamente demarcado, destinado a abrigar os eleitos que gozarão do paraíso na

terra. Nas visões do profeta, "a cidade é quadrangular: seu comprimento é igual à largura..."¹²²

"O material de sua muralha é jaspe, e a cidade é de ouro puro, semelhante a um vidro límpido. Os alicerces da muralha da cidade são recamados com todo tipo de pedras preciosas: o primeiro alicerce é de jaspe, o segundo de safira, o terceiro de calcedônia, o quarto de esmeralda, o quinto de sardônica, o sexto de cornalina, o sétimo de crisólito, o oitavo de berilo, o nono de topázio, o décimo de crisópraso, o décimo primeiro de jacinto, o décimo segundo de ametista. As doze portas são doze pérolas: cada uma das portas era feita de uma só pérola. A praça da cidade é de ouro puro como um vidro transparente..."¹²³

As pedras preciosas são sinônimo de pureza, transparência e brilho e refletem uma luz intensa, que é a luz de Deus ou o sol desta cidade, "pois ali já não haverá noite"¹²⁴. O que a cidade reflete é o que ela traz em si, pois dela não participarão "os cães, os mágicos, os impudicos, os homicidas, os idólatras e todos os que amam ou praticam a mentira"¹²⁵, a estes caberá o "lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte"¹²⁶, de tal modo que jamais poderão abalar o poderoso alicerce desta cidade, nem ultrapassar o seu muro.

A imagem do Templo está delineada em Ezequiel, fonte inspiradora da descrição de João. Em Ezequiel o Templo tem

¹²² Ap. 21, 16.

¹²³ *Ibid.*, 21, 18-21.

¹²⁴ *Ibid.*, 21, 25.

¹²⁵ *Ibid.*, 22, 15.

¹²⁶ *Ibid.*, 21, 8.

uma forma geométrica, como um quadrado (as medidas são iguais para todos os lados), ou um cubo (tem um volume). Isto é, o profeta designa um lugar separado, medido e considerado sagrado, sendo nestas condições extraído de um plano meramente ideal¹²⁷. A própria etimologia da palavra implica na divisão. *Templum* em latim e *temenos* em grego, provêm da raiz grega *tem* que significa cortar. Os antigos sacerdotes na Roma antiga, faziam seus prognósticos para a vida terrena traçando no céu um quadro imaginário (um *templum*), dividido por linhas horizontal (leste e oeste), e vertical (norte e sul). O presságio se estabelecia segundo o voo das aves dentro do limite traçado¹²⁸.

Aquilo que poderia ser tomado inadvertidamente como um detalhe sem importância - a demarcação do espaço destinado à construção do Templo - , não passou despercebidamente às vistas dos rebeldes, tornando-se um aspecto relevante para a configuração ideal do novo século. Mas esta vinculação entre templo e tempo (eternidade-temporalidade; céu-terra) encontrada no imaginário rebelde, já estava implícita na própria etimologia daquelas palavras que derivam de uma mesma raiz subentendendo o "divisível em partes, que é graduável, ou regulável... demarcável, o cortado"¹²⁹. O

¹²⁷ Ez., 40-45.

¹²⁸ Cf. Raimón AROLA, *Simbolismo del Templo*, Barcelona: Obelisco (Col. "Testigos de la Tradicion"), 1986, pp. 22-23.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 31

resultado de todas essas combinações entre espaço e tempo se resume, desde Platão pelo menos, no desejo humano de trazer para a ordem temporal imperfeita, a harmonia celeste e desde uma perspectiva religiosa, a unidade e completude do sagrado. O Templo de Salomão, por exemplo, considerado um templo arquetípico, é a casa de Deus que está em Jerusalém, palavra traduzida como "fundação de paz", pois foi construído num momento de entendimento entre os israelitas e os povos vizinhos quando então "o Senhor (IHVH) se instala no centro de sua terra"...¹³⁰ O Templo significa também um centro, um ponto principal e um ponto de equilíbrio, onde se realiza a ordem sincrônica perfeita, onde a forma encontra o seu conteúdo.

Muito embora a arquitetura dos redutos em nada se deixasse influenciar por cálculos cabalísticos, como observamos freqüentemente com relação às igrejas medievais européias; a construção, pelos rebeldes, do Quadro Santo, se harmoniza com as imagens evocadas pelos profetas. Segundo observou um militar, os jagunços ao voltarem do Irani, se reuniram em Taquarussú "onde formaram novo reduto, um novo *quadro santo*, a *nova Jerusalém*, por eles cognominada"¹³¹.

Os quadros santos se estruturavam como um espaço físico, nucleando os redutos, cujas fronteiras eram demarcadas por cruzeiros e ali, "não ousavam penetrar soldados,

¹³⁰ *Ibid.*, p. 37.

¹³¹ PEIXOTO, *op. cit.*, p. 65.

nem peludos"¹³². A este espaço está obrigatoriamente associada uma postura de grupo; a formação da irmandade dos eleitos corresponde à edificação de um Templo Interno, que "aparece, se revela, quando o Alto e o Baixo se juntam indissoluvelmente"¹³³, conforme se pode deduzir das Escrituras Sagradas, pois nelas o Templo nada mais é do que a forma de uma essência, a casa de Deus, um lugar de inteligência e sabedoria, o lugar da aliança entre Deus e os homens¹³⁴.

Para aqueles que observavam à distância os acontecimentos da época, os agrupamentos rebeldes nada tinham de extraordinário, distanciando-se totalmente do brilho e encantamento descritos pelos profetas que foram tocados com a visão do mundo futuro. Muitas casinhas de madeira aglomeradas em desalinho, e não fosse por isso, assemelhava-se a uma vila, pois não faltavam a igreja, os serviços gerais como açougue e barbearia, se bem que em instalações rudimentares¹³⁵, assim mesmo consideradas tendo como parâmetro os padrões regionais e da época. O modo de vida na irmandade, entretanto, distinguia-se enormemente do habitual, e neste ponto reside questão capaz de transformar aquilo que o senso comum compreende como uma paisagem sem

¹³² *Ibid.*, p. 451.

¹³³ AROLA, *op. cit.*, p. 14.

¹³⁴ Cf. *Ibid.* e p. 72.

¹³⁵ Depoimento de José Maria de Moraes, já citado.

cor, num cenário espetacular. Os mais enfáticos vislumbraram a Taquaruçú como "uma aquarela camponesa, de tintas nativas, pinceladas por um sol sempre esplendoroso (...) a Meca e a Jerusalém do sertão; capital dos pelados"¹³⁶. O assunto entretanto, suscitava polêmica e na interpretação de um militar, Taquaruçú não passava de uma "Jerusalém de bobagem"¹³⁷.

No princípio, não havia ainda uma organização de cidade. Em torno de José Maria se reuniram cerca de 700 pessoas, um grupo heterogêneo formado principalmente por "crentes, supersticiosos, doentes, gente com 'o mal no corpo' (...) adeptos, pobres lavradores, pequenos fazendeiros, proprietários arruinados"¹³⁸. Depois o arraial começou a crescer sob o discurso inflamado do monge que dizia ser a "monarquia (...) a lei de Deus e a República, a lei do Diabo"¹³⁹, e o aldeamento "era um quartel e era um hospital..." um

"minúsculo povoado, perdido entre os pinheirais, misturavam-se os gemidos dos doentes com o arrastar das esporas, o tilintar de armas, o relinchar de cavalos e os toques de buzina e de tambor; conformações atléticas de guerreiros se atropelavam numa multidão de organismos doentios, caquéticos e defeituosos"¹⁴⁰.

¹³⁶ Apud. BERNADET, *op. cit.*, p. 65.

¹³⁷ PEIXOTO, *op. cit.*, p. 164.

¹³⁸ LUZ, *op. cit.*, p. 92.

¹³⁹ *Ibid.*, p. 93.

¹⁴⁰ *Ibid.*

Logo o monge organizou o acampamento, instituindo o "comando da reza", "o comando da forma" e o "comando do acampamento", nomeou também um ministério escolhendo Chico Ventura para a pasta da guerra, Praxedes Gomes Damasceno para a da fazenda e Joaquim Vidal para a da agricultura¹⁴¹.

Por um momento se chegou a acreditar numa ameaça iminente para Curitibanos, pois dizia-se que o monge profetizava contra a vila conclamando o povo a acompanhá-lo para "ver as pedras de Curitibanos chorarem sangue..."¹⁴² Logo porém se descobre sobre isso "contradições, incoerências de toda ordem e falsidades censuráveis"¹⁴³. Isto é, não houve ataque algum à vila, nem latrocínio e se o monge desejasse mesmo levar a cabo tais empresas sabia que poderia fazê-lo com sucesso, pois "lá não existia força alguma que lhe pudesse fazer frente com vantagem"¹⁴⁴. Porque então, ele esperaria

"que os poderes do Estado tomassem as providências que o alarme determinara, movimentando-se forças federais e estaduais, em suas unidades aguerridas completas e experimentadas, para depois ter de resignar a empresa e seguir embora vagarosamente, em direção diferente - rumo a Campos Novos?"¹⁴⁵.

¹⁴¹ Cf. *Ibid.*, pp. 93-94.

¹⁴² *Ibid.*, p. 94.

¹⁴³ A. SALISTRE, "Os Fatos do Irani", *O Argonauta* (Tubarão - SC), 3/11/1912.

¹⁴⁴ *Ibid.*

¹⁴⁵ *Ibid.*

Se por um lado José Maria não procurava ocultar a sua atitude hostil com relação às autoridades, pois se dizia que ele não rezava apenas, mas "subvertia o povo contra o regime"¹⁴⁶, por outro, também não ensejou, naquele momento, levar até às últimas conseqüências o seu furor explícito contra o sistema.

Praxedes Gomes Damasceno teria revelado a um religioso o propósito da reunião de gente:

"É verdade" - afirmou, - "que nos agrupamos aqui no Taquaruçú, mas isso não foi feito contra o governo. Nós queríamos tratar o nosso corpo doente com José Maria e praticar a nossa religião católica romana, como os padres nos ensinaram e fazer comunitariamente as nossas orações. Há nisto alguma coisa que vai contra a lei? Tivemos grandes gastos, tudo nós mesmos pagamos, não roubamos, nem usamos de violência contra um nosso semelhante. Quem se agrupava era recebido amigavelmente e o sortíamos com o necessário, mesmo que não tivesse contribuído com nada, e nem quisesse fazê-lo para o sustento coletivo. Seria isto contra as leis da Nação?"

"Um pequeno grupo estava armado de sabre. Era necessário para assegurar a ordem no acampamento. Também não levava cada um a sua arma quando viaja? Até nas cidades a maioria anda armada. Então aqui não há infração. Por que nos xingam de bandidos e expedem soldados contra nós para nos matar? Qual foi o nosso crime?"¹⁴⁷.

Desde que se compreenda que a

"preocupação predominante de José Maria, porém, sempre fora incutir no espírito dos sertanejos rudes a idéia de uma independência ilimitada durante a vida, onde somente prevalecesse a vontade deles, os seus costumes, a sua religião etc., arredados do resto da Comunhão Brasileira;

¹⁴⁶ STULZER, *op. cit.*, p. 41.

¹⁴⁷ STULZER, *op. cit.*, p. 42.

da fundação em suma, no território montanhoso, de um paiz dentro do próprio paiz"¹⁴⁸,

do ponto de vista das autoridades eles estavam em franca desobediência às leis. E, esta atitude foi tomando vulto proporcionalmente às investidas dos governos contra os crentes, pois tanto no Irani, como novamente no Taquarússú um ano depois da morte do monge se fez presente o que se logrou chamar de "hidra da revolução"¹⁴⁹. E os caboclos estavam resolutos: Liberdade, estamos agora em outro século!

Mas como se vivia em Taquaruçú em dezembro de 1913? A atividade principal parecia ser a reza.

"Diariamente e em horas certas, às 6 da manhã, ao meio dia, às 6 da tarde e às 10 da noite, todos, sem exceção, rezavam em comum, e em voz alta, o 'terço'. Eram rezas que duravam mais de uma hora. E por não terem ainda uma igreja, rezavam de pé, ao ar livre ou ajoelhados, em 'formação de quadrado', que era a habitual forma de batalha dos fanáticos"¹⁵⁰.

E, assim iam, trabalhando apenas o necessário para a subsistência¹⁵¹ pois odiavam a ambição material, considerada como interesse terreno,

"rezando, limpando armas, preparando o 'churrasco' e ensaiando combates... Todos os dias, gritando: - "Estão morrendo os 'peludos'!" em entreveros fictícios, se exercitavam entre si e se preparavam para a luta que se aproximava."¹⁵²

¹⁴⁸ PINTO SOARES, *op. cit.*, p. 21.

¹⁴⁹ *Ibid.*, p. 30.

¹⁵⁰ LUZ, *op. cit.*, p. 105.

¹⁵¹ Cf. PEREIRA DE QUEIROZ, *op. cit.*, p. 189.

¹⁵² LUZ, *op. cit.*, p. 105.

Derivados de uma inspiração bíblica sobre a sociedade futura, "os Caragoatás, os Santo Antonios e os Tamanduás se sucederam"...¹⁵³ e multidões "iam viver obscuramente, avolumando as romarias, absorvidos por um sonho miraculoso"¹⁵⁴.

Um viajante que passou pelo Taquaruçú, teve a oportunidade de observar como se comportavam os crentes, diante das ameaças de invasão de tropas no acampamento. Dizia ele a um jornal que

"os fanáticos fazem exercícios todos os dias (...), divertem-se, matam gado e dançam cantando à viola. As vezes sai briga entre eles mesmo devido à 'fervida' que tomam à noite. A fervida é cachaça fervida com açúcar. Um vaqueano do Taquarussú e que esteve com os fanáticos conta que viu mulheres armadas de facão e de pistola. Até crianças tem no bando"¹⁵⁵.

Começavam os preparativos para a "guerra de 'São' José Maria (...)" e cujo ideal o tempo já tinha fixado: era a restauração da "Monarquia que era a lei de Deus"¹⁵⁶.

Estimava-se que havia em Taquaruçú "300 pessoas, onde se contam, talvez, 200 homens, dos quais menos da metade armados"¹⁵⁷. O número de armas entre eles não parecia ser expressivo: "40 pistolas e revólveres, cerca de 60 facões e

¹⁵³ PEIXOTO, *op. cit.*, p. 66.

¹⁵⁴ *Ibid.*, p. 452.

¹⁵⁵ Apud. BERNARDET, *op. cit.*, p. 70.

¹⁵⁶ LUZ, *op. cit.*, 107.

¹⁵⁷ "Fanáticos de Taquaruçu. Aguardando a ressurreição do monge José Maria", *Folha do Comércio*, 30/12/1913.

cerca de cem espadas de pau guamarim"¹⁵⁸. Ao serem inquiridos certa ocasião sobre o porque usavam espadas de pau responderam "Isso quando sobe pesa meio quilo, mas quando desce pesa doze arrobas"¹⁵⁹. De fato, ao serem atacados por tropas do Exército e da polícia militar catarinense em 29 de dezembro de 1913 deram provas de sua habilidade, explicando que

"só oito de nós enfrentaram os atacantes; o resto todo estava deitado no *gramado* à espera do *entrevero*. Os atacantes entretanto debandaram desde o primeiro instante. O único que pareceu portar-se bem foi um capitão de polícia (supomos o Capitão Euclides de Castro) que firme e mostrando coragem gritava aos soldados que não corressem"¹⁶⁰.

Ao serem inquiridos sobre o "porque não perseguiam os atacantes quando estes se retiraram em debandada - responderam - que não tinham ordem de perseguir nem mesmo seu maior inimigo"¹⁶¹.

O saldo foi desastroso para os atacantes que perderam seis cargueiros para os caboclos. Estes de nada se aproveitaram, queimaram tudo, exceto "os distintivos militares, como túnica, bonets etc.", que "dependuraram à margem da estrada, como troféus, para serem vistos pelos viajantes"¹⁶².

¹⁵⁸ Apud. BERNARDET, *op. cit.*, p. 70.

¹⁵⁹ Henrique RUPP JUNIOR, "Os Fanáticos: Notas para a História", *Folha do Comércio*, 23/2/1914.

¹⁶⁰ *Ibid.*

¹⁶¹ *Ibid.*

¹⁶² *Ibid.*

Um soldado encontrado ferido foi levado ao quadro santo e tratado, mas não resistiu aos ferimentos e faleceu no dia seguinte ao combate. Os caboclos procederam como de costume, velando o corpo por toda a noite, rezando e entoando cânticos religiosos. Uma atitude tão inconvençional num momento de guerra, foi logo esclarecida pelos caboclos: "O coitado atacou-nos mas não tinha culpa - era mandado"¹⁶³.

Um espião foi enviado ao reduto e retornou com a informação que o vidente chamava-se Joaquim e passava suas ordens a dois indivíduos e estes as transmitiam a outros onze que por último as comunicavam ao resto do grupo, ordens estas "sempre recebidas com grande entusiasmo"¹⁶⁴. Diziam, segundo o informante, que "o menino vidente será o chefe do governo" e "24 apóstolos o estado-maior do vidente e sua mãe!" e finalmente que a sede do palácio do governo de Taquaruçú seria "no alto do morro da fazenda do coronel Almeida"¹⁶⁵. O coronel Almeida foi o principal oponente político do coronel Francisco Ferreira de Albuquerque.

O informante Valeriano Marcondes, enviado ao reduto como espião, "*ficou fanatizado*, e somente devido a grandes esforços empregados por seu pai conseguiu de lá sair no dia

¹⁶³ *Ibid.*

¹⁶⁴ "De Curitibanos. Importantes Notícias", *Folha do Comércio*, 16/1/1914.

¹⁶⁵ *Ibid.*

12"¹⁸⁸. Chegando a Curitibanos "fez declarações, mas ocultando a verdade em pontos principais"; todavia revelou que os crentes "afirmam convictos (...) não ter deles morrido ninguém", que "Anacleto Ribeiro, um dos pares do conselho deliberativo, prega a morte de todos, (...) desde que sejam contrários à religião do falecido monge José Maria"¹⁸⁷.

Na região, naquele momento se podia notar entre os tropeiros e "também nos homens de responsabilidade, uma franca simpatia pelos fanáticos propriamente ditos", que até ali "nenhum mal praticaram"...¹⁸⁸

Com a persistência da reunião em Taquaruçú e com a formação do agrupamento de Caragoatá, o governo preparava nova investida contra os caboclos, esta atitude, porém vinha sendo criticada pela oposição e por parte da imprensa. Uns achavam que se devia "recorrer aos princípios humanos" para a "catequese de nossos irmãos da selva" para que se possa chamar "a comunhão dos homens civilizados essa gente

¹⁸⁸ "De Curitibanos. O reduto dos fanáticos", *Folha do Comércio*, 15/1/1914.

¹⁸⁷ *Ibid.*

¹⁸⁸ "De Curitibanos uma carta à 'Folha'. A marcha do 51º de Caçadores. Os fanáticos e os bandidos. O combate de Taquaruçú. O enviado que faz declarações. A morte de Praxedes. Outras notas, *Folha do Comércio*, 5/2/1914.

selvagem"¹⁶⁹. Outros, criticaram a atitude dos "novos sentimentalistas" segundo os quais, os fanáticos

"deveriam ser tratados a beijocas e carinhos ainda mais doces e afetuosos (...) os corações de pomba que andam a tiritar de susto, pela sorte dolorosa que aguarda o inocente fanático que trucidada, que assalta, que desrespeita a lei e a civilização, e que prefere fazer como a serpente do profeta, injetando a peçonha em troca do benefício recebido. Mas como são uns pobres ignorantes, enquanto com a Winchester fuzilem e com o facão degolem, o governo cruze os braços e lhes mande confeitos e presentes, para ver se por esse meio se tornam cidadãos prestáveis"¹⁷⁰.

Aos "novos sentimentalistas", o autor deste artigo calculava que "seria entretanto muito interessante (...) ver-se na linha de fogo ou na casa saqueada (...) para se ter uma bela fotografia, antes e depois"¹⁷¹.

Enquanto se fazia um fogo cruzado na imprensa, pessoas de projeção política se ofereceram para dialogar com os crentes e conseguir a dispersão. O deputado paranaense saint-simoneano Correia de Freitas que esteve em Taquaruçú por dois dias com esse fim e que não obteve sucesso, informou que diziam estar ali reunidos "em 'Santa Missão', não com intuito de atacar e brigar com ninguém, mas se fossem atacados não teriam remédio senão se defender"¹⁷². A conclusão a que chegou o deputado, depois da visita foi a de

¹⁶⁹ "O Monge - João Maria - o revolucionário de Curitiba?", *O Argonauta*, 13/10/1912.

¹⁷⁰ Apud. BERNARDET, *op. cit.*, pp. 79-80.

¹⁷¹ *Ibid.*

¹⁷² "Noticias dos Estados. Paraná", *O Estado de São Paulo*, 14/2/1914.

que os fanáticos eram, na verdade "pobres lavradores, embrutecidos e afastados dos centros civilizados, cansados de sofrer atentados, perseguições e extorsões dos mandões de seus lugares"¹⁷³. Em Caragoatá, Correia de Freitas ofereceu aos rebeldes, em nome do governo, cem mil contos para que dispersassem, porém os caboclos "exigiram mais: um milhão de contos(!) e a restauração da monarquia!!!"¹⁷⁴. Um outro político paranaense, o sr. Rocha Tico também esteve com os crentes e mostrou-se "admirado da ordem e do respeito que observou no acampamento dos fanáticos" onde foi "bem tratado"¹⁷⁵. Rocha Tico era um federalista rio-grandense que tornou-se oposicionista no Paraná e "inimigo rancoroso de Santa Catarina e dos catarinenses"¹⁷⁶ e que apesar de ter aderido à "cruzada da imprensa" no caso do Taquaruçú, na volta, "saboreando os gordos churrascos do nosso acampamento, magoado pela recusa dos fanáticos, confessou que o único meio de debelar o mal, era o ataque à viva força". Na opinião do correspondente entretanto, o coronel Tico Rocha é "um cidadão simpático e embora estropie Camões a cada passo, tem uma importância notável no vizinho Estado"...¹⁷⁷

¹⁷³ *Ibid.*

¹⁷⁴ LUZ, *op. cit.*, pp. 114-115.

¹⁷⁵ "Os Fanáticos", *Folha do Comércio*, 10/2/1914.

¹⁷⁶ "No Acampamento em Rio Caçador", *Folha do Comércio*, 3/3/1914.

¹⁷⁷ *Ibid.*

Os caboclos estavam portanto, "resolutos e inamovíveis" e o General Setembrino de Carvalho, que comandou posteriormente as operações do exército no Contestado, sucedendo ao General Carlos de Mesquita, afirmou em um de seus escritos, acertadamente, que "a guerra é a política de armas na mão"¹⁷⁸, e isto presumivelmente valia para ambos os lados em conflito, pois os caboclos se não conseguiram implantar a sua cidade ideal sem derramamento de sangue, o fariam agora pela imposição de armas. A guerra de São Sebastião, prevista por José Maria, se converte num elemento indissociável da concepção de uma nova era, pois sem a destruição da ordem vigente, dos "peludos" o milênio não se realiza.

Os boatos sobre as promessas dos crentes de atacar a vila de Curitibanos no dia quatro de fevereiro, provocaram um alvoroço. O coronel Albuquerque, que comandava as forças destacadas em Curitibanos fugiu, "deixando trinta praças e os músicos do regimento de segurança, que estão prontos a imitá-lo, logo que os fanáticos cheguem"¹⁷⁹. Mas até aqui, não havia o que se temer, pois os rebeldes estavam em atitude defensiva.

No dia 8 de fevereiro de 1914, 700 soldados, 2 secções de metralhadoras, um esquadrão de cavalaria e duas peças de artilharia de montanha, bombardearam implacavelmente o

¹⁷⁸ Apud., BERNARDET, *op. cit.*, p. 118.

¹⁷⁹ "Notícias dos Estados. Paraná", *O Estado de São Paulo*, 4/2/1914.

aldeamento de Taquaruçú, produzindo um espetáculo de horror. Os homens de briga, haviam se ocultado aguardando o entrevero, mas foram pegos de surpresa pelo bombardeio que acabou atingindo mulheres e crianças que estavam no quadro santo.

A partir do massacre de Taquaruçú, os caboclos se dirigiram à Caragoatá e abandonaram a defensiva. Um oficial do exército revelou à "Gazeta de Notícias" que os crentes "antes de serem varridos à metralhadora, não atacavam o exército, mas agora o fazem por vingança somente"¹⁸⁰. A referência ao triste episódio de Taquaruçú, aparece num bilhete deixado pelos rebeldes:

"Nos estava em Taquaruçú tratando da nossa devoção e não matava nem roubava, o Hermes mandou suas forças covardemente nos bombardear onde mataram mulheres e crianças portanto o causante de tudo isto é o bandido do Hermes e portanto nos queremos a lei de Deus que é a monarquia. O governo da República toca os Filhos Brasileiros dos terrenos que pertence a nação e vende para o estrangeiro, nós agora estemo disposto a fazer prevalecer os nossos direitos"¹⁸¹.

Esta disposição foi o que se verificou daí por diante e não apenas com relação ao direito de ocupação de terras, mas

¹⁸⁰ "Os Fanáticos", *Folha do Comércio*, 28/3/1914.

¹⁸¹ Apud. BERNARDET, *op. cit.*, p. 76, ver também LUZ, *op. cit.*, p. 113.

também pelo direito de reunião e pela liberdade. A monarquia cabocla se impôs principalmente como "uma lei civil"¹⁸².

"Colocar uma ordem na desordem", o objetivo de São João Maria, era o propósito daquela gente que abandonava tudo para viver sob a lei da monarquia. Mas a adesão voluntária ou obrigatória à causa da Guerra Santa passava pelo ritual do batismo. Ninguém se esquivava desta experiência, mesmo e principalmente aqueles que, antes de entrarem para os redutos, tivessem sido batizados na lei antiga. Para "batizar mais bem na lei da monarquia"¹⁸³, bastava cumprir de maneira simples o já conhecido ritual cristão tradicional. Um raminho fresco mergulhado em água pura toca a fronte do iniciado e seguem-se as orações convencionais¹⁸⁴. Todavia, o sentido simbólico do batismo nos aldeamentos dos rebeldes divergia do costumeiro, pois representava uma garantia pessoal e para o grupo do status do iniciado como "sócio" na lei da monarquia. Evidentemente, havia outros distintivos cumprindo uma função semelhante, como por exemplo, a autodenominação de "pelados", em contraposição a "peludos" - para designar aqueles que não compactuavam na causa. Para melhor representar esta diferença e para torna-la evidente, os caboclos costumavam

¹⁸² Depoimento de João Paes de Farias, Lebon Régis (SC), 27/3/1989.

¹⁸³ Depoimento de Jorge Fragoso à Duglas Teixeira Monteiro, já citado.

¹⁸⁴ Depoimentos de Selmo Delfes e Fabrício, já citados.

raspar a cabeça e a barba e ainda, para se identificarem entre si, os irmãos enfeitavam os chapéus com fitas brancas, que também podiam ser atadas ao pulso, sendo que a medida padrão do corte das fitas correspondia à estatura de José Maria. Essas práticas mostram, em termos gerais, que participar da lei da monarquia significava comungar como pares, como irmãos, de idéias e bens, e o batismo sedimentava esta aliança, pois o simbolismo envolvendo este ritual é interpretado pelo catolicismo como um renascer do indivíduo, um vir à luz, realizado pela purificação com a água, elemento que cumpre a função de regeneração espiritual. O batismo é o estabelecimento de um compromisso e para os irmãos isto representava que "todos iriam beber - até o fim - a água que um só bebesse"¹⁸⁵. Esta ordem deveria valer para todos; pois está na revelação do profeta que o milênio tem um caráter universal por isso, os que estavam de fora precisavam ser convencidos.

Os prisioneiros trazidos ao acampamento pelos piquetes eram

"mantidos em quadrados com 12 pares, diante dos quais se ajoelhavam com os olhos voltados para o céu e de mãos juntas prestam juramento de bem servir e respeitar os princípios pregados pelo monge José Maria; e em seguida pedem perdão de seus pecados, beijam as mãos dos pares e ficam

¹⁸⁵ Apud. Paulo Ramos DERENGOSKI, *O Desmoronamento do Mundo Jagunço*, Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1986, p. 42.

por estes proclamados soldados de José Maria"¹⁸⁶.

Os que relutam a aceder, são açoitados até "chegarem à compreensão" e se à ela não chegam, "vão para a fuzília" realizada pelo "piquete executivo"¹⁸⁷. Os delatores e inimigos da seita eram chamados de miseráveis e os mais odiados sofriam uma morte mais prolongada no suplício da estaca¹⁸⁸. Os chamados *hereges*, isto é, todo indivíduo descrente e contrário à Santa Religião, corria o risco de perder seus bens em favor da causa, além de sofrerem a pena capital¹⁸⁹. Os próprios irmãos permaneciam sujeitos aos castigos mais duros. Caso algum dentre eles se tornasse recalcitrante e abandonasse a seita, perdia as garantias de vida, neste caso "um dos chefes jura vingança, traçando no chão, com o dedo, o indicador esquerdo, uma grande cruz"¹⁹⁰.

Uma "organização de cidade", era o que se fazia nos quadros santos. Uma preocupação quase obsessiva pela ordem, pelo respeito às normas internas podia ser notada. Os casamentos, batismos, ordens do dia, ordens de ataque, eram cuidadosamente anotados em livros, chamados por eles de arquivos. Infelizmente, os militares queimaram esse material quando atearam fogo nos quadros santos. Dois desses livros

¹⁸⁶ "Notícias dos Estados. Santa Catarina", *O Estado de São Paulo*, 12/2/1914.

¹⁸⁷ Depoimento de Foncina Antunes Abrahão, já citado; cf. PEREIRA DE QUEIROZ, *op. cit.*, pp. 166-167.

¹⁸⁸ Cf. LUZ, *op. cit.*, p. 114.

¹⁸⁹ Cf. QUEIROZ, *op. cit.*, p. 193.

¹⁹⁰ LUZ, *op. cit.*, p. 114.

foram doados ao presidente de Santa Catarina, Felipe Schmidt, mas desapareceram¹⁹¹.

A substituição da desordem pela ordem, da lei vigente por uma outra lei, eis o objetivo que se pretendia atingir. Uma ordem feita por Alemãozinho (Henrique Wolland) estabelecia uma disciplina rígida:

"1º - Em horas de folma, para ficar serio para não rir-se, nem falar, nem fumar e só tratar da oração em boa fé.

2º - No piquete para não falar arto nem rir-se nem beber espirito sem oldem do comandante.

3º - Para não entrar em casa nenhuma sem oldem do comandante.

4º - A irmandade do piquete não falar com senhora sem que seja preciso.

5º - Para tratar-se um com outro com o maior respeito.

6º - Não ter pressa para voltar e nem perguntar para onde vai e nem donde vem.

7º - E fé em Deus São Sebastião e João José Maria de Agostinho, todo serviço é leviano.

8º - No chamar do comandante com a buzeira se apresentar sem gastar tempo.

9º - Os da irmandade dos pares que erram em qualquer ato desta oldem tratarei de executar: primeiro na folma, um conselho; segundo no marmelo e terceiro matarei, confolme a culpa assim paga. Por oldem da dona Maria Rosa, virgem¹⁹².

As formas eram a organização do povo por grupos:

"as mulheres de um lado; as meninas separadas dos meninos; o exército doutro lado, a cavalaria, os 'Pares de França' e o 'piquete chucro' ou 'piquete brabo', isolados uns dos outros, todos de cabeça descoberta, o chapéu caído para as costas e preso por um 'barbicacho'"¹⁹³.

¹⁹¹ Cf. PEREIRA DE QUEIROZ, *op. cit.*, p. 169.

¹⁹² PINTO SOARES, *op. cit.*, pp. 122-123.

¹⁹³ LUZ, *op. cit.*, p. 120.

Assim divididos, reuniam -se duas vezes ao dia no "Quadro" para rezar, receber as ordens do dia, passar pela revista.

"O 'Quadro' era uma praça quadrilateral, limpa, situada na frente da igreja e demarcada em cada ângulo por uma cruz: estas quatro cruzeiras delimitavam uma área de quasi 100.000 ms²"¹⁹⁴.

Ali recebiam as ordens: "tantos irmãos" para a guarda tal; tantos outros para construírem uma casa para uma "irmã" viúva; seis "irmãos" para ajudar a carnearem os bois"...¹⁹⁵.

Se a idéia básica da organização da irmandade presumia a aplicação da correção moral dos indivíduos, a lei vigente nos redutos se pautava em normas estritas do gênero. O emissário Governo, Damas Padilha, enviado ao reduto contou que o comandante aplicava varadas nos meninos que durante o treinamento cometessem alguma falta¹⁹⁶. Houve ainda um caso presenciado pelo emissário, de um rapaz que fora duramente castigado por ter dirigido improperios contra a mãe¹⁹⁷. As punições se tornavam mais rígidas de acordo com a indisciplina praticada. A primeira falta implicava numa reprimenda, a segunda, em varadas aplicadas durante as

¹⁹⁴ *Ibid.*

¹⁹⁵ *Ibid.*

¹⁹⁶ "De Curitibanos. Uma carta à 'Folha'. A marcha do 51º de Caçadores. Os fanáticos e os bandidos. O combate de Taquaruçú. O enviado que faz declarações. A morte de Praxedes. Outras notas, *Folha do Comércio*, 5/2/1914.

¹⁹⁷ Cf. PEREIRA DE QUEIROZ, *op. cit.*, p. 160.

formas, a reincidência era punida com a execução pública¹⁹⁸. Um clima severo reinava nos redutos, apesar da euforia inicial contemplando a liberdade. A espera do milênio que tardava a chegar, as mulheres faziam penitência¹⁹⁹. Os divertimentos como o baile, o jogo e a música acompanhada pela gaita ou sanfona estavam vetados e "os únicos instrumentos de música permitidos eram a viola e a rabéca!. Com eles se podia tocar e cantar..."²⁰⁰.

A sinceridade, a amizade e o respeito mútuo deviam prevalecer entre os irmãos. A mentira, inaceitável sob todos os pontos de vista, reclamava uma punição rigorosa, do mesmo modo que os desvios cometidos por corrupção e ganância²⁰¹. Considerando que devia reinar entre eles uma igualdade absoluta, o comércio entre os irmãos era vetado, podendo se realizar a troca de alguns gêneros.

Numa carta enviada por Chico Ventura a um compadre a interpretação da lei da monarquia sob a perspectiva dos caboclos não parecia ser um regime duro:

¹⁹⁸ *Ibid.*

¹⁹⁹ Depoimento sem referência no filme *O Contestado: a guerra desconhecida*, dirigido por Enio Staub.

²⁰⁰ LUZ, *op. cit.*, p. 121. As penitências, também muito comuns em seitas heréticas, como por exemplo, a dos cátaros no século XII, podem ser interpretadas como um meio de purificação da alma, que levaria a uma existência virtuosa e consequentemente encurtando o caminho para a chegada do milênio.

²⁰¹ Depoimento de João Paes de Farias, já citado.

"Graças adeus aqui não se tem medo nem um. Perdizes 23 de fev. de 1914. Ilmo. SR. Meu compadre e am. Altino Gonsalves de Farias Participo-lhe q aqui não é tão feio como as notícias q corre pois quem tem medo da morte não é lugar que sirva aqui. S/ os amigos não deseja mar de amigos nem um estamos comprindo ordem de nosso rei José Maria só comprimos ordem o q vier contra nós as providencias de Deus n. sr. e q ade valler nós tamos qui a irmandade cuidando de obedecer a santa religião pois não obedecemos lei de governo se não so a lei do governo do céu lembre-se do q eu lhe disse tantas vezes q a lei q Deus deixa no mundo e a lei de rei e essa e a que estamos esperando e se Deus quizer avemos de ver se Deus quizer.(...) Francisco Paes de Farias (...) lembre-se bem que nos primeiro governo q nós sabia q tinha era o Império e esse e q estamos esperando e se Deus quizer avemos de ter nem q chova sangue"²⁰².

Muito embora tivessem instituído novas leis, a lei de rei, como vimos, ainda não tinha chegado, pois eles estavam esperando. A lei de rei, como lei de Deus, não pertence a este mundo, onde vigora ainda a lei do governo, tanto que é atribuída a Deus, a José Maria, naquele momento já falecido, como também é uma referência a Carlos Magno, uma ficção. Se esta lei não se refere ao concreto, eles permanecem aguardando aquilo que é do governo do céu, ou também das idéias, que é o cumprimento do que está escrito acerca do Paraíso na terra. Esta é a lei da monarquia que Deus deixou no mundo, cujos princípios básicos são os do amor, da amizade e da fraternidade, uma ordem que pode ser observada na natureza. As palavras como "sossego" e "liberdade"

²⁰² Apud., Marli AURAS, *Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*, Florianópolis: Ed. UFSC; Assembleia Legislativa/São Paulo: Cortez, 1984, pp. 89-90.

adjetivando a palavra Monarquia revelam que para além do conforto material, reinterpretado na visão do profeta do apocalipse, os sonhadores do Contestado estavam seduzidos por uma imagem de vida social no presente, governada por valores espirituais e afetivos. Mesmo porque a

"amplidão da terra, de população pouco densa, a fraca ação dos governos e da justiça e a influência dos trabalhos do campo imprimiram no espírito do sertanejo uma acentuada inclinação para a liberdade, que se manifestou sempre, e em especial, na independência da atitude política dos próceres serranos"²⁰³.

Um conceito tão amplo como o de liberdade encontrará entre os irmãos, uma aplicação múltipla. Inicialmente, demarca o campo de batalha: os que desejam ser livres contra os que os impedem de fazê-lo. De acordo com a profecia, a liberdade é um direito dos justos, humildes e oprimidos que lutam para chegar ao milênio onde poderão dividir o governo com o messias, de tal modo que este ideal de independência está perpassado por um romantismo infrene, quixotesco, que direciona toda ação dos revoltosos. Mas, o sonho ao contrário de narcotizar a consciência, favorece a sua aplicação, pois aquele mesmo conceito não consegue ocultar uma alusão, em forma de crítica, aos processos de demarcação de terras, que suprimiram a liberdade, ao impedirem o livre trânsito pelo espaço físico. Nesse sentido os irmãos eram radicais: "destruíam os seus próprios documentos de

²⁰³ LUZ, *op. cit.*, p. 46.

propriedade e os dos outros"²⁰⁴. Finalmente, o conceito de liberdade emerge na encruzilhada de um mundo povoado de mitos e heróis, com a racionalidade republicana. Ele é a própria expressão da total incompatibilidade entre o projeto de modernização pretendido pelo governo e o ritmo de vida do sertanejo, pois o que estava em discussão não era a modernização em si, mas o aspecto global do progresso. Incondicionalmente, em nome da racionalização e da boa ordem, o progresso chega diluindo condutas sedimentadas na solidariedade e no despojamento, para colocar no seu lugar o seu inverso. Sob este prisma, o conceito de liberdade é, na sua essência anti-capitalista, pois ele se impõe diante das forças desagregadoras na defesa de um modo de vida que vinha sendo destruído à revelia dos caboclos. Esta nuance do conceito revela o desejo de participação, numa conjuntura inflexível, de patrulhamento incessante da linguagem e da ação.

A lei da Monarquia desponta como uma centelha no mundo sem encanto e sem saída da sociedade dividida. Um modelo de organização comunitária, restaurador do elo entre a racionalidade, necessária e útil na direção conveniente da ação, e a imaginação, que lhe deu conteúdo.

A celebração da liberdade se dava sempre ao final das *formas* quando uma explosão de "vivas" podia ser ouvida nas cidades próximas aos redutos: "Viva São João Maria!", "Viva

²⁰⁴ *Ibid.* p. 113, PEIXOTO, *op. cit.*, p. 714.

a liberdade!", "Viva a Coroa do Céu!", "Viva a Coroa do Império!". E este sentido de liberdade foi assumido em toda sua amplitude pois imperava entre os irmãos a convicção de que permaneciam invulneráveis aos males que atingem a matéria. Os crentes não morriam, apenas *se passavam*, para tomar parte no exército encantado de São João Maria. "O Colosso", como o chamavam, desceria do céu "com mil milhões de homens" e aliado ao exército dos rebeldes completaria, no momento preciso, a vitória contra os *peludos*. E viria glorioso. Os crentes que cobrissem a cabeça com um lenço branco e respeitosamente se prostrassem, podiam ver por entre as frestas dos pinheiros o exército encantado à caminho²⁰⁵, com armamento farroupilha completo - lança de prata, facões de aço e boleadeiras de ferro²⁰⁶. Os que avistassem a "cola do cavalo branco de seu José Maria" seriam afortunados: os moços não morreriam nunca e os velhos rejuvenesceriam²⁰⁷.

O cumprimento, entretanto, de todas as promessas em torno do bem viver, permaneciam uma expectativa, na medida em que o milênio só se concretiza depois da total destruição do mundo e, para isso, como advertira o profeta da

²⁰⁵ Depoimento de Foncina Antunes Abrahão, já citado.

²⁰⁶ Cf. DERENGOSKI, *op. cit.*, p. 26.

²⁰⁷ Cf. DERENGOSKI, *Os Rebeldes do Contestado: a saga dos caboclos expulsos pela ferrovia da Southern Lumber Corporation em Santa Catarina e Paraná*, Porto Alegre: Tchê!, 1987, pp. 14-15.

revelação, é preciso ter paciência. Mas o certo é que a esperança não se fará em vão e o próprio Euzébio sabia que "se o mundo durou mil anos, outros mil não durará!" e, terminará pela guerra santa de São Sebastião, como prognosticara José Maria.

Em fins de setembro de 1914, o momento do confronto entre a ordem do Anticristo e o Templo ideal parecia ter chegado. A vila de Curitibanos, o avesso, a anti-ordem, foi invadida e incendiada pelos rebeldes que reproduziram ali e também em outros lugares nos quatro anos de guerra, cenas do livro da revelação, para cumprir a palavra de que desta vez o mundo se acabaria em fogo. E,

"da devastação das propriedades particulares aos incêndios dos públicos edifícios, que eram verdadeiros marcos do progresso daqueles invios sertões: tais eram os polos da atividade feroz dos fanáticos"...²⁰⁸

Os mais de duzentos rebeldes que penetraram em Curitibanos - àquela altura já abandonada pela população e autoridades refugiados nas matas próximas - incorporaram os heróis do romance de Carlos Magno e as imagens oníricas tomaram forma, convertendo o sonho e suas alegorias numa realidade palpável. Vindos de todas as direções, montados ou à pé, armados de facões, winchesters e pistolas, iniciaram a destruição da cidade aos gritos de "Viva a Monarquia!" e "Viva José Maria!", acompanhados de salvas de balas. E, efetivamente, destruíram os marcos do progresso. Os prédios

²⁰⁸ LUZ, *op. cit.*, p. 105.

públicos - cadeia, açougue municipal e orfanato - foram depredados e incendiados. O cartório, com os registros de terras rasgados, atirados às ruas e incendiados, também ficou em chamas. Um dos principais alvos da ação dos rebeldes era os cartórios dos quais danificavam os documentos como uma forma de "derrubar cercas"²⁰⁹.

Ao serem presos alguns dos acusados pelo ataque, alegaram que a invasão seria uma represália ao chefe político de Curitibanos, apontado por eles como culpado pela destruição da Cidade Santa de Taquaruçú e pela morte de Praxedes Gomes Damasceno²¹⁰.

Uma história elaborada à partir de uma utopia, de imagens distantes, eis a face intrigante do movimento do Contestado. As imagens que seduzem e se tornam ativas, montando os cenários de uma guerra que institui seus próprios signos e linguagem. Os ataques caboclos se realizavam na forma de quadrado e de procissão, com a virgem Maria Rosa tomando lugar à frente da tropa, seguida pelos bravos Pares de França, montados em cavalos brancos, levando as suas bandeiras, seguidos pelo restante dos homens de briga. Mas a guerra foi feita em nome da confraternização universal, conforme a lei de Deus, que é implacável apenas para os que são maus. A representação do ideal fraterno no

²⁰⁹ Processo contra Honório Alves Sampaio, Cyrino Pedro de Oliveira, vulgo Cyrino Chato e outros, referente ao assalto e incêndio de Curitibanos.

²¹⁰ *Ibid.*

movimento do Contestado se encontra nas procissões dentro dos quadros santos, em forma de círculo ou coração, onde todos se dão as mãos²¹¹.

A linguagem que os rebeldes criaram, entretanto, não se reduz à inventividade desta geometria do quadrado e do círculo, ela também nos fala à partir das cores. O branco na lei da Monarquia, assume um lugar importante. Muitas bandeiras eram brancas, as virgens se vestiam de branco, como eram também as fitas que adornavam os chapéus e o punho dos crentes. Mas no *Apocalipse* de São João, o branco é a cor dos eleitos, dos puros, e também é a cor do Verbo, que representa a palavra revelada como verdade e sabedoria. Toda a densidade do branco no livro da revelação está relacionada à idéia de luz (a Jerusalém é reluzente, transparente e não há noite). No Contestado essa luz é a lei da Monarquia, regime que se contrapõe e domina a treva, representada no *Apocalipse* pelo império romano, no romance de Carlos Magno pelos infiéis e no cotidiano dos revolucionários pela República. Mas a luz, desde tempos remotos sempre esteve associada à sabedoria e ao conhecimento, pois ela descobre, ilumina a obscuridade, revelando o que antes os olhos não podiam ver.

O sentido amplo da lei da Monarquia se descobre também pela interpretação desta linguagem metafórica incluída nas cores, todavia, a auto-denominação do grupo como *irmandade*,

²¹¹ Depoimento de João Paes de Farias, já citado.

por si só é capaz de revelar os anseios dos que sonharam com um mundo diferente:

"A gente queria a Monarquia e isto não é fanatismo porque foi uma lei que gerou-se também assim como uma eleição que nós votamos aí no governo...

A lei do comunismo é igual a lei da Monarquia porque é uma lei severa. Ninguém pode matar um e ninguém pode roubar e todo mundo trabalha tudo como uma irmandade. Toda comida é colhida e depositada numa casa e tudo é igual, então aquele que precisa das coisas, chega ali, pega um tanto de mantimento e leva para a sua casa. A lei do comunismo é esta, não é? (...) Eu acho que é uma boa lei, né? É uma lei do respeito. Pode ser que entre o respeito no nosso mundo."²¹²

Apesar de não terem conseguido perpetuar o seu ideal fraterno, os rebeldes do Contestado podem ao menos se consolar por não terem sonhado sozinhos. Antes deles, muitos outros se renderam à imaginação do lugar ideal, entre estes, Fourier, que também acreditava no amor como instrumento capaz de eliminar as contradições sociais, tal como ocorre no universo, que é perfeito porque, pelo amor, harmoniza num todo, todas as partes diferentes²¹³.

²¹² *Ibid.*

²¹³ Thomas MOLNAR, *El Utopismo: la herejia perenne*, Buenos Aires: Endeaba, 1970, 245 p..

CONCLUSÃO

A preocupação com o destino do indivíduo, da coletividade e do universo, povoa o pensamento do homem contemporâneo, como também se converteu num ponto de reflexão para os antigos gregos. *Ta eschatá* designava "as últimas coisas" e *escháton*, o mesmo termo no singular, significa "o acontecimento final". Como para os povos antigos o homem sempre foi concebido como parte integrante do cosmo, o processo de decadência que conduz ao fim reúne simultaneamente a transformação catastrófica das condições físicas do mundo - têm início os tremores de terra, epidemias, etc. - e a degradação moral da vida.

Os acontecimentos para os gregos se inseriam numa temporalidade marcada por uma série de Idades Míticas que inevitavelmente se repunham num ciclo de criação e destruição. Havia sempre a possibilidade de um retorno à Idade de Ouro, concebida como um tempo perfeito, reconduzindo a coletividade aos tempos felizes da prosperidade e da interação. Sob esta perspectiva, a idéia de geração se configura como a ação libertadora para o homem e o universo afastando-os da experiência caótica. Essa foi a maneira encontrada pelos antigos gregos para conferir significados à história.

A tradição judaico-cristã nasceu inspirada em conceitos gregos como os do *escháton* e apocalipse (do grego *apokalypsis* significando a revelação da divindade ao oráculo), para fundamentar sua própria interpretação da

realidade. O *Hadot* dos judeus, por exemplo, visa explicar o mistério da origem prevendo uma reconciliação futura dos homens com Deus no Paraíso. O *Apocalipse de São João*, já elaborado dentro de uma perspectiva cristã, contém a revelação profética sobre como se desencadeará o fim do mundo e o destino de todas as coisas depois desses acontecimentos. A novidade reside no fato de que a tradição judaico-cristã introduziu uma concepção de tempo diferente, linear, que caminha para um fim absoluto, eliminando com isso qualquer possibilidade de reposição. Ao romper com os antigos mitos que explicavam as origens essa tradição introduziu também um centro na história - Deus - senhor do tempo e governador das ações humanas.

Os movimentos milenaristas ou chiliasticos se nutrem sempre na vasta literatura judaico-cristã, trazendo para o primeiro plano a esperança de que entre o caos experimentado no presente e a promessa de bonança no futuro, se estenderá um período de mil anos quando os justos desfrutarão do Paraíso na terra. A escatologia milenarista chega a extrapolar as noções apocalípticas - que se atém simplesmente ao fim dos tempos - anunciando o fim absoluto e alimentando a espera ansiosa do início de uma nova era, como um mundo transformado, inédito, vigorando a partir do juízo final.

Uma das características mais distintivas da mensagem divulgada pelos milenaristas está no modo como percebem a história, interpretada em seus aspectos globais e sentida

como irremediável decadência. Os milenaristas vivem o presente como uma projeção do passado, depositando a perspectiva de libertação dos grilhões do tempo no futuro próximo do milênio. Quando aguardam o fim dos tempos, ensejam na verdade o fim de um tempo em particular : o tempo presente onde se experimenta a opressão. Mas não se teme esse fim, muito ao contrário, porque o sucessor imediato do presente é o milênio, isto é, o reino do milênio virá agora e não como se imagina, daqui há mil anos, e representa um período de felicidade perfeita cuja a duração é de mil anos. Toda esta expectativa de paralisação do tempo imprime na mensagem milenarista um sentido terminante. Uma vez que todas as recomendações e avisos foram desdenhados pelos homens, os milenaristas apresentam um ultimato projetando uma transformação iminente de tudo quanto existe, inaugurando com isto um tempo próprio como ruptura no calendário cristão.

Inúmeros movimentos sociais e filosofias inspirados nas idéias em torno do messianismo e milenarismo despontaram em épocas e lugares os mais diversos. Os cátaros ou albigenses, entre outros, exemplificam as proporções atingidas por aquelas idéias durante a Idade Média na Europa. Esses movimentos, nocivos ao clero e aos governantes na época, também eram conhecidos como heresias, palavra que desde o advento do cristianismo passou a designar as doutrinas incongruentes com os princípios da fé crista, apesar do sentido grego de *haíresis* e *hairen* terem significado na

época helenística apenas doutrina ou escolha. Mas na Idade Média se pensava ser possível a neutralização daqueles movimentos pela diminuição da influência sobre a sociedade, de escritos como, por exemplo, os de Joaquim de Fiore, que no século XIII foram politizados pelos espiritualistas radicais, os franciscanos.

As origens das heresias estão no século I, fruto de um judaísmo heterodoxo, criticando ou aceitando elementos do cristianismo ou mesclando-se com as idéias de conversos pagãos. Entre as primeiras heresias encontra-se o gnosticismo, contrária ao Deus de Israel (Iahvé), e à sua lei, que rege um mundo fracassado porque este Deus é considerado como um demiurgo inferior. Através do conhecimento, filosófico e místico, acreditavam na revelação do Deus verdadeiro. Inspirada parcialmente no gnosticismo surge no século III na Pérsia o maniqueísmo, cujo fundador Manion Maniqueu, adotou aspectos fundamentais do pensamento de Zoroastro. O maniqueísmo se difundiu apesar das perseguições, fazendo-se presente no século XII na doutrina dos cátaros.

Quer seja para discutir apenas os dogmas principais do cristianismo, como a trindade ou a dualidade da natureza de Cristo, ou seja para demolir a ordem vigente pelo abalo das instituições, as heresias vêm se constituindo e desenvolvendo através dos tempos e penetrando em espaços geográficos diversos. Em nada pode nos surpreender portanto, a eclosão de um movimento milenarista no sertão sul do

Brasil, em pleno século vinte, senão o fato dessa guerra levantar uma discussão semelhante às antigas heresias medievais que assumiram um aspecto mais popular do que as heresias primitivas.

As atenções que recaem sobre o movimento do Contestado se devem, entretanto, ao intrigante problema de, em pleno século das luzes, uma multidão estimada em torno de vinte mil pessoas se insurge contra o regime, inspirada, não como se suporia, no pensamento racionalista, mas nos temas bíblicos. E, nessas condições se manteve durante quatro anos num confronto brutal com as forças legais. A isso sobretudo, não cabia uma explicação lógica do ponto de vista dos analistas da época, para quem os sertanejos não passavam de selvagens, ignorantes e fanáticos. Mas toda essa discussão que se prolongou até recentemente se bem que centrada em outros objetivos, pois os analistas contemporâneos não pretenderam legitimar a repressão no Contestado, parece desprezar os poderosos argumentos das discussões filosóficas em torno da polêmica sobre se seria afinal a razão inata ao homem. Afinal de contas, o que intriga o observador é a preferência na cultura popular em geral, por certos temas, como por exemplo, o do *Apocalipse* de São João. No caso do Contestado, a mensagem do texto se amoldou ao contexto histórico, o que pareceria suficiente para compreendermos tal escolha, mas, além da mensagem existe uma linguagem cativante, fomentando na mente do que lê ou do que ouve as palavras, as imagens do dia da vingança.

Uma leitura popular desse texto só foi possível no Contestado porque a formação religiosa naquela região se realizou sobretudo pela pregação de leigos, pois não havia padres em número suficiente que pudessem assegurar a orientação dos fiéis no dogma da igreja católica. Isto facilitou a utilização dos textos sagrados como apoio na interpretação dos acontecimentos do cotidiano, o que contraria a tendência dos teólogos ou dogmáticos, voltada para uma perspectiva de leitura dos textos bíblicos ressaltando o misterioso, como forma de conhecimento superior, ininteligível ao homem.

O modo de utilização do livro da revelação e da Escritura em geral no Contestado, coincide inclusive com a perspectiva dos antigos profetas, a quem sem muito esforço, numa atualização poderíamos conceder o título de cientista político. Evidentemente, esta volta às origens no Contestado foi circunstancial e não premeditada, mas, de qualquer modo, gerou uma situação, vigente ainda hoje, em que a população comenta e compreende os textos bíblicos e realiza os sacramentos, dispensando a mediação de intérpretes autorizados e, às vezes, repelindo-a com veemência.

No seu *"Tratado Teológico-Político"*, o filósofo Baruch de Spinoza contraria a versão oficial que compreende a Escritura como uma forma superior do conhecimento racional. Na interpretação do filósofo, a nuvem de superstição tecida sobre aqueles textos se dissipa quando a Escritura recobra a sua característica originária como relato da experiência de

vida do povo judeu, como narrativa de acontecimentos passados, como memória herdada, uma vez que os textos narram acontecimentos anteriores ao momento em que foram escritos. Por meio deste raciocínio, os elementos de inteligência dos textos bíblicos seriam fornecidos pela própria história sem que houvesse necessidade de intervenção dos intérpretes autorizados. Entre estes, os doutores teólogos, que na opinião de Spinoza estariam distorcendo o caráter daqueles escritos à serviço da manutenção do status quo, promovendo a crença na superstição e nos milagres.

Como o filósofo, muitos outros compreenderam a vinculação da Escritura com a história. Os camponeses ingleses, Winstanley, o pregador Münzer na Alemanha, os profetas do Contestado, Bandarra, o sapateiro português, entre tantos outros, souberam extrair dos textos bíblicos um ensinamento para o presente com base na memória dos acontecimentos do passado. Analisando esses casos, verificamos que a Escritura é acessível a todos, desde o filósofo até ao homem simples, pois é o olhar retrospectivo e o raciocínio analógico que permitem a inteligência do que está escrito. Para ilustrarmos esse modo peculiar de assimilação citamos o caso da participação do pregador revolucionário Thomas Münzer nos levantes camponeses na Alemanha do século XVI. Um dos pontos mais agudos de discussão naquele momento recaía sobre a tentativa de restauração do elo entre a obra e a fé, desfeito pelo cristianismo medieval, retirando o debate do seio da igreja,

para localizá-lo na sociedade. Münzer conclamava os governantes a se conformarem "ao Capítulo II, versículo 48 e 49 de Daniel, como pronunciadores de boas e justas sentenças", pois se indignou com o fato de perceber como "as serpentes - os padrecos e todos os maus ministros religiosos - e as enguias - os senhores e os governantes temporais - fornicam em seu covil". E profetizava: "Como se alegrará o senhor se forem as velhas cabeças esmagadas com uma barra de ferro!"¹.

No caso de Münzer como no do Contestado, os textos bíblicos se convertem num apoio fundamental para a interpretação da conjuntura do presente tanto quanto para a formulação de novos parâmetros para a convivência comunitária. A forma ideal de futuro, em qualquer dos casos, só pode ser pensada à partir da conjunção no presente de todos os tempos. Apenas pelo estabelecimento de comparações entre os tempos, se pode conhecer o inegável abismo existente entre a vida prometida e a realidade experimentada.

O ponto central das expectativas dos movimentos milenaristas e ou messiânicos é o cumprimento das promessas do bem viver, compreendido como algo inevitável. Esta certeza inabalável não tem origem numa verdade extraída da lógica, mas advém de uma certeza moral que gira em torno da

¹ Ernest BLOCH, *Thomas Münzer, teólogo da revolução*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro (Col. "Biblioteca Tempo Universitário, nº 34), 1973, 209 p.

espera do triunfo do bem sobre o mal e da reconstituição, a partir disto, de um mundo como a imagem de Deus, isto é, como imagem de perfeição. Nisto se resume o tema central do *Apocalipse* de São João. Primeiro, o Anticristo se instalará entre os homens seduzindo-os, para poder governá-los; em seguida, o mundo se tornará progressivamente caótico e Deus enviará os sinais de sua cólera - fome, peste, cataclismos -, que são os castigos. A desordenação repentina da ordem física e o sofrimento imposto aos homens são os sinais que anunciam a batalha final entre o bem e o mal, esperada para qualquer momento. Apesar das expectativas, o desfecho desse confronto já é conhecido de antemão - esse *Apocalipse* é uma revelação. O bem vence o mal, Cristo retorna para julgar os vivos e os mortos e escolher entre todos, aqueles que tiverem sido justos para viver ao seu lado na Jerusalém. Mas como essa revelação cria uma temporalidade em diversos níveis - o profeta desloca o presente que vive para o passado remoto como para o futuro -, o texto se torna flexível e apropriado aos mais variados contextos históricos e geografias. Por essa razão, a situação caótica descrita pelo profeta se cumpre, de acordo com a avaliação dos rebeldes do Contestado, na história, com o regime republicano.

Muitas eram as pistas na época indicando os sinais do fim dos tempos, a chegada do reino da treva. Entre elas, a similaridade das atitudes dos governantes com as características do Anticristo. Para os sertanejos, os

poderosos são os filhos do Anticristo e por isso herdaram os traços mais distintivos de sua personalidade, como a ambição, a avareza e a perversidade. Os que ocupam o poder são donos de uma sabedoria astuciosa, camuflada por uma incrível retórica, artifício por meio do qual se colocam acima de seus subordinados. Usando a palavra como um recurso engenhoso, transformam suas obras em milagres, todavia enganosos. O fruto de suas obras é um mundo desordenado e confuso, distanciado dos ensinamentos de Deus, apegado ao luxo e à hipocrisia. Em suma, se as coisas passadas ensinam sobre as futuras, o regime republicano inaugura uma ordem que dá início ao estabelecimento progressivo do mal moral.

O ponto de desequilíbrio, a desarmonia, são introduzidos pelas atitudes humanas quando elas se desenvolvem em contradição com as leis da natureza. O pressuposto das leis da natureza é que se configurem como um paradigma para o homem, principalmente no que tange ao modo de organização social. Na natureza as diferenças entre os seres assumem um caráter utilitário para compor um todo harmônico, coincidente neste ponto com a lei de Deus que criou o mundo para que fosse regido apenas pelas leis do amor e da amizade. O reino do Anticristo aparece na história contrariando os decretos divinos, substituindo os laços fraternos pela hierarquização da sociedade. Desse momento em diante, a divisão social se estabelece como ruptura dos laços comunitários, tomando por base o valor individual, tornando a liberdade uma faculdade depreciada, a corrupção

uma norma e a prepotência e a injustiça protegidas. Por este caminho compreendemos uma das principais metáforas dos rebeldes do Contestado - a besta - cujo poder esfacela a unidade social e cria seres anti-naturais, satânicos.

Dentro deste campo simbólico, como poderíamos compreender a qualidade e o papel da profecia e do profeta? Os monges do Contestado, a exemplo dos antigos profetas lançaram mão da palavra como um recurso através do qual se tornou possível uma interpretação conjuntural dos acontecimentos do Contestado. A divulgação do conteúdo da Escritura como um ensinamento para a história introduziu a possibilidade da percepção do presente como revivescência do passado (o que está escrito aconteceu no passado e se repete hoje). No caso do *Apocalipse*, acrescenta-se o fato de que os acontecimentos do presente já haviam sido prognosticados no passado. Mas, qual é a garantia sobre a veracidade desses relatos? A primeira garantia é a própria palavra do profeta - ele não se oferece para cumprir tal papel, mas é escolhido -, a segunda garantia é a própria característica de documento atribuída a Escritura. Todavia, o caráter da lei de Deus contida nos escritos bíblicos muda de tonalidade de acordo com o contexto histórico e com o temperamento de quem divulga a palavra, pois o profeta é antes de mais nada um intérprete. Os três monges do Contestado espelham esta flexibilidade do discurso.

A autoridade adquirida pelos monges como intérpretes cuja confiabilidade é incontestável, provém do seu modo de

vida despojado ao lado dos humildes, e da fidelidade aos rituais de reza populares. Nos seus discursos e nos seus procedimentos é que se estabelece entre estas figuras e o seu auditório uma comunhão em torno de certos valores. O público nessa relação, não está submetido ao profeta, mas o profeta se mistura com sua platéia para cumprir o seu papel na reunião do povo. A estrutura e a qualidade da fala do profeta são determinadas pela multidão de ouvintes que depositam um voto de confiança nele como intérprete e catalisador. Numa discussão com frei Rogério o monge João Maria (Anastas Marcaf) ao ser inquerido sobre como sabia "quando vem estes castigos e em que forma: na de gafanhoto, de cobras e de chagas?"; teria respondido: "- Não sei,(...) mas o povo me aperta muito e então eu falo assim..."²

A profecia é uma forma de rememorar, contar e interpretar os tempos, que implica num saber analógico, com procedimentos distintos, porém não menos eficientes, dos procedimentos do racionalismo científico. Este saber compreende que para além do mundo visível, material, existe um mundo invisível - mundo da percepção - que se torna decodificável ou exprimível por intermédio de símbolos e alegorias. A linguagem simbólica e metafórica se torna uma peculiaridade do raciocínio que opera com correspondências entre o que é finito e o que é infinito (no caso do

² Aujor Avila da LUZ, *Os Fanáticos: Crimes e Aberrações da Religiosidade dos Nossos Caboclos*, Florianópolis: IOESC, 1952, p. 84.

Contestado, este infinito pode ser entendido como virtual). As visões de São João narradas no Apocalipse ilustram como sendo a profecia um conhecimento ditado pela alma, isto é, um conhecimento imaginativo, adquire a capacidade de criar imagens vivas da realidade. Através do uso da linguagem simbólica e metafórica, os acontecimentos tomam corpo, e na sua materialidade tornam-se plenamente compreendidos. Mas dentro deste campo semântico peculiar e insondável nas suas múltiplas significações, o signo ou imagem utilizados ultrapassa as regras da lógica discursiva onde a expressão de uma coisa permanece aprisionada num conceito. Na profecia os acontecimentos são valorizados como sinais (avisos) e como realização de prodígios, atingindo significados amplos. Isto é, os símbolos são essencialmente polissêmicos.

A experiência pessoal do profeta e o seu temperamento norteiam tanto a investigação como a interpretação do que ocorre no real. A realidade violenta para São João, como para os sertanejos do Contestado adquiriu as proporções de uma cosmogonia, uma imagem suficientemente forte para representar ou realçar a injustiça como algo intrínseco a este mundo. Os autores principais neste drama, representados como figuras opostas revelam que a injustiça é sentida como opressão dos fortes - infiéis, peludos - contra os fracos - justos, pelados.

Por intermédio dessas polarizações os rebeldes demarcaram as diferenças ideológicas que os separavam do inimigo. A fronteira existente entre o bem e o mal, sutil

como é, exige uma expressão simbólica de reforço representada pela figura alegorizada e estereotipada do inimigo na imagem evocada pela besta - filha do Anticristo. O Anticristo, que num sentido geral simboliza a degradação moral, adquire uma significação suplementar na tradição apocalíptica: a besta, cuja representação iconográfica é de um animal, representa o conflito último entre o bem e o mal. Estas imagens na sua atemporalidade presumida se convertem num símbolo capaz de abarcar a expressão dos conflitos políticos no concreto e a caracterização dos poderosos como sendo a própria encarnação do mal. Em última instância essa simbologia visa reconstituir o caminho percorrido pelo homem até sua desumanização total: concebido inicialmente como sendo parte integrante do universo natural, o homem se aparta dele para instituir uma organização social e política totalmente incongruentes com relação ao paradigma original. Ao instaurarem a tirania os homens tornaram-se anti naturais, ou mera forma que perdeu ou não encontrou seu conteúdo. Os peludos - fazendeiros, políticos, religiosos, empresários estrangeiros - são para os rebeldes do Contestado essa forma degenerada.

A representação dos humildes como pessoas imbuídas do sentimento de justiça, estabelece o contraste nas representações dos conflitos de classe. Dentro de uma concepção cristã - que influencia as concepções dos sertanejos do Contestado - , um homem comum se torna um santo por certas qualidades que possui: a humildade, a

simplicidade, uma fé inquebrantável e o poder de fazer o bem. Estes personagens, considerados mártires por terem pautado suas ações naqueles princípios, permanecem na memória dos rebeldes como modelos exemplares reafirmando a convicção de que as privações e os sofrimentos experimentados no tempo, são condições fundamentais para impor a salvação como um ato libertador.

Em meio a força das metáforas constatamos que uma perspectiva milenarista de leitura do mundo e das relações sociais é dominada no fundo por uma contradição. Por um lado, se tem como certa a salvação total, última e iminente. Aparentemente não há distinções. Por outro lado, como está escrito no livro da revelação, apenas os escolhidos pelo Senhor, os eleitos, usufruirão da felicidade perfeita. Esse dualismo não implica numa ambiguidade de propósitos, mas compreende um modo peculiar de representação dos conflitos de classe. Isto é, os que estiverem dispostos à reabilitação podem converter-se em eleitos, o que coloca a salvação como uma certeza também para os arrependidos.

A concessão do perdão ou a heterogeneidade na composição social da seita milenarista do Contestado, não abalam as características revolucionárias presentes neste tipo de movimento social. O principal objetivo das seitas milenaristas em geral, é a destruição total deste mundo, que ocorrerá inclusive de maneira súbita, para a implantação do milênio igualitário, uma forma de convivência sem precedentes na história. A ruptura com a situação presente

se fará pela guerra - os combates escatológicos - , fatal para os ímpios. Não é de surpreender portanto, que um dos santos mais cultuados naqueles tempos era São Sebastião, o santo guerreiro.

A ambiguidade atribuída ao pensamento milenarista advém na verdade da influência maniqueísta que permeia a doutrina cristã. Certos enganos na interpretação dos movimentos sociais no campo, como a esperança do nivelamento social pelo laço de compadrio e o "ecumenismo" embotando a consciência de classe, podem ser resultantes da má compreensão do dualismo intrínseco a um raciocínio desenvolvido à partir do relacionamento entre pares opostos. Isto é, o sonho milenarista de um futuro diferente nasce condicionado por uma série de oposições (sagrado/profano, luz/treva), que sendo pertinentes a todas as coisas não podem ser eliminadas neste mundo. No milênio - o paraíso na terra - os ímpios continuarão existindo, para opróbrio é verdade, como vencidos. Todavia, ao final dos mil anos o Satanás se libertará da sua prisão e considerando que do ponto de vista da doutrina, os homens sempre tiveram livre arbítrio diante de Deus, em última instância isto quer dizer que naquele momento, os puros poderão se corromper. Essa movimentação só cessará com o fim definitivo dos tempos garantindo a estabilidade eterna de todas as coisas. Apesar da presumida descrença nas qualidades morais do homem, o desejo de um mundo diferente a supera e a pré-condição para o estabelecimento da paz absoluta e eterna é a chegada do

milênio como triunfo do bem, ainda que não definitivo. Os milenaristas se fiam nas promessas da escritura relativas à chegada do tempo em que habitará a justiça, quando "não se ouvirão mais o pranto e o clamor - talvez se ouça muito raramente. Naqueles tempos felizes, o que edificar uma casa viverá nela, o que plantar uma árvore ou vinha gozará de seus frutos, ninguém trabalhará em vão, ninguém será escravizado. A unidade do idioma trará a concórdia e uma nação não se levantará mais contra a outra". São Lucas, pelo menos, imaginou que seria assim.

Essa idéia de futuro está de fato, muito próxima do imaginado Estado Natural. Os gregos acreditavam neste tempo perdido, quando os homens agiam de boa fé, espontaneamente movidos pelo interesse em promover o bem comum. Naquele tempo a natureza se auto produzia, garantindo por si mesma a sobrevivência e o conforto humanos. A idealização desse paraíso, representa nada mais do que a vontade de transportar para os agrupamentos humanos, as leis inscritas na natureza. A função do sol é ceder a todos, sem distinção, a sua luz, o seu calor e garantir a fertilidade do solo para que produzindo em abundância sacie as necessidades de todos igualmente. Esse exemplo deveria ser seguido pelo homem, um ser que pertence à natureza.

Se para os gregos esse tempo perdido parece encontrar um paralelo apenas com o retorno da Idade de Ouro, para o cristianismo o mundo paradisíaco foi retirado dos ciclos temporais e inserido no calendário linear, sendo seu início

localizado no fim da história coincidindo com o milênio. Mas, sob qualquer perspectiva que se adote para a interpretação desse paraíso, o certo é que a chegada ou o retorno ao tempo perfeito é dotada de uma dimensão cósmica e ecológica. A regeneração moral do homem será possível ou se dará simultaneamente a uma renovação física do mundo. No livro do Apocalipse, por exemplo, a guerra final dá origem a novos céus e nova terra e, implicitamente a uma nova lei.

No novo século inaugurado com o milênio, a lei conhecida é a lei de Deus ou lei de rei. Esta lei estabelece como forma de governo a monarquia. Dentro de uma perspectiva popular a palavra monarquia não significa o desejo de reposição de situações políticas do passado. Basta lembrarmos das palavras de Etienne de la Boétie para nos convencermos disso. Na monarquia, dizia ele, "não há nada de público, pois nesse governo tudo é de um" e esse um não é confiável porque está em seu poder "ser mau quando quiser".

Se excluimos das intenções dos revoltosos a reposição da tirania, onde encontrar o embrião que deu origem à idéia sertaneja em torno da monarquia?

Um recuo no tempo revela que a menção à figura do rei tal como se insinua nos escritos apocalípticos, se deve principalmente à perda para o povo judeu, das suas monarquias originais. A esperança judaica no advento do messias como um rei, deriva da esperança na chegada de um tempo em que a monarquia nativa fosse restaurada. O messias surgiria então, como o rei que vem salvar o seu povo da

dominação estrangeira. A partir da Conversão de Constantino à doutrina cristã, todas as expectativas em torno do messias foram transferidas para o imperador. Agora ele é o eleito do Senhor, seu legítimo representante na terra, e por suas prerrogativas está incumbido de conquistar os inimigos e fazer do seu império o milênio da revelação. Apesar de nada constar na Escritura sobre essa atribuição do imperador, a imagem do rei identificada com a imagem do redentor se propagou, influenciando inúmeros movimentos sociais no passado. Na tradição sebastianista, por exemplo, o rei predestinado virá para estabelecer o império do direito e da justiça, cumprindo a profecia de Daniel sobre o quinto e último império, quando todos os povos serão convertidos à fé de um único e verdadeiro Deus.

Numa perspectiva popular, a imagem do rei está associada à idéia de justiça e de unidade interferindo na cessação de conflitos. Mas no caso do Contestado, a monarquia esperada é aquela prevista no livro da revelação em que o rei chega contra os anciãos e príncipes do seu povo para formar a corte dos homens bons - a cidade santa. Ali os eleitos participarão do governo como reis, numa monarquia cujos únicos princípios a serem observados são os do amor e os da amizade.

Muitos poderão indagar se não existiria uma certa incongruência entre o desejo de cristalização na sociedade de um ideal fraterno e a sua realização condicionada à uma guerra brutal como foi a do Contestado. A resposta para o

enigma que vincula o desejo de liberdade com a guerra talvez encontre seu substrato nas reflexões sobre a amizade elaboradas por Plutarco:

"Três coisas concorrem para formar uma amizade verdadeira. A virtude que faz sua honestidade. O costume de se ver que faz sua doçura. A utilidade recíproca que faz seu vínculo necessário (...). Pois o que se opõe a que tenhamos muitos amigos é que a amizade só se forma pela conformação das naturezas. Não vemos os próprios animais recusarem com horror o acasalamento com espécies deferentes? Somente por constrangimento podem ser levados a isto. Ao contrário, unem-se voluntariamente com os da sua espécie, buscam mesmo essa união. Como então, a amizade poderia estabelecer-se entre pessoas de naturezas diferentes, diferentes também em costumes e inclinações."³

³ Marilena de Souza CHAUI, "Amizade, Recusa do Servir", in Etienne de LA BOETIE, *Discuso da Servidão Voluntária*, São Paulo: Brasiliense (Col. Elogio da Filosofia), 1982, em nota 39, p. 231.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

MATERIAL DE ARQUIVO E COLEÇÕES PARTICULARES

ARQUIVO PUBLICO DE FLORIANOPOLIS

Do Quartel do Comando de Regimento de Segurança ao Ilmo. Sr. Elpídio Fragoso, Diretor da Secretaria do Interior e Justiça, Florianópolis, 26/2/1914.

Do Comando do 1º Esquadrão do Corpo de Cavalaria de Lages ao Exmo. Sr. Dr. Lebon Régis, Secretário geral dos Negócios Públicos do Estado, Lages, 18/5/1914.

Do Comando do 1º Esquadrão do Regimento Provisório de Capos Novos ao Exmo. Sr. Dr. Gustavo Lebon Régis, Secretário Geral dos Negócios Públicos e do Estado de Santa Catarina, Campos Novos, 1/6/1914.

Do Comando do 1º Esquadrão do Regimento Provisório de Cavalaria ao Exmo. Sr. Dr. Gustavo Lebon Régis, Secretário Geral dos Negócios do Estado, Curitiba, 1/8/1914

Do Comando do 1º Esquadrão do Regimento Provisório de Cavalaria ao Exmo. Sr. Secretário Geral dos Negócios do Estado, Lages 3/10/1914.

Do Comando do 1º Esquadrão do Regimento Provisório de Cavalaria ao Exmo. Sr. Dr. Fulvio Adducci, Secretário geral dos Negócios Públicos do Estado, Lages, 8/10/1914.

Do Comando do 1º Esquadrão do regimento Provisório de Cavalaria ao Exmo. Sr. Dr. Fulvio Adducci, Secretário Geral dos Negócios Públicos do Estado, Lages 22/10/1914.

Do Comando do Destacamento do Regimento de Segurança ao Exmo. Sr. Dr. Fulvio Adducci, Secretário Geral dos Negócios do Estado, Herval, 2/4/1916.

Do Comando do Regimento de Segurança ao Exmo. Sr. Dr. Fulvio Adducci, Secretário Geral dos Negócios do Estado, Herval, 26/5/1916.

Relatório da Southern Brazil Lumber and Colonization Company endereçado pelo diretor da companhia em Três Barras ao representante da companhia em São Paulo, mês de abril, datado em 17/5/1917, 30 p.. O relatório é originalmente escrito em inglês e é parte do relatório geral mensal enviado a Cameron Forbes em Nova Iorque.

Relatório da Southern Brazil Lumber and Colonization Company para a diretoria, Três Barras, mês de Julho de 1917, datado em 23/8/1917, 27 p. (em inglês).

Relatório da Southern Brazil Lumber and Colonization Company, Três Barras, mês de agosto, datado em 25/9/1917, 28 p.

ARQUIVO EDGARD LEUENROTH/IFCH/UNICAMP.

Fundo Arthur Bernardes:

"Carta de Crescêncio Alvares ao Dr. Henrique Lessa", Rio Caçador, 25/1/1925.

"Telegrama de Borges de Medeiros ao Dr. Arthur Bernardes", 11/1/1925.

"Telegrama do General Nepomuceno Costa à Arthur Bernardes", Campos Novos, 21/1/1925.

"Governador Pereira Oliveira à Arthur Bernardes", Florianópolis, 7/1/1925.

ARQUIVO HISTORICO DO EXERCITO (Rio de Janeiro - RJ)

Partes de Diversos Combates de janeiro a abril de 1915.

Autos de Perguntas de outubro a dezembro de 1914 e de Janeiro e abril de 1915.

Partes de Combates do ex-Contestado.

FORUM DE CURITIBANOS (SC)

Processo no Tribunal do Juri da Comarca de Curitibanos contra Honório Alves Sampaio, Cyrino Pedro de Oliveira, vulgo Cyrino Chato e outros, referente ao assalto e incêndio de Curitibanos, 1916.

CPDOC DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS (Rio de Janeiro - RJ)

Arquivo Setembrino de Carvalho (cartas e telegramas referentes à guerra do Contestado)

COLEÇÃO DUGLAS TEIXEIRA MONTEIRO (conseguida pela família)

Notas de leitura, recortes diversos e depoimento.

MANUSCRITO

Caderno de poesias de Fabrício das Neves.

FONTES IMPRESSAS

PERIODICOS

O Argonauta, Tubarão, 1912.

La Barricata, São Paulo, 1912.

Blumenauer Zeitung, Blumenau, 1913-1916.

O Combate, São Paulo, 1917.

Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1912.

A Época, Rio de Janeiro, 1912.

A Época, Florianópolis, 1914-1915.

O Estado de São Paulo, São Paulo, 1912-1917

Folha do Comércio, Florianópolis, 1912-1916.

A Lanterna, São Paulo, 1913-1916

O Livre Pensador, São Paulo, 1904

A Noite, Rio de Janeiro, 1912-1913.

Revista Catarinense, Florianópolis, 1912-1914.

Terra Livre, Florianópolis, 1918.

O Trabalho, Curitibaanos, 1913.

ARTIGOS

BRITTO, José Saturnino. "O Paraná vai Punir os Inimigos da Pátria", *O Debate*, Rio de Janeiro, agosto de 1917.

PORTO, Adolpho. "Os Paes da Pátria", *O Debate*, Rio de Janeiro, Julho de 1917.

"O Tal Conchavo", *O Debate*, Rio de Janeiro, agosto de 1917.

LIVROS E FOLHETOS

ASSUMPTÃO, Herculano Teixeira d'. *A Campanha do Contestado*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1917, vol. 1, 392 p.

ASSUMPTÃO, Herculano Teixeira d'. *A Campanha do Contestado (as operações da Coluna Sul)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1918, vol. 2, 448 p.

A Campanha do Contestado. O Regresso Victorioso do Snr. General Setembrino de Carvalho. Discursos. Curitiba: s.e., 1915, 13 p.

MIRA, Crispim. *A Confraternização Republicana*. Rio de Janeiro: Typ. Jornal do Comércio, 1918, 200 p.

[PARANA]. *Relatório do Comando do Regimento de Segurança, apresentado a Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos por Fabriciano Rego Barros*. Curitiba (PR): Typ. do Diário Oficial, 1914.

[PARANA]. *Relatório da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública, repartição central de Polícia, apresentado por Manoel Bernardino Vieira Cavalcanti Filho à Martina Alves de Carvalho*. Curitiba: Typ. d'A República, 1913, 251 p.

[PARANA]. *Relatório da Secretaria d'Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública, apresentado a Carlos Cavalcanti de Albuquerque por Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos*. Curitiba: Typ. do Diário Oficial, 1914, 53 p.

[PARANA]. *Relatório da Secretaria d'Estado dos Negócios de Obras Públicas e Colonização, por Candido Ferreira de Abreu*. Curitiba: Livraria Econômica, 1897, 141 p.

[PARANA]. *Relatório da Secretaria d'Estado dos Negócios de Obras Públicas e Colonização, por Francisco Gutierrez Beltrão ao vice presidente do Estado Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva*. Curitiba, 1907.

[SANTA CATARINA]. *Mensagem apresentada ao Congresso Representativo pelo Major João Guimarães Pinho - Presidente do mesmo Congresso, no exercício do cargo de Governador, em 29 de julho de 1915.* Florianópolis: Gab. Typ. d'O Dia, 1915.

SANTA CATARINA, Secretaria de Terra Públicas e Colonização do Estado de. *Regulamento para execução da Lei nº 173 de 30 de Setembro de 1895 - mandado executar pelo Decreto nº 129 de 29 de Outubro de 1900.* Florianópolis: Typ. a vapor da Livraria Moderna, 1900, 29 p.

SOUZA JUNIOR. *Fanáticos...* Pontagrossa: Typ. Pontagrossense, 1914, 112 p.

FONTES ORAIS

DEPOIMENTOS COLHIDOS POR THOMAS PIETERS

Firmino Gonçalves Pontes, Fraiburgo, 16/1/1974

Margarida, filha de Generoso Ribeiro, Fraiburgo, 17/11/1973.

Aristilianos Dias e mãe, filha de Generoso Ribeiro, Fraiburgo, 15/11/1973.

Benedito, vulgo "chato", Taquaruçu, 15/11/1973.

Afonso Ribeiro, Liberata (município de Fraiburgo), 15/12/1973.

Joaquim Pereira Neto e Olidia Pereira Neto, Bahia (município de Fraiburgo), 16/12/1973.

Sr. Nelson Scholl (homeopata, conselheiro), Capela X de Novembro (município de Fraiburgo), 17/11/1973.

Valdir Rodrigues Mafra, Fraiburgo, Barra, nov./1973

DEPOIMENTOS COLHIDOS POR CELIO ALVES DE OLIVEIRA

Evaristo e Claudia, Campos Novos, 2/2/1988.

Mario Cordeiro, Campos Novos, fev./1988.

Cirila Meneses Pradi, Joaçaba, 21/11/1988.

Vicente Lemos, Irani, 9/2/1988.

DEPOIMENTO COLHIDO POR DUGLAS TEIXEIRA MONTEIRO

Jorge Fragoso, nascido em 1900, Cachoeira, Município de Lebon Régis, 21/07/1977.

DEPOIMENTOS COLHIDOS PELA AUTORA

Vicente Telles, Irani, 22/3/1989 e 23/3/1989.

Fabício das Neves, Irani, 23/3/1989 e 24/3/1989.

Maria Moreira, Irani, 24/3/1989.

Zélia Lemos, Curitibanos, 25/3/1989.

Nilson Thomé, Joaçaba e Caçador, março de 1989.

Firmiano dos Santos, Lebon Régis, 27/3/1989.

João Paes de Farias, Lebon Régis, 27/3/1989, 19/2/1990, 20/2/1990, 23/2/1990.

Maria Eusadina Tibes e Julieta (filha), Lebon Régis, 19/2/1990.

Virgília Fava dos Santos, Lebon Régis, 19/2/1990.

Hilário Rodrigues da Silva Sobrinho, Lebon Régis, 20/2/1990.

Selmo Delfes, Taquaruçu, 21/2/1990.

José Maria de Moraes, Fraiburgo, 22/2/1990.

Foncina Antunes Abrahão, Fraiburgo, 22/2/1990.

José Maria de Moraes, Fraiburgo, 22/2/1990.

BIBLIOGRAFIA GERAL

LIVROS

- AA.VV. *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1, *Memória-História*. s.l., Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, 457 p.
- AA.VV. *Enciclopédia Einaudi*, vol. 12, *Mythos/Logos, Sagrado/Profano*. s.l., Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, 391 p.
- AA.VV. *Enciclopédia Einaudi*, vol. 18, *Natureza - Esotérico/Exotérico*. s.l., Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, 298 p.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Abril Cultural (Col. "Os Pensadores"), Livros VIII e IX, pp. 179-215.
- AROLA, Raimón. *Simbolismo del Templo*. Barcelona: Ediciones Obelisco (Col. "Testigos de la tradicion"), 1986, 136 p.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Editora Hucitec/Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1987, 419 p.
- [BANDARRA]. *Profecias do Bandarra. Sapateiro de Trancoso*. Apresentação de Antônio Carlos Carvalho, 3ª ed. Lisboa: Vega (Col. "Janus"), 1984, 87 p.
- BAROJA, Juan Caro. *Le Carnaval*. s.l., Gallimard (Col. "Bibliothèque des Histoires"), 1979, 417 p.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas*. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986, vol. 1, 253 p.
- A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989,

- BLOCH, Ernst. *L'Esprit de l'Utopie*. Version de 1923 revue et modifiée. Paris: Gallimard (Col. "Bibliothèque de Philosophie"), 1977, 344 p.
- BLOCH, Ernst. *Le Principe Espérance*, t.II Parte IV, *Les Epures d'un Monde Meilleur*. s.l., Gallimard (Col. "Bibliothèque de Philosophie"), 1982, 378 p.
- BLOCH, Ernest. *Thomas Münzer, o teólogo da revolução*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro (Col. "Biblioteca Tempo Universitário, nº 34), 1973, 209 p.
- BOULENGER, J. *Les Romans de la Table Ronde*. Paris: Union General d'Editions (Col. "10/18", nº 498), 1972, t. 1, 317 p.
- BRADESCO-GOUDEMAND, Yvonne. *O Ciclo dos Animais na Literatura Popular do Nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa (Col. "Literatura Popular em Verso. Estudos", nova série, nº 4), 1982, 190 p.
- BRANDAO, Carlos Rodrigues. *Memória do Sagrado. Estudos de religião e ritual*. São Paulo: Edições Paulinas (Col. "Estudos & Debates Latino-Americanos", nº 13), 1985, 265 p.
- BRANDAO, Carlos Rodrigues. *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro/FUNARTE, 1978, 159 p.
- A *Canção de Rolando*. trad. do francês por Lígia Vassalo, Rio de Janeiro: F. Alves (Col. "Obras-primas através dos séculos"), 1988, 129 p.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Brasília: Instituto Nacional do Livro/MEC (Col. "Dicionários Especializados", nº 3), 1972, vol. 1.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (orgs.). *Dictionnaire des Symboles. Mythes, rêves, coutumes, gestes, formes, figures, couleurs, nombres*. Ed. rev. e augment. Paris: R. Laffont/Jupiter (Col. "Bouquins"), 1988, 1060 p.

- CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o Estado. Pesquisas de antropologia política*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978, 152 p.
- COHN, Norman. *Na Senda do Milênio. Milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da idade média*. Lisboa: Editorial Presença (Col. "Métodos", 6), 1981, 333 p.
- DESROCHE, Henri (org.). *Dieux d'Hommes. Dictionnaire des Messianismes et Millenarismes de L'Ere Chrétienne*. Paris/La Haye: Mouton, 1969, 281 p.
- DROMARD, Gabriel. *Le Rêve et l'Action*. Paris: Ernest Flammarion, 1919, 368 p.
- DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, (Col. "Imprensa Universitária", nº 22), 1982, 383 p.
- DUBY, Georges. *O Ano Mil*. Lisboa: Edições 70, (Col. "Lugar da História", nº 8), 1980, 231 p.
- DUBY, Georges. *O Tempo das Catedrais. A arte e a sociedade 980-1420*. Lisboa: Editorial Estampa, (Col. "Imprensa Universitária", nº 8), 1979, 314 p.
- DUPRONT, Alphonse. *Du Sacré. Croisades et pèlerinages, Images et langages*. s.l., Gallimard (Col. "Bibliothèque des Histoires"), 1987, 541 p.
- ELIADE, Mircea. *História das Crenças e das Idéias Religiosas. De Gautama Buda ao Triunfo do Cristianismo*, t. II, *Das Provações do Judaísmo ao Crepúsculo dos Deuses*, vol. 2. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983, 246 p.
- ELIADE, Mircea. *La Nostalgie des origines: methodologie et histoire des religions*. Paris: Gallimard (Col. "Les Essais", 157), 1971, 335 p.
- FACO, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos. Gênese e Lutas*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Ceará: Edições Universidade Federal do Ceará, 1980, 223 p.

- FEDELI, Ugo. *Un Viaggio alle "Isole Utopia"*. Ivrea: Centro Culturale Olivetti (Col. "Quaderni del Centro Culturale Olivetti") mimeo., 1958, 200 p.
- FEUILLET, André. *L'Apocalypse. Etat de la question*. Paris: Desclée de Brouwer (Col. "Studia Neotestamentica Subsidia" III), 1963, 122 p.
- FINLEY, Moses I. *O Uso e Abuso da História*. São Paulo: Martins Fontes (Col. "O Homem e a História"), 1989, 258 p.
- FLAVIENSE, Alexandro Caetano Gomes. *História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França*. Rio de Janeiro: Livraria Império, s.d., 417 p.
- GERARD, André-Marie. *Dictionnaire de la Bible*. Paris: R. Laffont (Col. "Bouquins"), 1989, 1478 p.
- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, 309 p.
- GINZBURG, Carlo. *Os Andarilhos do Bem. Feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, 255 p.
- GINZBURG, Carlo. *História Noturna. Decifrando o sabá*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, 406 p.
- HANI, Jean. *O Simbolismo do Templo Cristão*. Lisboa: Edições 70, 1981, 180 p.
- HEERS, Jacques. *Festas de Loucos e Carnavais*. Lisboa: Publicações Don Quixote, 1987, 232 p.
- HILL, Christopher. *O Mundo de Ponta-Cabeça. Idéias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, 481 p.

- HOBSBAWM, Eric J. *Rebeldes Primitivos. Estudos de Formas Arcaicas de Movimentos Sociais nos Séculos XIX e XX*. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Zahar (Col. "Biblioteca de Ciências Sociais"), 1978, 238 p.
- HUBY, José (org.). *Christus. História das Religiões*. São Paulo: Saraiva, 1956, 3 vols.
- KAPPLER, Claude. *Monstres, Démons et Merveilles a la Fin du Moyen Age*. Paris: Payot (Série "Le regard de L'Histoire"), 1980, 348 p.
- KEJR, Jiri. *Os Hussitas*. Praga: Agência de Imprensa Orbis, 1988, 159 p.
- KLAUSNER, Joseph. *The Messianic Idea in Israel from its Beginnings to the Completion of the Meshnah*. Nova Iorque: MacMillan, 1955, 531 p.
- LA BOÉTIE, Etienne de. *Discurso da Servidão Voluntária*. 2ª ed. bilingüe, São Paulo: Editora Brasiliense (Col. "Elogio da Filosofia"), 1982, 239 p.
- LACUNZA Y DIAZ, Manoel. *3ª Parte de la Venida del Messias en Gloria y Majestad*. Madri: ed. Nacional, (Col. "Biblioteca de Visionários, Heterodoxos y Marginados, nº 23), 1977.
- LAFAYE, Jacques. *Mesias, Cruzadas, Utopias. El judeo-cristianismo en las sociedades ibéricas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1984, 210 p.
- LÉVI, Eliphas. *Os Mistérios da Cabala ou A Harmonia Oculta dos Dois Testamentos*. São Paulo: Editora Pensamento, s.d., 123 p.
- LODS, Adolphe. *Des Prophètes à Jésus. Les Prophètes d'Israel et les débuts du Judaïsme*. Paris: La Renaissance du Livre (Col. "L'Évolution de l'Humanité - Synthèse Collective"), 1935, XX-434 p.
- LOPREATO, Christina da Silva Roquette. *A Eleição dos Excluídos. A resistência do místico Galdino*. Dissertação de Mestrado em História. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, mimeo., 1986, 123 p.

- LOWY, Michael. *Redenção e Utopia. O judaísmo libertário na Europa central (Um estudo de afinidade eletiva)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 205 p.
- LOYN, Henry R. (org.). *Dicionário da Idade Média*. 2ª ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991, X-370 p.
- MARKALE, Jean. *Le Graal*. Paris: Retz (Col. "Question de"), 1982, 267 p.
- MARTINEZ ARANCON, Ana. *La Profecía*. Madri: Ed. Nacional (Col. "Biblioteca de Visionários, Heterodoxos y Marginados", nº.4), 1975.
- MCGINN, Bernard. *Visions of the end. Apocalyptic Traditions in the Middle Ages*. Nova Iorque: Columbia Univesity Press, 1979, 377 p.
- MELLO E SOUZA, Laura de. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz. Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, 396 p.
- MESLIN, Michel (org.). *Le Merveilleux. L'Imaginaire et les croyances en occident*. s.l.: Bordas, 1984, 231 p.
- MESQUITA, Elpidio de. *Acusação desenvolvida no Tribunal do Jury do Rio de Janeiro contra os réos pronunciados pelo assassinato do coronel Gentil José de Castro*. Rio de Janeiro: Typographica do Brasil, 1898, 35 p.
- MICHELL, John. *The Dimensions of Paradise. The proportions and symbolic numbers of ancient cosmology*. Londres: Thames and Hudson, 1988, 216 p.
- MILLONES, Luis. *Mesianismo e Idolatria en los Andes Centrales*. Buenos Aires: Fundación Simón Rodríguez/ Editorial Biblos (Col. "Cuadernos Simón Rodríguez", nº 15), 1989, 65 p.
- MOLNAR, Thomas. *El Utopismo: la herejia perenne*. Buenos Aires: EUDEBA, 1970, 254 p.

- MONIZ, Edmundo. *A Guerra Social de Canudos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Col. "Retratos do Brasil", nº 117), 1978, 282 p.
- MUNSTER, Arno. *Figures de l'Utopie dans la Pensée d'Erst Bloch*. Paris: Aubier (Col. "Philosophie de l'Esprit"), 1985, 224 p.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no Imaginário Cristão*. São Paulo: Editora Atica (Série "Princípios", nº 101), 1986, 93 p.
- PEREIRA, André e WAGNER, Carlos Alberto. *Monges Barbudos e o Massacre do Fundão*. Porto Alegre: Mercado Aberto (Documenta, nº9), 1981, 85 p.
- QUADROS, Antonio. *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, vol. I, *O Sebastianismo em Portugal e no Brasil*. Lisboa: Guimarães, (Col. "Filosofia e Ensaio"), 1982, 273 p.
- QUADROS, Antonio. *poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, vol. II, *Polêmica, História e Teoria do Mito*. Lisboa: Guimarães, (Col. "Filosofia e Ensaio"), 1983, 179 p.
- RENAN, Ernest. *Les Evangiles et la Seconde Génération Chrétienne*. Paris: Calmann Lévy, 1877, 549 p.
- RIBEIRO JUNIOR, João. *Pequena História das Heresias*. Campinas: Papirus, 1989, 130 p.
- ROUSSEAU, René-Lucien. *A Linguagem das Cores. Energia, simbolismo, vibrações e ciclos das estruturas coloridas*. São Paulo: Editora Pensamento, s.d., 189 p.
- SCHONFIELD, Hugh. *A Odisséia dos Essênios. O mistério do Mestre Verdadeiro e o impacto dos essênios sobre a formação do destino humano*. São Paulo: Editora Mercuryo, 1991, 210 p.
- SOUZA LIMA, Francisco Assis de. *Conto Popular e Comunidade Narrativa*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985, 285 p.

SPINOZA, Baruch de. *Oevres*, vol. 2, *Traité Théologico-Politique*. Paris: Garnier-Flammarion, 1965.

THOMAS, Keith. *Religião e o Declínio da Magia. Crenças populares na Inglaterra séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, 724 p.

VARLEY, Desmond. *Sete. O número da criação*. Lisboa: Edições 70 (Col. "Esfinge", nº 22), 1988, 213 p.

VELLOSO DA SILVEIRA, Hemetério José. *As Missões Orientais e seus Antigos Domínios*. reed., Porto Alegre: Companhia União de Seguros Gerais, 1979, 548 p.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. Ed. rev. e aument. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, 400 p.

VIEIRA, Antonio. *História do Futuro*. Introdução, atualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Col. "Biblioteca de autores portugueses"), 1982, 373 p.

ARTIGOS

ALEXANDER, Paul J. "The Diffusion of Bizantine Apocalypses in the Medieval West and the beginnings of Joachimism" in: WILLIAMS, Ann (org.). *Prophecy and Millenarianism. Essays in honour of Marjorie Reeves*. Londres: Longman.

BARABAS, Alicia M. "Milenarismo y Utopia". Texto apresentado no GT "Religião e Sociedade" durante a XIII Reunião da ANPOCS, Caxambu, mimeo., 1989, 18 p.

BARRETO, Romano. "Um Líder Carismático: Antonio Conselheiro", *Sociologia*, 4 (3), 1942, pp. 230-267.

BAUCKHAM, Richard. "The *Figurae* of John of Patmos" in: WILLIAMS, Ann (org.). *Prophecy and Millenarianism. Essays in honour of Marjorie Reeves*. Londres: Longman.

- CAPP, Bernard. "Godly Rule and English Milenarianism" in: *The Intelctual Revolution of XVIIth Century*. Londres: Routledge and Kegan Paul (Col. "Past and Present Series"), 1974, pp. 386-398.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. "Etnicidade: Da cultura residual mas irredutivel", *Revista de Cultura e Política*, (1), pp. 35-39.
- JURETIC, George. "Digger No Millenarian: the revolutionizing of Gerrard Winstanley". Spartanburg Day School, Spartanburg, S.C., pp. 263-280.
- McGINN, Bernard. "Symbolism in the thought of Joachim of Fiore" in: WILLIAMS, Ann (org.). *Prophecy and Millenarianism. Essays in honour of Marjorie Reeves*. Londres: Longman, pp. 143-164.
- ORO, Ari Pedro. "Messianismo, Igreja e Estado no Alto Solimões". Texto apresentado no GT "Religião e Sociedade" durante a XIII Reunião da ANPOCS, Caxambu, mimeo., 1989, 25 p.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. "Millénarismes et meessianismes", *Annales*, 19 (1-3), 1964, pp. 330-344.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. "Mythes des paysans brésiliens", *Revue Tiers-Monde*, 15 (57), jan.-mar. 1974, pp. 205-215.
- SANCHIS, Pierre. "A Caminhada Ritual", *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, (9), jun. 1983, pp. 15-26.
- TALMON, Yonina. "Millenarian Movements", *Archives Européennes de Sociologie*. 7 (2), 1966, pp. 159-200.

THOMPSON, Edward. "Tiempo, disciplina de trabajo y capitalismo industrial" in: *Tradición, Revuelta y Consciencia de Clase. Estudios sobre la crisis de la sociedade preindustrial*. Barcelona: Crítica (Grijalbo), 1979, pp. 239-293.

ZANDEE, J. "Le Messie. Conceptions de la royauté dans les religions du proche orient ancien", *Revue de l'Histoire des Religions*, 180 (1), nº1, 1971.

BIBLIOGRAFIA ESPECIFICA

LIVROS E FOLHETOS

AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*. Florianópolis: Ed. UFSC; Assembléia Legislativa/São Paulo: Cortez, 1984, 177 p.

BERNARDET, Jean Claude. *A Guerra Camponesa no Contestado*. São Paulo: Global (Col. "Passado e Presente", nº 6), 1979, 128 p.

CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: SEC/Laudes, 1970, 458 p.

CABRAL, Oswaldo R. *João Maria. Interpretação da Campanha do Contestado*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, (Col. "Brasiliana", vol. 310), 1960, 358 p.

CHAGAS DO NASCIMENTO, Luiz Claudio Del Rio. *A Campanha do Contestado como Subsídio para a Formulação da Doutrina de Operações Contra Forças Irregulares*; monografia apresentada para obtenção do diploma do curso de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 1986, 58 p..

DERENGOSKI, Paulo Ramos. *O Desmoronamento do Mundo Jagunço*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1986, 166 p.

DERENGOSKI, Paulo Ramos. *Os Rebeldes do Contestado: a saga dos caboclos expulsos pela ferrovia da Southern Lumber Corporation em Santa Catarina e Paraná*. Porto Alegre: Tchê!, 1987, 118 p.

DIACON, Todd Alan. *Capitalists and Fanatics: Brazil's Contestado rebellion, 1912-1916*. tese de PhD (história), Madison: Universidade de Wisconsin, mimeo., 1987, 405 p.

FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO (ed.). *O Contestado*. Rio de Janeiro: Index, 1987, 155 p.

GERSON, Brasil. *Pequena História dos Fanáticos do Contestado*. Rio de Janeiro: MEC (Col. "Os Cadernos de Cultura"), 1955, 59 p.

GORNISKI, Aramis. *Monges. Vidas, milagres, histórias, lendas*. Lapa (PR): Editora Gráfica Nossa Senhora Aparecida, 1980, 88 p.

LEMONS, Alfredo de Oliveira. *A História dos Fanáticos em Santa Catarina e Parte da Minha Vida Naqueles Tempos - 1913/1916*. Passo Fundo (RS): Berthier, s.d., 85 p.

LEMONS, Zélia de Andrade. *Curitibanos na História do Contestado*. Florianópolis: IOESC, 1977, 217 p.

LUZ, Aujor Avila da. *Os Fanáticos. Crimes e aberrações da religiosidade dos nossos caboclos*. Florianópolis: IOESC, 1952, 176 p.

MARÉS DE SOUZA, Frederencindo. *Eles não Acreditavam na Morte* (romance dos tempos dos fanáticos do Contestado). Curitiba: Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1978, 183 p. [romance]

OLIVEIRA, Beneval de. *Planaltos de Frio e Lama. Os fanáticos do Contestado. O meio, o homem, a guerra*. Florianópolis: FCC, 1985, 198 p.

PEIXOTO, Demerval. *A Campanha do Contestado. Episódios e impressões*. Rio de Janeiro: s.ed., 1920, 791 p.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *La "Guerre Sainte" au Brésil: le mouvement messianique du "Contestado"*. São Paulo: FFCL-USP (Col. "Boletim nº 187, Sociologia I", nº5), 1957, 299 p.

PINTO SOARES, J. O. *Guerra em Sertões Brasileiros. Do fanatismo à revolução, da revolução ao acordo*. Rio de Janeiro: Papellaria Velho, 1931, 131 p.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e Conflito Social. A guerra sertaneja do Contestado: 1912-1916*. São Paulo: Atica (Col. "Ensaio", nº 23), 1981, 323 p.

SASSI, Guido Wilmar. *Geração do Deserto*. Porto Alegre: Movimento/FCC, 1982, 175 p. [romance]

STULZER, frei Aurélio. *A Guerra dos Fanáticos (1912 a 1916). A contribuição dos Franciscanos*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1982, 162 p.

TEIXEIRA MONTEIRO, Douglas. *Os Errantes do Novo Século. Um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades (Col. "Série Universidade", nº 2), 1974, 281 p.

THOMÉ, Nilson. *Trem de Ferro. A ferrovia no Contestado*. Caçador (SC): Imprensa Universal, 1980, 155 p.

THOMÉ, Nilson. *Civilizações Primitivas do Contestado. Raízes e vestígios históricos do homem primitivo do Contestado*. Caçador (SC): Imprensa Universal, 1981, 73 p.

THOMÉ, Nilson. *A Família Correa de Mello*. Prefeitura Municipal de Caçador/Museu da Região do Contestado/FEARPE, 1982, 75 p.

THOMÉ, Nilson. *Origens e Etnias dos Primeiros Desbravadores do Alto Vale do Rio do Peixe*. Caçador: FEARPE/Museu da Região do Contestado (Col. "Na História de Caçador"), 3/3/1984, 12 p.

- THOMÉ, Nilson. *Caçador na Campanha do Contestado*. Caçador: FEARPE/Museu da Região do Contestado (Col. "Na História de Caçador"), 10/3/1984, 17 p.
- THOMÉ, Nilson. *Frei Rogério Neuhaus - o apóstolo do Contestado*. Caçador: FEARPE/Museu da Região do Contestado (Col. "Na História de Caçador"), 17/3/1984, 12 p.
- THOMÉ, Nilson. *A Revolução Federalista na Região do Contestado*. Caçador: FEARPE/Museu da Região do Contestado (Col. "Na História de Caçador"), 31/3/1984, 12 p.
- THOMÉ, Nilson. *O Caboclo Pardo: O Homem do Contestado*. Caçador: FEARPE/Museu da Região do Contestado (Col. "Na História de Caçador"), 27/4/1984, 11 p.
- THOMÉ, Nilson. *Cultura e Tradições do Homem do Contestado*. Caçador: FEARPE/Museu da Região do Contestado (Col. "Na História de Caçador"), 5/5/1984, 13 p.
- THOMÉ, Nilson. *Os Latifúndios da Região do Contestado*. Caçador: FEARPE/Museu da Região do Contestado (Col. "Na História de Caçador"), 12/5/1984, 15 p.
- THOMÉ, Nilson. *Formação Antropológica do Homem do Oeste Catarinense*. Caçador: FEARPE/Museu da Região do Contestado (Col. "Na História de Caçador"), 18/5/1984, 15 p.
- THOMÉ, Nilson. *O Espírito Guerreiro do Caboclo do Contestado*. Caçador: FEARPE/Museu da Região do Contestado (Col. "Na História de Caçador"), 2/6/1984, 15 p.
- THOMÉ, Nilson. *A Aviação Militar no Contestado. Réquiem para Kirk*. Caçador (SC): FEARPE/Museu Histórico da Região do Contestado, 1985/1986, 83 p.
- THOMÉ, Nilson. *Guerra Civil em Caçador*. 2ª ed., Caçador: FEARPE/Museu Histórico da Região do Contestado, 1986, 20 p.

ARTIGOS

"O Alemão Henrrique Rupp Busca Paz", *Diario Catarinense*, Florianópolis, 22/10/1988.

BEDIN, Marcos. "Historiador Encena o Conflito do Contestado", *O Estado*, Florianópolis. 18/9/1983.

BESSOW, Alfredo Roberto. "Contestado: documentário sem interferência de ninguém"; *O Estado*, Florianópolis. 23/2/1986;

"Canudos sem Euclides -I", *O Estado de S. Paulo*. 19/11/1972.

"Canudos sem Euclides - Conclusão", *O Estado de S. Paulo*. 3/12/1972.

"O Contestado" (suplemento), *O Estado do Paraná*, Curitiba, 5/10/1979, 11 p.

"Contestado foi uma Guerra contra o Entreguismo", *O Estado*, Florianópolis. 22/12/1985;

"Contestado: a versão dos vencidos", *Afinal*, 9/10/1984.

DERENGOSKI, Paulo Ramos. "O Apocalipse segundo Josémaria", *O Estado*, Florianópolis. 13/3/1983.

DUARTE, Osny Pereira. "O Cinquentenário da Guerra Sertaneja do Contestado Paraná-Santa Catarina", *Revista Civilização Brasileira*, 1 (9-10), set./nov. 1966, pp. 235-246.

"Filme revive uma história esquecida", *Diario Catarinense*, Florianópolis. 11/7/1986.

FURTADO, Tesesa. "Viagens aos Mistérios do Contestado", *O Estado de S. Paulo*. 9/11/1986.

MELLO, Marco Antônio da Silva e VOGEL, Arno. "Monarquia contra República. A ideologia da terra e o paradigma do milênio na 'guerra santa' do Contestado", *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2 (4), 1989, pp. 190-213.

MOURAO, Lais. "Contestado: a gestação social do Messias", *Cadernos*, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, (7), 1974, pp. 61-98.

"Romaria da Terra lembra Contestado", *Diário Catarinense*, Florianópolis. 18/9/1986.

TEIXEIRA MONTEIRO, Duglas. "Um Confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado", in: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*, t. 3, *O Brasil Republicano*, vol. 2, *Sociedades e Intuições (1889-1930)*. São Paulo: Difel, 1977, pp. 39-92.

VOGEL, Daisi. "Contestado Terá Video", *Diário Catarinense*, Florianópolis. 25/10/1986.

PERIODICOS (NUMEROS RELATIVOS AO TEMA)

Blumenau em Cadernos, Blumenau, (14), 1973; (15), 1974; (16), 1975; (17), 1976; (20), 1979.

Cadernos da Cultura Catarinense, Florianópolis. "Aspectos do Contestado", 1, julho a setembro de 1984; "Imigração e Colonização: o patrimônio cultural do imigrante", 1, outubro a dezembro de 1984; "Folclore de Santa Catarina: alguns temas", 1, abril a junho de 1985.

Roteiro, Fundação Educacional do Oeste Catarinense, publicação trimestral, Joaçaba, 2 (5), abr./jun., 1981; 2 (6), jul./set., 1981; 2 (7), out./dez., 1981; 9 (21), ago./dez., 1988.